

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LUDMILA BAHIA FRANCO FARIA

**A EDUCAÇÃO DE MEMÓRIAS POR MEIO DE CONTEÚDOS
TRANSMIDIÁTICOS: o Museu Virtual de Uberlândia em foco**

**UBERLÂNDIA
2023**

LUDMILA BAHIA FRANCO FARIA

**A EDUCAÇÃO DE MEMÓRIAS POR MEIO DE CONTEÚDOS
TRANSMIDIÁTICOS: o Museu Virtual de Uberlândia em foco**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção de título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Saberes e Práticas Educativas.

Orientadora: Dra. Aléxia Pádua Franco.

**UBERLÂNDIA
2023**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F224 Faria, Ludmila Bahia Franco, 1979-
2023 A EDUCAÇÃO DE MEMÓRIAS POR MEIO DE CONTEÚDOS
TRANSMIDIÁTICOS: o Museu Virtual de Uberlândia em foco
[recurso eletrônico] / Ludmila Bahia Franco Faria. -
2023.

Orientadora: Aléxia Pádua Franco.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.373>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Franco, Aléxia Pádua,1968-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Educação. III. Título.

CDU: 37



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 22/2023/365, PPGED				
Data:	Trinta de junho de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	18:40
Matrícula do Discente:	11913EDU032				
Nome do Discente:	LUDMILA BAHIA FRANCO FARIA				
Título do Trabalho:	"A EDUCAÇÃO DE MEMÓRIAS POR MEIO DE CONTEÚDOS TRANSMIDIÁTICOS: o Museu Virtual de Uberlândia em foco"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Saberes e Práticas Educativas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Bicentenário da Independência do Brasil: mudanças e permanências das narrativas e da cultura de História entre professores e estudantes da Educação Básica"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/alexia-padua-franco>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Arnaldo Martin Szlachta Junior - UFPE; Osvaldo Rodrigues Junior - UFMT; Iara Vieira Guimarães - UFU; Vanessa Matos dos Santos - UFU e Aléxia Pádua Franco - UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dra. Aléxia Pádua Franco, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Padua Franco, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/06/2023, às 18:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Iara Vieira Guimarães, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/06/2023, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Matos dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/07/2023, às 12:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Arnaldo Martin Szlachta junior, Usuário Externo**, em 03/07/2023, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Osvaldo Rodrigues Junior, Usuário Externo**, em 07/07/2023, às 11:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4608106** e o código CRC **19C7CA9A**.

*Ao meu marido Oscar, meu maior incentivador,
por me nutrir de amor e coragem. Por respeitar
minhas escolhas e me amparar mesmo nos
momentos mais sombrios;*
*Aos meus filhos, Matheus e Victor, meus
maiores aliados, pelo afeto e acolhimento.
Pelas compreensões das ausências e apoio.
Vocês são presentes de Deus que significam
minha existência;*
*À minha mãe, minha maior admiradora, por me
guardar nas orações e pelas lições de força e
resiliência;*
*Minha profunda gratidão e amor.
Esta vitória é nossa.*

AGRADECIMENTOS

Em honra e glória, douro os joelhos a Ti, meu Deus. Sinto Sua presença em todos os momentos;

Aos meus santos de devoção a quem tanto clamo por clareza e proteção;

Aos que não estão mais neste plano, especialmente, meu pai Álvaro e minha avó Juracy, mesmo ausentes fisicamente sinto que me guardam e estão orgulhosos com esta conquista;

A minha orientadora Aléxia, pela escolha e paciência. Por compreender os meus limites e me mostrar capacidades que desconhecia. Sem seu apoio, incentivo e direcionamentos não seria possível. Esta vitória também é sua. Minha gratidão;

A minha família sempre estimulante em minhas realizações;

Aos meus amigos, que inúmeras vezes me resgataram diante aos afastamentos, ouviram meus desabafos e me encorajaram;

A Dagmar que abriu as portas de sua casa e me acolheu com tanto afeto e gentileza durante as idas à Uberlândia;

Aos colegas da NTV, Nossa FM e Patos Já, que se desdobram com minhas ausências e seguiram com afinco e profissionalismo a missão do jornalismo. As palavras de incentivo recebidas também me fizeram continuar;

A Gilvane, por zelar do meu lar e da minha família, pelas orações, palavras positivas e torcida;

A todo corpo docente do programa de Pós-Graduação em Educação da UFU pelos ensinamentos e enriquecimento a minha formação;

Ao Celso Machado, idealizador e coordenador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Por contribuir a esta pesquisa e me atender com tamanha gentileza e prontidão. Meu respeito ao seu trabalho;

A Adriana Sousa, idealizadora do Museu Virtual de Uberlândia, na presteza em também partilhar suas memórias e conhecimentos que iluminaram as compreensões para que pudesse escrever esta tese. Meu carinho;

Julgo desafiador sublinhar todos aqueles que são importantes nesta trajetória. Ao destacar alguns na dedicatória desta tese e nestes agradecimentos irradio minha gratidão a todos que guardo em minhas memórias e em meu coração.

Enfim, deu certo!

*O tempo, senhor, tem um bornal às costas onde
coloca esmolas pelo esquecimento, esse
gigantesco monstro de ingratidão. Tais migalhas
são boas ações passadas, devoradas. Tão logo
praticadas, esquecidas, tão logo realizadas.*

(Shakespeare)

RESUMO

Nesta pesquisa desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Ensino de História e Geografia (GEPEGH), da linha Saberes e Práticas Educativas do PPGED UFU, analisamos como o processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre participa da produção, preservação, organização, exposição e circulação de memórias de alguns grupos sociais de Uberlândia e da construção de uma narrativa pública sobre a história local, com foco na organização do Museu Virtual de Uberlândia, entre os anos de 2015 e 2022. Para delinearmos a pesquisa, construímos um referencial teórico sobre o armazenamento e a transmissão de memórias na cultura digital, sobre como o processo transmídiático e o jornalismo colaboram para a constituição da memória social e da história pública, sobre o significado dos museus como espaços educacionais e as especificidades dos museus virtuais. A partir deste referencial, analisamos como o Museu Virtual de Uberlândia, por meio das memórias nele preservadas e compartilhadas, dos esquecimentos por ele produzidos, das narrativas nele construídas e de suas ações educativas, participa da compreensão da história do município, contribuem para o ensino da história local e da educação de memórias em Uberlândia. Quanto aos aspectos metodológicos, a abordagem da pesquisa foi do tipo qualitativa, descritiva e exploratória, com base em pesquisa documental realizada no próprio *site* do Museu e de outras produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, bem como em entrevistas realizadas com os idealizadores do *site*. As análises desenvolvidas indicaram que, nas seleções das memórias evidenciadas, o Museu Virtual de Uberlândia procura educar memórias para reverberar o discurso de orgulho e perpetuação da identidade oficial de Uberlândia como cidade desenvolvimentista da ordem e do progresso. Desta forma, suas produções devem ser exploradas criticamente em aulas de História que contribuam para que crianças, jovens e adultos se apropriem da história pública que circula nas ruas e nas redes.

Palavras-chave: Transmídia. Memória. História Local. História Pública. Museu Virtual. Uberlândia.

ABSTRACT

In this research developed within the scope of the Research Group on Teaching History and Geography (GEPEGH), from the segment Saberes e Práticas Educativas from PPGED UFU, we analyze how the transmedia process of the Uberlandia de Ontem e Sempre project (Uberlandia from Yesterday and Always) participates in the production, preservation, organization, exhibition and circulation of memories of some social groups in Uberlandia and the construction of a public narrative about local history, focusing on the organization of the Museu Virtual de Uberlandia (Virtual Museum of Uberlandia), between the years 2015 and 2022. To outline the research, we built a theoretical framework on the storage and transmission of memories in digital culture, on how the transmedia process and journalism collaborate in the constitution of social memory and public history, on the meaning of museums as educational spaces and the specificities of virtual museums. Based on this framework, we analyze how the Museu Virtual de Uberlandia (Virtual Museum of Uberlandia), through the memories preserved and shared therein, the forgetfulness produced by it, the narratives constructed therein and its educational actions, participates in the understanding of the city's history, contributes to the teaching of local history and memory education in Uberlandia. As for the methodological aspects, the research, we adopted a qualitative, descriptive and exploratory, based on documentary research carried out on the Museum's own website and other productions of the Uberlandia de Ontem e Sempre project (Uberlandia from Yesterday and Always), as well as on interviews with the creators of the site. The analysis outcome indicated that, in the selections of evidenced memories, the Museu Virtual de Uberlandia (Virtual Museum of Uberlandia) seeks to educate memories to reverberate the speech of pride and perpetuation of the official identity of Uberlandia as a developmental city of order and progress. In this way, their productions should be critically explored in History classes that contribute to children, young people and adults appropriating the public history that circulates on the streets and on the networks.

Keywords: Transmedia. Memory. Local History. Public History. Virtual Museum. Uberlandia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Notícia sobre retomada de verba do governo de Minas Gerais	44
Figura 2 - Captura de tela do <i>site</i> Museu do Louvre da imagem de Mona Lisa.....	68
Figura 3 - Captura de tela do <i>site</i> Museu do Louvre sobre exposições	69
Figura 4 - Captura de tela do Museusbr com quantitativo de museus cadastrados no Brasil até agosto de 2022	75
Figura 6 - Quantidade de museus mapeados e cadastrados, segundo Unidades da Federação e grandes regiões, Brasil, 2010.....	77
Figura 7 - Distribuição de municípios, população e museus por unidades da federação e grandes regiões, Brasil, 2010.....	78
Figura 8 - Captura de tela Museus Virtuais Cadastrados IBRAM até 2011	79
Figura 9 - Captura de tela do descriptivo equipe e apoio do Museu Virtual de Uberlândia.....	92
Figura 10 - Convite de lançamento do Museu Virtual de Uberlândia	93
Figura 11 - Imagem de parte do acervo “Close Comunicação”	95
Figura 12 - Captura de tela destaque inicial Museu Virtual de Uberlândia.....	98
Figura 13 - Captura de tela conteúdo final da página principal do Museu Virtual de Uberlândia	98
Figura 14 - Captura de tela vídeos relacionados em “Memórias de Aviador 5015”	99
Figura 15 - Captura de tela ícones de participação e nuvem de <i>tags</i> Museu Virtual de Uberlândia	100
Figura 16 - Captura de tela “Sala Dr. Genésio Melo”	103
Figura 17 - Captura de tela “Sala Nego Amâncio”.....	104
Figura 18 - Captura de tela “Sala UTC – Lauro de Paula”	105
Figura 19 - Captura de tela “Sala Escola Estadual”	106
Figura 20 - Captura de tela de produções projeto Uberlândia de Ontem e Sempre 108Figura 21 - Captura de tela “Sala Carnaval de Rua”.....	109
Figura 22 - Captura de tela “Sala Jornal Correio”.....	110
Figura 23 - Captura de tela “Sala Liceu de Uberlândia”	111
Figura 24 - Captura de tela “Acervo”	112
Figura 25 - Captura de tela “Personagens”.....	114
Figura 26 - Captura de tela “Histórias”	114
Figura 27 - Captura de tela “Publicações”	115
Figura 28 - Captura de tela “Oficinas”	116

Figura 29 - Captura de tela <i>site</i> Close Comunicação	125
Figura 30 - Captura de tela de publicação da página do Almanaque no Facebook	126
Figura 31 - Captura de tela canal YouTube - Close Comunicação	126
Figura 32 - Captura de tela canal Youtube Uberlândia de Ontem e Sempre	127
Figura 33 - Captura de tela do cabeçalho e abas da <i>home</i> do <i>site</i> Uberlândia de Ontem e Sempre	128
Figura 34 - Postagem no Instagram - Curiosidades do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”	129
Figura 35 - “Categoria” Museu Virtual de Uberlândia no <i>site</i> Uberlândia de Ontem e Sempre	130
Figura 36 – “Entrevista Nego Amâncio 8389”	140
Figura 37 - Captura de tela “Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre – Ed.188490”	141
Figura 38 - Captura de tela sobre o jornal “Correio do Triângulo”	142
Figura 39 - Captura de tela subseção “Publicações”	142
Figura 40 - Captura de tela Museu - “Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre – Ed.178542”	143
Figura 41 - Captura de tela Museu Virtual de Uberlândia – busca por “educação”	144
Figura 42 - Captura de tela conteúdos sugeridos Museu na busca “educação”	145
Figura 43 - Captura de tela solicitação <i>login</i> para realizar “curtida”	146
Figura 44 - Captura de tela alguns comentários na publicação Família Freitas	147
Figura 45 - Captura de tela alguns comentários na publicação “Uberlândia, Cidade Menina”	148
Figura 46 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre Uberlândia de Ontem e Sempre	151
Figura 47 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre programa de TV	151
Figura 48 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre Museu Virtual de Uberlândia	152
Figura 49 - Imagem da entrada da Close Comunicação	161
Figura 50 - Captura de tela livro “Domingos Pimentel Ulhôa, História nas Escolas”	181
Figura 51 - Captura de tela vídeo “Oficina de Jornalismo”	183
Figura 52 - Captura de tela de <i>chat</i> da “Oficina Memória de Uberlândia”	186
Figura 53 - Captura de tela PET sobre Museu Virtual de Uberlândia	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conteúdos página inicial <i>site</i> Museu Virtual de Uberlândia	118
Quadro 2 - Conteúdos publicados aba “Passeio Virtual” – Museu Virtual de Uberlândia.....	119
Quadro 3 - Conteúdos publicados aba “Acervo” - Museu Virtual de Uberlândia.....	120
Quadro 4 - Conteúdos publicados aba “Oficina” – Museu Virtual de Uberlândia.....	122
Quadro 5 - Organização em categorias das publicações - Museu Virtual de Uberlândia.....	122
Quadro 6 - As capas da Revista Almanaque - Uberlândia de Ontem e Sempre.	131
Quadro 7 - Mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e processo transmídia	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACIUB - Associação Comercial de Uberlândia
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
- CNM - Cadastro Nacional de Museus
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
- ICOM - *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus)
- LEIC - Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais
- PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PET - Plano de Estudo Tutorado
- PIB - Produto Interno Bruto
- PMIC - Programa Municipal de Incentivo à Cultura
- PNEM - Política Nacional de Educação Museal
- SME - Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia
- TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação
- UFBA - Universidade Federal da Bahia
- UFU - Universidade Federal de Uberlândia
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
- UNIPAM - Centro Universitário de Patos de Minas
- UTC - Uberlândia Tênis Clube

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Memorial e desafios da pesquisa	17
1.2 Percursos da pesquisa: tema, problema, objetivos e diálogos	19
2 MUSEUS VIRTUAIS: espaços educativos entre culturas digitais, jornalismo, memórias e história pública.....	24
2.1 Narrativas transmídia: jornalismo contemporâneo e produção de memórias ..	25
2.1.1 Transmídia: fenômeno da cultura digital	27
2.1.2 Cultura digital e memória midiática	35
2.1.3 Memória e amnésia digital: controle da memória pelo estado x democratização da memória na internet	41
2.1.4 Jornalismo, memórias e histórias locais	50
2.2 A proliferação dos Museus de História	55
2.2.1 A importância social dos museus como espaço de memória e de história pública.....	56
2.2.2 Museus virtuais como espaços educativos e de formação histórica	63
3 O MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA COMO OBJETO DE ESTUDO: caminhos metodológicos	85
3.1 Processos metodológicos: abordagem da pesquisa	85
3.2 Da criação à arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia.....	89
3.2.1 Os recortes e ações do Museu Virtual de Uberlândia: quais memórias, histórias e fins educativos?	100
3.2.2 Os destaques na <i>Home</i> do Museu	101
3.2.2.1 <i>Artistas das capas da Revista Almanaque – Uberlândia de Ontem e Sempre</i>	101
3.2.2.2 <i>As “Salas” em destaque na Home do Museu Virtual de Uberlândia.....</i>	102
3.2.2.3 <i>Livros de Memórias produzidos a partir do acervo do projeto “Uberlândia de Ontem e Sempre”</i>	107
3.2.3 Aba “O Museu” - Museu Virtual de Uberlândia.....	107
3.2.4 Aba “Passeio Virtual” – Museu Virtual de Uberlândia.....	108
3.2.5 Aba “Acervo” - Museu Virtual de Uberlândia.....	112
3.2.6 A aba “Oficina”: ações educativas do Museu Virtual de Uberlândia	115
3.2.7 Síntese do acervo do Museu Virtual de Uberlândia	117
3.3 Desenvolvimento da estrutura midiática do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre pela Close Comunicação	124

3.3.1 O emaranhado de produções e plataformas digitais da Close Comunicação e Nós Projetos	124
3.3.2 A Revista Almanaque - Uberlândia de Ontem e Sempre.....	130
3.3.3 O labirinto das mídias e plataformas do projeto “Uberlândia de Ontem e Sempre: um projeto transmídiático?	134
4 MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA	139
4.1 Organização e exposição do acervo do Museu Virtual de Uberlândia: entre expectativas e fragilidades	139
4.2 Tessitura do processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre ..	150
4.3 O jornalismo na produção e organização do Museu Virtual de Uberlândia: inspirações e criações.....	156
4.4 Ordem e progresso: a tradição nas narrativas sobre Uberlândia perpetuadas pelo Museu Virtual de Uberlândia	161
4.5 Museu Virtual de Uberlândia: sujeitos, tempos e espaços em evidência.....	170
4.6 Entre memórias e História: a participação da produção midiática e jornalística do Museu Virtual de Uberlândia na Educação de Memórias e na produção da História Pública	176
4.7 O acervo e as narrativas do Museu Virtual de Uberlândia na educação escolar e no ensino de História	180
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
ANEXOS	212
APÊNDICES	231

1 INTRODUÇÃO

1.1 Memorial e desafios da pesquisa

Chegar até este momento confesso ser permeado de desafios com mais obstáculos que supunha. Sou bacharel em Comunicação Social com especialização em Jornalismo pela Universidade FUMEC, de Belo Horizonte, Minas Gerais, com título adquirido em 2002.

Depois de 14 anos da conclusão da graduação resolvi, após ser provocada e até sugestionada, a fazer um mestrado. Outro fator que me levou à busca foi o convite, em 2015, do governador de Minas Gerais à época, Fernando Pimentel, para fazer parte do Conselho de Curadores da Fundação Educacional de Patos de Minas, mantenedora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

Os gatilhos fizeram com que investisse na continuidade da formação acadêmica, concomitantemente com minha vivência na prática do fazer jornalístico, onde atuo como diretora de jornalismo desde 2002 até a presente data, no grupo NTV de Comunicação que pertence à Fundação Educativa e Cultural do Alto Paranaíba. O grupo é formado pela emissora de televisão NTV (Nossa Televisão), o *site* de notícias Patos Já e a emissora de rádio Nossa FM, sediados em Patos de Minas, Minas Gerais. Ao invés de dedicar aos estudos em comunicação social, decidi por percurso em campo diferente para alargar os conhecimentos em outras áreas e enveredei pelo instigante universo da educação.

Assim, em 2016, ingressei no mestrado em educação, da Universidade de Uberaba e seis meses depois fui convidada para dar aula no curso de Jornalismo do Unipam. Pouco antes do findar do prazo regimental para proceder com a defesa da pesquisa, com 21 meses, defendi com êxito a dissertação “Desafios no uso das TICs como propulsoras para a qualidade da educação pública: Proinfo em questão”, na linha de Processos Educacionais e seus Fundamentos, tendo como área de concentração as políticas públicas na educação. Um ano depois da defesa, resolvi participar do processo seletivo de doutoramento da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, diante de centenas de candidatos que disputaram as três acirradas fases, aqui me encontro, munida de grande orgulho pela conquista desejada e desafiadora.

Uma jornada que exige ainda mais esforço, destarte, além da dedicação que é inegável à formação, tive que viajar durante um ano por várias semanas subsequentes, para acompanhar as aulas e orientações presenciais, em um percurso solitário de 460 quilômetros, distância de

Patos de Minas à Uberlândia, ida e volta. Além do desgaste físico, junta-se o emocional, diante a entrega diária às funções na atuação do jornalismo, docência e conciliação com o doutorado.

A rotina exaustiva foi agravada, a partir de março de 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus. No período da pandemia a minha dedicação ao jornalismo foi ainda mais intensa e exigente e cumpri uma maratona diária de trabalho de 14 a 15 horas, sem pausa. Nesse período percebi que a imprensa, de maneira geral, foi preponderante no papel de mediador entre as esferas públicas e privadas e a população para informar sobre o vírus que mudou o curso de vivência e realização em ordem global. Destaco esse acontecimento, para ressaltar a relevância da mídia para contextualizar e sistematizar os fatos, seu interesse e importância na utilidade pública, ao disseminar informações concretas, coerentes e apuradas diante às incertezas provocadas pela covid-19, embora pudesse elencar outros acontecimentos em que a atuação da mídia foi notória para a sociedade. Os registros produzidos informam sobre parte dos acontecimentos de nosso cotidiano, permitem reflexões do presente, análises no futuro e abastecem as memórias sociais.

No segundo semestre de 2020 me licenciei da docência por recomendação médica para amenizar os níveis indesejados de transtornos de ansiedade, insônia e estresse e, assim, melhorar os rendimentos na dedicação ao jornalismo e retornar às pesquisas para elaboração desta tese. No primeiro semestre de 2021 retornei à docência, entretanto, no segundo semestre, até esta data, preferi o afastamento novamente, diante da dificuldade em lidar com a carga excessiva de compromissos profissionais e acadêmicos.

No final do ano de 2021 fui acometida com um melanoma e fui obrigada a interromper os afazeres laborais e estudos. Realizei dois procedimentos cirúrgicos e, como a doença estava em estágio inicial, foram suficientes, sem necessidade de tratamentos quimioterápicos. Recuperada, no início de 2022, ainda realizei exames e acompanhamento médico periódicos para controle e nenhuma intercorrência foi constatada desde então.

Nessa caminhada, ainda contrai em dois momentos a covid-19. Na segunda vez, em maio de 2022, foi uma recuperação mais delicada, porém não necessitei de internação hospitalar. O desejo de vencer sobrepõe a tantas dificuldades, já que o otimismo, obstinação e entusiasmo me são peculiares, logo sigamos, frente a todos os obstáculos instalados num cenário, que às vezes circunda obscuridades e incertezas, mas sem desequilibrar a confiança e persistência para realização.

Foram necessárias dilações e dedicação sobremaneira para conclusão deste estudo, entre continuar e desistir optei pela primeira, a partir de doses de encorajamento, discussões produtivas e orientações norteadoras da professora Aléxia Pádua Franco. Nesse relato estão

grifadas apenas algumas lembranças que considero importantes para entender os percursos e desafios que envolveram esta pesquisa, também para produção das minhas memórias para evitar esquecimentos, destarte esta tese ressaltar o valor das memórias.

As memórias descortinam os horizontes e assentam que transgridamos fronteiras para laboração de conhecimentos. Os relatos em profusão acrescentam na aglutinação de nossas experiências. Sentimentos que me envolvem nesta escrita que testou minhas capacidades físicas e mentais na resistência de uma busca que não se arremata em única conclusão, mas ilumina mais itinerários a serem desbravados.

1.2 Percursos da pesquisa: tema, problema, objetivos e diálogos

O tema desta pesquisa é a produção, preservação, organização e circulação de memórias por meio da produção transmídiática na cultura digital e sua relação com a educação de memórias e formação histórica em espaços formais e não formais de educação. Nossa objeto de pesquisa tem como foco o *site* Museu Virtual de Uberlândia, que é uma das mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre¹. O projeto Uberlândia de Ontem e Sempre é composto pelo Museu Virtual de Uberlândia, a revista Almanaque e o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”. Ele é produzido pelas empresas privadas, Close Comunicação e Nós Projetos, sediadas em Uberlândia, Minas Gerais, que capta recursos da iniciativa privada por meio de patrocínios e utiliza recursos públicos por meio de leis de incentivo à cultura.

Elegemos o Museu Virtual de Uberlândia por ser um espaço educativo, um lugar de memórias e de educação de memórias, utilizado também como fonte para o ensino da História Local. Ao selecionar para quais memórias, para quais sujeitos e experiências, dar visibilidade por meio de suas exposições (presenciais ou virtuais), um museu tem um projeto de educação de memórias. Isto é, ao destacar algumas memórias, gera-se esquecimentos e este processo constitui nossos olhares para o presente, nossa compreensão de quem somos e para onde podemos ir. Assim, pretendemos compreender a relação entre as memórias produzidas,

¹ Nominamos como projeto Uberlândia de Ontem e Sempre as produções da Close Comunicação e Nós Projetos, empresas privadas, idealizadas e coordenadas por Celso Machado. O título Uberlândia de Ontem e Sempre é evidenciado e aparece nas três mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre: *site* Museu Virtual de Uberlândia, revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre e programa de televisão “Uberlândia de Ontem e Sempre”. A logomarca, o desenho do coreto de Uberlândia com o texto Uberlândia de Ontem e Sempre, também é comum às mídias, conforme verificamos nos sites <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/> e <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Também destrinchamos, ao longo desta pesquisa, o elo entre essas mídias.

preservadas e compartilhadas pelo Museu Virtual de Uberlândia e a manutenção e/ou questionamento da identidade de Uberlândia como a cidade da ordem e do progresso.

Desta forma, consideramos relevante analisar quais as memórias o Museu Virtual de Uberlândia quer preservar, organizar e fazer circular, como a transmídiatização auxilia neste processo, bem como compreender sua utilização no âmbito da educação formal e não formal, especialmente como fonte para o ensino da História local.

A partir de leituras profícias definimos o seguinte problema desta pesquisa: como a criação do processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre participa da produção, preservação, organização e circulação de memórias de alguns grupos sociais de Uberlândia e da construção de uma narrativa pública sobre a História Local, com foco na organização do Museu Virtual de Uberlândia, entre os anos de 2015 e 2022.

O *site* Museu Virtual de Uberlândia foi concebido como suporte para produção, armazenamento e circulação de fragmentos das memórias e história pública local de Uberlândia, assim como as outras mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre.

Pretende-se com essa pesquisa: compreender a preservação, organização e circulação de memórias na cultura digital; estudar como o processo transmídiático colabora para a constituição da memória social e da história pública; analisar como o Museu Virtual de Uberlândia, por meio de suas ações, das memórias nele preservadas, dos esquecimentos por ele produzidos e das narrativas nele construídas, participa da educação de memórias sobre o município e da compreensão de sua história e compreender as ações educativas, diretas e indiretas, do Museu Virtual de Uberlândia.

Quanto aos aspectos metodológicos, para descortinar os objetivos desta investigação, realizamos levantamento bibliográfico, pesquisa quantitativa ao analisar a arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia, pesquisa qualitativa descritiva e exploratória com métodos de coleta e análise de dados, a partir de pesquisa documental e de entrevistas realizadas com os idealizadores do Museu Virtual de Uberlândia. Na pesquisa documental, fizemos uma minuciosa exploração do *site* do Museu Virtual e de outras mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, que nos permitiu acesso a documentos em diferentes suportes relacionados ao Museu Virtual de Uberlândia.

Para dialogar com o saber acumulado academicamente, vasculhamos repositórios de revistas científicas, anais de encontros científicos e catálogos de teses e dissertações, para levantamento bibliográfico que nos auxiliou nos recortes deste trabalho. O início do levantamento bibliográfico, entre abril e maio de 2019, se deu no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da biblioteca do

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). As palavras-chave que delinearam as buscas foram: cultura digital, memória, memória digital, museu, museu virtual, narrativa transmídia, história pública, educação e, fazendo diferentes combinações na convergência delas, nos deparamos com número escasso de resultados.

Realizamos mais buscas em repositórios de algumas universidades, como UFMG, USP, Unicamp, UFU, dentre outras, partindo do pressuposto de que esses materiais poderiam não estar socializados nas plataformas da CAPES e IBICT, apenas no ambiente virtual da própria instituição e, mesmo assim, não tivemos o êxito desejado no entrelace dos conceitos. Desta forma, ampliamos as pesquisas e procuramos pelos conceitos centrais isoladamente e localizamos teses e dissertações promissoras na dialógica com a tessitura desta pesquisa.

Também selecionamos artigos publicados em repositórios digitais de revistas científicas, como Scielo. A partir da revisão bibliográfica, aprofundamos os estudos em autores, referenciais teóricos e epistemológicos e destrinchamos conceitos que embasam a pesquisa. Dentre eles, sobre memórias e identidades dialogamos com: Le Goff (1990, 1999), Halbwachs (1990), Nora (1984, 1993), Ricouer (1991), Pollak (1989), Huyssen (2000). Outros conceitos realçados nesta pesquisa estão relacionados à cultura digital, mídia e narrativa transmídia com base em autores como: Jenkins (2008), Santaella (2001, 2003, 2007, 2010, 2013), Lévy (1993, 1996 e 2010) e Palacios (2010). Sobre museus virtuais, museus e educação assentamos esta pesquisa nas contribuições de: Schweibenz (2004, 2019), Scheiner (1992, 1998), Muchacho (2005) e Desvallées e Mairesse (2013). Com relação ao patrimônio cultural digital relacionamos: Conway (2001) e Sayão (2005). No que tange à história pública nos apoiamos em: Santhiago (2016) e Almeida (2016). Sobre mídia, poder, memórias e produção jornalística utilizamos: Traquina (2005), Chaparro (2003), Thompson (2002, 2011) e Bourdieu (2000).

No diálogo com esses autores e no entrecruzamento com os dados empíricos coletados e analisados, organizamos a escrita da tese em cinco seções: a introdução, as considerações finais e três seções para discutir o referencial teórico-metodológico e os achados da investigação.

Na seção dois, abordamos os referenciais teóricos da pesquisa, iniciando os diálogos com a experiência do Museu Virtual de Uberlândia. Como este é uma iniciativa de Celso Machado, cidadão de Uberlândia que tem forte presença, como produtor e comunicador nas mídias jornalísticas impressas, televisivas e digitais do município, buscamos compreender a relação entre jornalismo, transmídia, produção de memórias e esquecimentos, história local e história pública. Em seguida, analisamos o processo de proliferação de museus de História no

Brasil, especialmente os Museus Virtuais e sua importância como espaço educativo, de formação histórica e de produção de história pública.

Na seção três, detalhamos os aspectos metodológicos da pesquisa para realizar o levantamento e organização de nosso acervo documental. Apresentamos o nosso objeto de estudo, por meio da análise descritiva da arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia, a organização de seus conteúdos e como promove a interação com o público destinatário. Sintetizamos quais as memórias locais são armazenadas e compartilhadas no Museu Virtual de Uberlândia, quem são os sujeitos evidenciados, quais os assuntos privilegiados e os lugares destacados. Para isto, produzimos quadros das publicações do *site* em setembro de 2022, da página principal, abas e subseções, com informações detalhadas dos conteúdos, bem como categorizamos as produções do Museu Virtual de Uberlândia, dentre elas, as ações educativas desenvolvidas. Examinamos também as produções impressas do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre que estão digitalizadas no Museu: os dois volumes da coleção “Registros Para Sempre”. Como há entrevistas com os artistas que ilustraram as capas da revista Almanaque, também analisamos as capas de 22 edições, desde a primeira edição em 2011 até a publicada em dezembro de 2022. As análises oportunizam aprofundar a compreensão do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, sobre quais memórias quer revelar e os esquecimentos produzidos.

Na seção quatro, consideramos como o Museu Virtual de Uberlândia se constitui como espaço de memória e história local e pública, no processo de desenvolvimento da narrativa transmídiática do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre composto por mídias digitais da Close Comunicação e Nós Projetos, pela revista Almanaque e pelo programa de TV Uberlândia de Ontem e Sempre. Verificamos como este conjunto de mídias promove a expansão e propagação de conteúdos sobre a história de Uberlândia. Analisamos quais sujeitos, tempos e espaços são colocados em evidência no Museu e como esses contribuem para educar memórias que fortalecem a identidade de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso. Discutimos as ações educativas articuladas pelo Museu, com realização de oficinas e projetos entre professores e estudantes, com foco na educação básica de escolas públicas e assim, como o Museu promove a educação de memórias.

Em síntese, esperamos que esta pesquisa possibilite a compreensão do Museu Virtual de Uberlândia como espaço que procura conectar os moradores do município ao passado, por meio de lembranças de uma parcela de pessoas que vivenciaram acontecimentos em tempos e espaços específicos, em um fio condutor que, entre esquecimentos e memórias, permite construir sentidos para o presente e traçar as expectativas e projeções futuras. Um espaço que

constitui a história pública do município e participa da educação formal e não formal de seus cidadãos ao educar memórias sobre a cidade e ser fonte para o ensino da História Local nas escolas da cidade.

2 MUSEUS VIRTUAIS: espaços educativos entre culturas digitais, jornalismo, memórias e história pública

A tecnologia está imbricada à sociedade hodierna. A internet descortina possibilidades inimagináveis até bem pouco tempo e utilidades que mesmo as previsões e projeções mais futurísticas e visionárias não poderiam vislumbrar seus impactos. O ciberespaço, em sua conveniência pela capacidade ilimitada, produções em alta rotação e em constância, por convergir à multimídia, de possibilitar a ação colaborativa dos sujeitos e pelo interesse da sociedade, rasgou as relações sociais ao propor outros arranjos de uma cultura digital, seja pela apropriação de ferramentas que democratizaram o acesso à informação universalizada, quanto pelo arcabouço produzido e em devir.

O intenso fluxo informacional e a instantaneidade de acesso ao universo digital repercutem no desenvolvimento de práticas sociais em ordem global. O tempo-espacó são ressignificados. Com a desterritorialização, as fronteiras se tornaram invisíveis ao permitir acessos às produções em escala global motivadas pelas aproximações de interesses individuais e/ou coletivos. O tempo é presentificado quando do acionamento dos conteúdos pelos sujeitos e não necessariamente se trata de conexão com o acontecimento do agora. Tempo e espaço ocorrem em sincronia, porém o modo como os operamos diante das possibilidades tecnológicas, são modificados pela simultaneidade e imediatismo.

Nesta esteira de transformações sociais, a monopolização de memórias em conformidade com os interesses do estado se rui e o discurso oficial de agentes políticos em cargos de poder não tem mais a soberania para manipular as informações conforme sua conveniência para produzir uma memória pública oficial e ocultar ou silenciar narrativas divergentes, em prol da manutenção de seu projeto de sociedade. A imprensa, como um dos agentes que, por meio da elaboração de narrativas, contribui para a definição do que deve se tornar fato e memória coletiva, por vezes, amplifica o discurso de grupos dominantes, coagida ou por razão de sobrevivência ou mesmo por conivência.

Com o desenvolvimento de novas linguagens comunicacionais e a dinâmica da cultura digital, a imprensa cria outras formas para exposição de acontecimentos e compartilha memórias sociais em diferentes suportes. Além de ocupar o espaço em rede digital, que proporciona a convergência midiática, uma nova narrativa da transmediatização, surge e é uma possibilidade para uma comunicação ampla, plural e diversificada com cada plataforma de mídia sendo explorada pelas suas potencialidades.

Os museus também se ajustam às novas demandas sociais frente às tecnologias e flexibilizam tanto na forma de exposição do acervo quanto de interação com ele. Com o apelo cada vez maior na preservação e valorização das memórias, mais museus são criados para conservação do patrimônio e de memórias e organizados em exposições que narram histórias. Nesse interim, surgem os museus virtuais que se somam ao crescimento dos museus tradicionais, conforme expusemos dados quantitativos nesta seção. Com as produções cada vez mais assentadas no ciberespaço uma preocupação emerge sobre a preservação do patrimônio digital diante da obsolescência da tecnologia e garantia que os sistemas futuros protegerão os acessos das produções hodiernas.

Os museus não apenas abrigam a salvaguarda de documentos, mas são lugares colaborativos para produção de conhecimento com potencialidade para uso na educação formal e não formal, como tratamos nesta seção.

2.1 Narrativas transmídiáticas: jornalismo contemporâneo e produção de memórias

O jornalismo seleciona e sistematiza os acontecimentos em notícias, balizado nos confrontos de ideias ou versões propagadas pelas fontes e na análise de dados. Pode recorrer a fatos passados para contextualizá-los no presente, para subsidiar o público no ordenamento lógico e cronológico de informações, construindo narrativas que conectam e interpretam fatos cotidianos, conforme os enquadramentos escolhidos. Com a produção, circulação e preservação de informações veiculadas, a imprensa se posta como um agente de memórias que nos permitem interpretar e compreender os contextos sociais. Aprofundamos essa discussão em subseções a seguir.

A forma para disponibilizar e sistematizar as informações são alteradas com a popularização da internet. A internet 1.0 criada no final do século XX, basicamente interligava os computadores interconectados pela *web*, para distribuição de hipertextos que articulavam diferentes fontes de informações armazenadas na rede mundial de computadores. A partir da Web 2.0² no século XXI, o hipertexto ganha multimídia; não apenas textos escritos podem ser conectados, emitidos ou recebidos, mas imagens e áudios e, evoluímos então, para o contexto

² Para saber mais sobre as diferentes gerações da web ver: GETTING, Brain. **Basic definitions:** Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0, 18 abr. 2007. Disponível em: <https://www.practicalecommerce.com/Basic-Definitions-Web-1-0-Web-2-0-Web-3-0>. Acesso em: 10 maio 2022.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0:** padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software, 30 set. 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/114173/mod_resource/content/1/o-que-e-web-20_Tim%20O%C2%B4Reilly.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

de hipermídia. A mídia digital, com a internet, se populariza, não sem desigualdades geradas pela potência do dispositivo digital adquirido e pela qualidade da conexão da internet. Ela facilita a acessibilidade para pessoas com deficiências, amplia o alcance e circulação de conteúdos diversos, possibilita que todos sejam emissores e não só receptores, dinamizando a interatividade no ciberespaço. O ciberespaço conforme Santaella (2007, p. 198) “é um espaço que está em todo lugar e em nenhum lugar, no qual praticamos e produzimos eletronicamente”. O ciberespaço também abriga meios midiáticos tradicionais como impresso, rádio e TV, em mecanismo de convergência midiática.

No cerne dessas transformações, os computadores e as redes de comunicação passam por uma evolução acelerada, catalisada pela digitalização, a compressão dos dados, a multimídia, a hipermídia. Alimentada com tais progressos, a internet, rede mundial das redes interconectadas, explode de maneira espontânea, caótica, superabundante, tendência que só parece aumentar com a recente imigração massiva do e-comércio para o universo das redes (SANTAELLA, 2001, p. 4).

Com o avanço das linguagens da comunicação e o desenvolvimento ininterrupto da internet, com a multiplicação de aplicativos e plataformas, o consumo das mídias é dispersado. Diante da disponibilidade para acessos em diferentes meios, a descentralização gerada pela diversificação de produtores de conteúdo digital, a audiência é cada vez mais disputada e fragmentada em nichos. Podemos apontar que essas foram algumas preocupações de mídias tradicionais, instaladas na televisão, rádio e impresso, para se mobilizarem para também ocuparem espaços em multiplataformas para ampliar o alcance ao público, diante de suas preferências de acesso.

Com a comunicação em multiplataformas surge a possibilidade da narrativa transmidiática no jornalismo. Conforme Arnaut *et al.* (2011, p. 267), “desenvolver, escrever e produzir histórias iniciadas em uma plataforma de mídia e que tem seu desdobramento estendido a outras plataformas, é hoje, a chave para o sucesso”. Na transmídiatização, por exemplo, uma empresa de comunicação veicula a notícia inicialmente na mídia regente ou mídia originária, pela TV, em seguida utiliza o *site* para desdobramento do conteúdo, no impresso promove outras abordagens, no rádio gera novas discussões e até as transforma em *podcast*, com cada mídia desencadeando outras informações e em acordo com a linguagem atinente a cada uma. Não há regra nessa ordem ou quantitativo de plataformas em que a informação é expandida e propagada e a informação pode ser acessada separadamente, sem prejuízo no entendimento da mensagem. Ao mesmo tempo que está tudo interligado, são

independentes. Uma nova prática do fazer jornalístico, que inova na distribuição de conteúdo, para atender as demandas contemporâneas.

Para compreensão da narrativa transmídia buscamos conceitos possíveis diante da sua instalação recente e como colaboram com a produção e preservação de memórias, conforme tratamos na próxima subseção.

2.1.1 TRANSMÍDIA: FENÔMENO DA CULTURA DIGITAL

Estamos alicerçados ao ambiente digital, a tecnologia e a internet estão imbricadas no cotidiano e promovem uma comunicação ubíqua. Segundo Santaella (2013, p. 13), “[...] a ubiquidade pode ser definida como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo meio ambiente”. Os comandos diários que movem a comunicação por meio de aparelhos tecnológicos ligados a internet perpassam pelos dutos tecnológicos cada vez mais arrojados.

O mundo está conectado em linhas imaginárias que redimensionam as representações e experiências sociais e assim surge uma nova cultura estruturada em espaço digital. Para Bauman e Mauro (2016, p. 100) é “uma maneira diferente de estar no mundo, não só de lê-lo e interpretá-lo”. A cultura digital também redimensiona as noções do tempo e o espaço. Para Castells (2012, p. 19), “o espaço de fluxos passou a dominar o espaço de lugares e o tempo intemporal passou a substituir o tempo cronológico da era industrial”.

A cultura digital ou cibercultura se instala na evolução das linguagens comunicacionais e apropriações na utilização pelos sujeitos. A cibercultura, de acordo com Lévy (2010, p. 17), “[...] especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. O fluxo torrencial de informações que abastece o espaço digital se expande em ritmo cada vez mais veloz formando um emaranhado de informações dispersas e que se interconectam em infinitas possibilidades no ciberespaço. As tecnologias participam do processo de constituição de novas relações produtivas, sociais e culturais, a partir do momento em que os sujeitos recrutam e modificam seus usos.

Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova reconfiguração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado (LÉVY, 1993, p. 17).

Importante salientar que o momento em que Lévy traz essa reflexão foi quando do *boom* do computador pessoal e início da popularização da internet, que a partir de então, têm transformado e interferido nas relações sociais. Na cultura digital, por meio de dispositivos eletrônicos conectados à internet, amplia-se a possibilidade de desenvolvimento de processos de comunicação e produção de conhecimentos participativos e colaborativos, descentralizados e horizontalizados. No entanto, destacamos que um número significativo de pessoas ainda é excluído desse processo.

De acordo com pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)³, a TIC Domicílios⁴ 2020, apresentada em agosto de 2021, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), 81% da população brasileira, ou seja, 152 milhões de brasileiros, maiores de 10 anos, são usuários de internet, 7% mais que no levantamento realizado em 2019. O número de domicílios conectados somava 83%. A pesquisa demonstra que sujeitos de classes mais altas, com maior escolaridade e jovens são os que estão mais conectados. Apesar do crescimento, não podemos deixar de considerar a exclusão digital e a responsabilidade dos entes federativos em criar políticas públicas⁵ que arrefeçam tais desigualdades. A ampliação no acesso aos dispositivos eletrônicos conectados à internet, em velocidade e tráfego de dados, pode ser percebida como uma necessidade, como ferramenta integradora para utilização no processo ensino-aprendizagem, dentro e fora das escolas, por exemplo.

No clarão aberto pelos novos tempos, as produções de conteúdos midiáticos podem ser cada vez mais apropriadas pedagogicamente. Nesta pesquisa, enfatizamos como um conjunto de mídias pode ser usado para educar memórias, ou seja, para destacar alguns sujeitos, ações, em detrimento de outros, gerando também esquecimentos que criam sentidos para o passado na tentativa de legitimar, fortalecer um projeto social e político do presente. Consideramos ser

³ Disponível em:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domiciliros_2020_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁴ A TIC Domicílios é uma pesquisa realizada com o apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, do IBGE, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e por grupos de especialistas de diversos setores para mapear o acesso à tecnologia de informação e comunicação nos domicílios urbanos e rurais brasileiros.

⁵ Não adentraremos sobre as discussões relacionadas à exclusão digital ou políticas públicas criadas e obstáculos encontrados na promoção de acesso à tecnologia de informação e comunicação, porém não podemos deixar de considerar a problemática quando o objeto desta pesquisa se relaciona também com a utilidade e potencialidade de espaços digitais, como museus virtuais, na aquisição de conhecimento. Em nossa pesquisa de dissertação, “Desafio no uso das TICs como propulsoras para a qualidade da educação pública: Proinfo em questão” (FRANCO, 2017), fizemos alguns apontamentos dos desafios e de políticas públicas para promoção do acesso de qualidade às tecnologias de informação e comunicação como ferramenta para uma aprendizagem significativa nos espaços escolares e permite aprofundamento à essas problemáticas.

importante falar da atuação da imprensa nesse sentido, destarte o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre ser formado por mídias que se utilizam da linguagem jornalística para produção, armazenamento e circulação de memórias, constituindo uma história pública de Uberlândia.

As produções jornalísticas despertam interesse, permitem democratização de acesso às informações, selecionam, noticiam, analisam fatos, promovem compreensões das relações sociais e conhecimento de situações próximas e/ou distantes que podem interferir individual ou coletivamente. O jornalismo, segundo Pitanga (2020, p. 52), é “uma atividade imbuída de responsabilidade social, compromisso com os cidadãos e defesa dos interesses públicos”. Com a transmissão dos acontecimentos pela imprensa, o efeito esperado é de propor apreensões, norteamentos e reflexões que auxiliem na compreensão do processo social, político, econômico e cultural. Com a cultura digital, os conteúdos disponibilizados se multiplicaram, tornando-se cada vez mais dinâmicos, interativos e dispostos em multiplataformas que estabelecem uma aproximação coletiva e provoca engajamentos em discussões. Porém, Chaparro (2003, s/p) considera que “sob o ponto de vista da técnica e da tecnologia, fazer jornalismo está cada vez mais fácil. Sob o ponto de vista da linguagem, torna-se cada vez mais complicado noticiar com rigor o que acontece”. Consequências do universo digital, primado em velocidade e instantaneidade, na pressa da comunicação em fluxo e em tempo real, há breve prazo para produção elaborada.

A valorização do instante presente inscrito no som e na imagem de eventos na transmissão ao vivo e a introdução de um tipo de produção de notícias em fluxo contínuo (uma alimentação de notícias em curtíssimos intervalos de tempo) vêm gerando uma nova temporalidade no jornalismo (FRANCISCATO, 2003, p. 320).

Com a modernização das tecnologias de comunicação e instalação de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), os processos de produção, arquivamento e transmissão de informações são reformulados. De acordo com Pitanga (2020, p. 58) “as TDICs tanto trouxeram benefícios quanto desafios, como a digitalização e convergência dos dados (multimidialidade), nova linguagem (hipertextualidade), novos formatos, novos suportes para os produtos jornalísticos e nova relação com o público”. A cultura digital propicia o envolvimento cada vez maior do sujeito com participações interativas, seja na exposição de opinião, na sugestão de conteúdos, acréscimos ao que foi exposto, compartilhamento de materiais e nas produções de informações.

Na era digital, o valor do jornalismo na sociedade está se expandindo. Os cidadãos fazem mais do que simplesmente obter informação de fontes noticiosas. Eles contribuem para o fluxo informacional. Assim, o valor do jornalismo deve ser alargado para abranger a crescente natureza participativa das notícias em um mundo conectado (PAVLIK, 2014, p. 181).

A mudança na condição dos cidadãos, de receptores a também emissores, possibilita que os mesmos sejam protagonistas do processo de produção e circulação de informação. Conforme Jenkins (2008),

Os consumidores estão cada vez mais utilizando novas tecnologias midiáticas para se envolverem com o conteúdo dos velhos meios de comunicação, encarando a Internet como um veículo para ações coletivas – solução de problemas, deliberação pública e criatividade alternativa (JENKINS, 2008, p. 248).

O interesse e estímulo na produção de informação por qualquer sujeito desencadeia a cultura participativa. De acordo com Jenkins⁶ (2008),

A expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes [...] (JENKINS, 2008, p. 30, grifo do autor).

O espaço em rede digital de comunicação propicia ao sujeito conectado, protagonismo e autonomia para produzir e participar como agente ativo comunicacional e sua voz não é mais inaudível e sim, amplificada. Santaella (2013) resume esse processo:

Quando ligado às redes digitais, o computador permite que as pessoas troquem todo tipo de mensagens entre indivíduos ou no interior de grupos, participem de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, tenham acesso às informações públicas contidas nos bancos de dados que participam da rede, disponham da força de cálculo de máquinas situadas a milhares de quilômetros, construam juntos mundos virtuais puramente lúdicos ou mais sérios, constituam uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvam projetos políticos, amizades, cooperações (SANTAELLA, 2013, p. 318).

⁶ Salientamos que quando Jenkins escreve sobre cultura participativa nos anos 2000 havia grande expectativa da internet como cultura participativa, o que o capitalismo de plataformas tem tornado cada dia mais distante, conforme problematizado por Giuliano Da Empoli na obra “Os engenheiros do caos” e pela jornalista Patrícia Campos Mello em “A máquina do ódio”.

Nesse contexto, é verificada uma cultura de convergência de envolvimento coletivo e com veículos de comunicação, buscando outras formas para produção e circulação de conteúdos, com a fusão ou a migração para o espaço digital e cria-se a convergência midiática.

A cultura de convergência e a convergência midiática são conceitos destrinchados por Jenkins (2008) ao analisar as performances do cinema e dos meios tradicionais de comunicação, como impresso, rádio e TV, bem como o surgimento da comunicação em rede, pela internet. Nesse espectro, as mídias tradicionais (impresso, rádio e TV), têm a opção de produzirem conteúdos para serem veiculados além da plataforma originária, ou seja, em multiplataformas.

A convergência midiática, ocupar outra mídia além da forma originária de transmissão de conteúdo, é uma das condições para promoção da narrativa transmidiática.

A terminologia narrativa transmídia, conceito que podemos considerar recente, começa a ser desenvolvida no final do século XX. De acordo com Gosciola (2014, p. 8, grifos do autor), “aparece pela primeira vez como *trans-media composition* (WELSH, 1995, p. 97), conceito criado em 1975 pelo compositor e instrumentista Stuart Saunders Smith, enquanto compunha a peça *Return and Recall*”. Conforme Gosciola (2014), em 1993 Marsha Kinder, professora de Estudos Críticos na Escola de Cinema-Televisão da *University of Southern Califórnia*, publica um livro e utiliza o termo *transmedia intertextuality* após observação de como o filho interagia e produzia novas histórias a partir de personagem criado pela indústria do entretenimento. Em 1999, a *designer* e escritora de obras sobre tecnologia, Brenda Lauren, desenvolve o termo *think transmedia* e chama a atenção para que não se utilize apenas um meio exclusivo para difusão de conteúdo. No entanto, é só no século XXI, que o conceito de narrativa transmídia se consolida com Jenkins.

Henry Jenkins definiu em seu artigo *Convergence? I Diverge*, de 2001, os conceitos *transmedia exploitation of branded properties* - como o comportamento transmídia das grandes conglomerações-, e *transmedia storytelling* - a convergência das mídias como promotora da narrativa no desenvolvimento de conteúdos através de múltiplas plataformas (Jenkins, 2001). Mas a definição completa de narrativa transmídia de Jenkins surge em 2003, no artigo *Transmedia Storytelling*. [...] Em seu livro de 2006, *Convergence Culture*, Jenkins praticamente consolida a definição de narrativa transmídia (GOSCIOLA, 2014, p. 8).

A narrativa transmidiática pode ser desenvolvida em diferentes sistemas como entretenimento, publicidade e imprensa e os conteúdos devem ser propagados e expandidos entre as mídias.

A chave da estratégia transmídia denominada de propagação é a ressonância, a retroalimentação dos conteúdos. Um conteúdo repercuta ou reverbera o outro, colaborando para manter o interesse, o envolvimento e a intervenção criativa do consumidor de mídias no universo proposto, agendando-o entre outros destinatários ou instâncias, constituindo comunidades de interesses. [...] Já as estratégias de expansão envolvem procedimentos que complementam e/ou desdobram o universo narrativo (FECHINE, 2014, p. 8).

Logo, é preciso que haja pelo menos duas mídias distintas para que a narrativa transmídia se efetive na propagação e na expansão de conteúdos. Além do entrelace dos conteúdos entre as mídias, para desenvolver um projeto de transmídia é preciso se atentar às características estruturantes da narrativa, conforme Arnaut (2011)

1. Deve partir de um conteúdo principal envolvente;
2. Ser distribuído nas múltiplas plataformas de mídia;
3. Utilizar o melhor de cada uma delas;
4. Gerar interesse, possibilitando visibilidade;
5. Manter a atenção e o engajamento das pessoas (compartilhando ou interagindo);
6. Permitir que novos conteúdos sejam produzidos (estáticos, audiovisuais, interativos, etc.);
7. Obter resultado positivo ou êxito;
8. Levar à transversalização, ou seja, tornando-se um fenômeno (ARNAUT, 2011, p. 269).

Apesar do envolvimento de mídias distintas, as narrativas transmídias são autossuficientes e independentes. A mensagem em cada mídia é compreendida isoladamente, não é necessário que o público acesse todas as produções, porém as informações se completam.

[...] a narrativa transmídia é voltada à articulação entre narrativas complementares e ligada por uma narrativa preponderante, sendo que cada uma das complementares é veiculada pela plataforma que melhor potencializa suas características expressivas, principalmente porque hoje seu público tem comportamento migratório ao decidir qual será a sequência narrativa e por quais plataformas (GOSCIOLA, 2011, p. 124-125).

Na narrativa transmídia, o conteúdo é propagado por mídias diferentes, mas que dialogam, se entrelaçam e convergem e representa uma estratégia de engajamento e interação com público.

Com isso, a narrativa transmídia produz uma dispersão textual por diferentes mídias, promovendo também reformulações no ecossistema audiovisual, ao criar novas formas de envolvimento que englobam e expandem as antigas práticas de produção e consumo de conteúdos (SANTAELLA, 2013, p. 325).

A transmissão de conteúdos em multiplataformas, de acordo com Santaella (2013, p. 325), “[...] permite a migração de audiência entre as diversas mídias onde esse mundo é apresentado”. Um mesmo veículo de comunicação que ocupa mídias distintas e desenvolve a narrativa transmídia explora as potencialidades de cada uma e aumenta o espectro de alcance do público. Conforme Jenkins (2008, p. 141), “na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor”. Cada mídia tem critérios, estilos e peculiaridades.

Ao contar uma história com reverberação em várias mídias, a comunicação é difundida e expandida a partir de características, padrões e linguagens pertinentes a cada uma. Mesmo na forma original na qual foi concebida, para posteriormente ocupar novas mídias, é atualizada para criar dinâmicas mais atrativas e correspondentes ao desenvolvimento da linguagem e comunicação.

Se a força expressiva da Narrativa Transmídia é a coesão, a integração entre os mais diversos percursos narrativos é possível pela ação da coesão. Os personagens reaparecem em vários meios de comunicação, bem como partes de sua história. Em cada meio a narrativa explora o que ele tem de melhor em termos de expressão de sentimentos e de comunicação (GOSCIOLA, 2011, p. 124).

Na narrativa transmídia o público destinatário é estimulado na migração entre as mídias. Basta perceber, por exemplo, quando assistimos a um noticiário na TV, o apresentador do telejornal nos convida a ter acesso a mais informações em determinado *site* do mesmo veículo de comunicação ou quando navegamos em algum portal de informação outros *links* são sugeridos no texto nos direcionando a produções complementares, como *podcasts*. Nesses exemplos, verificamos que um fato narrado por uma mídia é propagado e expandido em outra, pelo mesmo coletivo que produziu o conteúdo original.

A narrativa transmídia amplia o espectro na apreensão de mais informações sobre o exposto e provoca outras experiências. Cabe ao sujeito a escolha na migração entre as mídias para criar uma interpretação mais ampliada dos fatos, a partir do incentivo das mídias nesta articulação.

Talvez uma das maiores possibilidades de histórias transmídia seja que elas operam não como uma coleção de textos, mas como um intertexto, um texto que é produzido na interação entre múltiplos textos. Isso é parte do que diferenciam as transmídias, mídias que se movimentam cruzando formas e plataformas ou se colocando entre elas, de tramas multimídia estáticas. A transmídia não se ocupa apenas de múltiplas histórias ou versões, mas de criar um rico espaço intermediário, um arquivo do sentido compartilhado entre diferentes partes da história (XIAOCHANG, 2009, s/p).

Logo, a narrativa transmídia requer, além da implementação da convergência de mídias para propagação de conteúdos em plataformas distintas, também a expansão do conteúdo, com articulação de outras informações e diálogos que permitam a produção de novas experiências, além de provocar a participação e interação com o público destinatário.

Entendemos *transmidiação* como um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelo ambiente de convergência (FECHINE *et al.*, 2013, p. 26, grifo dos autores).

Na transmídiatização, o envolvimento entre quem produz a informação e a quem se destina, explora as potencialidades da cultura digital em incentivo à cultura participativa (JENKINS, 2008). O projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, objeto desta pesquisa, utiliza diferentes plataformas digitais e mídias televisiva e impressa, para fazer circular narrativas e memórias complementares sobre a cidade. Em algumas delas, como no Museu Virtual de Uberlândia, os leitores podem opinar sobre os conteúdos publicados, compartilhar os mesmos, além de serem incentivados a contribuírem com sugestões e materiais para elaboração de novas produções. De acordo com Gosciola (2014),

A narrativa transmídia desenvolve a força convergente de meios de comunicação o quanto ela está aberta ao engajamento colaborativo, onde a audiência pode expressar suas questões, mas, principalmente, pode contribuir determinantemente com o desenrolar das narrativas (GOSCIOLA, 2014, p. 13).

Nossa análise do potencial educativo do Museu Virtual de Uberlândia, patrocinado e apoiado por empresas de comunicação e publicidade da cidade com a participação de jornalistas em sua produção e de outros profissionais, perpassa a compreensão de como ele se aproxima de uma narrativa transmídia, de quais memórias são por ele valorizadas, quais esquecimentos são gerados e quais experiências são provocadas.

Para continuar a apresentação dos referenciais que embasam essas análises, na próxima subseção tratamos sobre memória e como a produção midiática colabora na produção, preservação e circulação da memória social.

2.1.2 CULTURA DIGITAL E MEMÓRIA MIDIÁTICA

Antes de adentrarmos na memória midiática e sua elaboração na cultura digital, consideramos prudente o diálogo com autores que discutem e pesquisam as memórias, enquanto uma produção histórica e social que estabelece sentidos para o presente e mobilizam ações.

Para Godar (2005, p. 18), a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados”. O presente constitui-se das construções de outrora, as ações impetradas antes refletem no curso do agora e permitem projetar o amanhã e assim, o presente desloca-se entre o passado e o futuro. Nessa conexão novos signos e representações são desencadeados.

As memórias são produzidas a partir das relações de estranhamentos e afetos. De acordo com Abreu (2016, p. 42), “só há memória quando existe a relação com o diferente, ou seja, com aquele que faz estranhar, relativizar, tomar distância, ver de outro modo”. A produção de memórias é um processo em movimento, de abastecimento constante, relacionado com olhares do presente sobre experiências e vivências do passado. Mendes (2007), ao analisar a autobiografia de Alexandre Dumas, caracteriza a memória como uma espécie de “arquivo mental” acionado deliberadamente ou não, em associações, gatilhos e experimentações correlatas das produzidas no agora ou daquilo que não queríamos afastar do presente, sejam por razões traumáticas, sofrimentos e ameaças, mas também por vitórias, conquistas e realizações.

A evocação dos acontecimentos, no rastro do tempo, respeita a ordem de valores ditada pela personalidade do autor, revelando o sentido da vida que está sendo narrada, em sua plenitude, num tempo presente. O que está em jogo é o sentido de um destino pessoal, entre a temporalidade e sua eternidade (MENDES, 2007, p. 35).

Essa sistematização e ordenamento das memórias podem resultar em falhas, supressões e logo, em esquecimentos provocados para dar lugar a novas informações ou pelo grau de interesse e importância que imputamos aos fatos ocorridos. Para Halbwachs (1990), as memórias são elaborações em coletividade, pois mesmo sendo processadas individualmente estão assentadas e organizadas a acontecimentos em um contexto já imbuído de representações sociais. As memórias podem ser pessoais (produzidas internamente) ou sociais (produzidas externamente).

A primeira [memória pessoal] se apoiaria na segunda [memória social], pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria

naturalmente mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Para Halbwachs (1990), a produção de memórias está associada às nossas experiências sociais em diferentes contextos, com a família, com grupos sociais que convivemos, com a cidade que vivemos, com nossas relações no trabalho e na política, por exemplo. Mesmo expostos à mesma situação, as interpretações e apreensões produzem sentidos distintos em cada indivíduo e a importância atribuída a um acontecimento depende de como a situação o atinge.

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitaram do mesmo modo (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Não necessariamente as memórias estão relacionadas a grandes acontecimentos, mas sim, aos reflexos e aos significados produzidos, vividos ou experimentados em coletividade e processados individualmente. De acordo com Nora (1993, p. 18), “a memória é vivida coletivamente, mas ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória”.

As memórias sociais podem ser arquivadas pela transmissão oral, na produção de documentos textuais ou audiovisuais ou ainda na junção de todos. No caso da transmissão apenas pela oralidade, há o risco do desaparecimento dessas memórias com a interrupção da transmissão dos relatos ou da modificação delas, no processo de transmissão. No caso dos documentos em textos escritos ou audiovisuais, há um ato de permanência dos registros de memórias. Com os computadores ligados à internet, a disponibilidade para produção, arquivamento e socialização de registros de memórias são ampliadas.

As memórias no espaço digital permitem maior alcance, acessos ágeis, diferentes combinações com outras memórias e em sintonia com a velocidade, dinamismo e interatividade da cultura digital.

Um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa. Contrariamente à maioria das descrições funcionais sobre papel ou aos modelos reduzidos analógicos, o modelo informático é essencialmente plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação (LÉVY, 1993, p. 74).

As produções no espaço digital seguem percurso sem rotas, não há um início ou fim, não há um ponto final. Nas infovias em constante retroalimentação, os acessos são customizados pelos sujeitos, que podem articular as produções e selecioná-las conforme as pretensões, interesses ou curiosidades e conforme a ação dos algoritmos que fazem uma pré-seleção baseada no perfil do internauta. Estamos diante de um outro espaço de memórias, um lugar em fluxo, de abastecimento contínuo, de memória digital que segue o ritmo vertiginoso de produção e terceirizamos a esse “lugar” invisível a organização de um novo arquivo de memórias individuais e coletivas compartilhadas. A imprensa é um dos agentes colaborativos de produção, organização e armazenamento da memória social. De acordo com Henn (2006, p. 179), é um “lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória”, o que dialoga com o pressuposto desta pesquisa – o Museu Virtual de Uberlândia, cujo acervo se constitui de produções jornalísticas e educa memórias sobre o município.

O cabedal de informações midiáticas também implica no que preservar, no que registrar, no que esquecer, no que ocultar, no que privilegiar, em conformidade aos critérios de noticiabilidade⁷ e das diretrizes das empresas jornalísticas ou dos jornalistas, conforme suas aproximações ou distanciamentos em relação a projetos e práticas sociais de seu contexto social. A mídia influencia os debates e a opinião pública ao apontar que assuntos os destinatários devem pensar (*agenda setting*) e no direcionamento de como devem pensar (*framing*)⁸, mas

⁷ Não aprofundamos nesta pesquisa em alguns conceitos e teorias de comunicação, porém compreendemos que alguns apontamentos permitem melhor entendimento de nossa escrita. Entende-se por notícia, conforme Lage (1987, p. 16), “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”, logo, importância e relevância são condicionantes sobre o que noticiar na visão de Lage. Para Traquina (2005, p. 208), “na definição e construção das notícias, a importância do que é importante não pode ser apagada pelo imperativo do que é interessante”. Para Wolf (2003), os fatos noticiosos seguem os critérios de importância e relevância para validar a noticiabilidade, entretanto o valor do acontecimento exposto pela imprensa é processado pelo indivíduo a partir do acúmulo de informações apreendidas e dotação de significados. De acordo com Wolf (2003, p. 249), “[...]a relevância de um acontecimento é individualizada e avaliada a partir das experiências organizativas do órgão de informação”. Para Lage (2001, p. 61), “a seleção dos fatos com critérios de noticiabilidade perpassam por seis condições: proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade”.

⁸ Muitos autores apresentam teorias e pesquisas para *framing* e *agenda setting* e relativizam os conceitos. Preferimos nesta pesquisa nos basearmos nas hipóteses de Entman e McCombs e Shaw diante às diferentes abordagens e inexistência de consenso. *Agenda setting* é entendida como os fatos noticiados pela mídia influenciam na elaboração do debate público, conforme as teorias de McCombs e Shaw (1972). A imprensa pode influenciar não apenas o que pensar (*agenda setting*), mas como pensar (*framing*), ampliando a abordagem, conforme McCombs e Shaw. *Framing* traduzido para a língua portuguesa significa enquadramento. Para Entman (1991), indica como os sujeitos devem pensar diante aos temas selecionados e noticiados pela mídia ao determinar quais fatos dos acontecimentos são evidenciados diante as possibilidades e percursos possíveis. Para um aprofundamento sobre *framing* e *agenda setting* duas pesquisas norteadoras, dentre outras de Entman e MacCombs e Shaw: ENTMAN, Robert M. Symposium framing U.S. coverage of international news: contrasts in narratives of the kal and Iran air incidents. **Journal of Communication**, New York, v. 41, n. 4, p. 6-27, dez. 1991 e MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, 1972.

não se pode desconsiderar a recepção ativa dos produtos midiáticos por estes destinatários. Conforme Barros Filho (2021, p. 211), “a constituição da opinião pública não se dá, como é evidente, exclusivamente em função da relação direta da mídia com o receptor, e sim no conjunto das relações sociais que dela decorre”. O jornalismo atua como um mediador social ao narrar uma realidade inscrita em uma esfera social e apresentá-la à coletividade que criará a sua opinião ao analisar a informação sob diferentes contextos em que está exposta.

Os materiais produzidos pela mídia não servem apenas para fomentar as discussões no presente e desencadear uma opinião do destinatário a respeito do fato no imediato de sua ocorrência, mas também é uma fonte que participa da constituição da memória social. O jornalismo é um agente ativo de produção de memórias.

[...] espaço vivo de produção da atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E, nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o dito e o interdito (PALACIOS, 2010, p. 39-40).

A sistematização dos acontecimentos conduz os sujeitos a gerarem outras apreensões e as memórias sociais preservadas pela imprensa permitem que experiências sejam produzidas, mesmo que não tenham sido vivenciadas, mas construídas e articuladas a partir das memórias do hipertexto social.

Ao ser capaz de imaginar o que não viu, ao poder conceber o que não experimentou pessoal e diretamente, baseando-se em relatos e descrições alheias, o homem não está encerrado no estreito círculo da sua própria experiência, mas pode ir muito além de seus limites apropriando-se, com base na imaginação, das experiências históricas e sociais alheias (VYGOTSKY, 1987, p. 21).

As memórias estão além das limitações físicas individuais de armazenamento, estão estocadas e fixadas em lugares, arquivos, bibliotecas, museus e patrimônios (NORA, 1993), além de, hodiernamente, preservadas em espaços digitais, com a intenção de que sejam asseguradas, “materializadas” e disponibilizadas para não serem esquecidas e para que sejam potencializadas em informação e conhecimento.

O movimento que começou com a escrita termina na alta fidelidade e nas fitas magnéticas. Menos a memória é vivida no interior, mas ela tem a necessidade de suportes exteriores e de experiências tangíveis de uma necessidade que só se vive delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que

afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado (NORA, 1993, p. 14).

As produções e armazenamentos de registros são dilatadas pelas tecnologias e os novos lugares de memórias são comprimidos em universo digital ilimitado e de baixo custo para realização. De acordo com Lévy (2010, p. 34), “desde o início da informática, as memórias têm evoluído sempre em direção a uma maior capacidade de armazenamento, maior miniaturização, maior rapidez de acesso e confiabilidade, enquanto seu custo cai vertiginosamente”. A cultura digital se assenta nesse aparelhamento tecnológico interligado em rede e se torna um aqueduto que magnetiza e se torna atraente por não servir apenas como suporte de acumulação de dados, mas de produção social colaborativa. Para Lévy (2010, p. 95), “a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade”. O ciberespaço converge e (des)centraliza uma extensão inesgotável de informações.

[...] bens culturais criados somente em ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da *web* e cobre materiais digitais que incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, *software*, e páginas *web*, entre uma ampla e crescente variedade de coleções que representam desde objetos pessoais a acervos tradicionais de instituições de memória (DODEBEI, 2005, p. 1).

O espaço digital atende às necessidades de uma época, um lugar em constante construção, um emaranhado de fios distintos, soltos e desconexos, que ora se intercruzam. Um meio sedutor, que intercambia as matrizes sonora, visual, verbal e não verbal, intenso, profundo, mas ora superficial, que nos permite emergir em novas possibilidades e produções de experiências no labirinto de significados, traçadas pelo caminho sem ordem. Esse estoque inestimável de informações abastecido e recriado em alta rotação, pode ensejar a uma dispersão que se ramifica e nos conduz a outras dimensões, em um percurso caótico não-linear.

A reformatação do processo comunicacional é uma consequência da revolução tecnológica promovida com a disseminação do uso do computador e internet, cada vez mais integralizados ao cotidiano. A sociedade analógica cedeu passagem à digital ou virtual como analisa Lévy (2010), assim, a linguagem evolui. Ao se tratar dessa evolução na percepção da linguagem jornalística, sobretudo no jornalismo desenvolvido para circular por meio da internet, Palacios (1999), atribui seis características: multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, instantaneidade e memória.

De acordo com Palacios (2003), a multimidialidade/convergência ocorre quando a informação noticiada em uma mídia tradicional (rádio, TV e impresso), é convergida e disponibilizada em outra plataforma, por meio da digitalização do conteúdo. Conforme o autor, “a convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2003, p. 2).

Para Palacios (2003), a interatividade é o mecanismo que permite que o destinatário da informação seja parte integrante do conteúdo, ao permitir que interaja com o produtor do conteúdo ou outras pessoas, a partir do que foi exposto, emitindo sua opinião e fomentando discussões. A hipertextualidade permite que o sujeito trafegue pela hipermídia, por meio de conexão de textos, som, imagem e/ou vídeos, por exemplo, conectando-se a outros hiperlinks (PALÁCIOS, 2003).

A personalização ou customização do conteúdo, conforme classifica Palacios (2003), é uma forma de customizar os nós que se apresentam entre vários materiais digitais ou digitalizados por meio de *links*, de acordo com os interesses e preferências dos sujeitos. A instantaneidade é a agilidade com que as produções noticiosas são disponibilizadas e atualizadas e a facilidade de acesso pelos destinatários, que segundo Palacios (p. 5, 2003), “[...] possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse”.

E por fim, a memória, que de acordo com Palacios (2003), é a capacidade ilimitada do ciberespaço pelos mecanismos de produção, disponibilização e armazenamento da informação não apenas para abastecimento instantaneamente, mas para que os conteúdos possam ser resgatados conforme as necessidades dos sujeitos. Conforme Palacios (p. 8, 2003), “[...] abre-se a possibilidade de disponibilização *online* de toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação”.

As produções midiáticas se modificam para atender esse novo modelo assentado na cultura digital. A notícia dada ontem não se dissipa na diluição temporal, os conteúdos produzidos não estão mais apenas armazenados nos acervos privados das empresas midiáticas e outros arquivos limitantes para acesso público. As memórias podem ser acessadas conforme disponibilização pela internet, de acordo com o interesse do sujeito em presentificar a informação de outrora no agora, em deslocamento temporal, consonante às suas buscas, inquietações e curiosidades.

À imprensa é confiada e autorizada, pela credibilidade social, a sistematização do relato de acontecimentos para produções de sentidos e experiências, mesmo que provoque discordância na forma do enquadramento da informação. De acordo com Huyssen (2000, p. 22), “[...] a mídia não transporta a memória pública inocentemente, ela a condiciona na sua própria estrutura e forma”. A mídia não tem a capacidade ou interesse pela captação e transmissão universal da realidade; ela produz sentidos para fragmentos que seleciona, conforme os pressupostos de enquadramento, *agenda setting* e *framing*. Assim, a imprensa escrita, audiovisual e digital participa da constituição da memória social e dos esquecimentos, junto a vários outros agentes. Aprofundamos essa discussão no próximo tópico.

2.1.3 MEMÓRIA E AMNÉSIA DIGITAL: CONTROLE DA MEMÓRIA PELO ESTADO X DEMOCRATIZAÇÃO DA MEMÓRIA NA INTERNET

Anteriormente à proeminência da evolução das linguagens da comunicação com as tecnologias digitais, que possibilitam a democratização no acesso e na participação ativa e colaborativa dos atores sociais na produção das memórias com ampla transmissão, os arquivos de quais memórias deveriam ser preservadas estavam concentrados em algumas instituições sociais. De acordo com Nora (1993, p. 15-16), “nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, à Igreja e ao Estado”.

Focamos na forma de produção de memórias pelo Estado, na dominação e propagação de narrativas homogeneizadoras, conforme seus interesses políticos, econômicos e sociais que excluem a pluralidade de memórias e narrativas.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

Fazemos alguns apontamentos sobre manobras de silenciamentos e apagamentos das memórias promovidas pelo Estado brasileiro, em diferentes contextos históricos, para controlar a informação produzida e veiculada pela imprensa, enquanto produtora de memórias.

A censura à comunicação midiática era uma forma de domínio para manutenção dos discursos políticos dominantes de quem ocupa cargos de poder, em determinados períodos no Brasil, para cristalizar o que seria evidenciado. Assim, o desvio às ordens foi oprimido com duras sanções coercitivas.

A imprensa no Brasil surgiu oficialmente em 1808 com a chegada da família real portuguesa, antes disso qualquer impressão era proibida. Antes do jornal ser publicado, uma comissão de censura prévia tinha que analisar para autorizar a impressão. De acordo com Bahia (2009, p. 47), ela tinha a função de “fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes”. Em 1821, foi publicado um decreto com extinção da censura prévia, mas a repressão à liberdade de imprensa continuou. Segundo Sodré (1999, p. 41), “ardilosamente, a censura não se faria sobre manuscritos, mas sobre as provas tipográficas. E continuavam proibidos os escritos contra a religião, a moral e os bons costumes, a Constituição, a pessoa do rei, a tranquilidade pública – contra qualquer coisa, contra tudo, em suma”.

Em 1822, antes da independência brasileira, um decreto regencial tratou sobre a concessão da liberdade de imprensa, uma liberdade sob vigília para que não houvesse publicações que tratassesem sobre a independência sem a assinatura da autoria do conteúdo, por exemplo, para que o regime pudesse penalizar os “infratores”. Nesse período, de acordo com Sodré (1999, p. 46), a “[...] liberdade de imprensa é praticamente anulada. Não só por atos de poder, que se sucedem, como por atentados a jornalistas, que se repetem”. Após o grito do Ipiranga, no Brasil Império, as opressões continuaram. No Brasil República, a Constituição de 1937, no Estado Novo, censurou a liberdade de manifestação da mídia sob pretextos de assegurar a ordem e segurança pública (BAHIA, 2009). Ainda segundo Bahia:

A censura não é um ato restrito contra o direito de informação, mas uma instituição que afeta todas as liberdades públicas, nas origens das quais está a livre manifestação de pensamento. Institucionalizado no país o exame prévio de tudo o que se destina à publicação, o Estado Novo capitalizava rebeldes comunistas, integralistas e liberais para justificar a violência contra os que se opõem. Jornalistas e políticos da oposição sofrem prisões, confinamentos no interior ou são exilados. Perdem mandatos eletivos ou são despojados de seu patrimônio. Leitores têm diariamente mais informações do estrangeiro do que do país (BAHIA, 2009, p. 363).

Após esse regime ditatorial, em 1945, a imprensa alçou a liberdade de manifestação, com a aprovação de Constituição democrática, porém o regime militar, instalado em 1964, retomou a censura prévia. Em 1965, o Ato Institucional nº 2, permitiu que o Estado violasse a liberdade conquistada e o Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 1968 garantiu ao governo opressor controle máximo à mídia e a imprensa sofreu duras e violentas penalizações. De acordo com Bahia (2009, p. 367), “muitos jornais são invadidos, depredados ou fechados pela Polícia. A resistência da imprensa é enfrentada com bloqueio econômico, da mesma forma que a oposição partidária é silenciada, cassada ou aprisionada”. Foi só após a revogação do AI-5, em 1978, que

a imprensa, assim como toda a sociedade, voltou a experimentar as liberdades de expressão e imprensa, que foram legalmente garantidas, após a redemocratização do Brasil, na Constituição Federal de 1988.

Hodiernamente, com a democracia vigorante e uma Constituição que garante tais liberdades, outras formas de controle pelo Estado podem ser verificadas, não sobre os conteúdos que seriam veiculados pela imprensa, mas sob formas indiretas de manipulação, como por exemplo, na autorização para exploração de serviços abertos de radiodifusão (rádio e emissoras de TV) a quem estivesse alinhado às diretrizes do poder concedente, na maioria das vezes, aos políticos. Mesmo após as concessões, ainda estão expostos às sujeições do poder político e, os veículos que não se submetem às intimidações do Estado, podem ser lacrados e assim, impedidos de funcionar. As mídias que se “opõem” à governos também podem sofrer ameaças, como de não renovação de outorgas de concessões de funcionamento, por exemplo, como fez o presidente Jair Bolsonaro à Rede Globo em 2022, ano de eleições majoritárias para presidente da república (O GLOBO, 2022).

Outros mecanismos de controle de ocupantes de cargos públicos eletivos à mídia, são de ordem financeira, com cortes de recursos em programas de incentivo à cultura⁹ e congelamento de repasses de verbas publicitárias às empresas de comunicação. Citemos um exemplo. No início do primeiro mandato do governador de Minas Gerais, Romeu Zema (2019-2022), houve descontinuidade em verbas publicitárias à imprensa que posteriormente foram retomadas, conforme notícia publicada no *site* do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (figura 1).

⁹ Na gestão do presidente Jair Messias Bolsonaro houve drástica redução no fomento a projetos culturais. A Lei Rouanet, por exemplo, foi duramente criticada pelo chefe do executivo nacional e sofreu modificações, como por exemplo, a limitação por projeto para captação de recursos, de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão. Mais informações sobre as alterações realizadas podem ser conferidas nesta reportagem do jornal “O Globo”. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/07/entenda-as-mudancas-feitas-na-lei-rouanet-durante-o-governo-de-jair-bolsonaro.ghhtml>. Acesso em: 05 dez. 2022. Também é possível verificar em Brasil (2022), na Instrução Normativa SECULT/MTUR n. 1, de 4 de fevereiro de 2022, outras diretrizes sobre o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC). Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-secult/mtur-n-1-de-4-de-fevereiro-de-2022-378650380>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Figura 1 -Notícia sobre retomada de verba do governo de Minas Gerais



Fonte: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (2019)

O corte de verba publicitária não pode ser entendido como cerceamento à liberdade de imprensa, mas a interrupção do recurso pode comprometer a manutenção do funcionamento de veículos.

Pelo viés de dependência financeira, a mídia pode atender aos interesses do Estado sobre “o que” ou “como será” a abordagem conteúdo e, assim, ser alvo de manipulação. Como alternativa para se libertar dessa forma de poder do Estado, a imprensa busca outras formas de renda, como na comercialização de publicidade para divulgar produtos de empresas nos veículos de comunicação. Porém, ao ganhar autonomia da imposição do poder político, o veículo de comunicação se torna refém dos interesses das empresas provedoras de recurso, que desencadeiam outras discussões que não aprofundaremos nesta pesquisa para não nos afastarmos do seu foco. Interessa-nos entender como o uso do poder do Estado e do mercado se manifesta de diferentes maneiras para manutenção da ordem vigente e como, desta forma, interfere na produção de memórias em conformidade com os discursos autorizados dos ocupantes de cargos de poder e da elite econômica. Na visão de Bobbio (1998) há três formas de poder: poder econômico, poder ideológico e poder político.

O primeiro [poder econômico] é o que se vale da posse de certos bens, necessários ou considerados como tais, numa situação de escassez, para induzir aqueles que não os possuem a manter um certo comportamento, consistente sobretudo na realização de um certo tipo de trabalho. [...] O poder ideológico se baseia na influência que as ideias formuladas de um certo modo, expressas em certas circunstâncias, por uma pessoa investida de certa autoridade e difundidas mediante certos processos, exercem sobre a conduta dos conscienciados [...]. Finalmente, o poder político se baseia na posse dos

instrumentos mediante os quais se exerce a força física (as armas de toda a espécie e potência) (BOBBIO, 1998, p. 955).

Thompson (2002) faz uma classificação dos tipos de poder em: poder econômico, poder político e poder coercitivo, além de acrescentar o poder simbólico teorizado por Bourdieu (2000). Para Thompson (2002), o poder econômico é exercido por pessoas e organizações de empresas que visam a acumulação de lucro na exploração da matéria-prima e mão de obra para produção de bens de consumo como mercadoria em troca de capital. O poder político é caracterizado por sistemas de autoridade estabelecidos pelo Estado que regulam os procedimentos e regras sociais por meio de leis em território específico. O poder coercitivo é exercido por forças de segurança através do uso da força física, de armamento, de operações táticas e inteligentes em situações de ameaças ou atos de desobediência para garantir o poder político. E por fim, o quarto tipo de poder, é classificado por Thompson (2002) por poder simbólico e é exercido também pelos meios de informação e comunicação.

Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva (THOMPSON, 2002, p. 24).

As mídias, a partir do final do século XIX, são as novas formas de poder simbólico, mas esse também é praticado, por exemplo, por instituições educacionais e a Igreja, que por meio de processos comunicacionais, são capazes de influenciar a compreensão dos sujeitos sobre os acontecimentos e processos históricos. Conforme Bourdieu (2000, p. 8), “o poder simbólico, é com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Enfim, observamos que na articulação entre Estado, mercado, mídias e outras instituições, há a produção e propagação de narrativas de unicidade e ordem para criar uma identidade e memória nacional e justificar a ordem social vigente, tentando controlar resistências e contranarrativas. Conforme o que abordamos anteriormente, o poder coercitivo é usado de diferentes maneiras, como na autorização do Estado para o uso da força contra jornalistas, vigília e fechamento de jornais, por exemplo. O poder simbólico é utilizado pelo Estado ao manipular e controlar os discursos e ditar as diretrizes sobre as transmissões midiáticas, seja pelo uso da coerção ou do poder econômico. Nesse processo, nas mídias mais próximas dos poderes conservadores, há a tentativa de monopolizar as memórias produzidas e

aqueelas que questionam o poder vigente são ocultadas, desprezadas ou secundarizadas, gerando esquecimentos. Entretanto, como expusemos nesta pesquisa, assuntos de interesse e importância públicos são critérios de noticiabilidade e podem passar pelos filtros midiáticos de *agenda setting* e *framing*, principalmente quando há sujeitos prontos para a escuta e que protagonizam resistências aos poderes estabelecidos. Assim, a liberdade de imprensa conquistada desde a redemocratização do Brasil, permite uma pluralidade de narrativas produzidas e veiculadas por coletivos midiáticos que se emancipam do controle, total ou em partes, dos poderes políticos e econômicos conservadores.

A imprensa que devido à sua força para definir o que deve virar fato ou não, produz memórias e esquecimentos que influenciam os processos políticos, foi chamada de o Quarto Poder em relação aos outros três: legislativo, judiciário e executivo. Um quarto poder que, segundo Traquina (2005), ao mesmo tempo, é temido por sujeitos que não querem ter suas imagens afetadas e pode submeter-se às formas de poder político e econômico para sua manutenção e sobrevivência. Nessas linhas de tensões e disputas subliminares, a imprensa conquista a liberdade e contribui para o rompimento do monopólio de uma memória nacional produzida pelo Estado. Como afirma Le Goff (1999),

Nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo se podem controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a do rádio e a da televisão. Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica (LE GOFF, 1999, p. 477).

Ressaltamos nesse sentido que, na pluralidade de veículos midiáticos, há aqueles interessados em evidenciar memórias silenciadas e ocultadas pelos poderes instituídos. Há também outras instituições e sujeitos que, mediante a democratização da liberdade de expressão, buscam revelar acontecimentos de um contexto social marcado por diversidade e desigualdades, que não possui uma única identidade e uma única memória a serem consideradas.

Há ainda grupos sociais marginalizados que contestam ocultações promovidas pelo Estado por meio de uma memória nacional e homogeneizadora:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à

contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (POLLAK, 1989, p. 9).

Ao vasculhar o passado é possível uma compreensão ampliada do presente e ao revelar fatos confinados, propositalmente ou não, provoca-se discussões e reflexões que rompem com a história única e possibilita a organização e circulação de outras memórias coletivas.

A memória é espaço permanente de novos depósitos e construções. Na deflagração incessante de produções de memórias, temos a possibilidade de produzir novos significados. De acordo com Nora (1993, p. 27), “[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas completamente aberto sobre a extensão de suas significações”.

Com o fluxo torrencial de informações no espaço digital experimentamos a urgência da produção e armazenamento das memórias sob o fardo do esquecimento. Conforme Huyssen (2000, p. 15), “não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis nesse processo”. A busca frenética pelas lembranças e memórias, não apenas para serem depositadas no ciberespaço, surge em objetos retrô, na moda, na arte, na música, dentre outros, em releituras do que outrora ecoou em aversão à possibilidade de uma amnésia coletiva.

Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retrô, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1999, p. 472).

Adriana Sousa, jornalista e coordenadora do Museu Virtual de Uberlândia, ao apresentar a Oficina “Jornalismo e o Resgate de Vida” promovida nos anos de 2015 e 2016, pelo projeto de Uberlândia de Ontem e Sempre, do qual o Museu faz parte, promove essa ideia de mercado de memórias onde o jornalista pode encontrar um campo de atuação, “[...]nós sentimos que estamos contribuindo com a formação de jovens profissionais e também com a apresentação de uma outra oportunidade no mercado jornalístico e no mercado de memória que é contar história de cidades, de pessoas, de empresas [...]” (SOUZA, 2016)¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/jornalismo-e-o-resgate-de-historias-de-vida/> e <https://youtu.be/-TWWwjJ7O6M>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Em meio a excessos do mercado de memórias e ao dilúvio delas no ciberespaço, o dilema entre o lembrar e esquecer nos rodeiam. De acordo com Huyssen (2000, p. 20), “quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade do esquecer”. Para Nora (1993), o temor do esquecimento é que nos faz produzir e buscar outros meios para depositar e preservar as memórias. Há uma busca desenfreada pelas memórias para não serem sucumbidas por razões temporais, como possibilidade em desvelar silenciamentos, de grifar ausências ao indicar outros apontamentos para uma compreensão alargada do presente, por meio da busca por referências em experiências espaciais e temporais do passado.

Hodiernamente, o ciberespaço acumula um fluxo torrencial de memórias e em devir e o espaço digital representa alívio para resguardar e perenizar registros do passado de indivíduos ou grupos sociais. O idealizador do Museu Virtual de Uberlândia, em oficina sobre o Museu com professoras do município em 2022, expressa esse alívio: “[...] graças a Deus surgiu, este armazenamento na nuvem com redundância que nos permite ter este conteúdo que a gente produz, que a gente recupera com tanto carinho, preservado” (MACHADO, 2020a)¹¹.

No entanto, o fato da memória estar preservada digitalmente não é garantia que será lembrada, destarte os interesses individuais ou coletivos, pela busca e atribuições de sentido. O esgotamento provocado pelo excesso e sobrecarga de memórias armazenadas desencadeia a necessidade do lembrar pelo medo do esquecimento. Esquecer marcos históricos e até lembranças pessoais fomentam as produções de memórias no espaço digital pela facilidade de armazenamento e acesso em plataformas diversas. Esse borbulhar de produções e depósitos nas nuvens digitais é fruto do temor e ao mesmo tempo, da necessidade do esquecimento. Afinal, precisamos esquecer para produzirmos outras memórias e para isso confiamos algumas ao espaço digital. De acordo com Meihy (2005, p. 76), “o processo de seleção do que lembrar implica no que se esquecer”.

A possibilidade de terceirizar o armazenamento de memórias para um depósito digital infinito provoca outro dilema: da amnésia digital. Depositamos aos computadores ligados à internet a tarefa de armazenamento e eles adquirem a função de centros de memórias, memórias auxiliares ou eletrônicas (SAYÃO, 2005). Ao mesmo tempo que se digitaliza para preservar e não esquecer, cria-se a incerteza se a tecnologia vindoura, diante das constantes mudanças no arrojo tecnológico, irá assegurar os acessos às memórias produzidas e armazenadas no espaço digital hodiernamente.

¹¹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia/>. Acesso em: 08 maio 2023.

O maior problema da preservação digital é que a tecnologia digital, em comparação com a impressão tradicional, é um suporte extremamente frágil e instável. A longevidade dos materiais digitais está ameaçada pela vida curta das mídias digitais, pela obsolescência rápida dos equipamentos de informática, dos *softwares* e dos formatos. O tempo cada vez mais curto entre a inovação e a obsolescência tecnológica nas áreas de tecnologia da informação constitui uma ameaça cada vez mais contundente à longevidade dos objetos do reino digital (SAYÃO, 2005, p. 114-115, grifo nosso).

A preocupação se instala diante às produções estarem cada vez mais alicerçadas ao espaço digital e exemplos de apagamentos provocados no passado pelo conflito entre gerações tecnológicas. Sayão (2005) exemplifica as perdas de informações como do envio da primeira mensagem eletrônica de cientistas da *Massachusetts Institute of Technology* em 1964, da perda de parte dos dados do censo americano de 1960 que foram armazenados em fitas e da perda de dados registrados por satélite na Amazônia em 1970, por conta da obsolescência das tecnologias em que foram registrados.

Os riscos de apagamento de memórias do acervo depositado no espaço digital apontam para a atenção com a “durabilidade” e estabilidade dos suportes tecnológicos para que os registros não desapareçam com a obsolescência e sejam transportados com integridade e segurança para o desarquivamento no futuro.

A nossa compulsão em produzir informações digitais é infinitamente superior à nossa capacidade de preservar o acesso a elas. Não obstante, o que a humanidade deseja, sem talvez dar conta da dimensão do problema, é garantir que a herança cultural, histórica, científica e econômica expressa por meio da informação digital possa no futuro ser acessada por meio dos recursos tecnológicos disponíveis na época, de maneira íntegra, e que essa informação tenha a garantia também de sua autenticidade e confiabilidade – o seu valor de prova (SAYÃO, 2005, p. 114).

Os acúmulos de informações se amontoam nos espaços digitais dispersos em infovias ilimitadas, porém há insegurança se no futuro estarão preservados e disponíveis ou sob riscos da amnésia digital. Em meio à preocupação com o futuro das memórias no universo digital, vivemos a inquietude entre o lembrar e esquecer.

Não lembrar não significa que esquecemos. As memórias também são guardadas, em nossos arquivos mentais, onde inserimos rótulos ilusórios de maior e menor importância, passíveis de serem acionadas - basta um gatilho para nos fazer rememorar e acrescentar mais a elas. Para que isso ocorra é preciso estabelecimento de vínculos para que provoque experiências, no entanto, esse processo de rememoração mediante a instalação da tecnologia digital tem sido afetado diante a memória por consulta. Conforme Huyssen (2000, p. 67),

“quanto maior é a memória armazenada em bancos de dados e acervos de imagens, menor é a disponibilidade e habilidade da nossa cultura para se engajar na rememoração ativa, pelo menos, ao que parece”.

Quando as informações produzidas trazem sentindo ao sujeito, o ato do lembrar é avivado. Para Foster (2011, p. 81), “as pessoas tendem a lembrar o que é coerente com seus esquemas, mas filtram o que é incoerente”. Um dos fatores condicionantes para gerar memórias está relacionado com a proximidade do acontecimento. De acordo com Lévy (1993, p. 49), “é sabido que retemos melhor as informações quando elas estão ligadas a situações ou domínios de conhecimento que nos sejam familiares”. Quanto mais próximo dos fatos maiores são os elos estabelecidos, porém, não precisamos viver o acontecimento, estar *in loco*, mesmo em distâncias longínquas, seja pelas fronteiras territoriais ou por questões de temporalidade, podem gerar representações e experiências, com a transmissão das memórias.

Estamos inseridos nesse espaço globalizado da cultura digital, apressado, retroalimentado pelo acúmulo, apontando para exaustão. Por mais que tentemos desacelerar, é um caminho sem volta, como pontua Lévy (2010). De acordo com Huyssen (2000, p. 32), “quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto”.

O ciberespaço provoca desordem, comprime o tempo, descontrói o espaço demarcado, mas democratiza o acesso, produção, armazenamento e circulação de memórias, além disso, transpõe as barreiras de memórias monopolizadas pelos grupos dominantes. A tecnologia promove dinamismo e solução na emergência de memórias, é meio para valorização do multiculturalismo, de projetar diferentes vozes para fortalecimento de laços sociais e construção de identidade. A tecnologia abre oportunidades para que novos autores se constituam e para que todos possam tornar-se emissores e interlocutores das histórias locais e das memórias.

Na próxima subseção abordamos como a mídia se ocupa na produção e transmissão de memórias, na articulação de narrativas de sujeitos que colaboram para a preservação e circulação de fontes e a importância da mídia local para propagar as histórias locais.

2.1.4 JORNALISMO, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS LOCAIS

A imprensa é um agente dinâmico e ativo na produção sistematizada de fatos, por meio do que seleciona para noticiar. Os registros geram informações inscritas em temporalidade e localidade especificada que permitem que os sujeitos conheçam e interpretem elementos que

constituem seu presente. A circulação da informação interfere no modo de compreensão das relações sociais e os destinatários podem articulá-la para estabelecimento de vínculos sociais e para problematização em como o fato o impacta individual ou coletivamente.

Se o desenvolvimento dos meios técnicos transformou as maneiras como as pessoas produzem e transmitem mensagens, ele também transformou as condições de vida das pessoas que recebem essas mensagens como parte rotineira de suas vidas cotidianas. [...] possibilita às pessoas experimentar acontecimentos que têm lugar em locais distantes espacial e temporalmente, e esta experiência pode, por sua vez criar ou estimular formas de ação ou resposta da parte dos receptores, incluindo formas de ação coletiva ou organizada. A recepção de acontecimentos mediada pela comunicação aumenta enormemente o quadro de experiências possíveis a que as pessoas estão, em princípio, expostas. (THOMPSON, 2011, p. 28).

As experiências desencadeadas pela mídia participam do processo pelo qual o sujeito estabelece a memória individual que está associada à memória social. Mesmo que essas memórias geradas façam mais sentido a esse indivíduo, elas são produzidas e conectadas a outros sujeitos, estão imbricadas na coletividade, conforme afirma Halbwachs (1990). As memórias sociais podem ser evocadas para constituição de sentidos para o presente e sua mobilização é ampliada pela memória em digital. As memórias coletivas, produzidas socialmente, são moldadas pelo que vemos, escutamos, lemos, dialogamos e refletimos.

Os acontecimentos noticiados pela imprensa, codificados ou decodificados pelo destinatário, abastecem as memórias sociais. Muito do que produzimos socialmente, das memórias coletivas, são frutos das exposições midiáticas e como nos relacionamos com esses conteúdos. As produções da imprensa podem ser credibilizadas - o que garante a audiência - e são legitimadas pelos destinatários, porém esses podem ou não concordar com a forma da exposição da informação e confrontá-las, participando ativamente com discussões e opiniões, na cultura participativa de comunicação horizontalizada. Mesmo que hodiernamente, o destinatário de informação não receba mais passivamente as informações, diante à cultura digital, a mídia ainda pauta e aguça os debates em diferentes ordens.

Com a cibercultura, a produção de informação pela imprensa pode ser disponibilizada e arquivada no espaço digital. Mesmo com a sua permanência em órbita digitalizada, as produções podem ter interesse e importância com duração de tempo específico e assim serem perecíveis e efêmeras, principalmente no jornalismo pautado pelas factualidades, no qual o agora é o foco, dessa forma, o imediatismo e a urgência em propagá-las são condicionantes. Outro fator é que a pressa em circular a informação e abastecer o fluxo contínuo requerido pelo espaço digital, que prima pela instantaneidade, pode comprometer a qualidade do conteúdo

noticioso e a compreensão da informação pelo destinatário para desencadear experiências que refletem determinado contexto.

Conforme Pitanga (2020, p. 55), a “[...] rapidez com que as notícias são produzidas e consumidas dificulta a sua assimilação e a compreensão. Muitas vezes, as notícias são superficiais ou fragmentadas em razão do curto prazo para produção”. Ressaltamos que essa postura não é uma regra, mas uma consequência do tempo urgente no abastecimento do fluxo de notícias.

No entanto, o jornalismo não é primado apenas do registro de fatos cotidianos do presente. Há outras formas na elaboração do conteúdo jornalístico que vão além do imediato e da fugacidade para transmiti-lo. O jornalismo pode recorrer as notícias elaboradas em um tempo passado e trazê-las ao presente com aditivos ou outras informações para aprofundamento da narrativa. Essa contextualização permite que o sujeito tenha compreensão do desenvolvimento cronológico de algum fenômeno social e os impactos em cada período, ampliando entendimentos possíveis.

A presentificação do conteúdo elaborado em outros tempos também pode ser pelo acionamento de sujeitos que podem contar sobre a ocorrência de um fato no passado e trazê-lo para análise no agora, contribuindo para uma compreensão contextualizada do presente. No caso do Museu Virtual de Uberlândia, as informações por ele produzidas, prospectadas, organizadas, preservadas e compartilhadas não estão circunscritas ao tempo presente, mas presentificam memórias e histórias sobre o passado do município. As memórias são produzidas a partir de narrativas de sujeitos sobre os fatos vividos em relação a uma temática selecionada pela equipe do grupo Close, responsável pelo Museu. A narrativa é a versão do sujeito sobre uma experiência passada, constituindo, reciprocamente, uma identidade para a história e para o sujeito narrador. Como argumenta Ricouer:

A pessoa, compreendida como personagem da narrativa, não é uma entidade distinta de suas ‘experiências’. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história narrada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem (RICOUER, 1991, p. 176).

Observamos que a preocupação dos organizadores do Museu Virtual de Uberlândia é preservar e compartilhar o que o sujeito que viveu a experiência tem a revelar e também entrelaçar algumas memórias sobre um período, local ou acontecimento por meio das “salas” que organizam as entrevistas realizadas em temáticas, conforme aprofundaremos nas próximas

seções e subseções. As mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre não são abastecidas com informações de factualidade, que partem da premissa da instantaneidade, do tempo da ocorrência e do imediatismo. Podemos afirmar, com base em Franciscato (2003), que seu valor-notícia é na revelação de parte do passado que permite elaborações no presente e projeções para o futuro.

Este ato de revelação de fatos ocorridos num passado próximo ou distante traz uma carga de atualidade porque as questões reveladas podem contribuir para que se reconstitua ou torne mais preciso o relato histórico, bem como para que o público elabore suas opiniões, defina suas posições e ações acerca de uma dada situação. Ou seja, estes conteúdos possuem carga de atualidade jornalística porque rompem o âmbito do ‘segredo’ e são revelados publicamente, mesmo que sua ocorrência esteja descolada de uma temporalidade do presente. Neste caso, a atualidade possui uma característica de ‘revelação’ (FRANCISCATO, 2003, p. 49, grifo do autor).

A imprensa é imbuída de importância para registro de acontecimentos, produção e conservação das memórias. Para Gerk e Barbosa (2018, p. 165), “os processos e conteúdos mais relevantes para a memória hoje estão no jornalismo: testemunho, trauma, discurso terapêutico, guerra”. Com a tecnologia digital, o acesso à memória midiática é facilitado e democratizado, e permite que os sujeitos escolham ao que ter acesso e produzam e circulem outros registros e assim, amplia a discussão de questões sociais com base em múltiplas perspectivas. De acordo com Martino (2014, p. 263), “os meios de comunicação alteram a percepção e os sentidos das pessoas, na medida em que um ou outro elemento tende a se destacar em prejuízo de outro, e essas diferenças refletem-se nas mudanças específicas na sociedade”. É instituída a oportunidade para discussão democrática e reflexão na esfera pública de questões de interesse para diversos grupos em diferentes níveis - global, nacional, regional e/ou local.

Nesse contexto, o jornalismo segmenta as produções. A imprensa local ganha representatividade por ecoar anseios que dizem respeito ou afetam mais uma comunidade específica, com significados mais próximos aos experimentados pelos indivíduos, que se reconhecem como pertencentes às situações que os circundam. Com a novidade do mundo globalizado interligado em rede, havia um temor que produções locais seriam relegadas, porém as atenções dos sujeitos se dividem ao perceber a importância do local e do global e como eles se articulam.

Já está bastante claro que o fato da globalização – da universalização ou da ocidentalização do mundo, como preferem alguns – impulsiona uma revalorização do local, ao invés de debelá-lo, como se prognosticou num primeiro momento. Houve, assim, a superação da tendência pessimista de

considerar que as forças globalizadas – da economia, da política e da mídia – detém o poder infalível de sufocar as sociedades e as culturas nos níveis nacional e local. A realidade vai evidenciando que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente (PERUZZO, 2005, p. 74).

A globalização não anula o local e vice-versa. São inevitáveis as influências do mundo global na sociedade interligada, mas inevitáveis também as influências do nosso entorno. A ideia de aproximação, repetição e reprodução de hábitos impetrados pela interferência da cultura hegemônica universalizada em rede não dilui a importância do local. O local diz respeito as nossas origens, tradições e marcos que às vezes, só farão sentido dentro de espaço circunscrito diante as particularidades projetadas. Frente a isso, voltamos os olhares para o nosso entorno e percebemos que não é preciso abandoná-lo para estar inserido em ordem globalizada, de distâncias encurtadas, fronteiras desfeitas e tempos volatilizados.

A valorização do local também indica um movimento de recuperação e valorização de memórias para melhor compreensão do espaço em que estamos inseridos. Conforme Santos (2002, p. 73), “a valorização do local, no entanto, não implica necessariamente na recusa de resistências globais ou translocais, mas coloca destaque na promoção das sociabilidades locais para que haja a criação de estratégias que promovam soluções reais para as populações reais”. Local e global têm suas especificidades, sem que algum tenha que ser suprimido, pois revelam situações com aproximações distintas.

No caso de produção midiática, o jornalismo local privilegia as histórias locais, dá visibilidade a quem pertence a esse território demarcado e produz informações com significados pela proximidade (PERUZZO, 2005), familiaridade e intimidade que os fatos tratam a realidade dos sujeitos diretamente atingidos, que se reconhecem imbricados aos acontecimentos. O que dificilmente seria socializado pela mídia nacional e internacional, é valorizado pelo jornalismo local como por exemplo, o evento religioso, as demandas dos moradores de uma rua, a conquista do atleta da cidade ou os pedidos para melhorias no posto de saúde do bairro, dentre outras especificidades que só produzem sentido à comunidade local.

Ao detalhar as ocorrências dentro de uma territorialidade, as informações de interesse ou importância local ganham destaque nos conteúdos noticiados e ganham a atenção dos destinatários. O jornalismo local valoriza os atores inseridos em um território delimitado e as histórias narradas por esses sujeitos abastecem e criam as memórias sociais que produzem sentido àqueles inseridos nesse mesmo espaço e informam aos que não fazem parte desse elo.

As produções de informações e memórias no contexto local, devido à proximidade que ocorrem do indivíduo, facilita a mensuração, o reconhecimento e a compreensão pela vivência

e/ou experimentação. Para Garcia (1999, p. 247), “aquilo que se pode ver, tocar, aprender e, portanto, ser compreendido. Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social”.

A partir dessa perspectiva, os conteúdos midiáticos produzidos localmente estabelecem vínculos de afetividade e pertencimento e sustentam o fortalecimento de laços sociais. Contribuem para a construção de identidade ao subsidiar as memórias sociais e somam-se às produzidas em contexto ampliado, nacional ou globalmente, que também são capazes de sensibilizar, em outras ordens.

Ao acessar as memórias nos conectamos com o passado, uma lembrança é desencadeada, a fim de conectá-la à significados no presente. De acordo com Halbwachs (1990, p. 51), “a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto”.

As memórias podem ser acionadas além dos arquivos biológicos, buscadas nos depósitos virtuais, nas produções midiáticas, bibliotecas e museus, por exemplo. A preocupação com a produção, armazenamento, organização e compartilhamento das memórias provoca um movimento de valorização dos museus, percebido com o aumento no quantitativo que tratamos na próxima subseção. Com a tecnologia digital, outros formatos são concebidos, como os museus virtuais.

2.2 A proliferação dos Museus de História

O ciberespaço distorce as noções de temporalidades demarcadas e impactam a experiência de tempo e espaço. As tecnologias de comunicação e informação nos conectam em tempo real com o mundo, onde as fronteiras espaciais se dissolvem e vivemos em simultaneidade.

Com o advento da disjunção entre o espaço e o tempo trazida pela telecomunicação, a experiência de simultaneidade separou-se de seu condicionamento espacial. Tornou-se possível experimentar eventos simultâneos, apesar de acontecerem em lugares completamente distintos. Em contraste com o aqui e agora, emergiu um sentido de “agora” não mais ligado a um determinado lugar. A simultaneidade ganhou mais espaço e se tornou finalmente global em alcance (THOMPSON, 2002, p. 37).

Ao mesmo tempo, movimentos de proteger para valorizar e de armazenar para não esquecer as memórias, ganham força diante da aceleração das mudanças e da confusão temporal

na internet que não impregnam e marcam a existência pela pressa que urge a velocidade das produções. Um dos dispositivos para deter um pouco este imediatismo é o museu onde se preserva, se organiza e se expõem memórias, fazendo conexões culturais e narrando o passado. Museus são espaços promotores de educação, fruição e construção de sentidos. Independente dos formatos adquiridos e redimensionados para ampliar o interesse público, com o uso das tecnologias digitais, os museus disseminam os bens culturais e sociais, participando do processo de criação de identidades, memórias e referências. Os museus abrigam conhecimentos produzidos, saberes acumulados que tecem a história.

Mostramos, nesta subseção, a importância social dos museus e como a valorização das memórias e dos patrimônios históricos e culturais também provocam o aumento no quantitativo de museus presenciais e virtuais; esses últimos avançam pelas facilidades tecnológicas e atendem às necessidades da cultura digital, dinamizam e amplificam os acessos aos seus acervos e exposições.

Também discutimos a respeito da disputa sobre conceituação e caracterização de museus virtuais e nos apoiamos em algumas definições para nossas análises, conforme observamos nos próximos tópicos.

2.2.1 A IMPORTÂNCIA SOCIAL DOS MUSEUS COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E DE HISTÓRIA PÚBLICA

Na antiguidade clássica, os museus eram definidos como templos filosóficos e até o século XVIII tinham mais objetivos de colecionismo de fragmentos para reproduzir o modo de vida e a cultura da elite.

Os museus gradativamente perdem a posição em que permaneceram por muito tempo, representados como instituições intocáveis, inquestionáveis, onde se priorizava o culto e repositório dos valores e modos de vida da elite detentora do poder, como espaço de abrigo das coleções, peças emblemáticas do viver elitista (PINHEIRO, 2015, p. 62).

Conforme o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), “milhares de anos atrás já se faziam registros sobre instituições semelhantes ao museu de hoje. Contudo, somente no século XVIII consolidou-se o museu mais ou menos como atualmente o conhecemos” (2018, p. 13). A ideia do museu como centro de investigação e pesquisa, como fórum de experimentação e comunicação, com as funções sociais que conhecemos hodiernamente, se dá com o desenvolvimento, demandas e interesses sociais de uma sociedade mais crítica e participativa.

Essa mudança pode ser atribuída a uma nova atitude social, em que os museus são vistos como instituições amplamente acessíveis, desfrutadas pela maioria da população, em que surge um novo público, de opiniões mais marcantes e conscientes de seu papel político, social e econômico, como produto das reconstruções que se fazem após a guerra (PEREIRA, 2010, p. 45).

Com as mudanças, os museus assumem *status quo* de guardiões da história, fatos, dados, documentos, locais de saberes acumulados, assentamentos de memórias sociais, produtores de conhecimento e participantes do processo educacional. O código de deontologia do Conselho Internacional de Museus (ICOM), de 2006, resumido por Desvallées e Mairesse, elenca a operacionalização e importância dos museus para a sociedade.

[...] (1) Os museus preservam, interpretam e promovem o patrimônio natural e cultural da humanidade (recursos, estes, institucionais, materiais e financeiros para a abertura de um museu). (2) Os museus mantêm acervos em benefício da sociedade e de seu desenvolvimento (questão que diz respeito às aquisições e à alienação de acervos). (3) Os museus mantêm referências primárias para construir e aprofundar conhecimentos (deontologia da pesquisa ou da coleta de testemunhos). (4) Os museus criam condições para fruição, compreensão e promoção do patrimônio natural e cultural (deontologia da exposição). (5) Os recursos dos museus possibilitam a prestação de outros serviços de interesse público (questão de expertise). (6) Os museus trabalham em estreita cooperação com as comunidades das quais provêm seus acervos, assim como com aquelas às quais servem (restituição de bens culturais). (7) Os museus funcionam de acordo com a legislação (referente ao quadro jurídico). (8) Os museus atuam com profissionalismo (referente à conduta adequada da equipe de profissionais e aos conflitos de interesse) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 41).

Além das atribuições sociais dos museus definidas por uma instituição que os representa mundialmente, no caso o ICOM, cada país estabelece as regras para sua operacionalização e as suas características. No Brasil, a lei que institui o Estatuto dos Museus, nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, ressalta que:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, p. 1).

Os registros armazenados nos museus são evidências materiais e imateriais das ocorrências históricas com relevantes contribuições para compreensões dos contextos sociais. Para Scheiner (1998, p. 21), os museus são “[...] um espaço de reunião de testemunhos materiais

da natureza e do saber humano; ser espaço de estudo e de busca do conhecimento; e espaço de produção intelectual, vinculado à filosofia e as ciências”. Segundo Nora (1984), os museus são lugares de memórias, e, de acordo com o ICOM, estão “a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (ICOM, 2020)¹².

A definição das funções dos museus sofre atualizações e ampliações conforme o desenvolvimento da humanidade. Em 2022, depois de dois anos de debates, um novo conceito de Museu é definido. Os membros do ICOM, instalados em várias partes do mundo, empenhados no trabalho de atualização da significação dos museus, depois de encontros, oficinas, discussões e coleta de sugestões, estabelecem um entendimento e apresentam o conceito na Conferência Geral, em Praga, capital da República Tcheca. Problemáticas contemporâneas, como sustentabilidade, diversidade e inclusão são incorporados à nova definição feita pelo ICOM.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022)¹³.

Essa compreensão dos Museus como difusores de saberes locais e globais, de comunicadores de diferentes identidades, de produtores de sentidos históricos, por meio de práticas educacionais, é destacada por Catells (2015).

Nesse contexto, os museus podem tornar-se protocolos de comunicação entre diferentes identidades, comunicando a arte, a ciência e a experiência humana; e podem estruturar-se como conectores de diferentes temporalidades, traduzindo-as numa sincronia comum, mas mantendo, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica. Finalmente, eles podem ligar as dimensões globais e locais de identidade, o espaço e a sociedade local (CASTELLS, 2015, p. 60).

¹² O trecho citado faz parte da definição de museu, segundo o ICOM, em conferência realizada em 1974 em Copenhagem, na Dinamarca. O conceito estabelecido à época foi “A museum is a non-profit making, permanent institution in the service of the society and its development, and open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates, and exhibits, for purposes of study, education and enjoyment, material evidence of man and his environment” (ICOM, 2020). Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museumdefinition/#:~:text=PROPOSAL%20OF%20MUSEUM%20DEFINITION,museums%20foster%20diversity%20and%20sustainability>. Acesso em: 10 ago. 2022.

¹³ Para nova definição de museu houve um trabalho colaborativo envolvendo pessoas em várias partes do mundo, inclusive do Brasil. Segundo o Comitê Brasileiro do ICOM, 1.600 pessoas participaram do processo no país e nem todos os termos foram incorporados na definição final, porém estavam alinhados à nova definição. A definição e o desenvolvimento do trabalho do ICOM no Brasil podem ser acessados pelo site. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,%20patrim%C3%B4nio%20material%20e%20imaterial>. Acesso em: 15 out. 2022.

Com a ampliação de funcionalidades, os museus se prestam cada vez mais como aliados ao processo educacional e agentes para produção do pensamento crítico. Não se destinam apenas a apreciação e contemplação, mas a uma reflexão analítica do exposto, ao permitir contato com o sensível, com confrontos, tensões de práticas e sujeitos sociais e assim, tornam-se mediadores para a sistematização do conhecimento.

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; espaços praticados por produtores de cultura, conhecimentos; lugares educativos, que se constituem e que fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, formados por pessoas que pensam a cultura como elemento econômico e sustentável (PINHEIRO, 2015, p. 58).

São espaços de comunicação que também acompanham os entendimentos e arranjos culturais no avanço da linguagem, por isso não são inertes, se ajustam às demandas para acesso e transmissão de informações e conhecimentos e são (re)abastecidos, frequentemente, para serem explorados. De acordo com Andreoni (2011, p. 169), “observa-se uma ressignificação nos museus, na qual as premissas de conservação e preservação cedem espaço para a comunicação, onde o objeto museal, além de tombado e salvaguardado, deve ser explorado, relacionado e interpretado”.

As memórias armazenadas nos museus permitem interpretações de contextos sociais diversos. Indagar, questionar, buscar e refletir para compreender é uma tarefa intrínseca ao ser humano. As reflexões subsidiam a tomada de decisões em amplos espectros. A partir de uma dúvida seguimos rumo à uma resposta. No campo do contexto histórico-político-cultural para produção de sentido e conhecimento, nos alimentamos dos recortes oferecidos em diferentes artefatos e espaços sociais como na escola, na família, na convivência com o outro, nos livros e nos museus. Um quebra-cabeça formado ao longo da existência, no vasculhar para aprofundar, na busca de suprimentos para nossa formação identitária em constante mutação e contradição.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade

desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

A construção de identidade não segue a lógica do princípio, meio e fim, o sujeito constrói a identidade em diferentes momentos e processos a que está exposto. A identidade não é única e imutável se constitui nas relações e sistemas culturais das identidades possíveis em que os sujeitos estão imersos, em ordens local e globalizada. De acordo com Hall (2000, p. 106), não é “integral, originária e unificada”, mas fundamentada no “material e simbólico”. Assim, a identidade não é regulada por um fator, mas carregada de subjetividade com aproximações comuns à coletividade, sobretudo com a internalização de valores que se somam no curso da existência. Conforme Hall (2000, p. 108, grifos do autor), “tem a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou de ‘onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’”. Para qualquer projeção do que queremos nos tornar, precisamos entender o que nos tornamos e a análise do passado, possibilitada também pelos museus, nos ajuda neste processo, não sem tensões e estranhamentos. Chagas (2005) enfatiza isso ao propor como devem ser nossas experiências museais:

De algum modo os museus nos desesperam e, ainda assim, guardam os tesouros de nossa humanidade, tesouros que nos guardam e que, para serem encontrados e desfrutados, exigem coragem de ser, de lidar com eles de modo sensível e criativo. É preciso que nos aproximemos sem ingenuidade, mas também sem arrogância de tudo saber. É preciso que nos apropriemos deles. Um dos desafios é aceitá-los como campo de tensão. Tensão entre a mudança e a permanência, entre a mobilidade e a imobilidade, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento entre o poder e a resistência (CHAGAS, 2005, p. 24).

Os museus são espaços que propagam a publicização da história. O encontro com a materialidade, o simbólico e o imaginário nos museus nos permitem fazer buscas, enfrentar estranhamentos e elaborar respostas por meio da apropriação de histórias e de memórias que narram conflitos, conquistas, tiranias, resistências, encontros e desencontros. A elaboração, organização e compartilhamento da história pública, antes monopolizada pelo Estado e pela Igreja para não macular uma identidade nacional preconizada, começa a ser democratizada pela ação de diferentes atores sociais com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação.

Desde 1970, uma grande quantidade de arquivos antes fechados ao acesso de pesquisadores e do grande público, como os arquivos dos documentos governamentais das ditaduras latino-americanas e os arquivos do Vaticano,

tornaram-se acessíveis. Com o consequente processo de digitalização de fontes manuscritas e divulgação em larga escala de documentos históricos promovidos pelo desenvolvimento tecnológico, a história vem se tornando cada vez mais pública (BOVO; PINHEIRO, 2019, p. 124).

A democracia preconiza a transparência de informações e consequentemente, de acessos a documentos e registros variados, possibilitando que diferentes interlocutores produzam a história pública, com base em fontes confiáveis.

No Brasil, por exemplo, mostramos como a comunicação foi censurada em diferentes períodos e sob mecanismos distintos e só após 1985, com o fim do regime militar e instalação da democracia, uma jornada que exigiu esforço entre diversos atores, que a sociedade pôde acessar o não-dito e propositalmente silenciado. Em 2011, com a promulgação da Lei de Acesso à Informação, nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, cidadãs e cidadãos brasileiros puderam acessar documentos que estavam sob sigilo e os entes públicos foram obrigados a manter a transparência de suas ações políticas, especialmente por meio de portais digitais (BRASIL, 2011). O que antes fora velado, marginalizado, distorcido e afastado do domínio geral, tratado como segredo por estratégia e conveniência, pode ser reivindicado e assim, dotam os sujeitos de compreensão mais ampla da história e suas memórias.

A expressão ‘história pública’ pode ser entendida de várias maneiras. De imediato, ela evoca a ideia de acesso irrestrito, isto é, de um conhecimento histórico franqueado a todos. Especialmente em nossos dias, entende-se que clausuras serão abertas e que informações, antes censuradas ou veladas, doravante ocuparão espaços de domínio público (ALBIERI, 2011, p. 19, grifo do autor).

Muitas foram as frentes abertas que passaram a se debruçar para esmiuçar os acontecimentos silenciados e ocultados, como historiadores, acadêmicos, jornalistas e as descobertas do mosaico de registros e pesquisas se tornam públicas.

A história pública, para Almeida (2016, p. 47) “aponta possibilidades para a construção e a difusão do conhecimento histórico de maneira dialógica (entre acadêmicos e não acadêmicos)”. Outros atores sociais se juntam ao processo não apenas para esclarecer, mas também para produzir a história pública, que é feita para e/ou em conjunto com a sociedade. Como caracterizada por Santhiago (2016),

A história feita *para* o público (que prioriza a ampliação das audiências); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e*

público (que abarcaria a reflexividade e a autorreflexividade do campo) (SANTHIAGO, 2016, p. 28, grifos do autor).

Um trabalho realizado em diversas esferas que valoram as memórias de diversos sujeitos no compartilhamento de saberes, trajetórias, vivências e experiências contribuindo para a produção da história pública com intuito de (res)significação histórica por narrativas de diferentes matizes.

Para além de uma teoria, a história pública é uma prática: é uma maneira de se fazer história para e com o público. Essa prática é informada pela história disciplinar produzida nas escolas e universidades, mas tem como objetivo alcançar e se engajar com a comunidade mais ampla debatendo cultura, fornecendo serviços e facilitando o acesso à informação (BOVO; PINHEIRO, 2019, p. 125).

A histórica pública promove uma aproximação dos sujeitos pela subjetividade e afetividade que carrega e envolve diversos atores sociais. Com as tecnologias comunicacionais no ciberespaço o interesse pela história pública é ainda maior pelas facilidades em produzi-la e fazê-la circular.

A história é ‘pública’ porque sua produção saiu da tutela acadêmica e passou a ser largamente praticada, produzida por leigos, amadores, diletantes? Ou ela é pública pela dimensão da audiência que é capaz de atingir – e que cresceu exponencialmente nas últimas três décadas? Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet (MALERBA, 2017, p. 141, grifo do autor).

Os museus também participam da história pública para promover uma experiência democrática na valorização das memórias sociais e suas pluralidades e alarga a capacidade dialógica com o público para difundir o conhecimento histórico. O Museu Virtual de Uberlândia, por exemplo, é produtor de história pública: mesmo sem ter a participação direta de profissionais da História e seu ensino, foi constituído por pessoas do município para a comunidade de Uberlândia, feito com quem está inserido nesse território e, dessa forma, desencadeia um mecanismo de socialização de conhecimentos da história local a partir de memórias compartilhadas, conforme aprofundamos em seções seguintes desta tese.

Os museus desencadeiam afetos, constituem sentidos, preservam o patrimônio, colaboram para a construção de identidades e são lugares de memórias.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...) Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a

confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1984, p. 4).

As memórias subsidiam as relações, reconhecimentos e transformações sociais. Os museus abrigam e propagam as memórias. Como espaços dialógicos, feitos com e/ou para o público, adquirem dimensões educacionais. Frente às possibilidades de ampliar as redes de informação e comunicação pelas tecnologias digitais, discussões são deflagradas para que museus se insiram na cultura digital para atender demandas por valorização do passado e por preservação e transmissão de memórias para além dos métodos tradicionais, proporcionando maior interação com o público. Assim, desenvolvem-se projetos educativos nos museus e multiplicam-se os museus virtuais como espaços educativos, como discutimos no próximo tópico.

2.2.2 MUSEUS VIRTUAIS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS E DE FORMAÇÃO HISTÓRICA

Abordamos, anteriormente, o desenvolvimento das funções sociais dos museus, no âmbito da história pública. Entre suas atribuições estão a promoção de ações educativas e alguns movimentos foram determinantes para esse reposicionamento a partir do século XX.

De acordo com o IBRAM (2018, p. 16), “[...] a construção de ações comprometidas com questões educacionais, sociais, econômicas e políticas” e a utilização efetiva do museu na educação “para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola” (IBRAM, 2018, p. 16) foram discussões deflagradas em 1958, com a realização do Seminário Regional Latino-Americano, promovido pela Organização Nacional das Nações Unidas (UNESCO), no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro.

A partir da Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, organizada pelo ICOM e a UNESCO, que 40 anos depois resultou em obra em colaboração com o Movimento Internacional para uma Nova Museologia e a Diretoria de Bibliotecas, Arquivos e Museus do Chile, desenvolveu-se a concepção de “museu integral” e “museu de ação”. As discussões apontam para um novo modelo de museu, com participação efetiva de toda comunidade, gestão participativa e práticas educacionais (IBERMUSEOS, 2012). Também organizada pelo ICOM, a Declaração de Caracas, em 1992, 20 anos depois do evento no Chile, confirma as perspectivas aquilatadas dos museus que são ratificadas em outros encontros,

porém novos paradigmas são acrescidos em sinergia aos contextos sociais plurais e em transformações para tornar os museus cada vez mais espaços dialógicos e democráticos.

O funcionamento do museu é entendido pela lógica PPC (Preservação – Pesquisa – Comunicação), que não se trata de um conceito, mas uma visão proposta pela *Reinwardt Academie*¹⁴ de Amsterdam, em 1992, como finalidade do espaço. Desvallées e Mairesse acrescentam a mediação como atributo dos museus, em razão da função educativa.

[...] preservação (que compreende a aquisição, a conservação e a gestão das coleções), a pesquisa e a comunicação. A comunicação, ela mesma, compreende a educação e a exposição, duas funções que são, sem dúvida, as mais visíveis do museu. Neste sentido, parece-nos que a função educativa cresceu suficientemente nas últimas décadas para que o termo mediação lhe seja acrescentado (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 23).

Por meio do preservar – pesquisar - comunicar, os museus atuam como mediadores de homens e mulheres de diferentes lugares e tempos, proporcionando uma maior compreensão de si como participantes do processo histórico social:

Com efeito, pela mediação dá-se o encontro com as obras produzidas por outros humanos, o que permite que se atinja uma subjetividade tal que promova autoconhecimento e a compreensão da própria aventura humana que cada um vive. Tal abordagem faz do museu detentor de testemunhos e signos da humanidade, um dos lugares por excelência dessa mediação inevitável que, ao oferecer um contato com o mundo das obras da cultura, conduz cada um pelo caminho de uma maior compreensão de si e da realidade por inteiro (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 52).

Face ao exposto, os museus não devem ser pensados como lugares que apenas se ocupam de registros passados, de depósitos de documentos antigos e sim, como fomentadores de práticas educativas que permitem que o público experimente, dialogue e interaja.

O museu é ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade (PEREIRA; SIMAN; NASCIMENTO, 2007, p. 37).

O Museu do Louvre foi o primeiro a instituir um espaço com componentes educativos, em 1808, mas foi só a partir de 1920 que a utilização dos museus com funções pedagógicas

¹⁴ A *Reinwardt Academie* faz parte da Escola de Artes de Amsterdam, promove a educação patrimonial com foco no campo internacional do patrimônio cultural e museus, conforme descrito no *site* de apresentação. Disponível em: <https://www.reinwardt.ahk.nl/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

ficou evidente (BARROS, 1958). Para que isso aconteça, é preciso haver uma colaboração efetiva e diálogos entre museus e escolas.

Os museus e a escola precisam estar dispostos a trabalhar para a produção de conhecimento, transformando-se em centros de descoberta, evitando trilhar o caminho mais fácil da reprodução do conhecimento. Isto implica em reconhecer que o processo educativo não é feito para as pessoas, mas sim que acontece com as pessoas (SCHEINER, 1992, p. 18).

No Brasil foram desencadeados debates e articulações para conceber tanto a formalização da educação nos museus quanto pela Educação Museal. Ações de ensino-aprendizagem por meio dos museus foram iniciadas na década de 1930 com a Escola Nova¹⁵. A partir desse movimento, políticas de fomento às ações nos museus a serviço da educação, foram instituídas. As políticas públicas mais recentes de Educação Museal são de 2021, publicadas na Portaria nº 605, de 10 de agosto que revisou a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), instituída pela Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017, validada e implementada pelo IBRAM: “a PNEM é um conjunto de princípios e diretrizes que tem o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores” (BRASIL, 2021). Esta política, por meio de seus objetivos, incentiva a Educação Museal com efetiva participação da sociedade e utilização de mídias e tecnologias da cultura digital:

e) promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico; e f) estimular e ampliar a troca de experiências entre museu e sociedade, incentivando o uso de novas tecnologias, novas mídias e da cultura digital (BRASIL, 2021, p. 91).

¹⁵ A Escola Nova no Brasil foi uma proposta de educação construída a partir dos anos 1920 e sintetizada no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por educadores, cientistas e intelectuais, diretamente ligados ao movimento de modernização da educação, do ensino e da cultura no Brasil, como Anísio Teixeira, Cecília Meireles, entre outros. O movimento defendia uma escola pública e laica para todos que mantivessem uma estreita relação com o trabalho e com a vida. Um dos pensadores que inspirou este movimento foi o filósofo e educador norte-americano John Dewey que preconizava que a educação não deve ser realizada pelo meio da reprodução de conhecimento, mas na relação da aplicabilidade com as vivências dos indivíduos ou como o conhecimento adquirido pode colaborar com a reflexão a partir de suas experiências numa relação ‘democrática’ respeitando as individualidades, liberdade de pensamento e estímulo a criticidade e discussão. Para Dewey, “[...] a discussão deveria ser encaminhada de maneira que concentrasse o pensamento em uns poucos pontos essenciais, ao redor dos quais se organizassem outras considerações. Assim conduzida, a discussão induzirá o estudante a evocar e reexaminar o que aprendeu em suas experiências pessoais anteriores e o que aprendeu de outros (isto é, levá-lo a *refletir*) a fim de descobrir o que se relaciona, positiva ou negativamente, com o assunto do momento. Embora não se deva permitir que a discussão degenera em *bate-boca*, uma discussão ardorosa mostrará as diferenças intelectuais, os pontos de vista e interpretações opostas, o que contribuirá para definir a verdadeira natureza do problema” (DEWEY, 1979, p. 261, grifos do autor).

Porém, o desenvolvimento da educação museal proposta pelo PNEM no âmbito do IBRAM é cunhado de desafios. Para sistematizar os limites e avanços da implementação do PNEM foi realizada uma pesquisa a fim também de propor revisões, caso necessárias, para sua plena efetivação.

A Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal - Pesquisa Educação Museal Brasil, foi uma iniciativa do IBRAM, executada pelo Observatório da Economia Criativa da Bahia, em convênio com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e realizada entre agosto e outubro de 2022.

O relatório final deverá ser apresentado em 2023 e os resultados iniciais foram publicados em boletim. A pesquisa foi realizada em formato digital, por meio de questionário e foram obtidas 1153 participações de todos os estados brasileiros, sendo que 484 eram educadores museais, com ou sem vínculo com instituições, 454 eram representados por profissionais da educação museal e 215 representados por gestores de museus. A maioria, 492, se referia sobre museus tradicionais, 50 se tratava de museus territoriais ou ecomuseus e 17 de museus virtuais. O levantamento permitiu o conhecimento das atividades em 19,2% dos museus em funcionamento no Brasil. Entre os resultados obtidos verificam-se que a maioria realiza atividades educativas e voltadas principalmente para estudantes.

Das instituições representadas na pesquisa, 90,4% (603) oferecem atividades educativas e 86,5% afirmaram desempenhar estas atividades frequentemente. É interessante notar que 44,9% oferecem ações educativas diariamente e 22,1%, semanalmente. Os tipos de atividades mais comumente realizadas pelos educativos dos museus foram visitas acompanhadas (93,2%), cursos/oficinas (46,4%) e eventos (46,3%) (IBRAM, 2022a, p. 12).

Por meio desses dados, compreendemos que práticas educativas nos museus são realizadas e valorizadas, porém há problemas na efetivação do PNEM. Conforme o IBRAM (2022a, p. 18), “apesar da alta frequência, os museus enfrentam desafios para a realização das atividades educativas, como orçamento insuficiente, quantitativo insuficiente de profissionais na equipe e infraestrutura inadequada (espaços e materiais)”.

Além da superação da falta de incentivo ou recursos para a educação museal é necessária mútua cooperação entre os atores envolvidos e no âmbito da cultura escolar, entre educadores e membros de museus.

É necessário compreender que não é somente o setor educativo do museu o responsável pelos programas com as escolas; a operacionalização das

programações pode ser responsabilidade de um setor específico, ou de vários setores em interação. O que é mais importante compreender é que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação, mesmo porque, sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelos museus, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos (SANTOS, 2008, p. 141).

As ações educativas em museus necessitam de prática ordenada que requer planejamento e propostas claras, a fim de servirem à educação não formal, que extrapola o muro da escola, podendo ocorrer tanto em museus tradicionais, quanto virtuais, sendo esses últimos facilitados pelo acesso pela internet.

Os museus virtuais são arenas emergentes com repertório estético diferente dos museus físicos que possibilitam outras experiências com os acervos museais e exposições organizadas a partir deles. De acordo com Muchacho (2005, p. 1.546), “museu virtual é essencialmente um museu sem fronteiras, capaz de criar um diálogo virtual com o visitante, dando-lhe uma visão dinâmica, multidisciplinar e um contato interativo com a coleção e com o espaço expositivo”.

Com a instalação dos museus virtuais foi gerado um temor de que eles poderiam dissolver os museus físicos tradicionais, assim como quando a televisão foi concebida cogitou-se o fim do rádio ou com a comunicação por mensagem eletrônica o fim de serviços de correspondências de correios ou até a aniquilação das salas de cinema pela disponibilização de filmes em *streaming* e outros exemplos mais que poderíamos citar para exemplificar um receio comum de que o surgimento de um formato cultural coloca *sub judice* o antecessor.

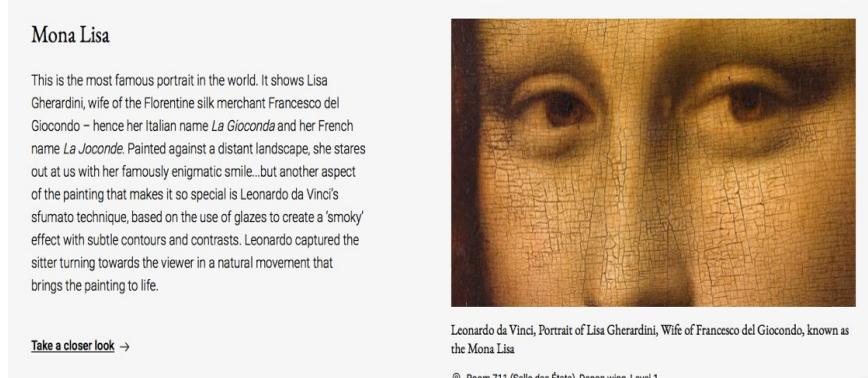
A tecnologia instalada no cotidiano hodierno é consequência do processo do desenvolvimento da linguagem humana e da comunicação. No entanto, conforme afirma Santaella (2003, p. 18), “nenhuma tecnologia da linguagem e da comunicação borra ou elimina as tecnologias anteriores. O que ela faz é alterar as funções sociais realizadas pelas tecnologias precedentes, provocando remanejamentos no papel que cabe a cada uma desempenhar”.

A tecnologia digital se tornou indissociável da humanidade e uma solução de salvaguarda de memórias entre o lembrar e esquecer. As mudanças nos paradigmas dos museus têm sido verificadas ao longo dos tempos e conferem sua flexibilidade com o desenvolvimento humano e necessidades para estabelecer novas funções e formatos de exposição que atendam as demandas sociais. Nesse contexto e com as inovações tecnológicas para preservação, comunicação e promoção de interações com o público, até os museus tradicionais se ajustam, com a disponibilidade, por exemplo, de aplicativos, baixados nas lojas virtuais nos *smartphones*, ofertando visitas guiadas por áudio, ou presença de *QRcode* nos objetos expostos,

incentivando o uso do celular durante a exploração do museu, para obter mais detalhes sobre o que é observado. De acordo com Henriques e Lara (2021, p. 211), “as novas tecnologias possibilitaram aos museus trabalharem o seu patrimônio, o seu acervo, de forma estruturada através de bases de dados, utilizando técnicas mais modernas de comunicação com o público”.

Além de hibridizar o acervo físico com bases de dados digitais para ampliar a experiência dos visitantes presenciais, alguns museus tradicionais passam a explorar as potencialidades da internet para divulgar eventos e exposições em seu espaço físico, bem como para fazer circular digitalmente os patrimônios sócio-históricos-culturais sob sua guarda. Por exemplo, o Museu Louvre¹⁶, em Paris, permite, com utilização de dispositivo eletrônico e internet, que o visitante-internauta aprecie obras destacadas, em detalhes, à distância, como uma de suas obras mais famosas: o retrato de Mona Lisa feito por Leonardo Da Vinci (figura 2).

Figura 2 - Captura de tela do *site* Museu do Louvre da imagem de Mona Lisa



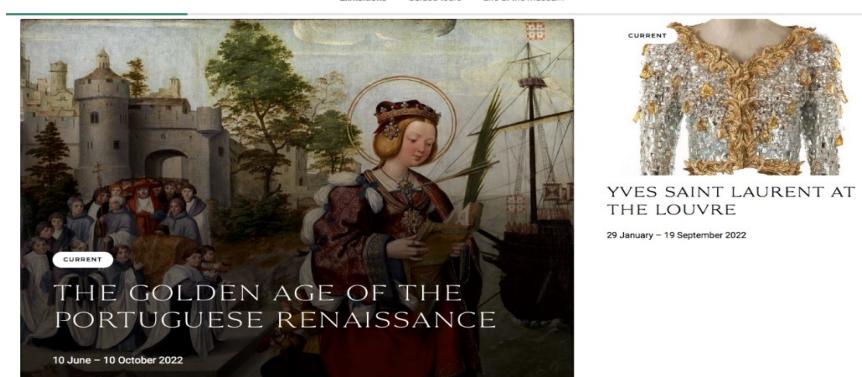
Fonte: Museu do Louvre (2022a)¹⁷

Também é possível pelo *site* do Museu do Louvre, por exemplo, comprar ingressos para visita presencial e *souvenir* vendido na loja física, saber quais as coleções e as exposições temporárias (figura 3) disponíveis, acessar o mapa do Museu para criar rotas de visitação, observar detalhes de documentos e descrições de obras por meio de audiovisuais.

¹⁶ O *site* para visitar *online* o Museu do Louvre é <https://www.louvre.fr/en>. Além do *site* oficial, quando fazemos buscas na internet sobre o Louvre, nos deparamos com inúmeras memórias produzidas e circuladas, a partir de experiências e relatos de pessoas. As memórias individuais alimentam a coletividade, as memórias sociais, e extrapolavam os redutos oficiais na dinâmica de interatividade e conectividade.

¹⁷ Disponível em: <https://www.louvre.fr/en/explore/the-palace/from-the-mona-lisa-to-the-wedding-feast-at-cana>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Figura 3 - Captura de tela do site Museu do Louvre sobre exposições



Fonte: Museu do Louvre (2022b)¹⁸

Dessa forma, percebemos que os museus rompem padrões, transpõem barreiras e se apropriam das tecnologias para socializar documentos e objetos museais, potencializar a comunicação e promover ações interativas, em linguagens múltiplas e dinâmicas com o universo conectado. Conforme Andrews e Schweibenz (1998, p. 24, tradução nossa), “o mais importante a lembrar sobre a conectividade é que ela se presta à interatividade, na qual o visitante pode se concentrar em seus interesses especiais, prosseguindo em uma espécie de diálogo com o museu virtual”.

Os museus virtuais ocupam um espaço a partir da necessidade do repensar outras formas de estreitar as relações com a sociedade e com os patrimônios culturais e não como ameaça aos tradicionais. Podemos apontar que museus virtuais e tradicionais se complementam e têm as mesmas funções museológicas. De acordo com Loureiro “destinam-se a produzir, processar e transferir informações e mantêm interface com a sociedade de modo a propiciar visibilidade/ acesso a suas coleções e informações” (2004, p. 104). Entretanto, museus virtuais e tradicionais possuem características diferentes.

As características da Internet lhes conferem [museus virtuais] configuração hipertextual, propiciando a conectividade e ampliando as possibilidades de interação com a obra, cuja(s) abertura(s) é(são) evidenciada(s) e/ou potencializada(s), além de condições peculiares de acesso, eliminando empecilhos espaciais e temporais e impondo, por outro lado, restrições de ordem cognitiva e tecnológica, assim como barreiras linguísticas. Diferem dos museus físicos, ainda, por seu caráter provisório e não necessariamente institucional, bem como pela imaterialidade inerente à imagem digital. Suas finalidades abrangem e, eventualmente, ultrapassam a educação e o lazer,

¹⁸ Disponível em: <https://www.louvre.fr/en/what-s-on/exhibitions/the-golden-age-of-the-portuguese-renaissance>. Acesso em: 30 ago. 2022.

podendo incluir propostas de participação em processos criativos (LOUREIRO, 2004, p. 104).

As comparações entre museus virtuais e tradicionais não são no sentido de contrapor ou de elevar a importância de um ou outro, mas de relacionar como ambos, mesmo com características diferentes, comungam de objetivos comuns e têm relevância social. Destarte, com a internet integralizada cada vez mais à vida dos sujeitos, até os museus tradicionais, como o Louvre anteriormente exemplificado, ocupam o ciberespaço para promover uma comunicação mais interativa e dinâmica. Para Schweibenz “[...] este desenvolvimento é inevitável devido à crescente digitalização do patrimônio cultural e a demanda para tornar as coleções mais acessíveis” (2004, s/p, tradução nossa). Tanto museu virtual, quanto museu tradicional, na visão do autor, se fundem em uma instituição de memórias combinando a utilização física e virtual.

Para aprofundar a compreensão sobre museu virtual, procuramos conceitos e percebemos que não há um consenso. Segundo Schweibenz (2004), as argumentações para designá-los estão em constante construção. Isso se dá pelas mudanças nas linguagens comunicacionais frente às tecnologias e seus avanços, na relação entre virtual e físico e porque envolve muitas disciplinas, como ciências da computação, biblioteconomia, ciência da informação e museologia (SCHWEIBENZ, 2019).

A terminologia museu virtual começou a ser utilizada a partir de 1990, nas primeiras publicações de Dennis Tsichritzis e Simon Gibbs, em artigo apresentado em 1991 na Conferência Internacional sobre Hipermídia e Interatividade em Museus e foi empregada em outras publicações e conferências, no entanto, não havia um conceito e atribuições esclarecidas. O termo se consolida com publicação de Geoffrey Lewis em 1996 na Enciclopédia Britânica:

Museu Virtual, uma coleção de imagens gravadas digitalmente, arquivos de som, documentos de texto e outros dados de interesse histórico, científico ou cultural que são acessados por meio de mídia eletrônica. Um museu virtual não abriga objetos reais e, portanto, carece da permanência e das qualidades únicas de um museu na definição institucional do termo (BRITANNICA, 1996, s/p).

Essa foi a definição inicial e desde então, intensas discussões foram deflagradas até no sentido de esclarecer virtual e real, que não são opositores. Destarte, museus virtuais não apresentam particularidades físicas abrigadas em espaço concreto delimitado como os tradicionais, mas isso não quer dizer que não são reais. Virtual não é o contrário de real, a oposição é relacionada a atualização. De acordo com Deleuze (2000, p. 199), “o virtual, ao

contrário, não se opõe ao real; ele possui uma plena realidade por si mesmo. Seu processo é a atualização”. Real e virtual coexistem na visão de Lévy (1996), o que os tornam distintos são as dimensões do tempo em que ocorrem, do tempo em movimento e de espaço sem fronteiras e encurtado. Do presente experimentado, real, que “tenho”, do potencial virtual do que “terás”, porém virtual não pode ser entendido como possível. Para Deleuze (2000, p. 199, grifo do autor), “[...]o possível opõe-se ao real; o processo do possível é, pois, uma ‘realização’”. A realização se dá na dimensão da qualidade da informação a partir do processamento do sujeito.

A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva do formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LÉVY, 1996, p. 15).

A atualização é feita no processamento das informações com a recuperação e desarquivamento das memórias.

Os museus virtuais são operados mediante uso da tecnologia e são anteriores à internet, pois o acervo pode ser transmitido por meio de multimídia, como *CD-ROM*. Porém, nesse caso, não permite uma interação eficiente e conectividade para criação de rotas a partir de sentido do sujeito na relação com o patrimônio. A partir da disseminação do uso da internet, nos anos de 1990, os museus virtuais se sedimentaram nessas perspectivas e disponibilizam o patrimônio real em virtualidade.

Ainda sobre terminologias, além de museus virtuais, conforme Schweibenz (2004, s/p), também podem ser identificados como “*online* museu, museu eletrônico, hipermuseu, museu digital, cibermuseu ou um museu da Web. [...]. Independente do nome, a ideia por trás desse fenômeno é construir uma extensão digital do museu na internet, um museu sem paredes”. Diante de tantas terminologias e diferentes apropriações, esses também são outros fatores que interferem na conceituação de museu virtual.

O museu virtual promove interações com o público sem a necessidade de uma instalação física e de acordo com Henriques e Lara (2021, p. 211), “não é a reprodução de um museu físico, mas um museu completamente novo, criado para traduzir as ações museológicas no espaço virtual”. Logo, o museu virtual é diferente de um museu que utiliza a internet para divulgar o acervo, eventos e exposições, mas que por meio da internet conecta os sujeitos e permite a construção de repertório e significados na experimentação com o patrimônio.

Nessa pesquisa nos baseamos nesta concepção de museu virtual associada à definição de Andrews e Schweibenz:

[...] uma coleção de elementos logicamente relacionados compostos em uma variedade de mídias e, por causa de sua capacidade de fornecer conectividade e vários pontos de acesso, presta-se a transcender os métodos tradicionais de comunicação com o usuário; não tem lugar real ou espaço, e a divulgação de seu conteúdo é teoricamente ilimitada (ANDREWS; SCHWEIBENZ, 1998, p. 24, tradução nossa).

Schweibenz (2004) categoriza quatro tipos de museus que utilizam a internet para transmissão: 1) *brochure museum* (museu folheto) que é uma página na internet para informar sobre funcionamento do museu físico e coleções disponíveis; 2) *content museum* (museu de conteúdo) que é um *site* com informações esmiuçadas da coleção do museu físico, um banco de dados da coleção para ser explorado virtualmente, destinado a especialistas, diante a linguagem não ser didática; 3) *learning museum* (museu de aprendizagem) que também se refere às informações sobre as coleções de um museu físico, com informações detalhadas, porém em linguagem de entendimento ampliado, que permite ao internauta visitante estabelecer relação com o tema de interesse e assim culminar em aprendizagem; e 4) *museum virtual* (museu virtual) nesse caso também é um espaço de aprendizagem, porém não apenas para oferecer informações de uma instituição, ele próprio é o acervo, não existe fisicamente em outro lugar. Nesse último se enquadra o Museu Virtual de Uberlândia, instalado virtualmente, que tem a pretensão de ser utilizado como ferramenta educacional e fonte de memórias e história pública local.

Entendemos que a internet e as tecnologias digitais possibilitam a expansão de acesso à história e às memórias produzidas e disponibilizadas além de fronteiras físicas demarcadas, no ambiente da virtualidade, em diálogo de multicódigos, em leitura em hipermídia e logo incrementam a relação com o sujeito. Conforme Magaldi (2010, p. 60), “esse mundo simulado pelo computador e acessível através da Grande Rede, a internet, é uma segunda forma de se apresentar a realidade”. Uma realidade que é real, apresentada em ambiente virtual e que pode ser potencializado em experiência a partir da realização e atualização individual.

O universo conectado em rede permite uma participação efetiva dos sujeitos, com contribuições ao processo criativo, também para produção de memória com incursão em museus virtuais, a exemplo do que realiza o Museu da Pessoa¹⁹, o primeiro museu virtual

¹⁹ Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

brasileiro, fundado na cidade de São Paulo, em 1991²⁰. O Museu da Pessoa rompe completamente com os parâmetros dos museus presenciais, não só por ocupar o ciberespaço, mas também sobre as produções para registros e circulação de memórias.

O Museu da Pessoa reúne coleções de histórias de vida, por meio colaborativo, com as experiências e vivências de quem quiser contá-las. Conforme o Museu da Pessoa (2022), “trabalha para fazer das histórias de vida um antídoto contra a intolerância. Registra, preserva e compartilha histórias de vida e através de sua tecnologia social de memória fomenta, capacita e engaja pessoas e grupos”. Até agosto de 2022, conforme pesquisa no *site* do Museu da Pessoa, constatamos a existência de 19.567 histórias disponíveis, mais de quatro mil enviadas pelas próprias pessoas e as demais escritas por voluntários que somam mais de 400. São narrativas de pessoas diversas que têm a oportunidade de compartilhar as suas memórias, não como alimentadoras de banco de dados, números que se somam a outros para abastecer as estatísticas, mas para registro de seres únicos, de contribuições como atores sociais em diferentes esferas de atuação.

A ideia de criação de um museu virtual com as histórias das pessoas nasceu da necessidade de um espaço para o registro das histórias das pessoas. Não um espaço para armazenar as histórias das pessoas famosas, mas as histórias das pessoas anônimas que não são contempladas pela historiografia tradicional ou pelas mídias tradicionais. Nesse sentido, a criação de um museu com as histórias dos anônimos, baseada na premissa da democratização da informação, tornou-se possível não somente devido ao alargamento da noção de história e de patrimônio, mas também devido à própria redefinição do papel dos museus na sociedade (HENRIQUES, 2004, p. 77).

O Museu da Pessoa fomenta projetos educativos, de memória organizacional e programas culturais, realiza exposições virtuais e físicas, um museu híbrido. O acervo é 100% digitalizado, composto de mais de 60 mil fotos e documentos, mais de 16 mil horas de conteúdo audiovisual, mais de 500 projetos, mais de 100 exposições físicas e virtuais e mais de 90 publicações, segundo informações no *site* do Museu da Pessoa, consultadas em agosto de 2022,

²⁰ O Museu da Pessoa iniciou-se em dezembro de 1991 com a exposição “Memórias & Migração”, realizada no Museu da Imagem e Som de São Paulo, com narrativas de judeus imigrantes. Nesta exposição foi aberto um espaço para que as pessoas que fossem ao local contassem e gravassem suas histórias. Conforme o Museu, “ali confirmava-se o propósito do Museu da Pessoa: permitir com que cada pessoa tenha o direito e a oportunidade de ter sua história de vida eternizada e reconhecida como uma fonte de conhecimento e compreensão pela sociedade”. (MUSEU DA PESSOA, 2022). Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/linha-do-tempo/#:~:text=Em%202020%20Museu%20da,cultural%20e%20educativa%20100%25%20online>. Acesso em: 20 ago. 2022. Em 1994 o Museu da Pessoa colaborou para criação do Museu do São Paulo Futebol Clube. Neste mesmo ano implementou os primeiros *cd-roms* multimídias e interativos com as memórias de 60 pessoas para o projeto “Memórias do Comércio de São Paulo”, em parceria com o SESC-SP. Em 1997 foi lançada a primeira versão do *site* do Museu da Pessoa, tornando-se um museu virtual (MUSEU DA PESSOA, 2022).

e nos três anos anteriores, mais de 4,5 milhões de pessoas acessaram a página eletrônica (MUSEU DA PESSOA, 2022). O reconhecimento pelo trabalho desenvolvido já rendeu 16 prêmios ao Museu da Pessoa que produz, preserva, organiza em exposições e faz circular memórias, em uma mecânica colaborativa e inclusiva, na qual os sujeitos se reconhecem por meio das histórias narradas.

Ao estimular que as pessoas por si mesmas, contem e ouçam as suas histórias de vida, o Museu da Pessoa busca colaborar com o desenvolvimento de uma sociedade que reconhece e valoriza o outro. Acreditamos que toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social: de que ouvir o outro é essencial para respeitá-lo e compreendê-lo; e que toda pessoa tem um papel como agente de transformação da História (WORKMAN; PEREIRA, 2006, p. 199).

De acordo com Schweibenz (2004, s/p), “[...] o museu virtual alcançará os visitantes que talvez nunca possam visitar um determinado museu pessoalmente”, está a um clique de distância e promove uma comunicação dinâmica em constante renovação. Com o computador interligado à internet, as informações, os saberes acumulados e as memórias estão disponibilizadas em volumosos amontoados prontos para acesso em escala universal.

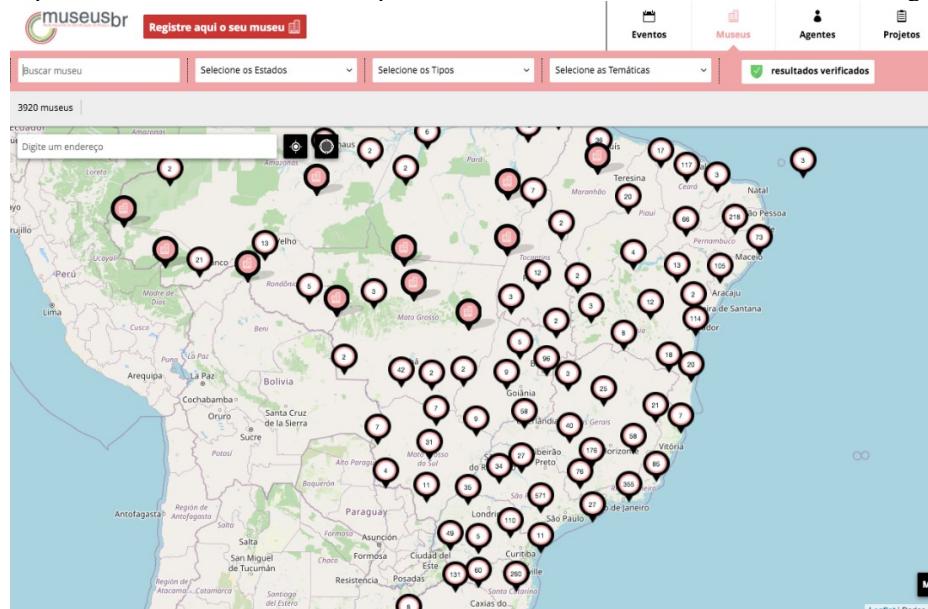
Com o reposicionamento de assentamento dos museus, a serviço da sociedade e contextos que primam pela preservação, diversidade e inclusão, com funções de produção de sentido, construção de identidade e práticas educacionais, os museus virtuais democratizam o acesso em ordem global. Conforme Castells,

Nesse contexto, os museus podem tornar-se protocolos de comunicação entre diferentes identidades, comunicando a arte, a ciência e a experiência humana; e podem estruturar-se como conectores de diferentes temporalidades, traduzindo-as numa sincronia comum, mas mantendo, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica. Finalmente, eles podem ligar as dimensões globais e locais de identidade, o espaço e a sociedade local (CASTELLS, 2015, p. 60).

Os museus virtuais se proliferam no tempo urgente da internet, instigando encontros e possibilitando experiências. Os museus tradicionais também aumentaram quantitativamente. Movimentos que sugerem a preocupação com a preservação das memórias em lugares tanto físicos quanto virtuais. Analisamos os números de museus no Brasil, conforme pesquisa até agosto de 2022. De acordo com a plataforma de Cadastro Nacional de Museus (CNM) na página

da internet do Museusbr²¹, do IBRAM, órgão do Ministério do Turismo, apoiado pela Rede Nacional de Identificação de Museus, existem 3.920 museus cadastrados, conforme captura de tela do *site* do órgão (MUSEUSBR, 2022) (figura 4).

Figura 4 - Captura de tela do Museusbr com quantitativo de museus cadastrados no Brasil até agosto de 2022



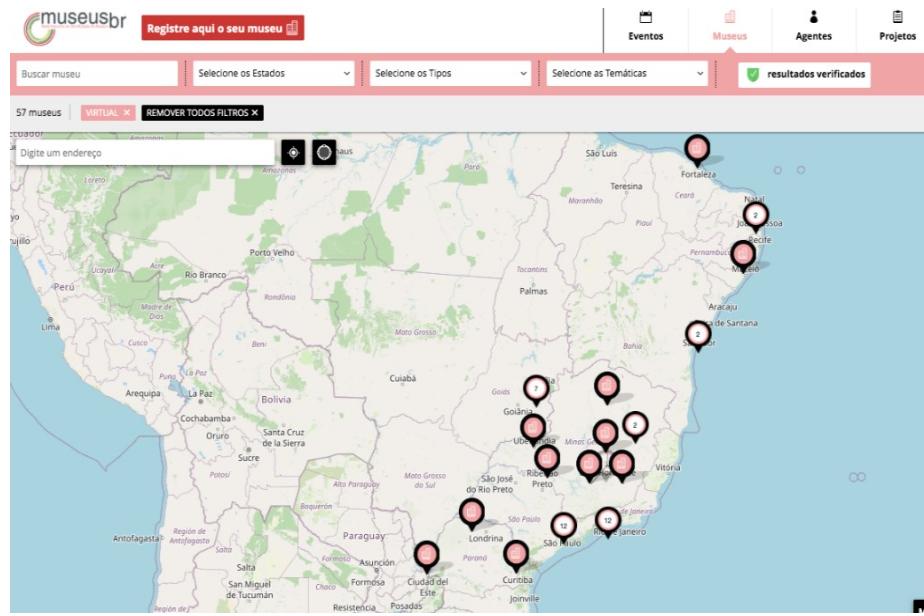
Fonte: Museusbr (2022)²²

Dos 3920 museus cadastrados no Museusbr, 57 são museus virtuais, 7 destes criados em Minas Gerais, como o Museu Virtual de Uberlândia (figura 5).

²¹ A plataforma Museusbr mapeia e a atualiza dados sobre os museus de forma dinâmica. O abastecimento é realizado de forma colaborativa e democrática por meio de *software* livre. O *site* de acesso do Museusbr é: <http://museus.cultura.gov.br/>.

²² Disponível em: [http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!t\),filterEntity:space\)}](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space)}). Acesso em: 30 ago. 2022.

Figura 5 - Captura de tela Museusbr com quantitativo de museus virtuais cadastrados no Brasil até agosto de 2022



Fonte: Museusbr (2022)

Em 2011 foi publicado o livro “Museus em Números” pelo IBRAM, a partir dos dados do CNM, para estudo estatístico no campo museal (IBRAM, 2011a). Foram mapeados 3.025 museus no Brasil até 10 de setembro de 2010. Em 11 anos, de 2011 a 2022, houve aumento de 895 museus no país, o que representa crescimento de 29,59%. As regiões Sudeste e Sul do país concentram o maior número de museus: 67% (figura 6).

Figura 6 - Quantidade de museus mapeados e cadastrados, segundo Unidades da Federação e grandes regiões, Brasil, 2010

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TOTAL DE MUSEUS MAPEADOS		MUSEUS CADASTRADOS JUNTO AO CNM	
	FREQUÊNCIA SIMPLES	%	FREQUÊNCIA SIMPLES	%
BRASIL	3.025	100,0	1.500	100,0
Norte	146	4,8	70	4,7
Rondônia	15	0,5	4	0,3
Acre	23	0,8	11	0,7
Amazonas	41	1,4	17	1,1
Roraima	6	0,2	1	0,1
Pará	42	1,4	27	1,8
Amapá	9	0,3	7	0,5
Tocantins	10	0,3	3	0,2
Nordeste	632	20,9	273	18,2
Maranhão	23	0,8	11	0,7
Piauí	32	1,1	10	0,7
Ceará	113	3,7	55	3,7
Rio Grande do Norte	65	2,1	30	2,0
Paraíba	63	2,1	14	0,9
Pernambuco	98	3,2	46	3,1
Alagoas	61	2,0	26	1,7
Sergipe	25	0,8	10	0,7
Bahia	152	5,0	71	4,7
Sudeste	1.151	38,0	571	38,1
Minas Gerais	319	10,5	165	11,0
Espírito Santo	61	2,0	26	1,7
Rio de Janeiro	254	8,4	118	7,9
São Paulo	517	17,1	262	17,5
Sul	878	29,0	453	30,2
Paraná	282	9,5	99	6,6
Santa Catarina	199	6,6	119	7,9
Rio Grande do Sul	397	13,1	235	15,7
Centro -Oeste	218	7,2	133	8,9
Mato Grosso do Sul	54	1,8	27	1,8
Mato Grosso	43	1,4	28	1,9
Goiás	61	2,0	39	2,6
Distrito Federal	60	2,0	39	2,6

Fonte: IBRAM (2011a)

Em ordem crescente, os cinco estados com maior quantitativo de museus são: São Paulo (517), Rio Grande do Sul (397), Minas Gerais (319), Paraná (282) e Rio de Janeiro (254). A concentração está relacionada aos investimentos empregados pelos entes federados que no Sudeste por exemplo, representam 40% do orçamento, segundo levantamento do “Museus em Números” (IBRAM, 2011a). Verifica-se também que dos 5.564 municípios brasileiros em 2010, em 4.390, ou seja, 78,9% das cidades, não existem museus, conforme figura 7, a seguir:

Figura 7 - Distribuição de municípios, população e museus por unidades da federação e grandes regiões, Brasil, 2010*

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	TOTAL DE MUSEUS MAPEADOS		MUSEUS CADASTRADOS JUNTO AO CNM	
	FREQUÊNCIA SIMPLES	%	FREQUÊNCIA SIMPLES	%
BRASIL	3.025	100,0	1.500	100,0
Norte	146	4,8	70	4,7
Rondônia	15	0,5	4	0,3
Acre	23	0,8	11	0,7
Amazonas	41	1,4	17	1,1
Roraima	6	0,2	1	0,1
Pará	42	1,4	27	1,8
Amapá	9	0,3	7	0,5
Tocantins	10	0,3	3	0,2
Nordeste	632	20,9	273	18,2
Maranhão	23	0,8	11	0,7
Piauí	32	1,1	10	0,7
Ceará	113	3,7	55	3,7
Rio Grande do Norte	65	2,1	30	2,0
Paraíba	63	2,1	14	0,9
Pernambuco	98	3,2	46	3,1
Alagoas	61	2,0	26	1,7
Sergipe	25	0,8	10	0,7
Bahia	152	5,0	71	4,7
Sudeste	1.151	38,0	571	38,1
Minas Gerais	319	10,5	165	11,0
Espírito Santo	61	2,0	26	1,7
Rio de Janeiro	254	8,4	118	7,9
São Paulo	517	17,1	262	17,5
Sul	878	29,0	453	30,2
Paraná	282	9,5	99	6,6
Santa Catarina	199	6,6	119	7,9
Rio Grande do Sul	397	13,1	235	15,7
Centro -Oeste	218	7,2	133	8,9
Mato Grosso do Sul	54	1,8	27	1,8
Mato Grosso	43	1,4	28	1,9
Goiás	61	2,0	39	2,6
Distrito Federal	60	2,0	39	2,6

Fonte: IBRAM (2011a)

*O Distrito Federal não se divide em municípios, portanto, os dados apresentados na tabela referem-se à cidade de Brasília

A constatação tanto na concentração de museus em determinadas regiões quanto na ausência desses espaços em outras localidades no país, revela o desafio no desenvolvimento de políticas públicas para dispersar as desigualdades no acesso às memórias preservadas pelos museus e democratizar as experiências nesses espaços que contribuem para o conhecimento de nossa história, cultura, ciência, meio ambiente e para reflexão das dinâmicas sociais.

Mesmo com esta desigualdade regional percebemos aumento no quantitativo das instituições. Em 2011, segundo o IBRAM, o Brasil possuía cinco vezes mais museus do que nos anos de 1970 e duas vezes mais que no início dos anos de 1990. A base de dados que abasteceu o livro “Museus em Números”, provém do “Guia dos Museus Brasileiros”, publicado também em 2011 pelo IBRAM para sistematizar informações dos museus no país. Conforme o

“Guia dos Museus Brasileiros”, a respeito dos museus virtuais no Brasil, eram 23 até o ano de 2011 (IBRAM, 2011b), conforme demonstrado na figura 8.

Figura 8 - Captura de tela Museus Virtuais Cadastrados IBRAM até 2011

Museu Virtual	Ano de Fundação	Cidade de Origem
Instituto Museu da Pessoa.Net (Museu da Pessoa).	1991	São Paulo - SP
Museu Clube da Esquina	2004	Belo Horizonte - MG
Museu Virtual do Rio Grande	2003	Rio Grande - RS
Museu Virtual de São José do Norte	2004	Rio Grande - RS
Museu Virtual In-Pró	1997	Florianópolis - SC
Museu Virtual do Transporte Urbano	Sem informação de data	Brasília - DF
Museu Virtual da Educação em Goiás	Sem informação de data	Goiânia - GO
Museu Virtual Guido Viaro	Sem informação de data	Curitiba - PR
Museu Virtual Paul Garfunkel - Imagens do Brasil	Sem informação de data	Curitiba - PR
Museu Virtual Poty Lazzarotto	Sem informação de data	Curitiba - PR
Museu Virtual Miguel Bakun	Sem informação de data	Curitiba - PR
Museu Maçônico Paranaense	2008	Curitiba - PR.
Museu Virtual da Faculdade de Medicina da UFRJ	Sem informação de data	Rio de Janeiro- RJ
Museu Virtual Memória da Propaganda	Sem informação de data	Porto Alegre - RS
Museu Virtual da Moda	Sem informação de data	São Paulo - SP
Museu Virtual	Sem informação de data	São Carlos- SP
Museu Virtual de Maricá	1999	Maricá-RJ
Museu do Rádio	Sem informação de data	Porto Alegre -RS
Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília	Sem informação de data	Brasília - DF
Museu do Calçado de Franca	Sem informação de data	Franca- SP
Museu da Corrupção	Sem informação de data	São Paulo - SP
Museu Virtual de Arte Brasileira	1998	Rio de Janeiro - RJ
Museu do Sexo	2003	São Paulo - SP

Fonte: Vasconcelos (2014)²³

Conforme os dados do IBRAM, em 11 anos, de 2011 a 2022, a quantidade de museus virtuais no Brasil passou de 23 para 57, ou seja, crescimento de 147,83%. Até 2011, estavam distribuídos em sete estados brasileiros e no Distrito Federal e em 2022 estão em 12 estados e

²³ A quantidade e os nomes museus virtuais constam no “Guia dos Museus Brasileiros”, produzido pelo IBRAM e publicado em 2011. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sul.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022. Porém, no documento disponibilizado na internet não são informados todos os dados como ano de fundação, local da fundação ou *site* e quando pesquisamos pelos nomes na internet nem todos os *sites* são localizados. Para tanto, utilizamos o levantamento realizado por Vasconcelos (2014).

no Distrito Federal, sendo que a maioria concentrada na região Sudeste e as cidades com maior número são: São Paulo e Rio de Janeiro, com 12 cada uma (IBRAM, 2022b).

Os museus virtuais assim como os tradicionais, por meio de suas fontes, majoritariamente, materiais, iconográficas e audiovisuais, permitem compreensões do contexto histórico-cultural-político-social e possibilitam uma aprendizagem significativa acerca das questões sociais e políticas.

A apresentação sensível, que distingue o museal do textual gerado pela biblioteca, que oferece uma documentação transmitida pelo suporte escrito (e principalmente impresso: o livro) e requer não somente o conhecimento de uma língua, mas igualmente, o domínio da leitura, o que conduz a uma experiência ao mesmo tempo mais abstrata e mais teórica. O museu, por sua vez, não reivindica nenhuma dessas aptidões, pois a documentação que ele apresenta é principalmente sensível, isto é, perceptível pela visão e pela audição, e mais raramente pelos outros três sentidos – o tato, o gosto e o odor (DESVALÉS; MAIRESSE, 2013, p. 55-56).

Entretanto, se os autores desconsideram que o conhecimento de uma língua escrita não é empecilho para experiência em museu e os sentidos humanos como suficientes para compreensões, há outras barreiras que devemos considerar. Os museus tradicionais, em espaço físico construído, têm limitantes ao acesso, como questões geográficas para deslocamentos, horários para visitação e podem requerer quantia em espécie para autorizar a exploração do local, por exemplo. Mesmo que os museus estejam em ambiente virtual, desterritorializados, o que a princípio, democratiza o acesso, podem não alcançar todos em amplitude, pois requerem um bom equipamento digital e uma conexão de qualidade à internet, com condições adequadas de tráfego e dados. Superado o desafio de garantia de acesso à internet, Conway (2001) chama a atenção sobre ações e mecanismos para preservação e circulação de memórias do patrimônio em ambiente digital e considera os seguintes aspectos: custódia, importância social, estrutura, cooperação, longevidade, escolha, qualidade, integridade e acesso. A partir dessas nove dimensões sistematizadas pelo autor, analisamos o Museu Virtual de Uberlândia, seus acervos e ações.

Sobre “custódia” o autor alerta que mesmo após a digitalização deve-se ter a preocupação da preservação do patrimônio em sua forma original. Conway (2001) afirma que,

[...] uma biblioteca, arquivo ou museu, não pode tomar a decisão de adotar tecnologias de imagem para conversão e armazenagem permanente de coleções de pesquisa sob a forma digital, sem um profundo e contínuo compromisso com a preservação pela instituição de origem (CONWAY, 2001, p. 23).

Com relação à custódia, parte expressiva do acervo do Museu Virtual de Uberlândia é constituído por entrevistas gravadas pela equipe da Close Comunicação que também é responsável pelo Museu. Parte do acervo está em fitas magnéticas que são acopladas em câmeras para gravações de entrevistas com moradores de Uberlândia. As fitas magnéticas não são garantias que esses arquivos se mantenham íntegros, devido à deterioração provocada pela exposição ao tempo, pois os materiais que compõem as fitas magnéticas não preservam suas características a longo prazo. Essa situação representa uma preocupação sobre “custódia” com relação a qualidade futura desses materiais originais. Parte dos conteúdos gravados nas fitas magnéticas estão digitalizados e arquivados em espaços digitais com grande capacidade de armazenamento e indexados em plataformas digitais para facilitar acesso, divulgação e manuseio.

A urgência da sociedade contemporânea em transformar tudo, tudo em – textos, imagens, vídeos, música – para formatos digitais é justificada pela enorme economia de espaço físico de armazenamento e, sobretudo, pelos extraordinários ganhos de produtividade e eficiência proporcionados pela otimização dos fluxos de trabalho (SAYÃO, 2005, p. 114).

Mesmo com esse cuidado com a digitalização, o acervo da Close Comunicação não passou por um processo de catalogação que possibilite uma quantificação e controle exato de quantos arquivos estão gravados em fitas magnéticas ou quantos estão digitalizados. Além das entrevistas, há também o acervo das revistas Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre e outras publicações impressas que também foram digitalizadas e disponibilizadas em plataformas digitais que estão especificadas na seção 3 desta tese. Outras fontes disponibilizadas digitalmente no Museu Virtual estão sob custódia de outros acervos como o do Arquivo Público Municipal e alguns entrevistados ou familiares de pessoas cujas trajetórias foram narradas no Museu.

Sobre a “importância social”, conforme Conway (2001, p. 24), “[...] tem menos a ver com a consciência histórica ou com a memória do grupo – conforme os defensores da preservação tradicional têm pretendido – e muito mais com relação aos serviços oferecidos às comunidades acadêmicas, eruditas e públicas”. Para o idealizador do Museu Virtual de Uberlândia – Celso Machado, em oficina *online* realizada em 2020 para orientar professoras da Educação Básica local sobre como utilizar o Museu, as duas funções sociais se aglutinam:

[...] o que a gente busca no Museu, a Adriana²⁴ contribuiu demais nisso, esta questão das “salas” é, de certa forma, dar um significado, uma interpretação. Ela colocou muito bem que toda memória ela tem valor, mas quando ela tem utilidade, a importância dela cresce. Então, a gente fica muito feliz quando vê a utilização de nossos conteúdos. E porque é importante a gente ter esse cuidado de preservar o conteúdo. [...] o museu também é uma forma de perenizar [...]. O armazenamento na nuvem com redundância que nos permite ter este conteúdo, que a gente produz, que a gente recupera com tanto carinho, preservado (MACHADO, 2020a)²⁵.

Enfim, o Museu Virtual de Uberlândia pode ser considerado tanto uma interpretação da história local, quanto uma fonte de pesquisa sobre memórias e histórias locais, sendo útil para professoras, estudantes e “curiosos”, conforme afirma Adriana Sousa (2020) na introdução da oficina. Além disso, ela fala de sua utilidade para formação de jornalistas, tanto para eles conhecerem a história da mídia local (há entrevistas no Museu com profissionais desse setor), quanto para descobrirem um novo mercado de atuação que é “contar história de cidades, de pessoas, de empresas” (SOUZA, 2020).

Sobre “estrutura”, de acordo com Conway (2001, p. 16), é a “estrutura organizacional que proporciona a alocação de recursos para a preservação interativa”. O Museu Virtual de Uberlândia, mantido por uma empresa privada - a Close Comunicação, com o patrocínio de leis de incentivo à cultura, conta com colaboradores especializados em tecnologia e comunicação para produzir, preservar e fazer circular memórias disponibilizadas de forma interativa para o público que participa com opiniões, sugestões e compartilhamento de materiais. Enfim, é um Museu organizado por empresário local (Celso Machado) que contrata mais profissionais das áreas de Comunicação e Tecnologias do que de História e Arquivística, o que pode explicar as fragilidades na catalogação e organização das fontes que são discutidas na seção 4.

Em relação à “cooperação”, Conway (2001) considera o desafio em manter a preservação dos arquivos em ambiente digital diante ao alto custo financeiro. Destaca assim, a importância dos museus virtuais buscarem entidades financiadoras para manutenção do projeto. Mas também alerta que os responsáveis podem enfrentar dificuldades quando essas entidades de apoio mensuram retornos ou benefícios imediatos. No caso do Museu Virtual de Uberlândia, a cooperação se dá por meio de fomento de leis de incentivo à cultura e patrocínio de empresas privadas. Porém, nos últimos anos, houve a interrupção desse aporte financeiro e dificuldade em encontrar patrocinadores, conforme analisamos adiante nesta pesquisa.

²⁴ A jornalista Adriana Souza foi, junto com Celso Machado, idealizadora do Museu Virtual de Uberlândia.

²⁵ Gravação da Oficina *online* “Memória de Uberlândia” realizada em 25 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia>. Acesso em: 08 maio 2023.

Sobre “longevidade”, segundo Conway (2001, p. 24), a “viabilidade dos arquivos de imagem digital depende muito mais da expectativa de vida dos sistemas de acesso - um elo tão resistente quanto seu mais frágil componente”. A incerteza se aplica na disponibilização futura dos arquivos digitalizados hodiernamente, sobre se permanecerão ativos para acesso diante às frequentes mudanças tecnológicas. Há a preocupação da Close Comunicação na digitalização de parte dos materiais captados inicialmente em fitas magnéticas para formatos mais acessíveis, tanto para manuseio interno e otimização do trabalho quanto para disponibilização em universo digital. No entanto, há dúvidas sobre se as configurações dos sistemas tecnológicos digitais futuros serão compatíveis aos atuais, o que Sayão (2005) considera uma ameaça de amnésia digital.

Sobre “escolha”, conforme Conway (2001, p. 25) afirma, “a seleção para preservação em forma digital não é uma escolha imediata, feita ao final do ciclo de vida de um item, mas um avançado processo intimamente ligado ao uso efetivo de arquivos digitais [...] de modo a continuar sua preservação”. No caso do Museu Virtual de Uberlândia não há inicialmente, escolha deliberada sobre quais materiais devem ser inseridos na plataforma, mas a partir das entrevistas já digitalizadas pela Close Comunicação. A manutenção do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e do processo de digitalização e disponibilização das fontes no Museu é motivada pelo entusiasmo do seu criador - Celso Machado - em publicizar as histórias que ele escolhe contar, conforme discutimos mais nas seções 3 e 4. Além disso, apesar de não termos obtido dados do número total de visualizações obtidas pelo Museu, nem a origem das mesmas, observa-se um certo interesse da comunidade sobre as memórias e histórias nele compartilhadas, no documento de Prestação de Contas do Memorial Nós²⁶ elaborado em 2018: a partir de estatística de acesso do *Google Analytics* o site recebeu 14 mil usuários em 16 mil sessões.

Sobre a preservação da “qualidade”, de acordo com Conway (2001, p. 25), “[...]é assegurar, o mais ampla e tecnicamente possível, o conteúdo intelectual e visual, para, então, apresentá-lo aos usuários da maneira mais adequada às suas necessidades”. Esse critério se relaciona diretamente com o de “acesso” que, segundo o autor (2001, p. 25), é de responsabilidade dos administradores “que têm a responsabilidade de selecionar o sistema adequado para a conversão de materiais de valor permanente”, bem como “facilitar o acesso permanente às versões digitais”. O Museu Virtual de Uberlândia preserva memórias de alguns grupos sociais do município e tenta organizar os conteúdos por temáticas, em “salas” e abas

²⁶ A “Prestação de Contas Memorial Nós” foi elaborado por Adriana Sousa em abril de 2019 e consta no arquivo de documentos da Close Comunicação. A íntegra do documento está inserida no anexo 1 dessa pesquisa.

para uma navegação amigável, além de permitir pesquisas por meio de buscas para que o internauta crie seu próprio roteiro de interesse. O *site* é responsivo, pode ser acessado por computadores ou *smartphones* com visual e funcionamento adequados, porém há problemas pontuais conforme detalhamos adiante nesta pesquisa.

Com relação à “integridade”, Conway (2001) considera os aspectos físicos (perda de informações originais na migração para ambiente digital) e intelectuais (se refere a indexação de informações como parte do conteúdo digital). O autor alerta ainda para que os arquivos sejam assegurados para que não sofram modificações intencionais ou acidentais. Sobre a “integridade física” dos materiais digitalizados e disponibilizados no Museu Virtual de Uberlândia não podemos aferir se há perdas com processo de digitalização, porém percebemos que nem todos os conteúdos possuem textos descritivos com informações sobre vídeos e autoria de imagens de arquivo utilizadas ou de datas de quando os materiais são realizados.

Finalizamos aqui a seção que, para compreender a preservação e circulação de memórias na cultura digital, buscou mais detalhamentos das atribuições dos museus, com foco nos virtuais, destarte nossa pesquisa analise o fenômeno com o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, com ênfase no Museu Virtual de Uberlândia. Nas próximas seções, descrevemos e analisamos mais profundamente essa experiência.

3 O MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA COMO OBJETO DE ESTUDO: caminhos metodológicos

Os museus despertam o sensível, desencadeiam afetos, até sentimentos superiores como: compaixão, empatia e altruísmo, que juntos a outros, equilibram e sustentam as relações humanas; servem como condutores de sentidos, construções sociais e de aprendizagem. Os museus se habilitam como espaços educativos e de formação histórica e fomentam a autonomia dos sujeitos por meio das informações e documentos que abrigam e possibilitam o conhecimento. O conhecimento do passado abre possibilidades para pensar e construir e futuros, a partir de ações no presente.

Por meio de conceitos e abordagens tratados nas seções anteriores, analisamos como o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, com foco no Museu Virtual de Uberlândia, participa do processo de produção, preservação, organização e circulação de memórias de alguns grupos sociais de Uberlândia e da construção de uma narrativa pública sobre a história local. Examinamos a arquitetura do *site*, quais os conteúdos disponibilizados na página principal e abas, quais as memórias produzidas, quem são os sujeitos, lugares e as histórias privilegiadas, a partir dos enquadramentos realizados, da *agenda setting* e *framing* e da transmissão de conteúdos apoiados na internet para geração de interação, engajamento e divulgação do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre.

Analisamos as capas da revista Almanaque e materiais dos *sites* Uberlândia de Ontem e Sempre e Close Comunicação para aprofundarmos as compreensões sobre quais memórias o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre quer evidenciar. Realizamos ainda entrevistas com os idealizadores do Museu Virtual de Uberlândia na busca de respostas às lacunas nas análises dos dados e outros entendimentos para a tessitura dessa pesquisa.

Nessa seção, traçamos esse percurso metodológico criado para observar e compreender os conteúdos do *site* Museu Virtual de Uberlândia e a relação com as demais mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, para em seguida apresentar nosso objeto de estudo por meio da análise de sua criação, fomentos, arquitetura e conteúdos disponibilizados.

3.1 Processos metodológicos: abordagem da pesquisa

Para desenvolvermos a investigação sobre as memórias produzidas, preservadas, organizadas e compartilhadas no *site* Museu Virtual de Uberlândia e sua relação com a produção

transmídia do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, optamos pela abordagem qualitativa que nos permite analisar os fenômenos e seus elementos construídos a partir da realidade social. Segundo Silva e Menezes:

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

Também realizamos pesquisa quantitativa ao analisar a arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia. Para Silva e Menezes:

Pesquisa Quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.) (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

O desenvolvimento desse estudo foi realizado através de pesquisas dos tipos descritiva e exploratória. Conforme Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Além da análise detalhada e descritiva do objeto de estudo, aprofundamos as observações para entendermos a preservação e circulação de memórias por meio da produção do processo transmídia na cultura digital, a constituição da memória social a partir dos conteúdos, personagens e acontecimentos de memórias e história local no Museu Virtual de Uberlândia, como são estruturadas e disponibilizadas as memórias sociais no *site*, o processo transmídia do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e as ações do Museu para o ensino da história local.

Assim, também utilizamos a pesquisa exploratória, na busca de mais dados e informações para uma investigação mais precisa. Sobre pesquisa exploratória, conforme Gil (2002, p. 42), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. A coleta e análise das fontes de dados da pesquisa foram feitas por meio da pesquisa

documental, pesquisa bibliográfica e realizamos procedimentos de entrevistas para a coleta de fontes orais.

Balizamos a construção desta pesquisa no diálogo com diversos autores para estabelecer compreensões que não são totalizantes, pois sempre há algo não abordado diante às escolhas e há o novo a ser acrescido aos saberes já acumulados. Buscamos referenciais para subsidiar a contextualização de conceitos, bases de conhecimentos já desvelados e expostos em fartos conteúdos bibliográficos no assentamento de elos a este estudo que evidencia a narrativa transmídia, história pública, história local, memórias, cultura digital, jornalismo, museu e museu virtual, como apresentado na seção 2 desta tese. A pesquisa bibliográfica, conforme Stumpf (2006, p. 51) é “[...] um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário”.

Nossa pesquisa também é documental, pois analisamos, além do próprio *site* do Museu e suas postagens, portarias, editais de financiamentos e ainda documentos que fazem parte de arquivos da Close Comunicação, como relatórios de prestações de contas sobre o Museu Virtual de Uberlândia, que nos subsidiam de mais elementos para compreender as pretensões e desafios identificados pelos organizadores do Museu. Segundo Gil (2002, p. 47) “[...] pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema ou, então, hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios”.

Para viabilizar a realização da análise do *site* como documento, desenvolvemos a pesquisa em várias etapas. Em um primeiro momento, para conhecer detalhadamente nosso objeto de estudo, analisamos a arquitetura do *site*, por meio de uma exploração panorâmica da estrutura e conteúdo dele. Em seguida, analisamos mais profundamente os conteúdos destacados na página inicial e abas do Museu, no mês de setembro de 2022 e a partir desses materiais, o desenvolvimento do processo de narrativa transmídia entre o *site*, revista Almanaque e programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” para compreender os sentidos criados para acontecimentos e personagens da história de Uberlândia, conforme as ligações sociais e interesses de quem produziu, coletou e organizou as fontes do Museu.

Como havia a possibilidade de atualização do *site* do Museu Virtual de Uberlândia, com abastecimentos de novos materiais, capturamos imagens de todos os conteúdos postados, na página principal e abas, em setembro de 2022. Foi necessário fazer este congelamento do *site* e o arquivamento das imagens capturadas para que não corrêssemos o risco de perder nossas fontes, devido a rotatividade de inserção de outros conteúdos, caso fosse realizada.

Além da análise do *site* do Museu Virtual de Uberlândia e para melhor compreender informações nele registradas, realizamos também a coleta de dados por meio de entrevistas com os idealizadores do Museu Virtual de Uberlândia. A entrevista, segundo Gil (1999, p. 117), “por sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante no desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação”.

Recorremos à entrevista em profundidade e semiestruturada para melhor compreensão do processo de criação, produção, organização e manutenção do Museu Virtual de Uberlândia, suas intenções no campo educacional e sua relação com os outros produtos do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Segundo Duarte (2006, p. 64), “a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido”. Para a realização da entrevista estabelecemos um roteiro²⁷ a partir de sete eixos temáticos:

- I - Sobre os idealizadores do Museu (formação e relação com o *site*);
- II - Sobre a criação do Museu Virtual de Uberlândia, sua equipe e patrocínio (percurso de idealização, implantação e relação com patrocinadores);
- III – Sobre o Museu Virtual de Uberlândia enquanto espaço de memórias e histórias (quais as histórias e memórias querem contar, preservar e circular);
- IV – Sobre a organização e acervo do Museu Virtual de Uberlândia (estrutura e organização do *site*, diferentes suportes e linguagens das mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, acervo, digitalização e narrativa transmídia);
- V – A Close Comunicação, Nós Projetos, o Museu Virtual, jornalismo e interatividade (linguagem jornalística, público alvo, atualização de conteúdos no *site*, conectividade e interação com público e resultados);
- VI – O Museu Virtual de Uberlândia e a educação escolar (direcionamento à educação não formal e formal e ações educacionais);
- VII – Questões finais (desafios para manutenção e desenvolvimento do Museu).

As entrevistas foram gravadas e realizadas presencialmente com Celso Machado em 27 de outubro de 2022 e por videoconferência com a jornalista Adriana Sousa em 28 de outubro

²⁷ O roteiro completo da entrevista encontra-se no apêndice A desta pesquisa.

de 2022. A partir dessas entrevistas, nos aproximamos da história oral para obter mais informações e outros pontos de vista a partir das memórias e experiências dos idealizadores do Museu Virtual de Uberlândia até o vivido no tempo presente. De acordo com Meihy (2005):

Como registros de experiências de pessoas vivas, expressão legítima do ‘tempo presente’, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão e da eventual análise das entrevistas, ou mesmo no estabelecimento de um texto (MEIHY, 2005, p. 17, grifo do autor).

As entrevistas realizadas com Celso Machado²⁸ e Adriana Sousa²⁹ nos apresentam uma possibilidade profícua para mais compreensões como sobre as tentativas de aproximações do Museu com as escolas e as ações educativas desenvolvidas com a realização das oficinas. Os relatos orais somados aos outros processos metodológicos adotados nos dão suporte para o esclarecimento sobre o problema desta pesquisa que é como a criação do processo transmídiático da Close Comunicação e Nós Projetos participa do processo de preservação, organização e circulação das memórias de diferentes grupos sociais de Uberlândia e do ensino da história local, por meio da produção de conteúdo do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre com foco no Museu Virtual de Uberlândia entre os anos de 2015 e 2022.

Nos próximos tópicos, apresentamos detalhadamente o nosso objeto de estudo - o Museu Virtual de Uberlândia, iniciando pela sua arquitetura.

3.2 Da criação à arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia

Os museus virtuais utilizam a interface da *web*, servidores com endereço de identificação e *Internet Protocol* (IP), que nos fornecem um domínio para acesso. A finalidade destes não deve ser de meros repositórios, depositórios ou banco de dados, mas de promover exposições que produzam sentido, instigam o sensível e provocam reflexões. A arquitetura do *site* tem que ser interessante, funcional, de fácil manuseio, atrativa e com conteúdos de qualidade e educativos.

No ciberespaço, há uma hibridização de linguagens (SANTARELLA, 2005). Dados digitais em áudio, vídeo, texto escrito, imagem - hipermídia, que permitem que o sujeito migre

²⁸ MACHADO, Celso. Entrevista I. [out. 2022]. Entrevistadora: Ludmila Bahia Franco Faria. Uberlândia, 2022. 1 arquivo .mp3 (69 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice B desta pesquisa. A transcrição foi revisada e autorizada pelo entrevistado, conforme anexos 3 e 4.

²⁹ SOUSA, Adriana. Entrevista 2. [out. 2022]. Entrevistadora: Ludmila Bahia Franco Faria. Uberlândia, 2022. 1 arquivo .mp3 (56 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice C desta pesquisa. A transcrição foi revisada e autorizada pela entrevistada, conforme anexos 5 e 6.

de um assunto a outro de acordo com seu interesse a partir de várias rotas de navegação disponíveis, com conteúdos associados ou desassociados, que não necessariamente estão conectados a outros, mas se complementam ou sugerem temas relacionados para acesso em suas infovias, para diferentes tipos de aquisição de informação ou conhecimento, por meio de *hiperlinks*, com conexões a outros documentos no universo digital.

A hipermídia é a junção do hipertexto (onde acessamos conteúdos não-lineares, mas interconectados e em nós), com a multimídia, isso permite a possibilidade de migração não apenas pela leitura, mas vídeos, música, arte, entre outros. Segundo Santaella (2013, p. 330, grifo do autor), “[...] o computador e a internet também não se reduzem a uma tecnologia, mas são partes ‘de uma cadeia evolutiva de linguagens’”, cada uma com seus processos específicos de criação de sentido.

A velocidade com que se dá o processamento e disponibilização de conteúdos produz um quantitativo difícil de ser enumerado em fluxo contínuo e inesgotável que desafia a capacidade humana de memorização. A ampliação e otimização dos sistemas em rede digital, em contínuo abastecimento, gera volumosos arquivos à serviço também da preservação e circulação de memórias. As informações estão prontas para serem acessadas, a partir dos computadores com conexão à internet, conforme a conveniência, necessidade ou direcionamento dos sujeitos. A partir desses filtros e com a mediação dos algoritmos do buscador, o internauta é encaminhado para *links* relacionados à sua busca e assim, são abertos espaços de memória ativa apresentados em um emaranhado de nós que permitem acesso a uma seleção de memórias.

Mas torna-se necessário constatar que a memória eletrônica só age sob a ordem e segundo o programa do homem, que a memória humana conserva um grande setor não-‘informatizável’ e que, como todas as outras formas de memória automáticas aparecidas na história, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, um servidor da memória e do espírito humano (LE GOFF, 1990, p. 468-469, grifo do autor).

No meio desse fluxo torrencial de dados que coloca em flagelo a capacidade de processamento do indivíduo, há conteúdos especializados, como o caso do *site* Museu Virtual de Uberlândia que pode ser acessado pelo endereço eletrônico, cujo *link* é: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Seu conteúdo é disponibilizado em acervo digital que armazena, organiza e disponibiliza parte das memórias e da história local da cidade de Uberlândia e evidencia memórias de pessoas de diferentes grupos sociais e áreas de atuação, como política, cultura, comércio, mídia, dentre outras e em diferentes temporalidades.

O Museu Virtual de Uberlândia, faz parte do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre³⁰, e foi criado em 2015. O *site* do Museu Virtual de Uberlândia é um desdobramento do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, criado em 2005 e que possuía 764 edições, até dezembro de 2022, conforme numeração³¹ disponibilizada no canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube e da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre, que teve a primeira edição publicada em 2011 e até dezembro de 2022 somam 22 revistas.

A iniciativa do *site* do Museu Virtual de Uberlândia, bem como da revista Almanaque e programa de televisão “Uberlândia de Ontem e Sempre” é do uberlandense Celso Machado, que decidiu iniciar o projeto para compartilhar o vasto acervo audiovisual formando desde a década de 1990, com entrevistas em vídeos realizadas com pessoas ligadas à Uberlândia que narram parte da história do município, a partir de suas experiências. O acervo também possui materiais produzidos pelas empresas União Atacado, Alô Brasil, Irmãos Garcia e Grupo Algar e doados pela comunidade, que somados, retratam, segundo o Museu Virtual de Uberlândia “[...] fatos históricos, personagens, curiosidades e registros do cotidiano” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)³².

O Museu Virtual de Uberlândia é idealizado também pela jornalista Adriana Sousa, responsável por coordenar o processo de planejamento, construção, manutenção e abastecimento do *site* de 2015 a 2018. Em sua fase inicial, a equipe do Museu Virtual de Uberlândia é composta também pelo publicitário Tariqui Borges na digitalização do acervo e pelo *designer* Lucas Capra Daian como pesquisador de conteúdo e a criação do *site* é da empresa de Uberlândia *Old Black Gallery*, que atua na área de editoras e gráficas, conforme informações disponibilizadas no *site* (figura 9).

³⁰ A primeira mídia do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre foi o programa de televisão “Uberlândia de Ontem e Sempre”, criado em 2005 e é exibido em 2023 pela TV Paranaíba e os conteúdos também podem assistidos pela internet no *site* <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/> e nos canais do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre <https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre> e da Close Comunicação <https://www.youtube.com/@PortaldaClose>, porém nesse último, os materiais estão desatualizados. O Almanaque é a segunda mídia, criada em 2011 e as revistas digitalizadas podem ser acessadas no *site* <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/>. E por fim, o *site* do Museu Virtual de Uberlândia, criado em 2015 e que pode ser acessado pelo endereço eletrônico <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>.

³¹ O número de programas de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” é relacionado no texto descritivo dos conteúdos no canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=93ks7siwKnM&t=15s>. Acesso em: 30 dez. 2022.

³² Esse trecho está no *site* Museu Virtual de Uberlândia que explica também sobre o acervo da Close Comunicação, fomento ao projeto do Museu e do quantitativo de produções do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, Almanaque e *site* do Museu. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-museu/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

Figura 9 - Captura de tela do descriptivo equipe e apoio do Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2020)³³

O fomento inicial para implantação do Museu Virtual de Uberlândia em 2015 é da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais (LEIC)³⁴. Houve ainda patrocínio de empresas privadas, da Ética Conservação e da Unimed Uberlândia, conforme descrito na aba “O Museu”, na seção “Patrocinadores”. No convite impresso de lançamento do Museu Virtual de Uberlândia também foram elencados como patrocinadores: Algar, Hospital Santa Clara, Dreste Construtora e Vale Card (figura 10). Também consta que além dos recursos recebidos por meio da LEIC, há fomentos do governo federal por meio da Lei Rouanet, porém no *site* não encontramos informações sobre recursos federais.

³³ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/a-equipe/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

³⁴ A Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais foi criada em 1997 para apoiar e estimular a produção e realização de projetos artísticos-culturais em diferentes segmentos a partir da dedução do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) de empresas, conforme o texto do LEIC. Disponível em: http://www.fazenda.mg.gov.br/empresas/legislacao_tributaria/leis/l12733_1997.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20concess%C3%A3o%20de,de%20projetos%20culturais%20no%20Estado. Acesso em: 15 mar. 2021.

Figura 10 - Convite de lançamento do Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Arquivo do acervo da Close Comunicação (2022)

Nos anos de 2018 e 2019, o fomento foi do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC)³⁵, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Sobre os recursos do PMIC, localizamos no Diário Oficial do Município de Uberlândia, número 5.305³⁶ de 25 de janeiro 2018 e número 5.539³⁷ de 11 de janeiro de 2019,

³⁵ O PMIC é um programa de incentivo para produção e realização de projetos artísticos-culturais, no âmbito municipal e os recursos são captados de contribuintes a partir da dedução dos impostos: Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN). Para participar, os proponentes dos projetos devem atender a critérios e preencher os pré-requisitos, dispostos em edital e, sendo aprovados, entre as obrigações previstas, durante a realização do projeto devem apresentar relatório de contas parcial e, ao final, a prestação de contas dos recursos recebidos e empregados e realizar ações em contrapartida. Entre as categorias de projetos beneficiadas pela Lei está de “Pesquisa e memória: projetos cuja atividade principal seja a realização de pesquisa e/ou documentação, em qualquer das linguagens artísticas ou manifestações culturais” (UBERLÂNDIA, 2021). Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/pmic/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

³⁶ Os aprovados no PMIC de 2018 estão relacionados no Diário Oficial de Município de Uberlândia e podem ser consultados por meio da página eletrônica na internet. Disponível em: <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/PROJETOS-APROVADOS-2018.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

³⁷ Os aprovados no PMIC de 2019 são relacionados no Diário Oficial de Município de Uberlândia e podem ser consultados por meio da página eletrônica na internet. Disponível em: http://servicos.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/20872.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

que a proponente Nós Projetos de Conteúdos³⁸, empresa de Celso Machado, recebeu recursos de R\$60 mil, em cada ano. Em pesquisas ao Diário Oficial do Município de Uberlândia nas publicações de projetos selecionados para receber recursos do PMIC para os anos de 2020³⁹, 2021⁴⁰ e 2022⁴¹ não constam entre os beneficiados a proponente Nós Projetos de Conteúdos.

Em relatório de prestação de contas sobre o Museu Virtual de Uberlândia, elaborado em abril de 2019 (anexo 1), consta que por dois anos, da data de criação do *site* em junho 2015 (anexo 2) até junho de 2017, recebe recursos da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais (LEIC). Com a interrupção de fomentos via LEIC, o *site* fica temporariamente suspenso, devido à falta de recursos, até novembro de 2018 e em dezembro de 2018 é retomado, com atualização periódica nos dois anos subsequentes por fomento do PMIC. A partir de 2018, o *layout* do Museu Virtual de Uberlândia é reformulado para se tornar mais atrativo, as “salas” com nomes de personagens são criadas e a pretensão é tornar a navegação no *site* como se o sujeito estivesse em uma “exposição em museu”.

A proposta teve como base criar no ambiente virtual uma experiência similar à que as pessoas têm quando visitam exposições em museus e galerias de arte. Assim, nasceu o conceito de salas e de curadoria de conteúdo focada em temas transversais, em que os diferentes arquivos digitalizados pudessem conversar entre si para compor narrativas criativas, interessantes e que despertassem a curiosidade dos visitantes. Para esse trabalho, foi contratado um web-designer de Uberlândia, que remodelou o *site*. Na proposta atualmente no ar, o visitante passeia por salas temáticas, que recebem o nome de uma personalidade überlandense⁴² (MEMORIAL DE NÓS, 2019, p. 3).

Mesmo diante das ações educativas e reconhecimento da importância para preservação de parte das memórias e contribuição para o ensino da história local, o Museu Virtual de Uberlândia está com dificuldades para manutenção e abastecimento na plataforma digital. A revista Almanaque e programa de TV continuam sendo realizados.

³⁸ A Nós Projetos de Conteúdo é responsável pelo desenvolvimento de projetos e a Close Comunicação é a produtora que executa os projetos e ambas pertencem a Celso Machado. Todo o acervo e produções que abastecem as mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre são provenientes da Close Comunicação.

³⁹ A lista dos aprovados do PMIC de 2020 pode ser consultada pela internet. Disponível em: <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/PROJETOS-APROVADOS-2020.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁴⁰ A lista dos aprovados do PMIC de 2021 pode ser consultada pela internet. Disponível em: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/PROJETOS-APROVADOS-PMIC-PARA-2021-Editais-5-e-7-de-2020.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁴¹ A lista dos aprovados do PMIC de 2022 pode ser consultada pela internet. Disponível em: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/6263.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁴² Em 2022, ao usar a ferramenta de busca para encontrar as “salas” do Museu, foram localizadas e informadas 28 “salas”, algumas com nomes de personalidades, mas também outras com nomes de grupos profissionais (por exemplo, professoras), mídias locais (por exemplo, Jornal Correio), instituições escolares, etc. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/page/3/?s=sala>. Acesso em: 5 set. 2022.

Conforme nos relata Celso Machado, as dificuldades na manutenção do *site* em razão da falta de fomentos, diante da não aprovação de projetos pelas leis estadual e municipal de incentivo à cultura, são verificadas ao longo de sua existência.

Quando há repasses de recursos as atualizações do Museu são feitas semanalmente. Porém, diante dessa situação, os últimos abastecimentos realizados no *site* do Museu Virtual de Uberlândia até a realização desta pesquisa em dezembro de 2022, são datados de janeiro de 2022, com os conteúdos sobre os artistas do Almanaque.

A dificuldade financeira desmantelou a estrutura de pessoal do Museu e foi o motivo pelo qual uma das idealizadoras do Museu, Adriana Sousa, deixou o projeto ainda na primeira fase dos problemas econômicos. A manutenção e produção do Museu para seleção de materiais, indexação, digitalização, edição, organização, descrição dos conteúdos, tanto do acervo já produzido pela Close Comunicação desde os anos de 1990 e dos arquivos em geração requerem equipe especializada, o que representa custos financeiros. Segundo Machado (2022), “*a nossa geração de conteúdo é muito mais dinâmica do que a nossa possibilidade de armazenar, e aí, tem questões de realidade financeira*”⁴³.

Mesmo com quantitativo de produções existentes disponibilizadas para acesso, o Museu Virtual de Uberlândia não possui 10% do acervo da Close Comunicação, conforme Machado (2022). Nem todo o acervo da empresa que já foi digitalizado está indexado ao *site* do Museu. Há outras memórias produzidas pela Close Comunicação que ainda estão guardadas em fitas magnéticas que precisam ser convertidas e digitalizadas aos novos formatos de leitura das telecomunicações, conforme registramos na figura 11.

Figura 11 - Imagem de parte do acervo “Close Comunicação”



Fonte: produzida pela autora da tese

⁴³ Os trechos das entrevistas estão em itálico para diferenciar das outras citações de Machado e Sousa e em itálico fazem parte das entrevistas por nós realizadas.

Para Machado (2022) há uma cultura de valorização de memórias, porém, às vezes, a real valia e importância só são consideradas quando perdidas. Machado (2022) enfatiza, “é que nós vivemos num país, onde a ausência é muito mais amada que a presença, então quando perde... Se eu perder, aí vem ‘mas você jogou fora’, mas joguei, ninguém quis, então assim, isso cansa”. O idealizador do Museu Virtual de Uberlândia reforça que a falta de apoio financeiro de interessados em investir em projetos como o *site* é o principal entrave.

As coisas têm valor pela contribuição, não é pelo custo de filmar. Inclusive, o Museu está parado porque não tem apoio. Eu tenho que entender que as empresas, a maioria delas, têm foco no marketing de resultados, têm que vender e querem evento e o lado institucional da memória, ele é valorizado, mas não é apoiado. E aí, o que você vai fazer? Tem que aceitar essa realidade, mas eu não sou fiel depositário da memória de Uberlândia. Essa dívida, se eu tive, posso estar sendo presunçoso, mas eu já paguei (MACHADO, 2022).

Essa falta de apoio financeiro ao Museu Virtual de Uberlândia não diz respeito ao reconhecimento pelo resgate, preservação, produção e circulação de parte das memórias de Uberlândia e contribuição para o ensino da história local, o que Conway (2001) classifica como “importância social”. A desvalorização é no sentido na carência de apoiadores para a realização de projeto, que Conway (2001) pontua ser “cooperação”, tratamos desses conceitos na subseção 2.2.2 dessa pesquisa. Esse aspecto representa o desafio para manutenção do trabalho de quem realiza a preservação de memórias e história pública no universo digital, como o Museu Virtual de Uberlândia. Buscar parcerias com entidades que não estejam apenas preocupadas com os retornos financeiros instantâneos, mas com a formação e conhecimento das memórias de uma sociedade para além do ineditismo e imediatismo.

Sobre a arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia o *site* possui uma estética visual agradável e simplificada. No *layout*, o tom utilizado no cabeçalho do *site* é amarelo e as palavras em branco. O corpo do *site* tem fundo branco e tipos em preto. Os elementos visuais (as cores, a tipografia, as composições, as imagens, os ícones) dão legibilidade ao conteúdo.

A partir da reformulação do *site* em 2018, além da organização dos conteúdos em “salas” temáticas e abas para categorizar os materiais, é instalada *interface mobile* para que os acessos possam ser realizados com qualidade também por *smartphones*. Verifica-se que 55,6% das visitas ao *site* são realizadas por meio de dispositivos móveis, conforme relatório de Prestação de Contas do Memorial Nós de 2019.

No cabeçalho há a palavra “Museu” e a logomarca, um desenho do coreto de Uberlândia⁴⁴ e o texto “Uberlândia de Ontem e Sempre”, que é a mesma utilizada no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e revista Almanaque, o que reforça o elo entre as várias mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Ao clicar em “Museu” ou na logomarca o internauta é direcionado a página principal do *site*.

Conforme nossas análises, até setembro de 2022, havia cinco abas no cabeçalho: “Home”, “O Museu”, “Passeio Virtual”, “Acervo” e “Oficina”. A “Home” tem a mesma função dos ícones “Museu” e logomarca: ao clicar sobre eles o internauta é conduzido à página principal que destaca alguns conteúdos do *site*. Ao clicar em “O Museu”, abrem-se os itens: “Quem Somos”, “Equipe”, “Patrocinadores” e “Contato”. Na aba “Passeio Virtual” havia em destaque quatro das 28 “salas” do Museu: “Sala Reclames do Rádio” com um vídeo destacado e “Sala Carnaval de Rua”, “Sala Jornal Correio” e “Sala Liceu de Uberlândia” com quatro conteúdos elencados em cada uma. Ao clicar em “Acervo” aparecem as seções: “Imagens”, “Personagens”, “Histórias” e “Publicações” e em todas elas há quatro materiais destacados. Na aba “Oficina” não há seções e são evidenciados quatro vídeos.

Abaixo do cabeçalho, o primeiro conteúdo da página principal é a “sala” nominada “Artistas do Almanaque”. O material em destaque é a entrevista com o artista da capa do Almanaque número 20, Henrique Lemes. Na sequência, tem materiais com os artistas do Almanaque, de edições anteriores: da 19 Rejane Paiva, da 18 Dequete e da 17 Valtênio Spíndola. Não há fotos, apenas os nomes dos artistas na *home* e ao clicar em cada título, o internauta é direcionado para outra página no *site* para assistir aos vídeos, conforme demonstrado na figura 12.

⁴⁴ O Coreto localizado na região onde começou a se formar o arraial de São Pedro de Uberabinha (hoje Uberlândia) faz parte do patrimônio tombado nos anos 1980, conjunto Praça Clarimundo Carneiro, Prédio da Câmara Municipal (hoje Museu Municipal) e Coreto, conforme informado em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/praca-clarimundo-carneiro-camara-municipal-coreto/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

Figura 12 - Captura de tela destaque inicial Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁴⁵

Abaixo dos destaque iniciais com os artistas do Almanaque, ainda na página principal do *site*, são destacadas quatro “salas”: “Sala Dr. Genésio Melo”, “Sala Nego Amâncio”, “Sala UTC: Lauro de Paula” e “Sala Escola Estadual”, nessa última “sala” são três materiais relacionados na *home* e nas demais, dois materiais.

Os conteúdos têm uma imagem e um título abaixo de cada um. Ao clicar nas imagens o internauta é direcionado a outra página dentro do Museu Virtual de Uberlândia com os detalhamentos. Outra forma de acessar as produções é por meio do ícone “Entre”, que aparece abaixo dos conteúdos destacados.

A última imagem da *home* é da capa do livro “Registros Para Sempre”, volume 1, que é uma produção do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre (figura 13).

Figura 13 - Captura de tela conteúdo final da página principal do Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁴⁶

Ao clicar na imagem é possível acessar o livro digitalizado que traz um compilado de entrevistas realizadas pela Close Comunicação, com 20 pessoas ligadas à Uberlândia.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 01 set. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 01 set. 2022.

Na lateral direita da página inicial do Museu Virtual de Uberlândia há o ícone “Você no Museu: participe, contribua, dê sua sugestão” que permite a interação do internauta com o *site*. Outra forma de interação possibilitada pelo Museu Virtual de Uberlândia é por meio de comentário na sequência de cada conteúdo, mas ele não é inserido instantaneamente no *site*, um aviso é gerado após o envio do comentário que antes de ficar visível na página passa pela moderação dos organizadores do *site*. Nos conteúdos analisados verificamos poucos comentários, como por exemplo, nos seis vídeos relacionados na publicação “Memórias de Aviador 5015”. Há um comentário no vídeo do Aviador e outro no vídeo “Pena Branca e Xavantinho: eu, a viola e Deus”. Estes comentários só são visualizados ao clicar no título do material. (figura 14).

Figura 14 - Captura de tela vídeos relacionados em “Memórias de Aviador 5015”



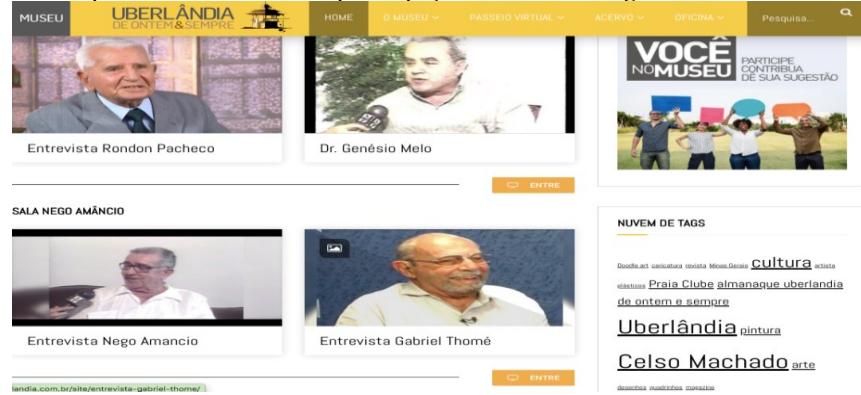
Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁴⁷

Localizamos conteúdos com interatividade maior no Museu Virtual de Uberlândia, como sobre a Família Freitas, com oito comentários e na publicação do filme “Uberlândia, Cidade Menina”, com 14 comentários. Também é possível que o internauta interaja com o Museu com manifestação de aprovação ou desaprovação em alguns conteúdos por meio de “curtidas”. Há a possibilidade de compartilhamento dos conteúdos do *site*. No canto superior direito de cada material há o ícone “compartilhar” para Facebook ou Twitter e a possibilidade de copiar o *link* da produção.

Ainda sobre a página principal do *site* do Museu Virtual de Uberlândia, abaixo do ícone “Você no Museu: participe, contribua, dê sua sugestão”, há “Nuvem de Tags”, que destaca diversos assuntos e nomes e ao clicar sobre eles, o internauta é direcionado aos conteúdos em outras páginas do próprio *site*. As palavras na nuvem de *tags* não são fixas, pois mudam conforme os assuntos mais buscados (figura 15).

⁴⁷ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oswaldo-de-souza-e-as-memorias-da-aviacao/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Figura 15 - Captura de tela ícones de participação e nuvem de tags Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁴⁸

Por fim, a página principal do Museu contém os ícones Facebook e Instagram e ao clicar sobre eles o internauta é direcionado às páginas nas redes sociais que trazem conteúdos atualizados sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, como curiosidades, divulgações das produções, convites para internautas contarem em vídeos ou nos comentários suas memórias sobre Uberlândia ou suas experiências com o Museu para gerar conectividade, engajamentos e interações.

O Museu Virtual de Uberlândia também possui ferramenta de busca que permite que o internauta faça uma pesquisa de temática específica.

Das abas que estão no cabeçalho do *site* a “Passeio Virtual” é a que consta destaque das “salas” do Museu, porém nem todas as “salas” estão elencadas na aba. Para conhecer todas as “salas” criadas é preciso fazer uma pesquisa na ferramenta de busca. Encontramos 28 “salas” no Museu Virtual de Uberlândia a partir do resultado da pesquisa.

Vamos, no próximo tópico, reconhecer quais são os lugares, fatos e sujeitos evidenciados pelo Museu Virtual de Uberlândia e as ações educativas desenvolvidas.

3.2.1 OS RECORTES E AÇÕES DO MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA: QUAIS MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E FINS EDUCATIVOS?

Nessa subseção, descrevemos quais são os conteúdos da página principal, abas e outros elementos do Museu Virtual de Uberlândia que nos permitem compreender quais as memórias o *site* quer contar e preservar, assim como as ações educativas desenvolvidas.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 20 set. 2022.

3.2.2 OS DESTAQUES NA HOME DO MUSEU

Como explicado anteriormente, a *home* ou página principal do Museu Virtual de Uberlândia foi analisada a partir de um congelamento feito dela em setembro de 2022. Consideramos que esses destaques revelam muito sobre quais memórias e histórias o Museu considera mais importantes. Nesse tópico vamos apresentá-los para, na seção 4, analisar os seus sentidos.

3.2.2.1 Artistas das capas da Revista Almanaque – Uberlândia de Ontem e Sempre

Nos conteúdos destacados na *home*, logo abaixo do cabeçalho do *site* do Museu Virtual de Uberlândia, a primeira postagem é referente à “Sala Artistas do Almanaque”, em destaque Henrique Lemes e na sequência mais três nomes. Nas produções, os artistas narram as trajetórias, as influências e os trabalhos que desenvolvem. Pelo *site* do Museu é possível acompanhar vídeos com outros artistas que produziram capas do Almanaque e para localizá-los é preciso pesquisar na busca da plataforma “artistas do Almanaque” e são apresentados 20 resultados e todos os conteúdos postados nesta “sala” são de 10 de janeiro de 2022. Em algumas das entrevistas da “Sala Artistas do Almanaque” a voz e a imagem do entrevistador são ocultadas, dando lugar às produções do artista e/ou narração de jornalista.

Ao abrirmos a “Sala Artistas do Almanaque” no Museu Virtual de Uberlândia não há texto descritivo que explica que esses artistas são os responsáveis pelas ilustrações da revista. É preciso conhecimento prévio do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre para entender a relação entre o *site* e a revista. Apesar de não haver sugestão para leitura da revista, o Almanaque traz reportagens com os artistas da capa e mais informações sobre eles. Os materiais da revista e do *site* se complementam, porém são independentes.

O primeiro conteúdo é “Artista do Almanaque: Ed. 20 – Henrique Lemes”. Henrique Lemes ilustra a capa da revista número 20 do Almanaque com uma recriação das tramas de fio-de-ferro de Uberlândia⁴⁹. No vídeo postado no Museu ele conta da satisfação em ter um trabalho no Almanaque e os desafios de dimensionar a arte para a capa. Lemes diz ainda mais detalhes da trajetória e como se profissionalizou como gravurista.

⁴⁹ A arte da tecelagem é tradição em Uberlândia. Em 1992, para manter esta tradição foi criado, o Centro de Tecelagem que reúne fio-de-ferro que comercializam suas produções. O mesmo foi tombado como patrimônio cultural de Uberlândia no início de 2023.

O segundo conteúdo do *site* é “Artista do Almanaque: Ed. 19 - Rejane Paiva”. A artista é responsável pela ilustração da capa da edição de 10 anos da revista que tem uma aquarela do Grande Hotel de Uberlândia ao fundo, o coreto, o Palácio dos Leões e Grande Otelo como destaque. No vídeo postado no *site*, Paiva narra brevemente a história de Grande Otelo⁵⁰, locais que ele circulava e do trabalho que ela realiza de resgate de imagens de Uberlândia.

O terceiro material tem o título “Artista do Almanaque: Ed. 18 – Dequete”. O grafiteiro Thiago dos Santos, conhecido pelo codinome Dequete, faz um grafite do Centro Cultural de Uberlândia onde funcionou de 1977 a 2018, o Fórum de Uberlândia. No vídeo, Dequete prefere não mostrar o rosto e relata memórias de alguns momentos da carreira, o pioneirismo do *grafitti* em Uberlândia e a arte estampada em alguns locais públicos do município que descreve como “o grito silencioso da existência”.

O último conteúdo desta “sala” destacado na *Home* é “Artista do Almanaque: Ed. 17 – Valtênio Spíndola”. O vídeo postado no *site* é diferente dos anteriores, não possui somente a entrevista com o artista da capa do Almanaque, mas em formato de reportagem, com texto e locução do repórter na abertura do material, além das falas do cartunista. A reportagem não aborda sobre a criação da capa, que traz uma charge do interior do Teatro Municipal, mas trata sobre a carreira, desde os desenhos iniciados na infância ao início das publicações de suas charges a partir de 1981 em gibis e jornais sobre acontecimentos cotidianos de Uberlândia. Pela reportagem do Almanaque é possível saber mais detalhes sobre o trabalho de Spíndola e que a capa da revista é um de seus últimos trabalhos. O cartunista morreu semanas depois de ter dado a entrevista que foi publicada no Almanaque.

3.2.2.2 As “Salas” em destaque na *Home* do Museu Virtual de Uberlândia

Abaixo dos “Artistas do Almanaque”, a página principal do Museu coloca em destaque quatro das 28 “salas” que foram organizadas para criar narrativas sobre fatos locais do município: “Sala Dr. Genésio de Melo” e a criação dos cursos superiores; “Sala Nego Amâncio”, o transporte interurbano e o comércio atacadista; “Sala UTC – Lauro de Paula”, o papel social dos farmacêuticos e o esporte no município; e “Sala Escola Estadual - Museu” sobre a educação pública em Uberlândia. Importante observar que, apesar das “salas” terem o objetivo de narrar fatos históricos de Uberlândia por meio da conexão de diferentes documentos

⁵⁰ Grande Otelo nascido em Uberlândia em 18 de outubro de 1915 é um ator negro mundialmente reconhecido por atuar em diversos filmes brasileiros de sucesso, entre eles as famosas chanchadas nas décadas de 1940 e 1950, que estrelou em parceria com o cômico Oscarito, e a versão cinematográfica de Macunaíma, realizada em 1969.

preservados no Museu, especialmente entrevistas realizadas no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, na maioria delas, não há o cuidado de elaborar textos descritivos que introduzam os temas abordados e os situem no tempo de ocorrência.

A “Sala Dr. Genésio Melo” é formada por dois vídeos, conforme demonstrado na figura 16. O primeiro conteúdo desta “sala” tem o título “Entrevista Rondon Pacheco” realizada por Celso Machado. No trecho selecionado da entrevista, Rondon apresenta suas memórias em relação a implantação de cursos superiores no município, que depois vieram a constituir a Universidade de Uberlândia, em decreto publicado em 14 de agosto de 1969, a qual foi posteriormente transformada, em 1978, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Figura 16 - Captura de tela “Sala Dr. Genésio Melo”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵¹

No vídeo, o político conta que foi o responsável por intermediar o encontro de Genésio Melo com Arthur Costa e Silva, para tratar da Faculdade Federal de Engenharia e Rondon reforçou o pedido para a autorização da Faculdade de Medicina em Uberlândia. Neste trecho não é feita nenhuma menção ao que possibilitou o protagonismo de Rondon na criação destas instituições de ensino superior - ele ocupou importantes cargos durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Foi ministro-chefe do gabinete do presidente Arthur da Costa e Silva (1967-1969), deputado federal pelo partido Arena (1967-1971), em seguida foi eleito governador do estado de Minas Gerais (1971-1975) pela Assembleia Legislativa do Estado.

O segundo vídeo tem o título “Dr. Genésio Melo”. Na entrevista, Genésio Melo narra sobre o esforço para criação da Faculdade Federal de Engenharia de Uberlândia, o primeiro vestibular realizado em 1964 em meio à “Revolução”⁵², o acolhimento de estudantes de outros

⁵¹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/entrevista-rondon-pacheco/>. Acesso em: 05 set. 2022.

⁵² A “Revolução de 1964” mencionada por Dr. Genésio é definida na historiografia crítica de Golpe Civil-Militar. O uso do termo “Revolução” indica o apoio de parte da elite überlandense ao golpe.

municípios pela população local e as dificuldades para custear as contas da Faculdade por falta de repasses governamentais.

Na “Sala Nego Amâncio”, dois conteúdos são destacados, o primeiro tem o título “Entrevista Nego Amâncio”, conforme demonstrado na figura 17.



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵³

Na entrevista postada no Museu, Nego Amâncio, pioneiro do setor de transporte rodoviário interurbano em Uberlândia, nos anos 1930, relata as dificuldades do transporte com a precariedade ou a falta de estradas que ligam o município aos estados de Goiás e Mato Grosso, como se estruturava a relação de sua frota de transporte com a Companhia Mineira de Autoviação Intermunicipal e que muitas ruas em Uberlândia não eram asfaltadas.

O segundo material dessa “sala” tem o título “Entrevista Gabriel Thomé”. Na introdução do vídeo, Celso Machado faz uma breve descrição sobre quem é o comerciante atacadista e Gabriel Thomé conta sobre os comerciantes locais nos anos 1940, os desafios e a importância de Uberlândia como centro de distribuição de mercadorias por meio da Estrada de Ferro Mogiana e do esforço de políticos e da Associação Comercial de Uberlândia para alavancar melhorias.

A “Sala UTC – Lauro de Paula” contém dois vídeos. O primeiro é a “Entrevista Lauro de Paula” (figura 18).

⁵³ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/sala-nego-amancio/>. Acesso em: 08 set. 2022.



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵⁴

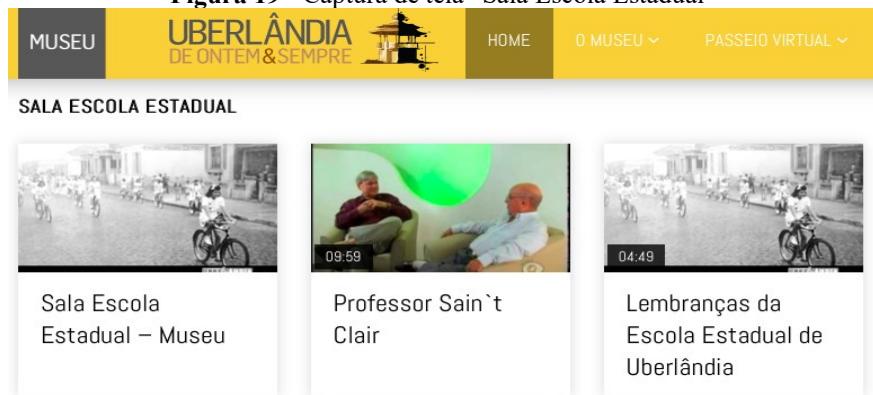
Na entrevista com o personagem que dá nome a essa “sala”, Celso Machado faz uma breve descrição para apresentar Lauro de Paula Carvalho e o farmacêutico conta as memórias de quando se mudou da cidade mineira de Iguatama para Uberlândia, do início do ofício como farmacêutico em 1949, das diferentes atribuições dos profissionais nesse período e da evolução do ofício, dentre outras memórias sobre futebol e Igrejas Católicas.

O segundo material é “Uberlândia Tênis Clube”. Há um texto descritivo sobre o surgimento do Uberlândia Tênis Clube (UTC), sem marcos temporais e a importância do clube para o desenvolvimento do esporte amador no município. O vídeo é uma reportagem feita em 2017 com textos e imagens do UTC e entrevistas com Marco Antônio, diretor do patrimônio histórico do UTC, André Leles, presidente da fundação do UTC e Sérgio Santos, diretor do patrimônio histórico do UTC. O trio narra memórias desde a criação do UTC, importância para o esporte e como o clube se desponta e se torna referência. O preparador físico Edcarlos também foi entrevistado e conta dos desafios da profissão.

A última “sala” da página principal do Museu Virtual de Uberlândia é “Sala Escola Estadual” (figura 19) e três conteúdos são evidenciados.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/sala-utc-lauro-de-paula/>. Acesso em: 10 set. 2022.

Figura 19 - Captura de tela “Sala Escola Estadual”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵⁵

O primeiro material “Sala Escola Estadual – Museu” não é um vídeo. Contém uma imagem da escola antigamente, sem informação de data, acervo e nem legenda do que está nela registrado, apesar de ser acompanhada de um texto descritivo sobre a importância da instituição para o ensino em Uberlândia que informa que a “sala” é para homenagear três professores: Abel Santos, Isolina Guimarães Cupertino e Sain’t Clair Netto. Os dois vídeos que constam na página principal também podem ser acessados após o conteúdo que explica a motivação da “sala”.

O segundo material desta “sala” é a entrevista com o “Professor Sain’t Clair”. Celso Machado realiza introdução sobre o professor e Sain’t Clair narra memórias do seu ingresso no magistério, do alto nível da Escola Estadual, das melhorias da infraestrutura na instituição e como atuou junto à prefeitura para criação de escolas municipais e até de projeto de alfabetização. O terceiro conteúdo “Lembranças da Escola Estadual de Uberlândia” é um vídeo produzido em 2010, acompanhado do seguinte texto descritivo:

Dona Isolina e Seu Abel estudaram na Escola Estadual de Uberlândia na década de 1930. A convite do programa Uberlândia de Ontem e Sempre, voltaram lá para uma visita. Nesse vídeo, eles falam de suas memórias, das histórias da juventude e da importância da escola em suas vidas (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2017).⁵⁶

Neste vídeo também são entrevistados estudantes da escola em 2010. Esse é um dos poucos vídeos que delimita no tempo as memórias ali registradas.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/sala-escola-estadual/>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁵⁶ A reportagem foi exibida em 29 de maio de 2010 no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e postada no Museu em 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/lembicanças-da-escola-estadual-de-uberlandia/>. Acesso em: 28 set. 2022.

3.2.2.3 Livros de Memórias produzidos a partir do acervo do projeto “Uberlândia de Ontem e Sempre”

O último material destacado na página principal do Museu Virtual de Uberlândia é o livro “Registros Para Sempre”, volume 1, impresso em fevereiro de 2019 e pelo *site* é possível acessar a obra digitalizada de 86 páginas. O livro reúne histórias de 20 personagens que foram entrevistados por Celso Machado, no quadro “Bate-Papo”, do programa de televisão “Uberlândia de Ontem e Sempre”. A seleção dessas pessoas é feita por Celso Machado que também utiliza como critérios que elas fossem falecidas, com exceção de uma que estava viva, que tivessem atuado prioritariamente nas áreas de artes, mídias e histórias locais e de diferentes grupos sociais ligadas à Uberlândia.

Além desse volume destacado na *Home* do *site*, o volume 2 do “Registro Para Sempre. Eternas Lições: 20 professores que fizeram história em Uberlândia”, impresso em agosto de 2020, também está disponível digitalizado na aba “acervo”, no item “publicações”. O livro tem 98 páginas e conta histórias de 20 educadores em Uberlândia. Os critérios utilizados por Celso Machado para as escolhas dos professores foram que já tivessem falecido, com notória contribuição ao ensino em Uberlândia e pessoas mais lembradas e menos conhecidas. Os dois livros foram idealizados e coordenados por Celso Machado e os textos foram escritos pelo jornalista Carlos Guimarães Coelho.

3.2.3 ABA “O MUSEU” - MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA

A aba “O Museu” é composta pelos itens “Quem Somos”, “Equipe”, “Patrocinadores” e “Contato”.

O item “Quem somos” apresenta um breve descritivo sobre as mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre (figura 20), a concepção do Museu Virtual de Uberlândia e o quantitativo de produções realizadas até 2018 pela Close Comunicação.

Figura 20 - Captura de tela de produções projeto Uberlândia de Ontem e Sempre



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2020)⁵⁷

O item “Equipe” trata sobre a equipe do Museu, “Patrocinadores” tem informações das empresas patrocinadoras e os recursos recebidos por meio de fomentos de leis de incentivo à cultura e “Contato” traz o endereço da Nós Projetos e campo para envio de mensagem aos organizadores do Museu.

A exploração dos dados apresentados nessa aba foi desenvolvida no tópico 3.2 desta tese para compreender o processo de criação, concepção e estruturação do Museu Virtual de Uberlândia, no âmbito do projeto “Uberlândia de Ontem e de Sempre” que, até 2018 (conforme figura 20), com o apoio de duas leis de incentivo, era constituído de três plataformas de conteúdo (TV, revista impressa e *site*). Nessas plataformas foram produzidos mais de 600 programas de televisão, digitalizados 2000 vídeos, publicadas 15 revistas Almanaque, com mais de 150 matérias.

3.2.4 ABA “PASSEIO VIRTUAL” – MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA

A aba “Passeio Virtual” destaca quatro “salas” das 28 “salas” do Museu: “Reclames do Rádio”, “Carnaval de Rua”, “Jornal Correio”, “Liceu de Uberlândia”. Todas são apresentadas por um texto descritivo que indicam a temática que perpassa os audiovisuais disponibilizados e os situa em um passado, na maioria das vezes, indefinido e romantizado - o de antigamente,

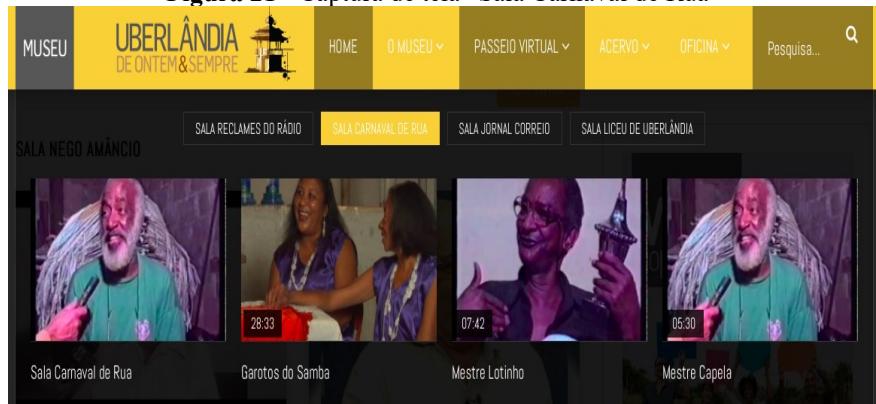
⁵⁷ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-museu/>. Acesso em: 02 set. 2022.

do século passado, da juventude, daquela época em que se superou dificuldades que fizeram de Uberlândia e de seu povo uma cidade acolhedora. As fontes audiovisuais que compõem as “salas” não têm créditos ao final do audiovisual e nem na descrição, portanto, não é possível conhecer a equipe que produziu, quando foi produzido, a não ser por pistas encontradas no decorrer de algumas das gravações.

A “Sala Reclames do Rádio” tem apenas um vídeo com reportagem, sem créditos sobre quem produziu, que conta a história detalhada da comunicação, publicidade e propaganda em Uberlândia a partir dos anos 1940, relacionando com acontecimentos mundiais, nacionais e locais. São mostradas imagens históricas sobre o percurso do rádio e são entrevistados o doutor em História Newton Dângelo, que pesquisa sobre o rádio em Uberlândia e os comunicadores Jorge Chamberlein da Rádio Universitária, Leonardo Melo da Voz da América e Ettore Braia da Rádio Bandeirantes.

A “Sala Carnaval de Rua” tem quatro partes, conforme demonstrado na figura 21.

Figura 21 - Captura de tela “Sala Carnaval de Rua”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵⁸

A primeira parte da “sala” é ilustrada com uma imagem de Mestre Capela, sem legenda, acompanhada de um texto que apresenta a “sala” que trata de memórias sobre o carnaval em Uberlândia, a formação das escolas de samba no município e destaca Mestre Capela e Mestre Lotinho como dois dos mais importantes carnavalescos do município. A segunda parte, “Garotos do Samba”, disponibiliza um vídeo com as memórias de cinco integrantes da velha guarda da escola de samba (quatro mulheres e um homem) que narram sobre dificuldades, vitórias, bastidores dos preparativos para o carnaval, dentre outras memórias. A terceira parte, “Mestre Lotinho”, tem um vídeo de uma entrevista feita com Mestre Lotinho que fala sobre a formação das escolas de samba de Uberlândia e memórias como cantor, sambista e

⁵⁸ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-carnaval-de-rua>. Acesso em: 10 set. 2022.

carnavalesco. A última parte é uma entrevista com “Mestre Capela”, carnavalesco que aborda as memórias sobre o carnaval de rua local, sobre as figuras mais marcantes da festa popular em Uberlândia, dentre outras. Essa é uma das poucas “salas” em que pessoas negras são as protagonistas das histórias contadas.

A “Sala Jornal Correio” (figura 22) tem quatro partes. Três delas são entrevistas realizadas por Celso Machado para o quadro “Bate-Papo” do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, conforme título na parte superior esquerda e logo na parte superior direita dos vídeos. Na edição disponibilizada no Museu Virtual de Uberlândia, os vídeos são maiores do que os apresentados no programa de TV, com mais tempo de entrevistas, conforme comparamos com o acervo do programa televisivo disponível no canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube.

Figura 22 - Captura de tela “Sala Jornal Correio”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁵⁹

A primeira parte tem o título “Sala Jornal Correio de Uberlândia” e contém uma imagem ilustrativa de uma das primeiras páginas do jornal sem legenda (o que não permite a identificação do dia, mês e ano de publicação) e um breve descriptivo que explica sobre a “sala”, que é uma homenagem ao impresso e a três pessoas ligadas ao jornal: Valdir Melgaço, Antônio Prieto e José Pereira Pires. De acordo com o texto no Museu Virtual de Uberlândia, “[...]mais que tinta e celulose o jornal Correio de Uberlândia foi o espírito de alguns jornalistas e escritores em entregar o melhor da história e informação de nossa cidade para o nosso povo” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2022)⁶⁰.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-jornal-correio/>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁶⁰ Essa descrição da “Sala Jornal Correio” consta no endereço eletrônico do Museu Virtual de Uberlândia. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-jornal-correio-de-uberlandia/>. Acesso em: 10 set. 2022.

A segunda tem o título “Antônio Andrada Prieto”. Prieto conta as memórias de sua trajetória no “Correio de Uberlândia”, as dificuldades do jornalismo diário, as ações realizadas para melhoria de conteúdos e impressão do jornal e das tentativas de interferências políticas no jornal.

A terceira, “Bate-Papo José Pereira Pires” é uma entrevista em que o advogado e jornalista fala das diversas funções que exerceu no “Correio de Uberlândia”, da repercussão do jornal, das dificuldades de criação de conteúdos e se emociona ao falar do orgulho que sente por Uberlândia.

Em “Bate-Papo Waldir Melgaço”, o ex-deputado e ex-acionista do “Correio” conta sua trajetória política, os companheiros políticos, da venda das ações do impresso para custear campanha eleitoral e memórias sobre a vida na fazenda e criação de gado.

A última “sala” da aba Passeio Virtual, “Sala Liceu de Uberlândia”, tem também quatro partes (figura 23).



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶¹

A primeira recebe o mesmo título da aba, “Sala Liceu de Uberlândia” e contém uma imagem ilustrativa, sem legenda, do professor Milton Porto, acompanhada de breve texto descriptivo que explica que a “sala” traz depoimentos de pessoas (três homens brancos) que estudaram e trabalharam no Colégio Liceu que estabeleceu “novos parâmetros para a educação na cidade” e tinha “um padrão de excelência e acabava ditando os rumos do município”.

Na sequência, tem o conteúdo “Professor Milton Porto”, que é uma entrevista com o professor que narra as memórias da criação do Liceu em 1928 e os 42 anos dedicados à instituição até o seu fechamento na década de 1970. Ao final da entrevista, a esposa de Porto,

⁶¹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-liceu-de-uberlandia/>. Acesso em: 12 set. 2022.

cujo nome não é informado no vídeo, aparece e fala sobre proposta recebida para a venda no nome Liceu.

A terceira parte intitulada “Arcelino Pereira” apresenta uma entrevista com o professor que conta sobre o seu envolvimento em movimentos populares e estudantis, de problemas enfrentados com a greve de caminhoneiros e saques na década de 1950 e memórias como professor no Colégio Liceu. Perguntado sobre pessoas importantes para o desenvolvimento de Uberlândia, Arcelino destaca Virgílio Galassi, Tubal Vilela e Renato de Freitas - homens brancos da elite política e econômica local.

A última parte da aba “Sala Liceu de Uberlândia” intitulada “Orlando Viollatti” compartilha uma entrevista audiovisual como o professor que fala da família, do início da docência aos 15 anos, das lembranças do Colégio Museu, do respeito dos alunos com os professores, de educadores com quem conviveu, de quando assumiu a direção do Liceu pelo afastamento do professor Milton Porto e outras memórias da sua trajetória como educador.

Em síntese, são memórias nostálgicas da educação escolar dos anos 1930 a 1970 que significam a docência como missão e não profissão e que, conforme entrevistador e entrevistados, tinha uma qualidade perdida nos dias de hoje.

3.2.5 ABA “ACERVO” - MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA

Outra aba do Museu Virtual de Uberlândia é “Acervo” com quatro seções e cada uma delas com outros quatro conteúdos (figura 24).



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶²

⁶² Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/politicos-marcantes/>. Acesso em: 12 set. 2022.

Na seção inicial “Imagens”, o primeiro conteúdo é “Políticos Marcantes” com uma imagem de quatro políticos locais e breve texto descriptivo sobre áreas das quais são referências em Uberlândia. De acordo com Museu Virtual de Uberlândia (2022), Aldorando Dias de Souza é destaque no setor de esportes, a Rondon Pacheco é atribuída conquistas importantes na cidade, Paulo Ferolla da Silva é apresentado como líder ruralista e Virgílio Galassi como líder ruralista e de profundo afeto pelo município.

Na segunda subseção, “Ícones da Imprensa”, uma imagem de Luiz Fernando Quirino, Altamirando Dantas Ruas e Sérgio Borelli Martinelli e breve texto que os descreve como figuras marcantes da imprensa em Uberlândia.

A terceira subseção “Pedra fundamental da Catedral Santa Terezinha” apresenta uma foto do acervo do Arquivo Público Municipal, do dia do lançamento (data não informada) da “Pedra Fundamental da Igreja Santa Terezinha”, com uma legenda que informa que a Igreja é conhecida, hodiernamente, como Catedral de Santa Terezinha.

A quarta subseção, “Primeira Igreja Matriz de Uberlândia”, com outra foto do acervo do Arquivo Público Municipal é acompanhada de legenda que informa que a imagem é da antiga Igreja Nossa Senhora do Carmo, em São Pedro de Uberabinha, sem nenhuma informação que possibilite a localização da Igreja no tempo histórico.

“Personagens” é outra seção da aba “Acervo” é com quatro fontes em destaque (figura 25): “Entrevista Nego Amâncio”, “Entrevista Gabriel Thomé”, com os mesmos conteúdos destacados na página inicial do Museu Virtual de Uberlândia; “Entrevista Dr. Vitório Caparelli”, na qual o médico narra sobre o trabalho na pensão dos pais, da contribuição dos italianos no desenvolvimento de Uberlândia, da “Casa Caparelli”, sobre o curso de medicina, dentre outras memórias; “Entrevista Professora Luzia Borges”, professora e escritora que narra memórias da infância à docência e conta sobre o livro que escreveu sobre a história do distrito de Martinésia.

Figura 25 - Captura de tela “Personagens”

Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶³

Em “Histórias”, a aba “Acervo” coloca em foco quatro vídeos de reportagens jornalísticas dos anos 1990, estas acompanhadas por legendas com informações mais completas sobre onde foram produzidas, quando e por quem (figura 26).

Figura 26 - Captura de tela “Histórias”

Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶⁴

Os três primeiros conteúdos em destaque são produções da ABC Propaganda, para a CTBC, no final da década de 1980: “Telemática: o casamento da telefonia com a informática” conta da associação da telecomunicação com a informática; “O telefone e o dia dos namorados” é uma matéria em que pessoas falam sobre o uso do telefone no dia dos namorados; “História da telefonia: 20 anos atrás” sobre a história da CTBC até a fase de investimento na telefonia móvel. O último vídeo, “Homenagem a Nininha Rocha”, uma produção do Programa Close,

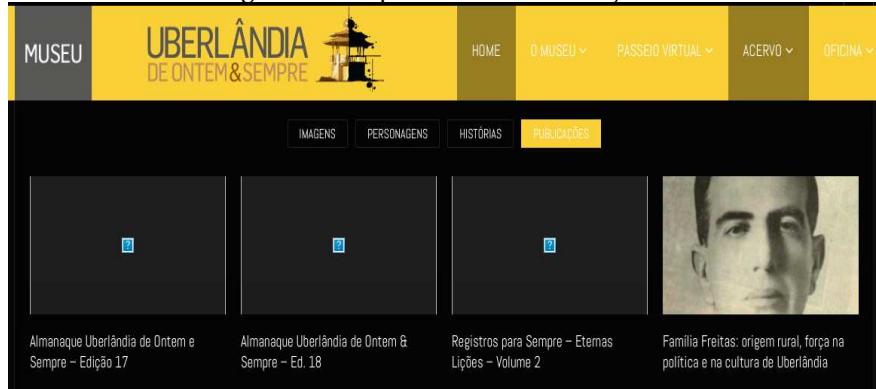
⁶³ Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/bate-papo/>. Acesso em: 16 set. 2022.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/materias/>. Acesso em: 18 set. 2022.

veiculado em 27 de setembro de 1992 e é uma exibição da pianista Nininha Rocha, ao lado de Sérgio Melazo no contrabaixo, que interpretam a música “*Unforgettable*”.

A última seção da aba “Acervo” intitulada “Publicações” destaca três produções impressas da Close Comunicações e uma de revista local dos anos 1980 (figura 27). As duas primeiras se referem às edições 17 e 18 da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre, cujos *links* apresentam erro na geração de imagem. A terceira apresenta o volume 2 do livro “Registros Para Sempre - Eternas Lições” digitalizado, em que também não aparece a imagem inicial. A quarta é uma cópia digitalizada de reportagem “Família Freitas: origem rural, força na política e na cultura de Uberlândia”, escrita pelo memorialista Antônio Pereira da Silva, publicada na revista Flash, em março de 1988.

Figura 27 - Captura de tela “Publicações”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶⁵

Vamos a seguir para a última aba do Museu Virtual, “Oficinas”, onde são apresentadas as ações educativas dele, realizadas como contrapartida social ao apoio que o Museu recebeu de programas de incentivo à cultura.

3.2.6 A ABA “OFICINA”: AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA

Na aba “Oficina”, conforme figura 28, são destacados quatro materiais relacionados às ações educativas do Museu Virtual de Uberlândia.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/revistas/>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 28 - Captura de tela “Oficinas”



Fonte: Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁶⁶

O primeiro conteúdo é a “Oficina Memória de Uberlândia (2020)”.⁶⁷ O texto descritivo explica que a oficina, realizada em 2020, é destinada à professores das redes pública e privada e é uma contrapartida do Museu Virtual de Uberlândia ao PMIC. Teve como palestrantes o idealizador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e “garimpador” das memórias e histórias que estão disponibilizadas no Museu, Celso Machado; a diretora Carolina Toffoli do Instituto Algar, uma das empresas privadas patrocinadoras do Museu e a jornalista e curadora do Museu, Adriana Sousa.

No vídeo, gravação da Oficina realizada *online* devido ao período de distanciamento social decorrente da pandemia de Covid-19, Adriana faz a mediação do evento. A jornalista apresenta o Museu Virtual e suas abas, bem como dá dicas de como o material nele disponibilizado pode ser utilizado em sala de aula. Carolina explica o que é o Instituto Algar, os projetos de cultura, educação e esportes que a empresa patrocina e ressalta a importância do Museu para não deixar que históricas locais se percam. Celso Machado fala sobre a origem do acervo do Museu, explica porque se preocupa em garimpar memórias e histórias sobre Uberlândia, reforça que as pessoas escolhidas como entrevistadas se referem às que contribuem para o desenvolvimento de Uberlândia e ressalta a importância de conhecer o passado para compreender o presente.

Os outros três destaques da aba Oficina se referem à “Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2016)⁶⁸, com o objetivo de “formar estudantes de Jornalismo a partir da perspectiva de que o jornalismo não é só factual,

⁶⁶ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/oficina/>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia/>. Acesso em: 22 set. 2022.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/jornalismo-e-a-arte-de-contar-historias/>. Acesso em: 23 set. 2022.

mas também é para contar boas Histórias sobre cidades e organizações” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2015)⁶⁹.

A postagem em que aparece a imagem de Celso Machado é um texto, convidando estudantes a participarem da oficina gratuita que faz parte da programação da 4^a Semana de Comunicação promovida pelo Centro Acadêmico de Comunicação Social e pelo Curso de Jornalismo da UFU. A oficina, ministrada por Celso Machado e outros profissionais da Comunicação, é voltada para estudantes de Comunicação Social de qualquer curso da UFU e outras instituições de ensino superior e aborda técnicas de entrevista, produção e edição de conteúdos sobre histórias de vida.

Em seguida, o destaque é para o vídeo da reportagem “Resgate de Histórias de Vida”, em que palestrantes, professor do curso de Jornalismo e universitários contam sobre sua participação na oficina de 2019, cujo convite foi registrado na postagem anterior. Nesse vídeo, há comentários sobre a relação entre jornalismo, memórias e História.

Por último, destaca-se um vídeo referente à “Oficina: Francisco Casemiro e suas Lembranças da UFU” que é resultado prático da oficina de 2016. A entrevista produzida pelos universitários do evento é com Francisco Casemiro, técnico administrativo da UFU, que conta algumas memórias sobre os 40 anos de trabalho na instituição e das transformações percebidas no campus da Universidade.

3.2.7 SÍNTESE DO ACERVO DO MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA

A partir da descrição dos conteúdos da página principal e das abas do Museu Virtual de Uberlândia, criamos quadros com resumos dos materiais em destaque para uma compreensão condensada do conteúdo do *site*, os quais são analisados com profundidade na seção 4 desta tese. Começamos pelas postagens na *home*, conforme descrito no quadro 1.

⁶⁹ Depoimento da jornalista Adriana Sousa, coordenadora do Museu Virtual de Uberlândia, disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-de-jornalismo-e-historia-de-vida-2015>. Acesso em: 28 set. 2022.

Quadro 1 - Conteúdos página inicial *site* Museu Virtual de Uberlândia

TÍTULO CONTEÚDO <i>HOME</i>	TEMÁTICA CENTRAL	TEXTO DESCRIPTIVO	DATA REALIZAÇÃO	DATA POSTAGEM	TEMPO VÍDEO
Artista do Almanaque: Ed. 20 – Henrique Lemes	Vídeo sobre a capa Almanaque e carreira do artista	Informa o nome e que a entrevista é para a “sala” especial no <i>site</i>	Não informada	10 de janeiro de 2022	4 min e 21s
Artista do Almanaque: Ed. 19 – Rejane Paiva	Vídeo em que a artista conta como criou a imagem da capa	Informa o nome e que a entrevista é para a “sala” especial no <i>site</i>	Não informada	10 de janeiro de 2022	3min e 37s
Artista do Almanaque: Ed. 18 – Dequete	Vídeo sobre a carreira do artista e a expressão do <i>graffiti</i>	Informa o nome e que a entrevista é para a “sala” especial	Não informada	10 de janeiro de 2022	2min e 01s
Artista do Almanaque: Ed. 17 – Valtênia Spíndola	Vídeo da trajetória do cartunista e charges publicadas na imprensa	Informa o nome e que a entrevista é para a “sala” especial no <i>site</i>	2006	10 de janeiro de 2022	1min e 39s
Entrevista Rondon Pacheco	Vídeo sobre articulações para criações das Faculdades de Engenharia e Medicina	Não possui	4 de julho de 2012**	10 de agosto de 2020	3 min e 07s
Dr. Genésio Melo	Vídeo sobre implantação e manutenção da Fac. Federal de Engenharia	Não possui	Não informada	10 de agosto de 2020	7min e 14s
Entrevista Nego Amâncio	Vídeo sobre desafios do setor de transportes com a falta ou precariedade de estradas	Não possui	Não informada	25 de julho de 2020	7min e 12s
Entrevista Gabriel Thomé	Vídeo sobre desafios para tornar Uberlândia referência no setor atacadista	Não possui	Não informada	25 de julho de 2020	10 min e 53s
Entrevista Lauro de Paula	Vídeo sobre a atuação do farmacêutico na segunda metade sec. XX	Não possui	Não informada	25 de julho de 2020	8min e 58s
Uberlândia Tênis Clube	Vídeo de memórias de ex-membros da diretoria do UTC sobre criação e importância do clube	UTC marca o desenvolvimento dos esportes em Uberlândia	Não informada	9 de fevereiro de 2017	5min e 19s
“Sala” Escola Estadual – Museu	Uma foto e texto breve sobre importância da escola e professores	Marcas do Museu no ensino e homenagem a três professores	24 de janeiro de 2020	24 de janeiro de 2020	-
Professor Sain’t Clair	Memórias do magistério, a transformação no Museu e atuação para criar escolas municipais	Criação de escolas públicas e visionários no desenvolvimento da educação	Não informada	27 de julho de 2018	9min e 58s
Lembranças da Escola Estadual de Uberlândia	Vídeo sobre memórias e importância da escola para uma ex-aluna e um ex-aluno	Ex-alunos voltam a escola e contam memórias vividas.	Não informada	17 de fevereiro de 2017	4min e 49s
Registros Para Sempre	Livro de memórias e histórias de 20 pessoas ligadas à Uberlândia	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

*Não é possível realizar novas curtidas e o único conteúdo que possui avaliação é “Lembranças da Escola Estadual de Uberlândia” com duas curtidas. Nesses materiais da *home* não há comentários.

**Data informada no programa televisão “Uberlândia de Ontem e Sempre” número 538, conforme *site* do Uberlândia de Ontem e Sempre.

Na sequência, encontram-se os resumos de conteúdos destacados nas abas e suas seções e subseções. Não produzimos quadro da aba “O Museu” por se tratar basicamente de informações do *site*, equipe, patrocinadores e contato e não com materiais do acervo do Museu, produções de pessoas e suas memórias ou de lugares. O quadro 2 é da aba “Passeio Virtual”.

Quadro 2 - Conteúdos publicados aba “Passeio Virtual” – Museu Virtual de Uberlândia

TÍTULO* SEÇÃO ABA	TÍTULO SUB- SEÇÃO	TEMÁTICA CENTRAL	TEXTO DESCRITIVO	DATA REALI- ZAÇÃO	DATA POS- TAGEM	TEM- PO VÍ- DEO
“SALA” RECLAMES DO RÁDIO	“Sala” Reclames do Rádio	O papel do rádio na história do comercial com depoimento de pesquisadores e profissionais do rádio	Produção da propaganda de rádio em Uberlândia	Não possui	2 de março de 2020	9min e 48s
“SALA” CARNA- VAL DE RUA	“Sala” Carnaval de Rua	Desenvolvimento carnaval e destaque para Mestres Capela e Lotinho	Imagen e texto sobre memórias do carnaval	21 de fevereiro de 2021	21 de fevereiro de 2021	-
	Garotos do Samba	Memórias de integrantes sobre o Garotos do Samba – um homem e quatro mulheres	Destaca o bate- papo com o grupo	Não possui	21 de fevereiro de 2021	28min e 32s
	Mestre Lotinho	Memórias do carnavalesco e as trajetórias como cantor e sambista	Origem do carnaval antes da formação das escolas de samba	Não possui	14 de fevereiro de 2020	7min e 41s
	Mestre Capela	Memórias do carnavalesco que destaca pessoas ligadas ao carnaval de rua	Figura icônica da cultura negra e do carnaval	Não possui	14 de fevereiro de 2020	5min e 30s
“SALA” CORREIO DE UBER- LÂNDIA	“Sala” Correio de Uberlândia	Homenagem ao jornal e destaca três comunicadores	Imagen e texto sobre empreende- dorismo de comunicadores	17 de fevereiro de 2020	17 de fevereiro de 2020	-
	Antônio Andrade Prieto	Trajetória e ações de Prieto no Correio de Uberlândia	Não possui	2008**	17 de fevereiro de 2020	10min e 38s
	Bate-papo José Pereira Pires	Memórias vividas no “Correio” e repercussões do jornal	Não possui	Não possui		11min e 07s
	Bate-papo Waldir Melgaço	Trajetória política, venda ações jornal e projetos de vida	Articulações políticas, bastidores da imprensa e o “Correio”	Não possui	17 de fevereiro de 2020	9min e 26s

TÍTULO* SEÇÃO ABA	TÍTULO SUB- SEÇÃO	TEMÁTICA CENTRAL	TEXTO DESCRITIVO	DATA REALI- ZAÇÃO	DATA POS- TAGEM	TEM- PO VÍ- DEO
“SALA” LICEU DE UBER- LÂNDIA	“Sala” Liceu de Uberlândia	Importância do Colégio Liceu para a educação local	Imagen e texto do Liceu	21 de fevereiro de 2020	21 de fevereiro de 2020	-
	Professor Milton Campos	Memórias dos 42 anos em que atuou no Liceu - da fundação ao fechamento	Não possui	Não possui	7 de fevereiro de 2020	6min e 50s
	Arcelino Pereira	Memórias sobre movimentos estudantis, populares e como docente da escola	Participação em movimentos estudantis, populares e à docência	Não possui	6 de dez. de 2019	13min e 45s
	Orlandi Viollatti	Memórias sobre sua atuação como professor na educação escolar e sua trajetória no Liceu	Início da trajetória na área da educação e atuação no Liceu	Não possui	6 de dez. de 2019	11min e 24s

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

*Não é possível realizar novas curtidas. Os materiais que possuem avaliações é “Bate-papo Waldir Melgaço”, “Sala Correio de Uberlândia” e “Antônio Andrada Prieto”, com uma curtida em cada postagem. O único conteúdo que possui comentário é “Arcelino Pereira”.

**No conteúdo postado não é informada a data da gravação, porém no vídeo, Celso Machado informa que a entrevista com Prieto é na semana em que o “Correio de Uberlândia” completa 70 anos. O jornal foi fundado em 1938.

O quadro 3 apresenta os destaques da aba “Acervo” do Museu Virtual de Uberlândia.

Quadro 3 - Conteúdos publicados aba “Acervo” - Museu Virtual de Uberlândia

TÍTULO SEÇÃO	TÍTULO SUBSE- ÇÃO	TEMÁTICA CENTRAL/ TEXTO DESCRITIVO	DATA REA- LIZA- ÇÃO	DATA POS- TAGEM	TEMPO VÍDEO	CURTIDAS E/OU COMENTÁ- RIOS
IMA- GENS	Políticos Marcantes	Foto de quatro políticos e áreas de destaque (imagem e texto)*	-	21 de out. e 2020	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Ícones da Imprensa	Foto de três comunicadores destaques na imprensa (imagem e texto)	-	21 de out. de 2020	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Pedra Fundamental Catedral Santa Terezinha	Foto do lançamento da Pedra Fundamental (imagem e texto)	-	9 de março de 2017	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Primeira Igreja Matriz de Uberlândia	Foto da igreja em São Pedro de Uberabinha (imagem e texto)	-	9 de março de 2017	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário

TÍTULO SEÇÃO	TÍTULO SUBSEÇÃO	TEMÁTICA CENTRAL/ TEXTO DESCRIPTIVO	DATA REALIZAÇÃO	DATA POSTAGEM	TEMPO VÍDEO	CURTIDAS E/OU COMENTÁRIOS
PERSONAGENS	Entrevista Nego Amâncio	Desafios do setor de transportes com a falta ou precariedade de estradas (vídeo)	-	25 de julho de 2020	7min e 12s	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Entrevista Dr. Vítorio Caparelli	Memórias da vida em Uberlândia e curso de medicina (vídeo)	2005*	24 de julho de 2020	13min e 27s	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Entrevista Professora Luzia Borges	Memórias da docência e livro sobre Martinésia (vídeo)	-	10 de julho de 2020	8min e 56s	- Não permite curtida; - Não possui comentário
HISTÓRIAS	Telemática: o casamento da telefonia com a informática	Comercial CTBC sobre telemática (vídeo, imagem e texto)	Década de 1980	9 de fev. de 2019	31s	- Tem uma curtida; - Não possui comentário
	O telefone e o dia dos namorados	Reportagem sobre uso do telefone para os jovens namorados (vídeo, imagem, texto)	Década de 1980	9 de fev. de 2019	1min e 48s	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	História da telefonia: 20 anos atrás	Reportagem sobre desenvolvimento da CTBC (vídeo, imagem e texto)	Década de 1980	7 de fev. de 2019	10min e 08s	- 36 curtidas; - Não possui comentário
	Homenagem a Nininha Rocha	Apresentação da pianista (vídeo, imagem e texto)	-	5 de nov. de 2018	4min e 05s	- Não tem curtida; - Não possui comentário
PUBLI-CAÇÕES	Almanaque – Ed. 17	Revista digitalizada	Agosto de 2019	14 de out. de 2020	-	- Não tem curtida; - Possui um comentário
	Almanaque – Ed. 18	Revista digitalizada	Agosto de 2020	6 de dez. de 2019	-	- Não tem curtida; - Não possui comentário
	Registros Para Sempre - Eternas Lições - vol. 2	Livro digitalizado	2020		-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Família Freitas: origem rural, força na política e na cultura de Uberlândia	Reportagem impressa na revista Flash sobre família Freitas (imagem e texto)	Março de 1988**	7 de agosto de 2015	-	- Não permite curtida; - Possui 8 comentários

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

* Por imagem classificamos quando o conteúdo possui foto, por texto quando há descrição na página da produção e por vídeo quando possui o mesmo na página da postagem;

**Identificamos a data da entrevista com Vítorio Caparelli em busca no site Uberlândia de Ontem e Sempre.

*** Data da reportagem publicada pela revista Flash.

O quadro 4 apresenta os destaques da aba “Oficina” do site Museu Virtual de Uberlândia.

Quadro 4 - Conteúdos publicados aba “Oficina” – Museu Virtual de Uberlândia

TÍTU- LO SEÇÃO	TÍTULO SUBSEÇÃO	TEMÁTICA CENTRAL / TEXTO DESCRIPTIVO	DATA REA- LIZA- ÇÃO	DATA POSTA- GEM	TEM- PO VÍ- DEO	CURTIDAS E/OU COMEN- TÁRIOS
OFICI- NA	Oficina Memória de Uberlândia (2020)	Realização de oficina com professores (imagem e texto)*	25 de agosto de 2020	26 de agosto de 2020	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Oficina de Jornalismo e Resgate de His- tórias de Vida	Convite a estudantes de Comunicação Social para participação de oficina (imagem e texto)	-	4 de novem- bro de 2016	-	- Não permite curtida; - Não possui comentário
	Resgate de Histórias de Vida	Reportagem com palestrantes, professores e alunos sobre oficina (vídeo, imagem e texto)	-	15 de novem- bro de 2016	5min e 29s	- Tem uma curtida; - Não possui comentário
	Oficina: Francisco Casemiro e suas Lembranças da UFU	Reportagem com França. Realização de participantes da oficina “Resgate de Histórias de Vida” (vídeo, imagem e texto)	-	4 de novem- bro de 2016	5min e 15s	- Tem duas curtidas; - Não possui comentário

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

* Por imagem classificamos quando o conteúdo possui foto, por texto quando há descrição na página da produção e por vídeo quando possui o mesmo na página da postagem.

Finalizados os quadros com as descrições dos conteúdos, elaboramos o quadro 5 com categorias do que é abordado no *site* do Museu Virtual de Uberlândia.

Quadro 5 - Organização em categorias das publicações - Museu Virtual de Uberlândia

MEMÓRIAS HOME ABAS (SEÇÕES E SUBSEÇÕES)
SETEMBRO DE 2022

CONTEÚDOS	FONTES ENTREVISTADAS E/OU ASSUNTOS ABORDADOS	QUANTI- TATIVO
ARTISTAS (PLÁSTICOS E MÚSICA)	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas com: Henrique Lemes, Rejane Paiva, Dequete e Valtênia Spíndola; - Vídeo que mostra a atuação da pianista Nininha Borges e de Sérgio Melazo no contrabaixo. 	5
MOVIMENTOS CULTURAIS (CARNAVAL)	<ul style="list-style-type: none"> - Página com desritivo sobre a “Sala Carnaval de Rua”; - Entrevistas com: mestre Lotinho e mestre Capela; - Vídeo com pessoas ligadas ao grupo “Garotos do Samba”. 	4

CONTEÚDOS	FONTES ENTREVISTADAS E/OU ASSUNTOS ABORDADOS	QUANTITATIVO
POLÍTICOS (pessoas que se elegeram para cargos públicos eletivos ou com forte ligação com movimentos políticos da elite überlandense)	- Entrevistas com: Rondon Pacheco, Genésio de Melo Pereira ⁷⁰ , Valdir Melgaço ⁷¹ , - Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre “políticos marcantes”; - Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre a Família Freitas.	5
COMERCIANTES/EMPRESÁRIOS	-Entrevistas com: Gabriel Tomé e Nego Amâncio.	2
PROFESSORES	- Entrevistas com: Sain’t Clair, Milton Porto, Arcelino Pereira, Orlandi Viollatti e Luzia Borges.	5
IMPRENSA / JORNALISTAS / PUBLICITÁRIOS	- Entrevistas com: Antônio Andrada Prieto e José Pereira Pires; - Vídeo com pesquisadores e profissionais do rádio sobre o desenvolvimento de mensagens publicitárias; - Conteúdo com imagem e texto descritivo com “ícones da imprensa”.	4
PROFISSIONAIS LIBERAIS (FARMACÊUTICOS E MÉDICOS)	- Entrevistas com: Lauro de Paula e Vitorio Caparelli.	2
LUGARES/EMPRESAS - CTBC (atual ALGAR)	- Vídeo comercial da CTBC; - Vídeo CTBC uso de telefone em datas comemorativas; - Vídeo CTBC sobre telefonia em 1988.	3
LUGARES / ESCOLAS	- Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre a “Sala Escola Museu”; - Vídeo sobre a Escola Museu (memórias de ex-alunos e alunos); - Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre o Liceu.	3
LUGARES / CLUBE ESPORTIVO	- UTC (ex-diretores contam memórias sobre UTC)	1
LUGARES / IGREJAS	- Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre lançamento da Pedra Fundamental da Catedral Santa Terezinha; - Conteúdo com imagem e texto descritivo da matriz.	2
PUBLICAÇÕES PROJETO UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE	- Almanaque (número 17); - Almanaque (número 18); - Livro “Registros Para Sempre” volume 1; - Livro “Registros Para Sempre” volume 2.	4
AÇÕES EDUCATIVAS	- Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre “Oficina Memória de Uberlândia”; - Conteúdo com imagem e texto descritivo sobre “Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida”; - Vídeo sobre a oficina com organizadores e participantes “Resgates de Histórias de Vida”; - Vídeo resultado prático oficina com entrevista de Francisco Casemiro realizada pelos participantes da oficina “Resgates de Histórias de Vida”.	4

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por meio desses quadros, observa-se que a maior parte do acervo é constituída por vídeos curtos, de até 10 minutos. A maioria são entrevistas, mas há também reportagens de TV

⁷⁰ Genésio de Melo foi engenheiro, construtor, fundador e reitor da Universidade de Uberlândia (atual UFU), dentre outras funções e cargos ocupados. Elencamos na categoria política, pois como líder classista e articulador político foi uma pessoa importante na promoção do desenvolvimento e conquistas para Uberlândia.

⁷¹ O ex-deputado Valdir Melgaço atuou na imprensa de Uberlândia e foi proprietário de parte do “Correio de Uberlândia”. Vendeu o percentual que tinha participação no impresso para financiar campanha política. A entrevista com o ex-deputado está na aba “Sala do Jornal Correio”, pois conta sobre quando esteve no jornal, entretanto, os principais assuntos relacionados são de ordem política.

e documentários. Poucos têm informações sobre data de produção e legendas com referências temporais sobre as pessoas, lugares e acontecimentos registrados. O conteúdo predominante no Museu refere-se a homens brancos da elite político-econômica de Uberlândia. Os lugares e manifestações culturais têm relação com o catolicismo, com a educação escolar, comércio e imprensa local. Comentários e curtidas são raros.

A maioria dos conteúdos postados no Museu Virtual de Uberlândia foram também abordados nas produções da revista Almanaque e no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”. Porém, a forma de abordagem é diferente, conforme linguagem atinente a cada mídia, sendo acrescidas informações e detalhamentos.

A seguir, para melhor compreender as articulações e especificidades de cada uma destas plataformas que constituem o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre no qual se insere o Museu Virtual, vamos discorrer sobre o percurso de desenvolvimento da estrutura dele.

3.3 Desenvolvimento da estrutura midiática do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre pela Close Comunicação

Ao explorar o Museu Virtual de Uberlândia, encontramos uma intricada e nebulosa articulação das várias mídias que constituem o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre (TV, revista e *site*) e das plataformas digitais criadas para divulgação de seus conteúdos. Para encontrar uma lógica nesta articulação, diante o emaranhado de *links* e ausência de datas para compreensão do percurso e relação de cada uma das mídias, plataformas e respectivos conteúdos, elaboramos este tópico a partir de dados coletados até 31 de dezembro de 2022.

3.3.1 O EMARANHADO DE PRODUÇÕES E PLATAFORMAS DIGITAIS DA CLOSE COMUNICAÇÃO E NÓS PROJETOS

Todos os conteúdos que abastecem as mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre são provenientes do arquivo da Close Comunicação. A produtora possui um *site*, cujo domínio é <https://close.com.br/> e integra as mídias, TV, revista impressa e *site*, com parte dos conteúdos produzidos e compartilhados em cada uma delas. A página está desatualizada, pois informa que o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” é exibido na TV Universitária, mas hodiernamente, é veiculado na TV Paranaíba. Além disso, consta que a revista Almanaque possui 19 edições, enquanto já somam 22 números.

A barra principal do *site* da Close contém logomarcas do Uberlândia de Ontem e Sempre e Museu Virtual de Uberlândia, além do projeto “Simplesmente Minas”. Ao clicar sobre elas somos direcionados às plataformas digitais relacionadas a essas mídias (figura 29).



Fonte: Close Comunicação (2021)⁷²

Não é possível localizar a data de criação do *site* da Close Comunicação e assim entender se os ícones das logomarcas são acrescidos conforme o desenvolvimento do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Na *home*, na aba “Portifólio”, há *link*⁷³ para a revista Almanaque e ao clicar sobre ele, abre uma outra página no *site* da Close com capas de duas edições da revista.

Na barra lateral, na página principal, há o ícone “edição Almanaque” e ao clicar sobre a imagem⁷⁴, o internauta é direcionado ao *site* Uberlândia de Ontem e Sempre. Ao final da *home* há mais seis capas do Almanaque, porém sem os conteúdos digitalizados.

Ainda sobre a revista Almanaque, há uma página sobre ela no Facebook criada em 2014, com 755 seguidores. No entanto, o perfil está descontinuado e o último *post*, datado de agosto de 2021, é para que os seguidores se inscrevam na página do Uberlândia de Ontem e Sempre, no Facebook e Instagram para que continuem a receber informações sobre o projeto (figura 30).

⁷² Disponível em: <https://close.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁷³ Disponível em: <http://close.com.br/categoria/almanaque/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/almanaque-uberlandia-de-ontem-sempre-ed-19/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Figura 30 - Captura de tela de publicação da página do Almanaque no Facebook



Fonte: perfil do Almanaque no Facebook (2021)⁷⁵

Ainda nesta barra lateral da *home* do site da Close Comunicações há uma imagem que contém *link*⁷⁶ para a página da empresa na rede social do Facebook. Criada em outubro de 2012 tem 1,2 mil seguidores e a última postagem é de dezembro de 2018, com conteúdo sobre a repaginação do Museu Virtual de Uberlândia. Os conteúdos produzidos pela Close Comunicação também são divulgados no YouTube. O canal da Close no YouTube⁷⁷, criado em julho de 2013, possui 16,8 mil inscritos e 2.030.554 visualizações. Os últimos vídeos publicados são datados de 2020 e o canal possui 1.269 vídeos, conforme contabilizamos na *playlist* (figura 31).



Fonte: Close Comunicação (2005)⁷⁸

⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/almanaqueuberlandia>. Acesso em: 11 dez. 2022.

⁷⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/CloseComunicacao/?ref=embed_page. Acesso em: 12 dez. 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@PortaldaClose>. Acesso em: 28 dez. 2022.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@PortaldaClose/about>. Acesso em: 28 dez. 2022.

A maioria dos conteúdos disponibilizados no Canal da Close no YouTube são reportagens exibidas pelo programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”. Esse programa, de sua criação em 2005 até 2017, era exibido pelo Canal da Gente na TV por assinatura do Grupo Algar, de 2018 a 2020 foi veiculado pela TV Paranaíba, de 2020 a 2022 pela TV Universitária e a partir de 2023 retorna à TV Paranaíba. As edições do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, além de poderem ser assistidas no canal YouTube da Close Comunicação, também estão disponíveis no canal do YouTube “Uberlândia de Ontem e Sempre” e no *site* Uberlândia de Ontem e Sempre. Esses dois últimos têm os conteúdos atualizados e são eles que alimentam as postagens do Museu Virtual de Uberlândia. Esses canais são meios para indexação das produções audiovisuais do projeto, para serem inseridas nos *sites*, mas também para propagar as produções.

O canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube, criado em julho de 2018, possui 1,01 mil inscritos e 63.377 visualizações (figura 30). Conforme a *playlist*, contabilizamos a disponibilização de 1.496 vídeos (UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE, YOUTUBE, 2018a).

Na barra principal do canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube há ícones com os *links* de acessos às revistas digitalizadas do Almanaque e para acesso às redes sociais do Instagram e Facebook do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, como pode ser observado na figura 32.

Figura 32 - Captura de tela canal YouTube Uberlândia de Ontem e Sempre



Fonte: Aba “Sobre”, Canal do YouTube Uberlândia de Ontem e Sempre (2018b)⁷⁹

⁷⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre/about>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Como descrito anteriormente, o cabeçalho do *site* da Close Comunicação tem um ícone do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre que, ao ser clicado dirige o internauta para um *site* específico do projeto, cujo domínio é <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/> e não é possível identificar quando foi criado. O *site* do Uberlândia de Ontem e Sempre (figura 33) concentra as revistas Almanaque digitalizadas e os programas de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, postados em blocos, de acordo com os nomes dos quadros para a televisão. Alguns dos quadros são fixos como “Baú de Memórias”, outros flexíveis como “Autores Uberlandenses”, “Personagem” e “Memória nas Ruas”.

Figura 33 - Captura de tela do cabeçalho e abas da *home* do *site* Uberlândia de Ontem e Sempre



Fonte: Uberlândia de Ontem e Sempre (2022)⁸⁰

No cabeçalho do *site*, no topo da página eletrônica, há a logomarca do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e ao clicar na imagem o internauta é conduzido a página principal do Uberlândia de Ontem e Sempre. Também são destacados os ícones de acesso ao Instagram, YouTube e Facebook do Uberlândia de Ontem e Sempre, mas ao clicar sobre eles não levam às páginas destas plataformas.

A utilização de redes sociais, Instagram e Facebook, são estratégias para gerar engajamento e interesse ao projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e interação com os usuários. Há postagens que estimulam interações e envio de conteúdos, como no Instagram, com solicitação aos internautas para envio de imagens sobre o time de futebol Uberlândia Esporte Clube, para a edição 22 do Almanaque. Também encontramos postagens com curiosidades e informações sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, como na figura abaixo, sobre o programa de televisão do projeto e sua relação com a revista Almanaque (figura 34).

⁸⁰ Disponível em: <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022

Figura 34 - Postagem no Instagram - Curiosidades do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”



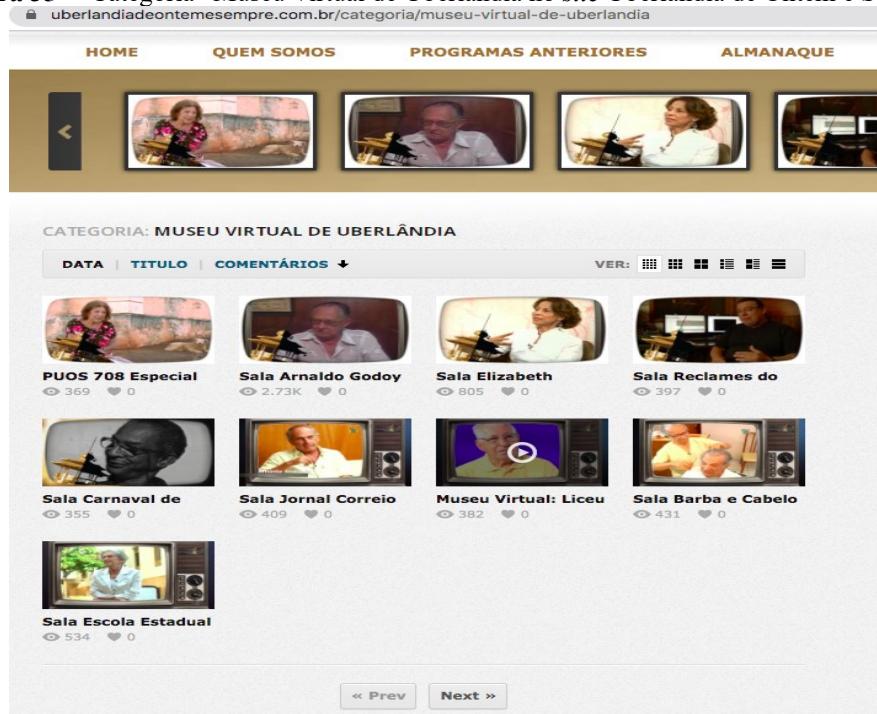
Fonte: Instagram Uberlândia de Ontem e Sempre (2022)⁸¹

O perfil do Uberlândia de Ontem e Sempre no Instagram, criado em abril de 2018, possui 1.413 seguidores e 560 publicações. O perfil do Uberlândia de Ontem e Sempre no Facebook, criado em fevereiro de 2011, possui 7.000 seguidores e algumas publicações são comuns às do Instagram.

Ainda sobre o *site* do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, ao acessar a aba “Quem Somos” há descritivo sobre o programa de TV e na lateral direita da página “Quem Somos”, há a seção “Categoria” (figura 35) que conduz o internauta à outras páginas dentro do *site* Uberlândia de Ontem e Sempre, como aos quadros do programa televisivo, às revistas digitalizadas do Almanaque e aos conteúdos do Museu Virtual de Uberlândia. Ao clicar na categoria Museu Virtual de Uberlândia aparecem 11 vídeos, sendo nove na página inicial e mais dois na página seguinte ao clicar em *next* (próximo).

⁸¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmZ2__BLB5t/. Acesso em: 27 dez. 2022.

Figura 35 - “Categoria” Museu Virtual de Uberlândia no site Uberlândia de Ontem e Sempre



Fonte: Uberlândia de Ontem e Sempre (2022)⁸²

Apesar de rastros deixados sobre vários perfis criados pela Close Comunicação e Nós Projetos nas redes sociais, que podem tornar as buscas confusas e as mensagens difusas, os perfis ativos e atualizados sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, no Instagram e Facebook, são @udiontemesempre, desta forma em ambas as páginas. O canal do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre também é o que está atualizado com produções do projeto, cujo domínio é: <https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre/featured>.

3.3.2 A REVISTA ALMANAQUE - UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE

Como os criadores das capas da revista Almanaque estão em destaque na página principal do Museu Virtual de Uberlândia, sem uma apresentação do que é a revista, foi necessário buscar mais informações sobre ela, a partir da análise de suas capas. A revista foi criada em 2011 e até dezembro de 2022, estava na 22^a edição.

As imagens da capa são ilustradas por artistas que possuem ligação com Uberlândia, sendo esta, uma forma de homenageá-los. As produções artísticas recebem tratamentos para que se assemelhem à técnica de aquarela e seguem a padronização em todas as edições. No

⁸² Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/categoria/museu-virtual-de-uberlandia>. Acesso em: 02 dez. 2022.

entanto, nem todas as capas têm descrição, na contracapa da revista, sobre o que é representado em sua imagem, bem como nem todas registram títulos que identificam os conteúdos principais da edição.

A seguir, no quadro 6, elaboramos uma síntese do conteúdo das capas das revistas, as quais também nos informam sobre os sentidos elaborados pela Close Comunicação para as memórias e história de Uberlândia.

Quadro 6 - As capas da Revista Almanaque - Uberlândia de Ontem e Sempre

EDI-ÇÃO	DATA PUBLI-CAÇÃO	ARTISTA DA CAPA	TEMÁTICA DA IMAGEM	TÍTULO DA CAPA	CATEGORIA
1	ago. 2011	Roberto Chacur	Coreto de Uberlândia	não há	Patrimônio Tombado – Fundinho
2	abr. 2012	Assis Guimarães	Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia	não há	Patrimônio Tombado - cultura negra
3	ago. 2012	José Ferreira Neto	Ex-prefeito de Uberlândia Renato de Freitas	“Um homem de palavras! Entrevista inédita com Renato de Freitas”	Prefeito - história político-administrativa
4	fev. 2013	Hélvio de Lima	Museu Municipal de Uberlândia - antigo prédio da Câmara Municipal	não há	Patrimônio Tombado - história político-administrativa
5	ago. 2013	Charles Chaim	Ex-prefeito Virgílio Galassi	“Senhor Uberlândia. Uma entrevista nunca publicada com Virgílio Galassi”	Prefeito - história político-administrativa
6	fev. 2014	Cleiton Borges	Igreja Nossa Senhora do Carmo	“Nossa Senhora do Carmo: a primeira matriz de Uberlândia”	Patrimônio Fundinho
7	ago. 2014	Lilian Tibery	Mercado Municipal	“Mercado Municipal: 70 anos”	Patrimônio Tombado - comércio

EDI-ÇÃO	DATA PUBLI-CAÇÃO	ARTIS-TA DA CAPA	TEMÁTICA DA IMAGEM	TÍTULO DA CAPA	CATEGORIA
8	mar. 2015	André Maurício	Grande Otelo	“Prata da Casa: Grande Otelo”	Artista negro local reconhecido internacionalmente
9	ago. 2015	José Ferreira Neto	Quatro pessoas não identificadas representando aqueles que fizeram parte do processo para a ligação de energia elétrica em Uberlândia	“Companhia Força e Luz: a energia chega a Uberabinha” ⁸³	Desenvolvimento Urbano
10	mar. 2016	Geraldo Queiroz	Desenho de paisagem do campo e um homem caminhando	“Uberlândia da terra fértil: Sindicato Rural”	Elite agrária
11	set. 2016	Alexandre França	Estação Ferroviária Mogiana	não há	Desenvolvimento urbano
12	mar. 2017	Elaine Corsi	Xilografia do extinto Public Bar	“Uberlandices de Ontem e Sempre: mesas nas calçadas”	Lazer da elite local no final do século XX
13	ago. 2017	José Ferreira Neto	Palácio dos Leões - Museu Municipal de Uberlândia (antiga Câmara Municipal)	“Palácio dos Leões: os 100 anos de um ícone”	Patrimônio Tombado - história político-administrativa
14	abr. 2018	Maciej Antoni Babinski	Reprodução de arte sobre tela do artista polonês que passou parte de sua vida em Uberlândia. A imagem representa uma mulher negra de costas, descalça, sentada sobre malas e os trilhos de trem ao fundo	“Babinski e Uberlândia: uma pintura de ligação”	População Negra
15	ago. 2018	Hélio de Lima	Técnica mista sobre papel, com flores, ternos da Congada e a igreja de Nossa Senhora do Rosário	não há	Patrimônio Tombado - cultura negra
16	mar. 2019	Ferreira Marcos	Desenho de Pena Branca e Xavantinho	“Pena Branca e Xavantinho: a viola caipira da MPB”	Artistas locais reconhecidos nacionalmente

⁸³ Uberlândia até 1929 era chamado de Uberabinha, nome escolhido logo após a sua municipalização, que aconteceu em 1888. Antes de se tornar município emancipado, na maior parte do século XIX, foi chamada de Arraial de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha e depois distrito de São Pedro de Uberabinha. Para conhecer a narrativa oficial da História de Uberlândia, ver: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/historia-de-uberlandia/>. Acesso em: 08 dez. 2022.

EDI-ÇÃO	DATA PUBLI-CAÇÃO	ARTISTA DA CAPA	TEMÁTICA DA IMAGEM	TÍTULO DA CAPA	CATEGORIA
17	ago. 2019	Valtênio Spíndola	Último cartum do artista, produzido especialmente para a Almanaque, representando uma peça em exibição no Teatro Municipal e parte do público entusiasmado	“Teatro Municipal de Uberlândia: tudo para todos”	Equipamento cultural
18	ago. 2020	Dequete	Desenho sobre a transformação do antigo Fórum no Centro Municipal de Cultura e o título	“Antigo Fórum: Centro Municipal de Cultura”	Equipamento cultural
19	abr. 2021	Rejane Paiva	Imagen de Grande Otelo, sob seu chapéu o Coreto e ao fundo o Grande Hotel de Uberlândia e Palácio dos Leões	“Almanaque 10 anos”	- Artista negro local reconhecido internacionalmente; - Patrimônios tombados - Fundinho
20	set. 2021	Henrique Lemes	Imagen de três fandeiras	“A arte das fandeiras überlandenses”	Patrimônio Cultural tombado
21	maio 2022	José Ferreira Neto	Ilustração de três pessoas ligadas à história da medicina em Uberlândia: a parteira Chiquita e os médicos Domingos Pimentel Ulhôa e Adib Jatene	Medicina em Uberlândia: passado, presente e futuro	Profissionais da Medicina
22	nov. 2022	não foi possível identificar*	Arte com a mascote do time de futebol do Uberlândia Esporte Clube, vibrando no centro de campo de futebol e o título	“Uberlândia Esporte Clube: 100 anos de paixão”	Futebol local

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

* Não foi possível identificar, pois apenas a capa está digitalizada no Instagram “Uberlândia de Ontem e Sempre”

Conforme análise das capas da revista Almanaque, elas foram publicadas semestralmente a partir de agosto de 2011. Apenas em 2020, primeiro ano da pandemia quando houve determinação de isolamento social no município, foi publicada uma única edição em agosto. Elas foram produzidas por 19 diferentes artistas locais, já que José Ferreira Neto produziu duas delas e não conseguimos identificar o artista da última capa analisada. Apenas duas capas reproduzem imagens que não foram feitas especialmente para a revista: a pintura de Babinski e o desenho de Geraldo Queiroz, artistas que viveram na cidade durante o século XX.

Das 22 capas analisadas, metade representa lugares da cidade, especialmente patrimônios históricos tombados por serem construções do início do século XX, nas regiões onde a cidade começou a se formar desde o século XIX. Há também imagens de construções que não foram preservadas. No conjunto, a maioria delas são construções relacionadas à vida político-administrativa, ao catolicismo, ao comércio hortifrutigranjeiro e ao transporte ferroviário que associam a cidade à ordem e ao progresso. Há duas imagens de patrimônio tombado relacionado a práticas culturais da população negra - a Igreja do Rosário onde acontece a Congada.

Há 12 capas que representam também sujeitos da história local identificados (dois prefeitos, dois artistas locais reconhecidos nacional ou internacionalmente, três profissionais da saúde - esses juntos em uma mesma capa - ou não identificados - homens ligados à chegada da energia elétrica na cidade, ruralistas, plateia e artista em Teatro, congadeiros, fandeiras, mulher negra. Entre os identificados, apenas uma é mulher - a parteira Chiquita e apenas um é negro - o artista Grande Otelo. Entre os não identificados, há duas capas com mulheres - uma negra pintada por Babinski (mas, o foco da capa é no artista polonês que pintou a negra) e as fandeiras que mantêm viva a tradição da tecelagem na cidade. A maioria das pessoas que aparecerem nas capas, identificados ou não, são homens brancos associados à elite política e econômica da cidade.

Quatro capas fazem referência às atividades culturais, esportivas e de lazer na cidade: uma de um bar frequentado pela classe média local até os anos 1990, outra do time de futebol local formado no início do século XX e existente ainda hoje, outras do teatro municipal e centro municipal da cidade - equipamentos culturais criados no século XXI.

Em síntese, as capas da revista que são também destacadas no Museu Virtual de Uberlândia, simbolizam as memórias e histórias nele preservadas, por meio de audiovisuais, fotografias e alguns recortes de jornais. A maioria é relacionada a lugares ou sujeitos da elite econômica e política da cidade do sexo masculino, com algumas concessões para mulheres, população negra, manifestações da cultura popular, conforme aprofundamos as discussões na seção 4.

3.3.3 O LABIRINTO DAS MÍDIAS E PLATAFORMAS DO PROJETO “UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE: UM PROJETO TRANSMIDIÁTICO?

No quadro 7, fizemos uma síntese das mídias, plataformas e redes sociais digitais da Close Comunicação e do seu projeto “Uberlândia Ontem e Sempre”, para melhor compreender o labirinto por eles constituído.

Quadro 7 - Mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e processo transmídia

MÍDIAS CLOSE E NÓS	EXIBIÇÃO, DOMÍNIO (ENDEREÇO ELETRÔNICO) E INTEGRAÇÃO COM YOUTUBE	DATA CRIAÇÃO	MÍDIAS CONECTADAS	REDES SOCIAIS (Instagram e Facebook)
PRO-GRAMA DE TV “UBER-LÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE”	<p>. Exibido na TV Paranaíba⁸⁴</p> <p>. Site: https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/</p> <p>. Canal do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre (atualizado) https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre</p> <p>. Canal do YouTube da Close (desatualizado) https://www.youtube.com/@PortaldaClose/featured</p> <p>. Site Close (ao clicar na logomarca direciona ao site do Uberlândia de Ontem e Sempre) https://close.com.br/</p>	<p>Programa de TV: 2005</p> <p>(Canal Close no YouTube: 2013)</p> <p>(Canal Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube: 2018)</p>	<p>. Almanaque (divulgação das revistas, conteúdos e entrevistas em vídeo)</p> <p>. Museu Virtual de Uberlândia (algumas reportagens comuns, com vinhetas, apresentadores e menções ao Museu)</p>	<p>. Instagram e Facebook (atualizados) @udideontemesempre</p> <p>. Facebook @closecomunica-cao (desatualizado)</p>
REVISTA ALMANAQUE	<p>. revistas impressas distribuídas entre cadastrados e nas escolas da rede municipal de ensino de Uberlândia</p> <p>. revistas digitalizadas disponíveis em: - Site Uberlândia de Ontem e Sempre - https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/categoria/almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre-2</p> <p>- Canal do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre (ícone de acesso no cabeçalho do link) https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre</p> <p>- Site da Close (descriptivo sobre a revista, uma revista digitalizada e algumas capas digitalizadas) https://close.com.br/categoria/almanaque/</p>	Revista: Agosto de 2011	<p>. Programa de TV (páginas de divulgação do programa e reportagens sobre o conteúdo televisivo)</p> <p>. Museu Virtual de Uberlândia (entrevistas com artistas responsáveis pelas capas da revista)</p>	<p>. Instagram e Facebook (atualizados) @udideontemesempre</p> <p>. Facebook @revistaalmanaqueuberlandiadeontemesempre (descontinuado)</p> <p>. Facebook @closecomunica-cao (desatualizado)</p>

⁸⁴ Reforçamos que o programa de TV nasceu em 2005 e foi veiculado em alguns canais de televisão. Entre 2005 e 2017 foi exibido pelo Canal da Gente na TV por assinatura, de 2018 a 2020 foi veiculado pela TV Paranaíba, de 2020 a 2022 pela TV Universitária e a partir de 2023, retorna à TV Paranaíba.

MÍDIAS CLOSE E NÓS	EXIBIÇÃO, DOMÍNIO (ENDEREÇO ELETRÔNICO) E INTEGRAÇÃO COM YOUTUBE	DATA CRIAÇÃO	MÍDIAS CONECTADAS	REDES SOCIAIS (Instagram e Facebook)
MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA	<p>. site http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/ site/</p> <p>- Site Uberlândia de Ontem e Sempre - https://www.uberlandiadeontemesempre.com. br/categoria/museu-virtual-de-uberlandia</p> <p>- Canal do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre (no buscador é possível pesquisar conteúdos do Museu, conforme <i>link</i> abaixo) https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre/search?query=museu%20virtual%20de%20uberl%C3%A1ndia</p> <p>- Site da Close (ao clicar na logomarca direciona ao <i>site</i> do Museu Virtual de Uberlândia, conforme <i>link</i>) https://close.com.br/</p>	<p><i>Site Museu:</i> 17 de junho de 2015</p>	<p>. Almanaque (páginas de divulgação, lançamento e menções em reportagens) . Programa de TV (divulgação e iniciativas realizadas pelo Museu)</p>	<p>. Instagram e Facebook (atualizados) @udideontemesempre</p> <p>.Facebook @closecomunica-cao (desatualizado)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Por meio deste quadro, percebemos que o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, desenvolve, a partir da mídia regente que é TV, com o programa televisivo “Uberlândia de Ontem e Sempre”, o desdobramento em outras mídias: impressa, com a revista Almanaque, e *site*, com o Museu Virtual de Uberlândia. As mídias são independentes, mas também estão conectadas ao projeto Uberlândia de Ontem e Sempre que produz uma história pública local, a partir das produções da Close Comunicação.

Conforme Gosciola (2011, p. 119), “ainda que uma determinada cultura opte por um determinado veículo de comunicação como predominante para se comunicar, não se eliminam outros veículos de comunicação, pois há uma conveniência relativa em utilizar todos os meios que estejam ao seu alcance”. No caso do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, além de ocupar mídias distintas, os conteúdos das mídias originárias (TV, impressa e *site*) são propagados em outras plataformas. A difusão para transmissão em multiplataformas amplia o alcance do público, diante suas preferências de acessos. A partir da convergência midiática é possibilitado o desenvolvimento da narrativa transmídia. De acordo com Arnaut *et al.* (2011, p. 267), “desenvolver, escrever e produzir histórias iniciadas em uma plataforma de mídia e que tem seu desdobramento estendido a outras plataformas, é hoje, a chave para o sucesso”.

Na transmídia, os conteúdos dispostos em plataformas diferentes se complementam, sugerem novos percursos para reflexão e interação. De acordo com Jenkins (2008, p. 138) “através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo”. Na narrativa transmídia os conteúdos dispostos em mídias

diferentes cumprem as funções de propagação e expansão (FECHINE, 2013). A propagação difunde a informação em mídias distintas e a expansão permite acrescentar outras informações, a partir do eixo central da temática e assim, promover outras experiências.

Quando conteúdos apenas retomam aspectos temáticos já tratados anteriormente, estamos diante de conteúdos de propagação. Quando se nota que um aspecto temático é desenvolvido e aprofundado com novos elementos, ou mesmo quando um novo aspecto surge para complementar o grande tema, estamos diante de conteúdos de expansão (MACEDO; FECHINE, 2019, p. 88).

Em termos gerais, apesar de aproximar-se de uma proposta transmídia de produção e difusão de conteúdos, observamos que há uma pulverização dos conteúdos relacionados a memórias e histórias de Uberlândia em diferentes plataformas que, na maioria das vezes, se repetem, porém com linguagem atinente a cada uma.

Verificamos que a Close Comunicação e Nós Projetos têm investido mais nas plataformas específicas do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre nas redes sociais para a divulgação dos conteúdos. Quando somados os inscritos nas páginas do Uberlândia de Ontem e Sempre no Facebook, Instagram e YouTube, há uma média de 3.270 seguidores.

Apesar da frase registrada na figura 34 que divulga o programa de TV, “levo cultura e história para os überlandenses”, se considerarmos que a população do município é de cerca de 706 mil habitantes⁸⁵, conforme estimativa do IBGE de 2021 (IBGE, 2021), este número alcança 0,46% da população local. Se analisarmos as visitas ao site www.uberlandiadeontemesempre.com.br, por meio da ferramenta Similar Web⁸⁶ disponível na internet, em dezembro de 2022, foram 747 visitas no mês, o que alcança 0,10% da população. Não é possível saber o índice de audiência do programa “Uberlândia de Ontem e Sempre” pela televisão, que é a mídia originária, pois a métrica não está disponível. Quando analisamos as visitas ao site do Museu Virtual de Uberlândia, pelo Similar Web, consta 1.900 visitas em dezembro de 2022, alcance de 0,27% sobre a população total de Uberlândia, ou seja, maior que o site Uberlândia de Ontem e Sempre, que têm recebido maior atenção e dedicação dos idealizadores, conforme tratamos na próxima seção.

Na próxima seção, aprofundamos a análise da constituição e desenvolvimento do processo transmídia do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, bem como da história pública

⁸⁵ A estimativa da população de Uberlândia conforme o IBGE em 2021, é de 706.597 pessoas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uberlandia>. Acesso em: 26 dez. 2022.

⁸⁶ O Similar Web é uma ferramenta israelense disponível na internet, criada em 2007, que permite a mensuração de tráfego *online*, em visitas em *sites* e aplicativos. Disponível em: www.similarweb.com. Acesso em: 26 dez. 2022.

escrita pelo Museu, quais memórias ele preserva e quer preservar, como e para que quer educar memórias de “cidadãos überlandenses”, como entende sua contribuição para a educação escolar e as possibilidades de transformá-lo em fonte para o ensino da história local.

4 MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA

Nessa seção aprofundamos as análises acerca do problema e objetivos desta pesquisa, no diálogo com referenciais teóricos discutidos na seção dois e na articulação com o detalhamento do acervo do Museu Virtual de Uberlândia apresentado na seção três.

Inicialmente, analisamos a organização e exposição do acervo do Museu e sua inserção no conjunto de produções midiáticas do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, observando como elas se aproximam do desenvolvimento de uma narrativa transmidiática, para propagar e expandir os conteúdos produzidos.

Em seguida, discutimos a participação do Museu na constituição de parte das memórias sociais e da história pública local, além de suas pretensões em contribuir com a educação não formal e formal dos habitantes do município. Desta forma, analisamos como o Museu Virtual de Uberlândia, por meio de suas ações, das memórias nele preservadas, organizadas e compartilhadas, dos esquecimentos por ele produzidos e das narrativas nele construídas, participa da educação de memórias sobre Uberlândia e da escrita da história pública local.

A partir da análise dos dados coletados com a realização de entrevistas com idealizadores do Museu Virtual de Uberlândia e com exploração, descrição e categorização dos conteúdos do *site*, discorremos sobre a sua correlação com o discurso da ordem e do progresso sedimentado em Uberlândia. Essa narrativa é capitaneada por representantes das elites políticas, econômicas e culturais locais que, no século XX, investiram em um projeto desenvolvimentista em Uberlândia, a partir do ideário de uma sociedade ordeira e civilizada, movida pelo orgulho e sentimento de pertença, às custas do silenciamento de desigualdades e conflitos.

Por último, discutimos as ações educativas promovidas pela equipe do Museu Virtual junto a estudantes e profissionais de comunicação e especialmente, a professores e estudantes das escolas do município.

4.1 Organização e exposição do acervo do Museu Virtual de Uberlândia: entre expectativas e fragilidades

Antes de proceder as análises sobre as narrativas predominantes no Museu Virtual de Uberlândia, apontamos, nesta subseção, algumas fragilidades na organização e exposição do seu acervo, partindo do pressuposto de que, como Museu, é utilizado como fonte de memórias e espaço de história pública.

Como o Museu Virtual de Uberlândia está disposto na internet, consideramos algumas características que se espera encontrar nessa plataforma, apresentadas na seção 2 desta tese: linguagem dinâmica, clara e atrativa, baseada nas dimensões de multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, instantaneidade e memória, com a disponibilização de fontes históricas no ciberespaço.

Sobre os títulos das “salas” temáticas e das fontes compartilhadas no *site* do Museu, eles pouco informam sobre o assunto central abordado e são pouco atrativos para aguçar o interesse do público. Os títulos normalmente apenas nominam quem é a fonte entrevistada ou o patrimônio material ou imaterial apresentado.

Por exemplo, na página principal, conforme dados coletados em setembro de 2022, na “Sala Nego Amâncio”, um dos conteúdos destacados recebe o título “Entrevista Nego Amâncio 8389” (figura 36). Além do nome do entrevistado, não há nenhuma outra informação sobre quem é o entrevistado e sobre quais dimensões da história local ele aborda. Logo, é preciso conhecimento prévio sobre quem é a pessoa para motivar a visualização da entrevista ou o pesquisador terá que assistir entrevista por entrevista para localizar o que deseja investigar, para relacionar as diversas fontes disponibilizadas, para além das conexões estabelecidas em cada “sala” temática.

Figura 36 – “Entrevista Nego Amâncio 8389”



Fonte: *site* Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁸⁷

Ainda sobre os títulos, alguns deles são acompanhados de números de catalogação interna do Museu⁸⁸, o que gera estranheza ou pode provocar confusão ao internauta, como por

⁸⁷ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/entrevista-nego-amancio/>. Acesso em: 05 set. 2022.

⁸⁸ Conforme informação de Celso MACHADO. Entrevista I. [out. 2022]. Entrevistadora: Ludmila Bahia Franco Faria. Uberlândia, 2022. 1 arquivo .mp3 (69 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice B desta pesquisa.

exemplo na fonte “Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre – Ed.188490”, que se refere à revista número 18 digitalizada e a fonte catalogada com número 8490 (figura 37).

Figura 37 - Captura de tela “Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre – Ed.188490”



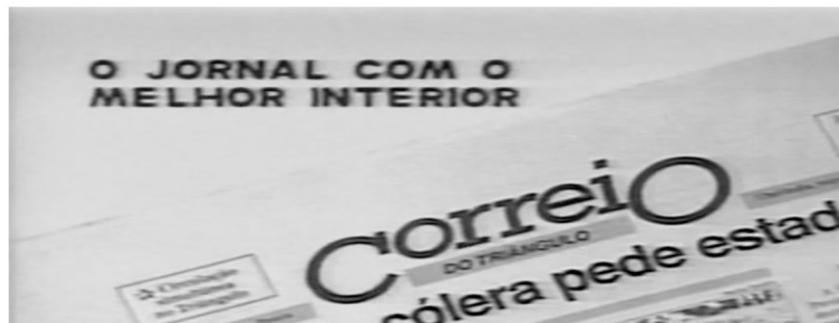
Fonte: *site* Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁸⁹

Em relação aos textos descritivos, nos conteúdos em que eles aparecem, identificamos falta de padronização. Em algumas postagens, os textos se resumem a uma frase e não informam sobre o tema abordado no vídeo, data de produção e equipe responsável, enquanto em outras são mais detalhados e identificam os principais temas da entrevista gravada. Há textos descritivos com erros de grafia. Na “Sala Liceu de Uberlândia”, por exemplo, faltam acentos e há repetição de palavras. Na postagem “Arcelimo Pereira 8056” o nome do professor aparece grafado com “m” no *site* e o correto é “n” (Arcelino), assim como no conteúdo “Bate-papo Waldir Melgaço”, Valdir está grafado no título com “W” e o correto é “V”.

O *site* também apresenta falha na disponibilização de produções. Identificamos algumas postagens em que há o título, texto descritivo e o vídeo não está disponível. Por exemplo, na descrição da postagem “Comercial Correio do Triângulo5908”, o internauta é estimulado a assistir o vídeo que trata sobre as mudanças no impresso, porém ele não está disponível, conforme demonstrado na figura 38.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/almanaque-uberlandia-de-ontem-sempre-ed-18/>. Acesso em: 05 set. 2022.

Figura 38 - Captura de tela sobre o jornal “Correio do Triângulo”
Comercial Correio do Triângulo5908



Na década de 1980, o Jornal Correio passou por uma fase de grande desenvolvimento e passou a contar com cadernos específicos para as cidades da região. O nome foi alterado de Correio de Uberlândia para Correio do Triângulo.

Confira nesse vídeo uma propaganda veiculada no final dos anos 80, que apresentava as principais mudanças feitas na época.



Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹⁰

Alguns conteúdos apresentam erro no carregamento de imagens. Por exemplo, na subseção “Publicações” (figura 39), as três primeiras imagens não aparecem.

Figura 39 - Captura de tela subseção “Publicações”



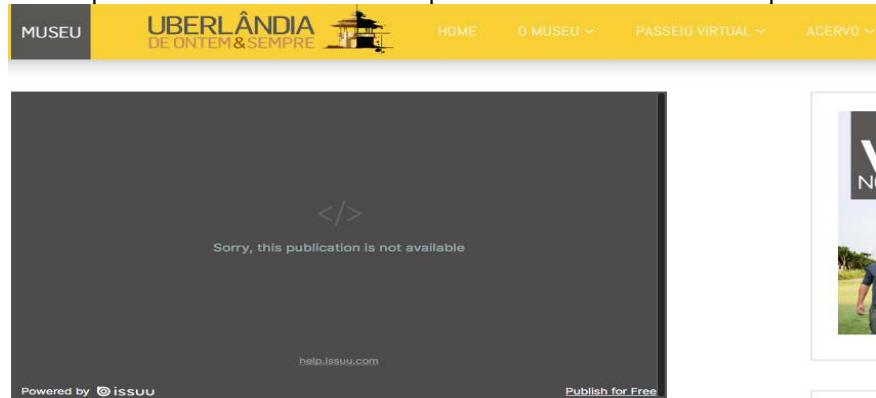
Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹¹

Essas mesmas imagens também não carregam quando abrimos as páginas para acessar os conteúdos e a edição 17 do Almanaque digitalizada não está disponível (figura 40).

⁹⁰ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/comercial-correio-do-triangulo/>. Acesso em: 18 set. 2022.

⁹¹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 40 - Captura de tela Museu - “Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre – Ed.178542”



Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹²

Identificamos fragilidades também na ferramenta de busca do *site*, quando testamos a funcionalidade dela. Escolhemos a palavra “educação” e aparecem 10 resultados na página inicial aberta, sendo seis vídeos e quatro documentos com fotos e breves textos descritivos (figura 41), referentes a produções entre 2015 e 2020. Há outros conteúdos que poderiam ser relacionados aos resultados desta pesquisa. Por exemplo, no vídeo “Escola Estadual Bueno Brandão (parte 2)”, a “parte 1” não é relacionada no resultado da busca. Há, no rodapé dessa página, o ícone “anterior” que elenca mais oito conteúdos sobre o tema pesquisado, porém não aparece a “parte 1” sobre a Escola Estadual Bueno Brandão. Desses oito conteúdos da página “anterior”, seis são vídeos e os outros dois são fotos com textos descritivos.

⁹² Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre-edicao-17/>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 41 - Captura de tela Museu Virtual de Uberlândia – busca por “educação”

A captura de tela mostra a interface do Museu Virtual de Uberlândia. No topo, uma barra amarela com o logo 'MUSEU UBERLÂNDIA DE ONTEM & SEMPRE' e links para 'HOME', 'O MUSEU' e 'PASSEIO VIRTUAL'. Abaixo, uma seção intitulada 'RESULTADOS DA PESQUISA POR: EDUCAÇÃO' exibe dez resultados de vídeos:

- Um laboratório para o avanço da educação municipal** (02:33, 26 de agosto de 2015, 1 comentários, 0 likes, 0 dislikes): O vídeo mostra as obras da Universidade da Criança, construída no bairro Brasil, no início dos anos de 1990. Atualmente, o prédio ab...
- Repensar Uberlândia: educação** (04:55, 22 de julho de 2015, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): O terceiro episódio da série Repensar Uberlândia, veiculado dentro do programa Close em 1991, aborda o tema Educação. O vídeo traz d...
- Bate Papo Professor Sain't Clair Neto** (00:00, 19 de maio de 2020, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): O ex-professor Sain't Clair relata sobre os seus ideais de magistério, sua educação no seminário e a influência familiar, onde boa p...
- Sala Liceu de Uberlândia** (00:00, 21 de fevereiro de 2020, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): Um dos espaços mais emblemáticos da cidade, o Colégio Liceu, existente na primeira metade do século passado, trouxe novos parâmetros...
- Sala Professor Vadico** (00:00, 14 de janeiro de 2020, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): Sala que reúne a paixão familiar pela educação. Professor Vadico e suas filhas, Sonia Borges e Ione Mercedes, falam sobre as escolas...
- Sala – Professor Vadico** (00:00, 14 de janeiro de 2020, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): Sala que reúne a paixão familiar pela educação. Professor Vadico e suas filhas, Sonia Borges e Ione Mercedes, falam sobre as escolas...
- Sônia Borges** (13:29, 13 de janeiro de 2020, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): Entrevista com Sônia Borges, educadora e também filha de conhecidos educadores da cidade. Ela fala sobre a erudição de sua família e...
- Orlandi Viollatti** (11:24, 06 de dezembro de 2019, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): O professor de história Orlandi Viollatti, que veio de Araguari para Uberlândia com pouco mais de 20 anos, conta um pouco de sua tra...
- Professor Sain't Clair** (09:59, 27 de julho de 2018, 0 comentários, 0 likes, 0 dislikes): De família cheia de professores, o estudante seminarista apaixonou-se pela educação e optou por dedicar sua vida ao magistério. Na c...
- Escola Estadual Bueno Brandão (parte 2)** (04:52, 17 de fevereiro de 2017, 0 comentários, 4 likes, 1 dislikes): A Escola Estadual Bueno Brandão, na praça Tubal Vilela, foi a primeira instituição pública de ensino da cidade. Foi também a primeir...

Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹³

⁹³ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/?s=educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 05 set. 2022.

No total, portanto, para a busca por “educação” aparecem 18 resultados, conforme pesquisamos em setembro de 2022. Ao clicar sobre qualquer um deles, o internauta é direcionado à outra página do Museu Virtual de Uberlândia para acesso à produção completa.

Ainda sobre a pesquisa com o tema educação, ao acessar os conteúdos nos resultados, percebemos que, abaixo de cada material, aparecem os ícones “vídeo anterior” e “próximo vídeo” ou “postagem anterior” e “próxima postagem” e abaixo desses ícones ainda possuem “vídeos relacionados”. Verificamos que nem todas as sugestões estão associadas ao tema inicial da busca e sugerem novos percursos no *site*, porém se afastam da temática pesquisada.

Por exemplo, ao acessarmos o conteúdo do resultado da busca por educação “Sala Liceu de Uberlândia 7989”, o material sugerido na “postagem anterior” é sobre “Sala Barba e Cabelo” e o conteúdo é sobre barbeiros tradicionais de Uberlândia. Enquanto na “próxima postagem” a produção sugerida é “Sala Carnaval de Rua 8073” que reúne materiais sobre a festa popular em Uberlândia. Nesta mesma página, nos materiais “relacionados” aparecem seis produções com os artistas do Almanaque, conforme demonstrado na figura 42.



Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹⁴

Percebemos a desarticulação no resultado com a falta de elos nas sugestões do Museu que distanciam o internauta da motivação que o levou a realizar a pesquisa.

Verificamos também a dispersão de conteúdos que poderiam estar agregados em uma mesma “sala” ou seção. Por exemplo, ao acessarmos a “Sala Carnaval de Rua”, quatro produções são destacadas, porém ao realizarmos busca no *site* do Museu com tema “carnaval”

⁹⁴ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-liceu-de-uberlandia/>. Acesso em: 02 set. 2022.

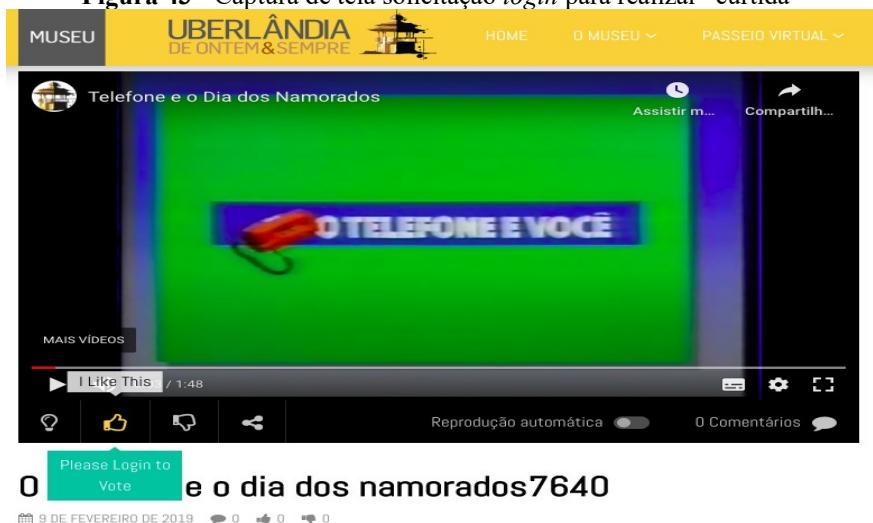
aparecem vinte resultados e consideramos que muitos deles poderiam ser relacionados à “sala” que trata sobre o carnaval de rua.

Há ainda “salas” com mistura de temáticas, como a “Sala UTC – Lauro de Paula” que resulta em duas produções, uma sobre saúde, com Lauro de Paula e outra sobre esporte com ex-diretores do UTC, porém elas não têm correlação. O Museu Virtual de Uberlândia possui uma “sala” específica sobre o UTC, a “Sala Uberlândia Tênis Clube”, que poderia abrigar essa reportagem com os dirigentes do UTC. Além disso, não tem sentido uma “sala” com o nome “Sala UTC – Lauro de Paula” já que o entrevistado não faz nenhuma menção a esse clube.

Esses exemplos elencados anteriormente demonstram o comprometimento das principais características de uma plataforma digital: a hipertextualidade e interatividade. A hipertextualidade está comprometida porque os *hyperlinks* internos do *site*, que criam as “salas” temáticas, indicam os vídeos anteriores e posteriores e possibilitam o funcionamento da ferramenta de busca, fazem ligações entre conteúdos não relacionados entre si, dificultam que o internauta localize todos os conteúdos ligados a uma palavra escrita na busca. Consequentemente, a interatividade entre o internauta e os conteúdos do *site* ficam fragilizados também.

Em relação às ações de interação entre internautas e organizadores do Museu, nos conteúdos em que é possível avaliar com “curtida”, há dificuldade para realizá-la. É solicitado *login* no *site*, como verificamos na produção “O telefone e o dia dos namorados 7640” (figura 43).

Figura 43 - Captura de tela solicitação *login* para realizar “curtida”



Fonte: *site* Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹⁵

⁹⁵ Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-telefone-e-o-dia-dos-namorados/>. Acesso em: 23 set. 2022.

Apesar do aviso para proceder com a avaliação do conteúdo, não conseguimos realizar o *login*. A funcionalidade também não está disponível em todos os materiais. Percebemos que a avaliação na maioria dos materiais é disponibilizada em postagens anteriores ao ano de 2020, sugerindo que a partir desse ano, a ferramenta foi desativada.

No ciberespaço, espera-se que a interação entre quem produz a informação e a quem ela é destinada seja mais dinâmica. O diálogo é incentivado e desperta interesse no envolvimento do público com o transmitido. No Museu Virtual de Uberlândia, essa interação é prejudicada em muitas postagens como exemplificado com a figura 43.

Percebemos também que nem todas as manifestações e solicitações de internautas foram respondidas ou comentadas pelos administradores ou moderadores do Museu. Um exemplo é o conteúdo sobre a Família Freitas (figura 44). No texto descritivo há incentivo para que, quem conhecer a família, compartilhe fotos e outros materiais. Há oito comentários, dentre eles, de pessoas que dizem pertencer à família, entretanto, não há registros de retorno da equipe do Museu.

Figura 44 - Captura de tela alguns comentários na publicação Família Freitas

Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹⁶

Na postagem do filme “Uberlândia, Cidade Menina” que está no *site* do Museu, há quatorze comentários, dentre eles, falando da preciosidade histórica do vídeo e observações com relação à bandeira do nazismo percebida em encontro de rotarianos. Neste exemplo, há

⁹⁶ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/familia-freitas-origem-rural-forca-na-politica-e-na-cultura-de-uberlandia/>. Acesso em: 20 set. 2022.

algumas respostas produzidas pelos organizadores do Museu Virtual de Uberlândia, conforme demonstrado na figura 45.

Figura 45 - Captura de tela alguns comentários na publicação “Uberlândia, Cidade Menina”

MUSEU UBERLÂNDIA DE ONTEM & SEMPRE HOME O MUSEU PASSEIO VIRTUAL

Museu Virtual De Uberlândia
28 de junho de 2016 às 18:29

Oi Victor. A gente não colocou a opção de download em nenhum dos arquivos do site. Isso porque tudo o que digitalizamos envolve um alto custo, que inclui equipe, equipamentos, tecnologias, etc. Recentemente, uma pessoa disponibilizou esse vídeo no youtube sem nossa autorização, sem ao menos citar direitos autorais. Tivemos que entrar em contato e pedir que corrigisse.

O vídeo ficará armazenado em nosso museu e, sempre que quiser ver, você aproveita e faz uma visitinha no site. Vamos adorar.

Renato Dalmo
28 de agosto de 2015 às 23:44

Muito bom, parabéns... O mais interessante era a inclinação nazista do Rotary nesta época, os nazi eram "legais"!!!

Museu Virtual De Uberlândia
1 de setembro de 2015 às 17:28

Oi Renato. Já pesquisamos para entender essa bandeira no vídeo, mas ainda não encontramos uma resposta correta.

Fonte: site Museu Virtual de Uberlândia (2022)⁹⁷

Sobre conteúdos audiovisuais postados, verificamos que em alguns falta uma edição mais apurada e cuidadosa, como na seção “Sala Liceu de Uberlândia” no conteúdo “Professor Milton Porto”. A entrevista com o professor é iniciada com o repórter dizendo “valendo” e, enquanto o professor conta sobre a criação do Colégio Liceu, solicita pausa para se lembrar dos nomes dos fundadores e esse trecho não foi cortado. Nesse mesmo vídeo, ao final, aparecem imagens de recortes de jornais sobre a Escola e o áudio ambiente, com diálogo entre pessoas no local quando as imagens são capturadas, mas sem relação com elas, foram deixadas no vídeo postado.

Não houve também o cuidado de editar gravações de programas televisivos para serem disponibilizados no Museu. Na postagem da entrevista do professor Arcelino Pereira o entrevistador chama para um “intervalo” e informa que voltaria depois com o restante do material, porém não há pausa ou pelo menos não é possível ver o que passou na TV durante este intervalo. No vídeo postado com a entrevista com Mestre Lotinho, ao final, o entrevistador

⁹⁷ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/uberlandia-cidade-menina-2/>. Acesso em: 20 set. 2022.

chama para o programa “Uberlândia de Ontem e Sempre” da semana seguinte, em referência ao conteúdo televisivo que não está lincado com este vídeo no *site*.

Exemplificamos ainda, a ausência de informações sobre autoria de imagens em alguns materiais. Nos conteúdos “Políticos Marcantes”, com a foto de quatro políticos e “Ícones da Imprensa” com a foto de três comunicadores, não há créditos para o autor das fotos. A identificação de autoria, além de significar o reconhecimento do trabalho realizado por um profissional e por uma instituição, é imprescindível para a pesquisa de fontes históricas que demandam a relação entre a imagem registrada e quem, quando e porque ela foi produzida. São estas informações que possibilitam compreender as fontes não como ilustrações, mas como produções histórico-sociais que envolvem enquadramentos e seleções que produzem sentidos e silenciamentos sobre um evento.

Há lacunas na inserção de datas de produção das entrevistas, fotos, documentos escritos ou de ocorrência dos fatos registrados nas fontes disponibilizadas, que permitiriam que o internauta se situasse em relação à temporalidade. Por exemplo, na entrevista com “Dr. Genésio Melo”⁹⁸ são relatados vários acontecimentos que não conseguimos reconhecer a qual período da história de Uberlândia estão relacionados.

Em algumas postagens, há ausência de identificação das pessoas entrevistadas, como por exemplo, na entrevista com o “Professor Milton Porto”⁹⁹, o nome de sua esposa não aparece no vídeo e nem no texto descritivo, apesar dela também aparecer nas imagens e realizar depoimento. Outro conteúdo em que também não é possível identificar os nomes dos entrevistados é no vídeo com integrantes da Escola de Samba “Garotos do Samba”¹⁰⁰.

Quando, em muitos dos materiais que compõem o Museu, há ausência na identificação de sujeitos e lugares e de autoria de imagens, quando inexistem datas sobre a realização de produções ou a que período os entrevistados se referem, compromete-se a utilização do acervo como fonte histórica e a compreensão do sentido das memórias registradas.

Se o Museu se apresenta como lugar de memórias, todos os conteúdos postados deveriam conter estes e outros detalhamentos e não apenas em parte deles. Tomamos como exemplo os mesmos materiais “Políticos Marcantes” e “Ícones da Imprensa”. Nestas postagens, para melhor contextualização das memórias nelas registradas, se faz necessária a inserção de textos descritivos com mais informações sobre quem são essas pessoas e as ligações entre elas

⁹⁸ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/dr-genesio-melo/>. Acesso em: 29 set. 2022.

⁹⁹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/professor-milton-porto/>. Acesso em: 29 set. 2022.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/garotos-do-samba/>. Acesso em: 30 set. 2022.

ou mesmo sugestão de uma leitura reticulada, com *hiperlinks*, que conduzam o internauta a saber detalhes sobre elas – localizamos no Museu outros conteúdos sobre as pessoas em destaque nestas fotos, com exceção de Aldorando Dias de Souza.

Em síntese, a organização do *site* do Museu Virtual de Uberlândia apresenta fragilidades de interatividade, hipertextualidade, interação com internautas e edição de vídeos que comprometem a sua função de Museu Virtual. E o mais problemático para um museu que se quer de História: a maioria das fontes estão precariamente identificadas, sem localização no tempo e no espaço, sem informações sobre quem a produziu, quando e para quê, o que dificulta sua compreensão e utilização como fonte histórica.

Na próxima subseção abordamos sobre o desdobramento dos conteúdos disponibilizados no Museu em diferentes plataformas para analisar o desenvolvimento do processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre.

4.2 Tessitura do processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre

Para compreensão do conjunto de mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e suas convergências, na seção 3, apresentamos o quadro 7. Aqui, vamos aprofundar a discussão, exemplificando e analisando a articulação de suas mídias (TV, revista e *sites*, entre eles o do Museu Virtual de Uberlândia) e de suas redes sociais digitais, no sentido de compreender como o projeto se aproxima de um processo transmídiático de difusão e expansão de conteúdos, que produz memórias e escreve uma história pública local.

Em todas as mídias identificamos abordagens que se articulam com as produções realizadas pela Close Comunicação e Nós Projetos e o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Exemplificamos com a reportagem veiculada na edição nove do Almanaque (figura 46), sobre os 10 anos do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, que salientou que, em uma década, foram produzidas mais de 15 mil horas de vídeos sobre Uberlândia e destacou que, a partir da digitalização de parte do acervo, surgia a ideia do Museu Virtual de Uberlândia, para ampliar o compartilhamento de memórias de Uberlândia.

Figura 46 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre Uberlândia de Ontem e Sempre



Fonte: Almanaque (2015)¹⁰¹

Na maioria das edições do Almanaque, há publicações que informam sobre o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e como pode ser assistido. Como neste anúncio na revista número 16 (figura 47).

Figura 47 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre programa de TV



Fonte: Almanaque (2019)¹⁰²

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2015/09/02/almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre-ed-09/?preview=true>. Acesso em: 10 ago. 2022.

¹⁰² Este anúncio está na página 15 da edição número 16 da revista Almanaque, ano 8, publicada em março de 2019. Disponível em: <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/almanaque-uberlandia-de-ontem-sempre-ed-19/>. Acesso em: 10 out. 2022.

Também no Almanaque, há publicações, em alguns números, que indicam sobre a importância do Museu Virtual de Uberlândia na preservação de memórias em espaço digital e a facilidade para acessar as produções, como esta da edição 11, demonstrado na figura 48.

Figura 48 - Captura de tela de publicação no Almanaque sobre Museu Virtual de Uberlândia



Fonte: Almanaque (2016)¹⁰³.

No programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, há reportagens sobre o Museu Virtual de Uberlândia, como a apresentação da reestruturação¹⁰⁴ do Museu para facilitar a navegação e a localização dos conteúdos. Em outros programas de TV, verificamos o incentivo para conhecer o Museu Virtual de Uberlândia e ler a revista Almanaque. A mídia televisiva ainda produz conteúdos específicos sobre a revista, como o vídeo sobre a exposição realizada em homenagem aos seus 10 anos¹⁰⁵ de publicação.

No site Museu Virtual de Uberlândia, o internauta é estimulado a acompanhar as produções do programa de TV e revista Almanaque. Há conteúdos sobre a mídia televisiva,

¹⁰³ Esta publicação está nas páginas 24 e 25 da edição número 11 da revista Almanaque, ano 6, publicada em setembro de 2016. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2016/09/23/edicao-11-almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre/?preview=true>. Acesso em: 10 out. 2022.

¹⁰⁴ A reportagem sobre a reestruturação do Museu Virtual de Uberlândia foi exibida no programa de TV em maio de 2019. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2019/05/08/museu-virtual-de-uberlandia/?preview=true>. Acesso em: 10 out. 2022.

¹⁰⁵ Nesta reportagem não é informada a data de realização e exibição no programa de TV. O material está disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2021/09/03/exposicao-comemoracao-10-anos-almanaque-3/?preview=true>. Acesso em: 10 out. 2022.

exibidos no programa de TV e postados no Museu, como sobre a criação¹⁰⁶ do “Uberlândia de Ontem e Sempre” e relatos¹⁰⁷ de pessoas diversas sobre a importância dos conteúdos na preservação das memórias sociais de Uberlândia.

Analisamos também como a convergência midiática possibilitou a expansão e propagação de conteúdos no projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Ressaltamos que em alguns conteúdos comuns ao *site* do Museu Virtual de Uberlândia, programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e Almanaque, há abordagens diferentes sobre uma mesma temática. Os materiais se complementam nas multiplataformas, porém não trazem prejuízos no entendimento quando acessados isoladamente, mas se consumidos em conjunto ampliam as experiências.

Cada história de um projeto transmídia deve ser percebida pela audiência como uma parte cuidadosa e devidamente separada e não como um pedaço cortado à esmo, isto é, a separação das partes da história completa não pode ser feita de modo arbitrário ou aleatório, o ideal é que seja estudada de modo a manter íntegra aquela parte até os seus últimos filamentos narrativos que assim a caracterizam (GOSCIOLA, 2014, p. 9).

A narrativa transmídia se desenvolve a partir da convergência midiática, na expansão de conteúdo em meios midiáticos distintos, de acordo com a linguagem de cada plataforma, a fim de ampliar o alcance do público, a interação e promover a expansão das informações.

Uma boa franquia transmídia trabalha para atrair clientelas, alterando um pouco o tom do conteúdo de acordo com a mídia. Entretanto, se houver material suficiente para sustentar as diferentes clientelas – e se cada obra oferecer experiências novas –, é possível contar com um mercado de intersecção [sic] que irá expandir o potencial de toda a franquia (JENKINS, 2008, p.138).

As mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre são independentes, mas ao mesmo tempo estão conectadas entre si. Utilizam diferentes linguagens (escrita na revista Almanaque; audiovisual no programa de TV e canal do Youtube; multimodal nas plataformas digitais, como o Museu) e assim, abrem possibilidades para alcançar diferentes públicos, que têm hábitos de consumo cultural diferentes, para articular, expandir e propagar seus conteúdos.

¹⁰⁶ A reportagem sobre a origem do “Uberlândia de Ontem e Sempre”, realizada em 2011, foi postada em 27 de janeiro de 2017 no *site* do Museu. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/origem-do-uberlandia-de-ontem-e-sempre/>. Acesso em: 12 out. 2022.

¹⁰⁷ A reportagem com relatos de pessoas sobre o programa de TV, realizada em 2011, foi postada em 27 de janeiro de 2017 no *site* do Museu. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/programa-e-um-livro-ao-vivo/>. Acesso em: 12 out. 2022.

No *site* do Museu Virtual de Uberlândia, em alguns materiais, além do vídeo sobre a temática tratada, há texto descritivo no qual é mencionado sua exibição no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”. Como percebemos, há conteúdos do Museu provenientes do programa de TV o que, a princípio, pode sugerir que o Museu é um repositório do “Uberlândia de Ontem e Sempre”, entretanto, não é um repositório. No Museu Virtual de Uberlândia a disposição, organização, linguagens, acréscimos de informações ou cortes, a disponibilidade de manuseio e interface com público são diferentes da proposta do programa televisivo, conforme fala do entrevistado Celso Machado.

O Museu não é um repositório. O que tem são ajustes. Primeiro quando você vai gravar um depoimento, às vezes, tem 40 minutos e você joga no programa 6 e eu não deleteo. E, às vezes, eu volto lá para veicular trechos que não passei no programa. Faço isso principalmente com o Almanaque e, às vezes, para o Museu. Então, não é simplesmente uma transcrição, você pegar daqui e jogar dali. Todos têm sua personalidade (MACHADO, 2022).

Com relação à narrativa transmídia, não há uma intencionalidade inicial do idealizador e coordenador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre em seu desenvolvimento. No entanto, na entrevista concedida à pesquisadora, Celso Machado considerou que o desenvolvimento de produções realizadas em diferentes mídias e a abordagem de cada conteúdo em cada uma delas, acabaram culminando em uma transmídia.

Segundo Machado (2022), “*se o Museu for incentivado o conteúdo é semanal, porque aí você já faz o programa e já faz outros recortes para o Museu. Aí você assiste um trecho no programa e outro no Museu*”. Assim, na interseção dos conteúdos disponibilizados nas diferentes mídias do projeto, pode-se ter acesso a versões mais amplas dos depoimentos. Destarte, analisamos produções para verificar a transmídiatização.

No *site* do Museu Virtual de Uberlândia, há entrevistas em vídeos com ou sobre 20 artistas que elaboraram as ilustrações das capas da revista Almanaque e estão reunidas e disponíveis na “Sala Artistas do Almanaque”. Essas entrevistas foram exibidas do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, no quadro “Especial Almanaque”, porém com diferenças, seja pelo tempo ou inserção dentro de outras reportagens.

Por exemplo, no programa televisivo¹⁰⁸, no quadro “Especial Almanaque” sobre a edição sete da revista, a reportagem abordou, além da entrevista com a artista plástica Lilian

¹⁰⁸ Na postagem sobre a reportagem de lançamento da edição sete da revista, no *site* Uberlândia de Ontem e Sempre, que também está disponível no canal do YouTube do Uberlândia de Ontem e Sempre, não há data sobre a exibição do conteúdo na televisão e da gravação das entrevistas. No Museu Virtual de Uberlândia consta que a entrevista com Lilian Tibery foi realizada em agosto de 2014. Disponível em:

Tibery, uma outra entrevista com o homenageado da revista Moacyr Franco, trouxe conteúdo sobre Tito Teixeira e o lançamento da revista em um único material. No Almanaque, há outras informações sobre Tibery. Nesse caso, verificamos que há propagação e expansão de conteúdo, porém não há incentivo no Museu, Almanaque ou programa de TV, para que esse material específico seja acessado entre as mídias.

Nas postagens do Museu sobre os artistas que ilustraram as capas do Almanaque também não há sugestão ao internauta para acessar reportagens sobre eles na revista (a maioria das edições do Almanaque trazem matérias sobre esses artistas).

Analisamos outro exemplo. O volume 1 do livro “Registros Para Sempre”, cuja tiragem inicial foi de 500 cópias, está destacado e disponibilizado em versão digitalizada na página principal do *site* do Museu Virtual de Uberlândia. No prefácio da obra há um *QRcode* que os leitores são incentivados a acessar para assistir entrevistas em vídeos disponibilizadas no Museu Virtual de Uberlândia. No *site* há 13 das 20 histórias narradas no livro e outros conteúdos relacionados ao livro. Desta forma, consideramos, nesse caso, que a narrativa transmídia cumpre com todas as etapas necessárias.

Nos conteúdos que examinamos, a partir do Museu Virtual de Uberlândia e sua relação com as demais mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre há propagação de conteúdos, porém, nem todas as postagens informam ou incentivam a acessos de materiais entre as mídias. Em alguns textos descritivos no *site* do Museu indicam que o material foi exibido no programa de TV, mas não há orientação específica de onde localizar o conteúdo televisivo, com sugestão de *link* de acesso. Logo, identificamos falha no engajamento eficiente para a expansão do conteúdo por meio do entrelace das produções midiáticas. Não há uma padronização na expansão dos conteúdos, alguns cumprem, outros não. Mesmo assim, entendemos que no projeto Uberlândia de Ontem e Sempre há aproximações consistentes de um processo de narrativa transmídia.

A propagação e expansão de conteúdos em plataformas diferentes ampliam o alcance do público, na disputa de uma audiência cada vez mais acirrada, considerando a dispersão de meios de comunicação na distribuição. Os conteúdos e as linguagens desenvolvidas em cada uma das plataformas despertam o interesse de diferentes públicos.

No próximo tópico, por meio da trajetória de Celso Machado - idealizador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre – é possível compreender melhor seu interesse na preservação

de memórias de Uberlândia, por meio de sua inserção em empresas de comunicação e propaganda do município.

4.3 O jornalismo na produção e organização do Museu Virtual de Uberlândia: inspirações e criações

A linguagem utilizada para as produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre é, primordialmente, jornalística. Celso Machado, como idealizador da iniciativa, apesar de não ter formação superior em jornalismo, sempre trabalhou no campo da comunicação e publicidade, convivendo com profissionais da área. Assim, para seu projeto pessoal de preservar e compartilhar as memórias de Uberlândia, que produziu desde os anos 1990, contou com a contribuição especial de Adriana Sousa¹⁰⁹ para coordenar a criação e organização, junto a ele, do Museu Virtual de Uberlândia. Segunda ela, “*o Museu faz um jornalismo que faz um registro da história. O que a Close nos traz é um registro da história de um povo, usando a linguagem do jornalismo*” (SOUSA, 2022)¹¹⁰.

Na composição do acervo do Museu Virtual de Uberlândia, há utilização de elementos do jornalismo, como entrevistas e reportagens, originalmente produzidas para transmissão em programa para televisão. A entrevista, conforme a jornalista e pesquisadora Medina (2011, p. 18), é “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”. Para Lage (1987), as entrevistas, no jornalismo, são utilizadas para coletar informações e pensamentos dos entrevistados.

No entanto, a produção e organização do acervo do Museu também se inspirou, conforme Adriana Sousa, no Museu da Pessoa, primeiro museu virtual do Brasil que, por meio do trabalho de museólogos, historiadores e outros profissionais, desde os anos 1990, “reúne práticas, conceitos e princípios para fomentar o registro, a preservação e a disseminação de memória de famílias, grupos, organizações e comunidades” (MUSEU DA PESSOA, 2022). Enquanto o Museu da Pessoa se baseia em acervos compostos por depoimentos, muitos deles enviados pelos próprios sujeitos da memória ou por núcleos organizados para produzir e preservar memórias de grupos específicos (inclusive, Celso Machado foi entrevistado e gravou

¹⁰⁹ A jornalista Adriana Sousa tem um *blog* com registros de memórias sobre trabalhos que executou, entrevistas dadas para a mídia e com pensamentos e análises de conteúdos diversos. No propósito do *blog* afirma ser uma contadora de história e “quero escrever a história de um mundo melhor, influenciando as pessoas a pensarem de maneira autônoma” (SOUSA, s/d). Disponível em: <http://adrianasousa.com.br/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

¹¹⁰ SOUSA, Adriana. Entrevista 2. [out. 2022]. Entrevistadora: Ludmila Bahia Franco Faria. Uberlândia, 2022. 1 arquivo .mp3 (56 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice C desta pesquisa.

um depoimento para o acervo do Museu da Pessoa)¹¹¹, o Museu Virtual de Uberlândia constituiu-se, primordialmente, por entrevistas produzidas por Celso Machado, profissionais da comunicação e por fontes históricas, por ele localizadas. Assim, Adriana Sousa considera o Museu Virtual de Uberlândia uma experiência singular.

Eu considero o Museu uma experiência inédita, porque em todo o tempo que eu pesquisei iniciativas similares na internet e em outros museus, eu nunca achei. Poucas cidades têm uma pessoa como o Celso, que não jogou fora o que produziu em TV. Então, o grande segredo do Museu, é esse, foi o fato dele ter guardado, por tanto tempo, tantos vídeos importantes (SOUZA, 2022).

Os conteúdos do Museu Virtual de Uberlândia não têm “data de validade”, não se trata de factualidades, mas de experiências que ocorrem em temporalidades diferentes e contribuem para interpretações de acontecimentos. De acordo com Celso Machado:

É um jornalismo, só que não é factual. É jornalismo, porque a gente noticia fatos, ideias e pensamentos, mas ele é atemporal, essa é a característica do jornalismo que nós temos. E outra coisa, o nosso objetivo é de promover valores e não identificar desvios ou coisas que o jornalismo cotidiano evidencia. Tem algumas críticas? Tem, mas no aspecto cultural (MACHADO, 2022).

Quando se refere a atemporalidade do Museu, Celso Machado quer dizer que as produções midiáticas do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre não são pautadas no ineditismo e imediatismo. As memórias produzidas, preservadas e circuladas remetem a fatos e vivências de diferentes períodos históricos do município. Quem se interessa por elas, não busca informações sobre o cotidiano imediato, mas curiosidades, memórias de conhecidos ou fontes históricas para pesquisas ou planejamento de aulas sobre a história local.

No entanto, a partir do que discutimos na seção 2 desta tese por meio de Nora (1993), Godar (2005), entre outros, é preciso problematizar esta concepção de atemporal que promove valores emitida por Celso Machado. Mesmo que não tenha a intenção de noticiar fatos do presente, a escolha de quem entrevistar, do que perguntar, a edição feita das entrevistas é temporal, ou seja, é delineada por afetos, interesses de indivíduos e coletivos do presente, para justificar, fortalecer valores que não são neutros e nem únicos, mas vinculados a um projeto de cidade, entre vários outros em disputa, conforme analisamos nos próximos itens desta seção.

¹¹¹ Encontramos no Museu da Pessoa uma entrevista concedida por Celso Machado ao *site* sobre as memórias na infância e detalha a ligação dele com a CTBC/Algar. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/nos-temos-a-cara-do-brasil-46051>. Acesso em: 03 jan. 2022.

Para melhor compreender os sentidos das narrativas produzidas no projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, consideramos adequado aprofundar os entendimentos sobre a trajetória de seu idealizador - Celso Machado.

Ele fez curso técnico de química industrial e interrompeu a graduação em administração quando estava no terceiro ano. Machado¹¹² iniciou a trajetória na área da comunicação com publicação de jornal, que inicialmente imprimia escondido, quando começou a trabalhar na CTBC¹¹³, atual Algar. Em 1968, aos 17 anos, foi contratado para atuar na área financeira, mas em 42 anos¹¹⁴ na CTBC/ALGAR, dedicou a maior parte desse tempo com produções de comunicação. Mesmo enquanto contratado pela empresa criou e desenvolveu projetos de comunicação fora dela, atuou em alguns veículos de comunicação de Uberlândia, fundou a Close Comunicação que, até o início do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, era uma produtora de vídeos, responsável pela produção de conteúdos empresariais e políticos, principalmente, e ainda criou a Nós Projetos de Conteúdos.

Em um dos períodos que esteve na Algar, atuando na ABC Produções, produtora de vídeos da empresa de telecomunicações, fez parte do programa independente da televisão regional - “Terra da Gente”, nome que a Algar não se apropriou. Com o encerramento da ABC Produções ficou com parte do acervo que se avolumou aos materiais produzidos pela Close Comunicação. Consequentemente, entre as muitas memórias disponibilizadas no Museu Virtual de Uberlândia, as do conjunto de mídias que fizeram parte do que hoje é a empresa Algar Telecomunicações - jornal “Correio de Uberlândia”, ABC Propaganda e outras - são enfatizadas.

O pontapé para que o acervo da Close Comunicação fosse socializado foi a série de reportagens que Celso Machado produziu, em 2005, sobre os 70 anos do Praia Clube, quando

¹¹² Na CTBC/Algar, Celso Machado se envolveu com as atividades de comunicação e fundou e dirigiu a revista “Teleco” que circulou internamente na CTBC/Algar, publicada pela Cia. de Telefones do Brasil Central por mais de 20 anos. No jornal “Correio de Uberlândia” dedicou-se a propaganda e foi cronista de 1990 até o encerramento do impresso. Foi colunista semanal de crônicas no “Diário de Uberlândia”. Nos anos de 1988 e 1989 fundou e dirigiu a revista “Flash”, de periodicidade mensal, que foi o veículo impresso na época de maior tiragem em Uberlândia. Foi criador da revista da ACIUB – Associação Comercial de Uberlândia por mais de 10 anos. Foi diretor do jornal “Praiano” do Praia Clube e, há 5 anos, edita e coordena a revista semestral do Cajubá Country Club – ambos clubes cujos associados pertencem a classe média e classe alta de Uberlândia.

¹¹³ A holding Algar Telecom originou-se de empresas fundadas, na primeira metade do século XX, por Alexandrino Garcia – português que com 12 anos, em 1919, se mudou com a família para São Pedro de Uberabinha, hoje Uberlândia. Entre beneficiadoras de arroz, revenda de automóveis, Companhia de Telefones do Brasil Central (CTBC), Alexandrino Garcia com outros empresários locais, adquiriram o jornal “Correio de Uberlândia”, no ano de 1940. Ao longo do século XX e primeiras décadas do século XXI foi articulado a ABC Produções (posteriormente Algar Mídias), que tinha TV por assinatura com canal local de televisão. Tanto o jornal quanto a Algar Mídias foram encerrados em 2016.

¹¹⁴ Celso Machado não é colaborador da empresa, mas permanece em contato com a CTBC/Algar no sentido que a empresa de telecomunicações é uma das patrocinadoras do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, apesar dos investimentos terem diminuído ao longo da existência do projeto.

ele era diretor social do clube. Diante da boa repercussão, criou o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Uberlândia de Sempre”, depois ajustado para o nome “Uberlândia de Ontem e Sempre”.

Inspirado no formato do Almanaque Brasil de Cultura Popular, revista distribuída a bordo das aeronaves da companhia aérea TAM¹¹⁵, Celso Machado decidiu pela expansão do projeto de memórias sobre Uberlândia com a criação da versão impressa: o Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre¹¹⁶.

Toda vez que voava pela TAM e via o Almanaque Brasil, do Elifas Andreato, surgiu a vontade de criar um almanaque em Uberlândia. Ter criatividade é pouco, se você não tiver iniciativa não vale nada. Aí chegou uma fase na minha vida que eu quis fazer e não só criar. Resolvi fazer uma versão impressa anual do Almanaque “Uberlândia de Ontem e Sempre (MACHADO, 2022).

Expandindo produções de preservação e circulação de parte das memórias de Uberlândia, explorando linguagens midiáticas digitais, nasceu o Museu Virtual de Uberlândia. A jornalista Adriana Sousa, que conheceu Celso Machado quando trabalhavam na Algar, prestou serviços para a Close Comunicação, acompanhou a criação do Almanaque e percebendo a extensão do acervo, Adriana e Celso tiveram a ideia de criar o *site* do Museu Virtual de Uberlândia. Conforme Machado (2022), “*quanto mais o tempo passa, a história e a memória ficam mais valiosas. E eu fiquei pensando como poderia preservar ainda mais o acervo, foi aí que surgiu o Museu Virtual de Uberlândia, uma espécie de “fiel depositário” do que a gente tem na Close*”.

Em junho de 2014, foram iniciados os projetos de elaboração do Museu Virtual de Uberlândia, em janeiro de 2015 foram formalizados os processos de constituição do *site* e em agosto de 2015 foi disponibilizado para acesso público. Em sua gênese, o *site* tinha plataforma

¹¹⁵ O “Almanaque Brasil de Cultura Popular” foi uma revista customizada para TAM, idealizada pelo artista gráfico Elifas Andreato, que circulou de 1999 a 2014. Conforme Lima; Falcão e Menezes (2013, p. 96), ela tinha como “linha de conteúdo um contexto popularesco e folclórico, enfatizando as culturas regionais e locais em suas matérias, além de manter uma estratégia comunicacional e organizacional voltada de apropriações populares”. Em 2010, o Ministério da Cultura lançou o livro “Brasil: Almanaque de Cultura Popular” que reúne alguns conteúdos dos 15 anos de circulação do “Almanaque Brasil”. Há um *site* na internet, cujo domínio é <https://almanaquebrasil.com.br/>, com conteúdos que se assemelham a revista, mas em linguagem para mídia digital. Acesso em: 12 dez. 2022.

¹¹⁶ Sobre os almanaque produzidos na Europa (desde o século XV) e no Brasil (desde o início do século XX), Martelo; Dourado (2019, p. 360) definem: “como uma publicação de ampla circulação, promotora de práticas de leitura e escrita, construída a partir de elementos textuais cujas características se situam nas fronteiras entre as formas de sistematização científica, apropriadas pela concepção popular de “informação útil”.

própria para indexação de conteúdos e depois migraram para o YouTube para redução de gastos¹¹⁷.

Tanto nos vídeos postados no Museu Virtual quanto nas outras produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, Celso Machado é identificado com diferentes atribuições: entrevistador, diretor editorial, publicitário, guardião de histórias, engenheiro de histórias e/ou jornalista. Na entrevista que realizamos, Celso Machado diz ser um “costureiro de histórias”. O comunicador, que ao longo de sua existência, coleciona histórias sobre Uberlândia, nutre profundo afeto e orgulho pela cidade. As declarações feitas a esta pesquisadora, se assemelham a outras que estão registradas nos conteúdos do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre.

O orgulho por Uberlândia e o interesse na preservação de parte das memórias do município estão, por exemplo, no editorial do Almanaque, número 1. O idealizador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre dedicou a revista “a todos que amam esta cidade, nascidos aqui ou não, e especialmente às nossas crianças que a tornarão ainda melhor do que ela é hoje” (ALMANAQUE, 2011, p. 3)¹¹⁸. Na edição número 11 do Almanaque, Machado (2016, p. 3)¹¹⁹ acrescentou que a equipe editorial da revista é “apaixonada por tudo o que diz respeito a nossa cidade e nossa gente”. No prefácio do volume 2 do livro “Registros Para Sempre”, Machado ressalta “nossa querida Uberlândia é o que é hoje graças à dedicação abnegada de pessoas das mais diferentes atividades. Muitas conhecidas e reconhecidas, outras praticamente anônimas” (MACHADO, 2020b, s/p). A estima por Uberlândia também está talhada em caixa alta na identificação que emoldura a porta de entrada de sua empresa - Close Comunicação (figura 50).

¹¹⁷ Dados retirados do documento de prestação de contas do Museu Virtual de Uberlândia, elaborado em outubro de 2015 por Adriana Sousa e disponível no arquivo da Close Comunicação (Anexo 2).

¹¹⁸ Este trecho consta no editorial de Celso Machado na primeira edição do Almanaque. Disponível em: https://issuu.com/portaldaclose/docs/almanaque_01?utm_medium=referral&utm_source=www.uberlandiadeontemesempre.com.br. Acesso em: 28 dez. 2022.

¹¹⁹ Este trecho consta no editorial de Celso Machado na edição 11 do Almanaque. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2016/09/23/edicao-11-almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre/?preview=true>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Figura 49 - Imagem da entrada da Close Comunicação



Fonte: produzida pela autora da tese

Esses dizeres sintetizam o sentimento de orgulho, pertencimento e dever de educação cívica que delineiam as justificativas para a existência do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, as quais circulam em suas diferentes mídias.

Nas narrativas do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre com foco no Museu Virtual de Uberlândia analisadas nesta pesquisa, verificamos a prevalência de memórias de migrantes e nativos que enfatizam o privilégio de estarem inseridos em um território virtuoso e sua colaboração para perpetuar os princípios de civilidade e modernidade conquistadas e em devir. Enfim, pessoas que acreditam ser sua missão contribuir, de alguma maneira, para construir e continuar o projeto de uma Uberlândia progressista e ordeira, mantendo-a na rota do desenvolvimento, e em destaque nos cenários cultural, educacional, político e econômico do país. Narrativas essas que impregnam a identidade local cultivada por discursos de políticos, por reportagens da imprensa local de propriedade da elite econômica e política, produzidas em diferentes temporalidades, conforme apresentado no item 4.4., um sentimento que margeia o ufanismo pela cidade sob a erige da modernidade e progresso.

4.4 Ordem e progresso: a tradição nas narrativas sobre Uberlândia perpetuadas pelo Museu Virtual de Uberlândia

Antes de continuarmos a análise sobre a participação do Museu Virtual de Uberlândia na perpetuação da identidade de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso, faremos uma discussão do significado deste progresso moderno e como, ao longo da história local, ele

foi cultuado por diferentes representantes da elite econômica, política e intelectual de Uberlândia.

A conceituação sobre o progresso moderno associado ao desenvolvimento científico e técnico, segundo Le Goff (1999), generalizou-se na Europa, a partir do século XVIII:

[...] depois de 1740, o conceito de progresso tende a generalizar-se e difundir-se nos domínios da história, da filosofia e da economia política. Ao longo de todo este período o que, com avanços e recuos, favorece o nascimento da ideia de progresso são em primeiro lugar as invenções, a começar pela imprensa, o nascimento da ciência moderna tendo como episódios espetaculares o sistema copernicano, a obra de Galileu, o cartesianismo e o sistema de Newton (LE GOFF, 1999, p. 245).

No Brasil, a sedimentação do discurso de progresso atinge o apogeu no final do século XIX, adentrando o início do século XX, pelo movimento da burguesia. De acordo com Barbosa e Ambrózio (2015, p. 7), “não a burguesia oriunda da aristocracia rural, ociosa, cuja riqueza se baseava na exportação de monocultura e no tráfico e exploração de escravos, mas uma nova burguesia, operosa, produto da industrialização que dava seus primeiros passos aqui por estas terras”. Uma burguesia com ideias que suplantam as tradicionais, sustentadas por articulações políticas e impulsionadas pelo positivismo.

O ideal do progresso foi bastante difundido entre a burguesia brasileira e ganhou ainda maior inflexão com a Proclamação da República. O golpe partiu do setor militar brasileiro, que, naquele momento era intensamente influenciado pelos ideais positivistas de ‘ordem e progresso’ importados da França. Com esse novo grupo no poder, foram adotadas medidas econômicas que visavam promover a industrialização e aumentar o crescimento econômico do país, o que serviu como um alento às aspirações dessa nova burguesia operante, que almejava o progresso não só em seus negócios, mas também de suas localidades (BARBOSA; AMBRÓZIO, 2015, p. 8, grifos do autor).

A fisionomia das cidades é regulada a partir das regras impostas pelo poder dominante para planejamento de expansão urbana e é feita de modo a privilegiar grupos e atender a expectativa por um modelo desenvolvimentista. Assim, criam-se espaços atrativos para investimentos, porém são desconsideradas as necessidades de um contexto social diverso. De acordo com Ribeiro:

Impede a experiência social da alteridade; a formação de uma sociedade política com baixa capacidade de expressar a diversidade de interesses sociais, e a predominância de discursos dissimuladores dos conflitos de classes, tais como o populismo, o nacionalismo, o regionalismo, entre outros (RIBEIRO, 2002, p. 92).

A transformação dos espaços centrais com construções suntuosas, provas físicas da modernidade e ascensão, “varre” para a periferia aqueles que destoam, uma higienização intencional. O ideário do progresso, patrocinado e implantado pela burguesia e políticos que representam a elite, não dilata a oportunização e protagonismo a todos, há exclusões, silenciamentos, desigualdades e promoção de preconceitos.

Deste modo, no século XIX o progresso era percebido como uma metanarrativa, uma filosofia da história, ou seja, ele daria sentido ao movimento histórico, compreendido assim, nesta perspectiva, como um desenvolvimento linear, sempre em crescimento. É preciso dizer que esta concepção acerca do progresso moderno, ainda que tenha se alastrado através do esforço colonizador que violentou (e ainda agride) uma imensa diversidade de culturas, jamais soterrou todas as outras possibilidades de se experimentar o tempo (de forma circular, linear, não-linear etc.), de narrativas históricas, transformações, cosmogonias e cosmologias, seja através da resistência, das estratégias de sobrevivência e de sincretismos culturais (FERREIRA, 2019, p. 2).

Na hierarquização do controle de poder, dominação e organização dos espaços públicos por elites econômicas e políticas, para instituição da ordem e progresso, as carências urbanas e as diferenças sociais se ampliam e há uma separação intencional das classes por “fronteiras simbólicas e materiais” (RIBEIRO, 2002, p. 101). Segundo o autor, “o poder é controlado por uma elite que atua em conjunto com o poder público local nos grandes projetos de reestruturação urbana na área central, aprofundando a segregação espacial vigente” (RIBEIRO, 2002, p. 98). O progresso transforma espaços, sofistica hábitos e incentiva o desenvolvimento cultural e educacional. De acordo com Ferreira (2019, p. 13), “se o progresso, como experiência, é reconhecido como um valor ético, a formação (através da educação) do indivíduo é um aspecto de essencial importância para se investir nesta suposta melhoria”.

A partir do final do século XIX e início do século XX, representantes da elite política e econômica se mobilizam para implantar o projeto progressista em Uberlândia. Conforme Soares, “até o final do século XIX, era apenas uma cidade localizada na boca do sertão. Acanhada, sem belezas naturais e ainda, isolada dos grandes centros. Diante dessa realidade, que não se coadunava com a visão dos políticos locais, era então preciso reformulá-la, enfeitá-la” (SOARES, 2008, p. 143). O projeto político com ideais positivistas objetiva tornar a cidade um modelo de desenvolvimento e prosperidade, de economia robusta e formada por um povo que é condicionado a estar em sincronia com essas aspirações.

Esta cidade [Uberlândia] sempre foi um espaço privilegiado para implementação de medidas que beneficiaram diretamente os setores mais

abastados da população. No campo das representações, seu progresso e desenvolvimento são difundidos como resultado da cumplicidade de um povo honesto, ordeiro e firme no propósito de construir uma cidade grandiosa (JESUS, 2002, p. 14).

Para implantar a cidade imaginária conforme o desejo político da elite dominante há a semeadura de valores civilizatórios, de uma sociedade abastecida de orgulho, comprometida e em harmonia com os padrões impetrados.

A concepção de Uberlândia, enquanto uma cidade que ‘deu certo’ - polo regional que de destacou em meio a outras até mesmo mais antigas – e que é, de certo modo, hegemonic entre a população überlandense, levou-nos a compreender a formação do ideal de progresso e das práticas que a tornaram viável. E sendo as práticas sociais da vida cotidiana que conferem sentido aos projetos elaborados, a utilização de diversas estratégias tornou-se condição *sine qua non* para a difusão do ideal do progresso, convencendo a população überlandense da viabilidade da ideia e da sua efetivação (DANTAS, 2008, p. 21, grifo do autor).

A narrativa elaborada sobre o imaginário de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso é disseminada em convincentes discursos políticos para que a população, como um todo, esteja em sincronismo com esse projeto. Como analisa Dantas (2008):

O discurso político de Uberlândia foi elaborado com o máximo esmero a fim de garantir o controle ao grupo social dominante, ao mesmo tempo em que evocava as ideias de grandeza, de modo que os espíritos foram tomados por um estado de torpor que lhes desfalecia o raciocínio. Geralmente, o discurso aparecia de forma bastante rebuscada. Elementos filosóficos, morais, estéticos e poéticos tornavam as argumentações mais glamourosas e convincentes. [...] A caracterização da população como ordeira, laboriosa e pacífica é uma construção, planejada segundo um objetivo específico, que, buscando a hierarquização social e a definição de papéis sociais, pretendia acomodar os sujeitos a fim de alcançar o fim perseguido (DANTAS, 2008, p. 33).

Essa narrativa de unificação impregna os discursos modernistas do século XX e soterra debates sobre a (des)ordem do capitalismo que se transverte de progresso para todos. As potencialidades e desenvolvimentos por ele produzidos são propalados e publicizados, enquanto seus antagonismos, tensões e desigualdades que estão no seu cerne são abafados. Como analisa Jesus (2002).

Apesar de toda a retórica no sentido de apresentar a cidade como um ‘oásis’ brasileiro em termos de qualidade de vida, as contradições e desigualdades sociais eram evidentes como em qualquer parte do país. A miséria, a mendicância, as favelas, a prostituição e a violência também faziam parte do seu cenário, embora tenha sido feito um grande esforço para esconder, e até mesmo ignorar, tais problemas (JESUS, 2002, p. 38, grifo do autor).

O projeto político implantado em Uberlândia tenta disciplinar moradores, tornar homogêneo o modelo progressista e higienizar espaços que quer tornar visíveis, com lugares, obras e monumentos que edificam e inspiram o imaginário estético de modernidade e arrojo.

Alguns mecanismos são utilizados para difundir, convencer e reforçar esse projeto político modernista. Um exemplo é o filme “Uberlândia, Cidade Menina”¹²⁰ que, segundo consta na edição um do Almanaque, foi produzido em 1941. A película que estava guardada com a família de Tubal Vilela, prefeito de Uberlândia entre 1951 e 1954, foi entregue à Close Comunicação que a recuperou, a digitalizou e a publicou também no Museu Virtual de Uberlândia, em 25 de agosto de 2016. Seria o primeiro vídeo sobre a história de Uberlândia, com imagens em movimento e em preto e branco.

O documentário de 23min e 24s foi uma realização da Prefeitura de Uberlândia, Rotary Clube e Associação Comercial, patrocinado pelo jornal “Correio de Uberlândia”, com fotografia de Hélio Carrari, legendas de Jayro Pinto de Araújo, locução de Nélio Machado Pinheiro e organizado e dirigido por Emílio Sirkin. O início do filme intercala imagens da área urbana de Uberlândia que, segundo os produtores, tem “proporções e aspecto de uma capital” (UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1941).

O filme mostra o desenvolvimento na comunicação e transporte, belezas naturais da região e projeta a frase que resume o orgulho pela cidade: “belíssima, culta e progressista cidade mineira que é Uberlândia” (UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1941). Ressalta as realizações da gestão do prefeito Vasco Gifone (chefe do executivo municipal em três mandatos entre 1934 e 1942), cuja foto guardada no Arquivo Público Municipal foi digitalizada para compor o acervo do Museu Virtual de Uberlândia¹²¹. Destaca obras em andamento, a tradição em práticas esportivas, espaços e serviços como: Palácio da Justiça, sanatório, posto de saúde, cinema, a estrada de ferro Mogiana, operação de transporte aéreo, reservatório de água, cemitério e matadouro municipal, Praia Clube e a companhia energética “Força e Luz”. O filme reforça a “capacidade construtiva do seu povo” (UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1941).

O “Uberlândia, Cidade Menina” procura desenvolver o ufanismo pela cidade, retratando a prosperidade comercial, a modernidade instalada, a organização e higienização dos espaços,

¹²⁰ O filme “Uberlândia, Cidade Menina”, foi recuperado pela Close Comunicação em 2011 com recurso proveniente da lei de incentivo à cultura e com patrocínio do Hospital Santa Catarina. O documentário pode ser assistido na íntegra no site do Museu Virtual de Uberlândia. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/uberlandia-cidade-menina-2/>. Acesso em: 10 set. 2022.

¹²¹ Disponível em: <a href="http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/vasco-gifone-prefeito-em-tres-mandatos/#:~:text=Vasco%20Gifone%3A%20prefeito%20em%20tr%C3%AAs%20mandatos4481&text=Gifone%20foi%20prefeito%20nomeado%20por,Arquivo%20P%C3%BAblico%20Municipal%20de%20Uberl%C3%A3ndia. Acesso em: 10 set. 2022.

a capacidade de líderes políticos e pessoas da elite überlandense na dedicação para o crescimento da cidade da ordem e do progresso. O vídeo destaca que “ninguém mais poderá frear o surto de progresso de Uberlândia” (UBERLÂNDIA, CIDADE MENINA, 1941).

Sujeitos de outros grupos sociais aparecem no documentário de forma mais breve, sobretudo nos afazeres laborais, para mostrar o empenho na construção da cidade como símbolo do desenvolvimento e em espaços coletivos que materializam a modernidade. O filme “Uberlândia, Cidade Menina” ignora, oculta e silencia as desigualdades, as multiplicidades sociais, as tensões, os conflitos e vozes que discordam dessa identidade de ordem e progresso. Ele é um discurso para naturalizar e disseminar os ideais progressistas segundo a égide do capitalismo, para unificar a identidade local do “orgulho em pertencer” a esse território próspero e reafirmar o civismo em cidadãos dóceis.

Os trilhos da rota desse projeto político desenvolvimentista são percorridos mesmo com as alternâncias de poder em cargos eletivos públicos da gestão municipal.

Salta aos olhos o fato de que desde 1888 (período da emancipação política de Uberlândia) até 1982, todas as administrações que estiveram à frente do executivo municipal mantiveram características bastante semelhantes na forma de conceber a gestão pública. Governada por militares, ruralistas, farmacêutico, advogado, jornalista e empresários, independente da classe social da qual eles se originaram, a linha política seguida esteve sempre voltada para fortalecer e expandir o capital econômico e financeiro, como os setores do comércio e da indústria e a especulação imobiliária. [...] Cidade constantemente projetada para o futuro, os ideais de progresso e desenvolvimento davam a tônica para a busca incessante e obstinada de todos os benefícios que pudessem contribuir para torná-la moderna e para ocupar um lugar de destaque no cenário nacional (JESUS, 2002, p. 4-5).

A imprensa foi e ainda é outro meio utilizado para reverberar e fortalecer o discurso de modelamento social. Conforme Traquina, “o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar, mas também como pensar” (TRAQUINA, 2005, p. 203, grifos do autor), ao selecionar o que noticiar e abastecer as memórias sociais. Neste sentido, a historiadora Sandra Mara Dantas (2001)¹²² e o pesquisador em educação Moura Sobrinho (2020) utilizam fontes produzidas pela imprensa local, a partir do início do século XX para compreender a disseminação da valorização de aspectos políticos, sociais e econômicos de Uberlândia no intuito de solidificar seu projeto político sob a esteira da ordem e progresso.

¹²² A pesquisadora Sandra Mara Dantas reproduziu recortes dos jornais de Uberlândia “O Progresso”, “A Tribuna”, “O Repórter” e “Correio de Uberlândia” em sua dissertação de mestrado “Veredas do progresso em tons altissonantes - Uberlândia (1900-1950)” escrita em 2001.

Dantas (2001) observa como, desde quando Uberlândia ainda era Uberabinha (1888 – 1929), a imprensa propagava o ideal de cidade progressista e ordeira. Ela reproduz um trecho do jornal “O Progresso” que “defendia com ardor patriótico, as causas atinentes ao desenvolvimento da cidade, levantando e debatendo os atributos naturais e humanos que concorriam para tal fim” (DANTAS, 2001, p. 102):

Das columnas do nosso modesto semanário, temos proclamado o adiantamento, a riqueza e os elementos naturaes de que dispõe este município. A prosperidade comercial de Uberabinha é um fato incontestável. Apraz nos dar estas boas novas aos nossos leitores, alegra-nos levar ao longe a notícia da nossa prosperidade e a certeza de que em pouco, Uberabinha será uma cidade invejada e conhecida nos maiores centros comerciaes. Continue o povo de Uberabinha, na senda recta do progresso, com a boa vontade e patriotismo que vae abrillhando e terá juz a ser contado entre os lugares que mais uteis são á si e á patria. Avante!... Eu sempre disse daqui que Uberabinha havia de ter nome (mas nome bom) entre as cidades importantes do nosso Estado. Eu sempre disse... Voltemos á Uberabinha. Ella vae ser alguma coisa... Alguma coisa mais, fóra do comum: ocupar um posto mais elevado nas fileiras em que se alistára como cidade. Não sejamos caturras, nem nos passe pela mente, que um dia, de nós ficasse dependendo quanto esta cidade pudesse ter se prospero e de bom (UBERABINHA, 1907, p. 1 *apud* DANTAS, 2001, p. 107).

Também cita um trecho do jornal “A Tribuna” que avultava o sentimento de orgulho pela Uberlândia do progresso ordenado e o civismo de seus moradores:

Aspecto panorâmico, alegre, acolhedor de sympathias. Cidade, que se extende por todos os lados, como a crear em cada canto novos nucleos de progresso, com irradiações recrescentes. Um conglomerado social, confiado em seus musculos, plenos de vitalidade. A finura de sentimentos aflóra nas preces religiosas, dentro de seus templos, assoma nas linhas architectonicas de seus palacetes, alteia-se em seus grandes edificios e sorri na physionomia da população, como expressão de sua elevada cultura civica.(...) Synthese final: Uberlandia terá um destino suave. Bôa estrella lhe pharolisa as encruzilhadas do progresso, bons sentimentos lhe norteiam o nascente de novos ideaes e nervos, feitos de vontade e enrijados pelo trabalho, vêm-lhe movimentando suas energias, renovando-as, em rythmos de fé e civismo incalculavel (CINTRA, 1931, p. 3 *apud* DANTAS, 2001, p. 131-132).

A visibilidade conquistada e o desenvolvimento econômico implantado em Uberlândia são travestidos de afeto e ressaltados pela imprensa local com recorrência, para afirmar um modelo que deu certo. Para comprovar isto, Dantas cita trecho do jornal “Correio de Uberlândia” que, entre 1940 e 2016, foi financiado por Alexandrino Garcia fundador das empresas que deram origem a Algar Telecom que patrocina o Museu Virtual de Uberlândia: “Uberlândia cresce de dia para dia. Uberlândia não é mais uma cidade da roça, mas uma

pequena metrópole, onde o progresso caminha a passos de gigante” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1940, p. 12 *apud* DANTAS, 2001, p. 114). Também cita um trecho de coluna publicada no jornal “O Repórter” nos anos 1950: “Uberlândia sonhou em ser grande! Sonhou em se impor a Minas Gerais, ao Brasil com seu nome glorioso de cidade grande, bela e majestosa. Sonhou e converte seu sonho em realidade” (A CÉSAR, 1951, p. 2 *apud* DANTAS, 2001, p. 140).

A mídia alinhada ao projeto progressista propaga a narrativa dominante reiterada pela elite política e econômica local ao publicizar as materialidades e os simbolismos que fizeram parte da implantação do modelo desenvolvimentista da “pujante” Uberlândia, como nesta outra publicação do “Correio de Uberlândia”, citada por Moura Sobrinho (2020):

Foi no dia 31 de agosto de 1888 que a lei 3.643 elevou a categoria dos municípios as freguesias de Santa maria e São Pedro de Uberabinha, que mais tarde viriam a transformar-se no hoje pujante município de Uberlândia, uma das maiores cidades do Brasil Central, núcleo populacional que cresce em espantosa ascensão. Fundada por um mestre-escola, Felisberto Alves Carrejo, Uberlândia conquistou, um a um, postos e posições de destaque. Hoje para a cidade asfaltada e feericamente iluminada a gás neon, com seus arranha-céus apontando para o azul infinito do céu apalino, o impossível em matéria de progresso é palavra desconhecida. Uberlândia cidade-dinamo que se fez a mercê do trabalho, do arrojo e do serviço de seus filhos com seus 90.000 mil habitantes, seus 15.000 prédios e 30.000 eleitores é mais que uma cidade. Já é uma pequena metrópole, joia rara encravada no almoafadão precioso do território mineiro. 72 anos passaram sem sentir para o überlandense que olha, lá da “cidade velha”, lá da parte baixa da cidade, em direção à ciclópica “Broadway” em miniatura que é a nossa maravilhosa e festiva Afonso Pena. É o colosso da TV policrônica e erguendo os seus 16 andares para o céu. É o Uberlândia Clube que faz admirar-se o mais traquejado viajante que nos visita. É o ritmo acelerado das construções que para e o trabalho incessante e maravilhoso dos filhos desta grande terra. Por tudo isso, pelo muito que Uberlândia representa no altar dos nossos corações é que nos orgulhamos da data de amanhã paralelo 72 anos na vida de nossa terra. (UBERLÂNDIA, 1960, p.1 *apud* MOURA SOBRINHO, 2002, p. 117-118)¹²³.

Realçamos, até aqui, alguns recortes de jornais publicados no século XX até a década de 1960, que comungavam com o discurso de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso. Conforme Dantas (2001), esta era a narrativa privilegiada pela imprensa local:

De uma forma geral, os órgãos da imprensa de Uberlândia, na primeira metade do século XX, contribuíram, em certa medida, para a constituição e

¹²³ Este editorial do “Correio de Uberlândia” consta na dissertação “Massificação do Ensino de Uberlândia-MG: a Fala da Imprensa” escrita por Vicente B. M. Sobrinho. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30450/1/MassificacaoEnsinoUberlandia.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

consolidação do imaginário ufântico que a cidade possui. A ideia de progresso perpassa quase todos, uns com maior e outros menor, intensidade. Sob o argumento de defender os interesses sociais, a despeito de quaisquer outros interesses, alardeando imparcialidade e objetividade, constroem uma trama que envolve o leitor e fá-lo crer no que diz. Assim, corroboram as representações e sugerem práticas que legitimam a hierarquia social (DANTAS, 2001, p. 114).

Em espaços de tensões e disputas para tornar Uberlândia progressista como planejada e imaginada, não há pensamentos, ações e resultados que satisfazem toda a população e anulam as desigualdades sociais, mas os sujeitos detentores de poderes políticos e econômicos endireitam os discursos de convicções e influenciam a busca de unidade.

A “cidade grandiosa” colhe os frutos do projeto político que é conservado ao longo de sua trajetória, no sentido de promover crescimento, riqueza e desenvolvimento, cujos líderes políticos e agentes sociais “ilustres” são identificados pela história oficial como os responsáveis por tanto sucesso.

As realizações podem ser mensuradas em números, como no desempenho do município na participação do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. A pesquisa divulgada em dezembro de 2022, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em colaboração com a Fundação João Pinheiro, com base nos dados do ano de 2020¹²⁴, revela que a soma de todos os bens e serviços coloca Uberlândia na 23^a posição no país de maior participação, com PIB de R\$37,631 bilhões. Uberlândia é a segunda cidade de Minas Gerais com maior destaque, atrás apenas Belo Horizonte, neste levantamento. Esses dados são utilizados para perpetuar a identidade de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso e amenizar, se não silenciar, as desigualdades sociais que também fazem parte do processo histórico que formou Uberlândia e ainda está presente em seu cotidiano.

Em síntese, os meios de comunicação controlados pela elite política e econômica local, para promover as suas ações, não oportunizam os mesmos espaços para noticiar as tensões, disputas e desigualdades, abafando vozes que não são beneficiadas na mesma ordem por esse projeto desenvolvimentista.

Na próxima subseção, analisamos como o Museu Virtual de Uberlândia participa da perpetuação da identidade de Uberlândia como cidade da ordem e do progresso nas memórias produzidas, preservadas e compartilhadas.

¹²⁴ No levantamento dos municípios com maior participação no PIB de 2020, Uberlândia está na lista entre as 25 cidades do país com maior participação e registrou crescimento de 0,49%. Desses 25 municípios, 11 são capitais. Das demais, 14 estão localizadas na Região Sudeste do Brasil. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35890-pandemia-derruba-o-pib-dos-grandes-centros-urbanos-em-2020>. Acesso em: 12 dez. 2022.

4.5 Museu Virtual de Uberlândia: sujeitos, tempos e espaços em evidência

Apesar de temporalidades e focos diferentes, os recortes da imprensa local do século XX apresentados anteriormente e as produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre analisados em nossa pesquisa, se aproximam na propagação do discurso grandiloquente da Uberlândia virtuosa, produtiva e triunfante. Destacam a cidade da ordem e do progresso, desconsiderando desigualdades e conflitos que também fazem parte da história do município.

No cabedal de conteúdos analisados no Museu Virtual de Uberlândia, verificamos a predileção por memórias que manifestam às concepções que reproduzem cenários de desenvolvimento, orgulho, acolhimento e pertencimento. Desta forma, notamos a permanência e manutenção da narrativa do modelo desenvolvimentista enraizado na cultura de Uberlândia, conforme corroborado por Adriana Sousa (jornalista que coordenou a criação do Museu) em entrevista concedida à pesquisadora:

Todas as histórias que têm no Museu, elas de alguma maneira, trazem a questão do pertencimento, do que é você ser cidadão e você trabalhar para transformar a realidade na sua cidade ou, muitas vezes, para manter o status quo. Então, eu acho que as histórias principais são essas, de um povo muito orgulhoso de ter nascido onde nasceu ou de ter migrado para onde migrou e de um povo que contribuiu para transformar essa cidade num lugar melhor; de acordo com os valores de um tempo, de acordo com as crenças de um tempo. Então, essas são as histórias que eu encontrei enquanto eu estive lá [Museu Virtual de Uberlândia] (SOUZA, 2022).

Verificamos que, no acervo do Museu Virtual de Uberlândia, há alguns sujeitos de memórias que, ao narrar suas experiências, fazem conexões com as dificuldades do passado, do esforço para promover o desenvolvimento e as mudanças percebidas com a trajetória de uma cidade em progresso contínuo. Mesmo em meio aos desafios relatados, não há demonstrações de ressentimentos que maculem o imaginário uberlândense, mas a celebração de conquistas e legados em diferentes espaços. Da mesma forma, o site projeta a importância da atuação de pessoas de diferentes áreas para a sedimentação e continuidade da prosperidade, como no texto descritivo da “Sala UTC – Lauro de Paula”:

A história da medicina em nossa cidade foi escrita por médicos abnegados, verdadeiros missionários da saúde. E teve nos farmacêuticos grandes aliados para cuidar do povo de Uberlândia, os aqui nascidos e os que chegavam atraídos pelas oportunidades que oferecia. Dentre eles, Lauro de Paula

Carvalho que no seu depoimento conta como foi o início de tudo (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)¹²⁵.

As memórias armazenadas e divulgadas pelo Museu Virtual de Uberlândia contribuem para a perpetuação do imaginário de um povo ordeiro que se sacrifica para promover o desenvolvimento da cidade, ao dar destaque a dedicação e esforço de visionários e abnegados. No texto descritivo da entrevista com Genésio de Freitas o *site* destaca Freitas como um exemplo a ser seguido:

Esta sala é dedicada a uma personalidade com atuação marcante no desenvolvimento de Uberlândia. Sua atuação como empresário, como líder classista e especialmente benemérito são relevantes, inclusive, como exemplo para as futuras gerações. Nesta primeira postagem o registro de criação de uma de suas principais obras, a Faculdade Federal de Engenharia de Uberlândia. Complementada pelas informações do ex-governador Rondon Pacheco (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)¹²⁶.

Ao reforçar as qualidades de pessoas que constroem a cidade e abrem itinerários na rota progressista e identificá-las como exemplos a serem seguidos, o Museu contribui para a formação de cidadãos dóceis que aceitam, incondicionalmente, as ações de sua elite política e econômica, cooperando com elas, na expectativa de serem premiados por suas “boas ações”. As produções fortalecem o sentimento de pertença e orgulho por fazer parte de uma cidade quase chamada de Maravilha¹²⁷, exemplar, privilegiada geograficamente, prodígio econômico, proeminente politicamente; uma cidade civilizada administrada por políticos que promovem o seu gigantismo, como relata José Pereira Pires, em entrevista a Celso Machado.

O povo de Uberlândia é privilegiado com relação os administradores que têm aqui. Nós vimos aqui desde Renato de Freitas, Raul Pereira de Rezende, Afrânio Rodrigues da Cunha, Zaire Rezende até chegar no Odelmo, nós vimos o gigantismo de Uberlândia nessa beleza administrativa. O povo de

¹²⁵ Essa descrição sobre a “Sala UTC: Lauro de Paula” está disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-utc-lauro-de-paula/>. Acesso em: 10 set. 2022.

¹²⁶ Essa descrição sobre a “Sala Genésio Melo” está disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-dr-genesio-de-melo-pereira/>. Acesso em: 05 set. 2022.

¹²⁷ Nas décadas de 1910 a 1920 houve um movimento para a mudança do nome da cidade que, após sua municipalização em 1888, foi chamada de Uberabinha. Conforme Dantas (2008, p. 31), “como a ideia de progresso predominava, a mudança do nome da cidade tornou-se questão de primeira grandeza”. Em torno de 1915, o tenente-coronel José Theophilo Carneiro, que inicialmente resistiu à mudança do nome de São Pedro de Uberabinha, sugeriu que a cidade se chamassem Maravilha. Perdeu para a sugestão de João de Deus Vieira, que propôs Uberlândia, cujo significado é terra fértil e o nome foi mudado oficialmente em 1929, conforme entrevista do pesquisador José Lucindo, postada em setembro de 2016, no Museu Virtual de Uberlândia. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/maravilha-ou-uberlandia/>. Acesso em: 05 out. 2022.

Uberlândia é um povo que coopera e trabalha (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)¹²⁸.

Outros entrevistados por Celso Machado, a partir da condução que este dá a entrevista, também destacam os prefeitos da cidade como aqueles que deram as contribuições mais relevantes para o progresso de Uberlândia. Na entrevista com o professor Arcelino Pereira, depois dele relatar sobre o movimento estudantil “O Petróleo é nosso” nos anos 1930, a greve dos motoristas contra o aumento de impostos para circular nas rodovias e classificar como “uma necessidade de operários que passavam fome”, os saques feitos por moradores de Uberlândia nos cinemas, lojas de eletrodomésticos e armazéns de arroz da cidade, nos anos 1950, Celso Machado pergunta sobre quem seriam, para ele, os grandes responsáveis pelo desenvolvimento de Uberlândia. Professor Arcelino destaca os prefeitos Virgílio Galassi, Renato de Freitas e antes deles o prefeito Tubal Vilela por ter melhorado o serviço de abastecimento de água na cidade. A partir desta fala, Celso Machado conclui a entrevista dizendo: “O senhor está destacando pessoas que realmente foram marcantes na vida de Uberlândia. Cada um na sua época, cada um do seu jeito, mas foram eles que ajudaram Uberlândia a chegar onde nós estamos hoje” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2019)¹²⁹.

Destaques como esse são feitos pelo idealizador do Museu Virtual de Uberlândia nas outras mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre:

Por exemplo, na edição número cinco da revista Almanaque, na seção ‘Cartas ao Leitor’, Machado registra: “Virgílio [Galassi], a quem chamei carinhosamente na crônica que escrevi quando de seu falecimento de ‘Senhor Uberlândia’ pelo amor e dedicação que teve pela nossa terra e nossa gente, propiciou-me uma das entrevistas de que tenho muito orgulho de ter produzido” (ALMANAQUE, 2013, p. 5, grifo do autor).

Enfim, mesmo possibilitando, ocasionalmente, o registro de memórias de movimentos de estudantes e trabalhadores em Uberlândia, Celso Machado enfatiza as ações da elite política local, constituída por “heróis” que se sacrificam pela ordem e progresso de Uberlândia e seu povo.

¹²⁸ Esse trecho da entrevista com José Pereira Pires foi postado em fevereiro de 2020 no Museu Virtual de Uberlândia. Não é informada a data da realização da entrevista. José Pereira Pires foi advogado e jornalista e atuou no “Correio de Uberlândia”. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/bate-papo-jose-pereira-pires/>. Acesso em: 28 out. 2022.

¹²⁹ Esse trecho da entrevista com o Professor Arcelino Pereira foi postado no Museu Virtual de Uberlândia em dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/arcelimo-pereira/>. Acesso em: 12 set. 2022.

Além dos políticos, também são destacados empresários locais, como constam nos textos descritivos da “Sala Nego Amâncio” e da entrevista com o professor Sain’t Clair, respectivamente:

Muito se fala da localização estratégica de Uberlândia para explicar a razão dela ter se tornado um polo atacadista distribuidor. Não é justo atribuir isso a geografia de onde ela está. Essa localização se deve ao esforço de empresários desbravadores que abrindo estradas principalmente para os estados de Mato Grosso e Goiás fizeram a expansão do nosso comércio e indústria. Gente como Nego Amâncio um pioneiro bandeirante que veio para Uberlândia no início do século XX. Que depois atraiu outros comerciantes notáveis como Gabriel Thomé (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)¹³⁰.

De família cheia de professores, o estudante seminarista apaixonou-se pela educação e optou por dedicar sua vida ao magistério. Na conversa, Sain’t Clair relembra os tempos de atuação na Escola Estadual de Uberlândia, o Colégio Museu, assim como destacou o surgimento das escolas estaduais e municipais da cidade, revelando o empreendedorismo de alguns überlandenses em prol da educação local (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2018)¹³¹.

É possível também observar a predominância de memórias de homens brancos, cristãos e da elite política, econômica e intelectual de Uberlândia nos acervos não só do Museu Virtual de Uberlândia, mas também da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre, por meio dos quadros disponibilizados nos tópicos 3.3.6 e 3.4.2 desta tese. A maioria dos entrevistados no programa Uberlândia de Ontem e Sempre e das pessoas e lugares cujas histórias são transformadas em capas e matérias na revista Almanaque são políticos ou pessoas ligadas à política, comunicadores, empresários, profissionais liberais, professores, artistas, pessoas ligadas ao esporte, que contribuíram de alguma maneira, em áreas diferentes, para tornar o município símbolo da prosperidade. Entre eles, há algumas mulheres, mas em número menor. Há também alguns registros de pessoas negras, vinculadas a grupos carnavalescos (“Sala Carnaval de Rua”) e de congado em Uberlândia, para destacar que a cidade também reserva espaço para a cultura popular.

Sobre memórias de lutas e resistências de grupos subalternizados, além das memórias registradas pelo Prof. Arcelino comentadas anteriormente, no volume 2 do livro “Registros Para Sempre”, digitalizado e destacado no Museu Virtual de Uberlândia, identificamos a história da professora Olívia Calábria identificada na obra como “[...] assumidamente comunista e defensora voraz dos direitos das mulheres” (MACHADO; GUIMARÃES, 2020, p. 67). O texto

¹³⁰ Essa descrição sobre a “Sala Nego Amâncio” foi extraída do Museu Virtual de Uberlândia. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-nego-amancio/>. Acesso em: 09 set. 2022.

¹³¹ A descrição sobre o vídeo com a entrevista do professor Sain’t Clair pode vista no endereço eletrônico <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/professor-saint-clair/>. Acesso em: 11 set. 2022.

narra a história da feminista que foi presa algumas vezes, torturada e perseguida por suas orientações políticas, mas não se intimidou e dedicou sua trajetória à política e à educação (MACHADO; GUIMARÃES, 2020). Além do livro, que traz depoimentos de 20 professores que fizeram história em Uberlândia, foi postada no Museu, em outubro de 2020, na “Sala Eternas Lições” uma reportagem de quase cinco minutos, em homenagem à Olívia Calábria¹³², produzida pelo programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, com a música Pagu de Rita Lee na trilha sonora e depoimentos de sua irmã, Haydé Calábria, das historiadoras Cláudia Guerra, Dulcina Borges que destacam a atitude revolucionária de Dona Olívia em uma sociedade patriarcal, nos anos 1940 e 1950.

Enfim, apesar de sujeitos diversos que representam diferentes segmentos sociais de Uberlândia, no Museu Virtual de Uberlândia há uma notável desproporção na visibilidade dada para homens da elite política, econômica e intelectual e naquela proporcionada para mulheres, pessoas negras e participantes de movimentos sociais e manifestações populares. Adriana Sousa, organizadora do Museu, também observa essa disparidade em entrevista concedida para esta pesquisa:

Havia um olhar na tentativa de buscar um equilíbrio, mas nem sempre era possível. Uma das coisas que nós sempre falávamos ao analisar o Museu era sobre a falta de mulheres, a falta de pessoas pretas, que, de certa maneira, é uma característica também da sociedade überlandense. De uma sociedade em que a mulher, no começo ela não aparecia tanto. Então, há uma predominância masculina, há uma predominância de raça, há uma predominância de classe social, embora haja também a diversidade. A gente vivia falando que faltavam mulheres, tinham poucas mulheres dando entrevistas, tinham poucas mulheres contando essas histórias. Normalmente, as que tinham eram professoras, eram ligadas ao mundo das artes, mas se a gente for analisar, tem ainda poucas mulheres políticas, por exemplo (SOUZA, 2022).

Apesar desta ressalva, ela relativiza e justifica a perspectiva elitista do Museu, que privilegia pessoas públicas, principalmente ligadas ao universo político e empresarial:

[...] a gente tem muito material do Grande Otelo, a gente tem muito material de artistas mulheres, a gente tem material de pessoas que foram importantes para a história da cidade, que foram pessoas simples. Mas, existe sim, todo um acervo ligado a prefeitos e ex-prefeitos, vereadores, médicos, empresários, que era o universo da Uberlândia ali, principalmente da década de 1990, quando esse acervo começa a ser formado. As escolhas feitas lá na década de 1990, do Programa que dá origem ao Museu, que é o programa da Close, esses personagens da cidade que eram selecionadas para ser entrevistadas e tudo mais, elas eram as pessoas que ocupavam espaços privilegiados, talvez,

¹³² Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/olivia-calabria/>. Acesso em: 11 set. 2022.

mas tinha também a cultura popular. Tem muitas entrevistas bacanas, ligadas ao mundo das artes, principalmente (SOUSA, 2022).

Quando Adriana relata sobre o início da formação do acervo do Museu em 1990, ela se refere às produções da Close Comunicação, concebida como produtora de vídeo para atender os projetos customizados para empresas e políticos. Assim, não havia a preocupação em selecionar entrevistados e produzir roteiros que criassem um equilíbrio entre narrativas de personagens de diferentes gêneros, grupos sociais e culturais de Uberlândia.

As postagens iniciais do Museu Virtual de Uberlândia são de conteúdos que já haviam sido digitalizados para o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, conforme explica Sousa.

O critério muitas vezes, no começo, era do que já havia sido digitalizado. Então, dentro de tudo aquilo que já havia sido digitalizado, a gente procurava um padrão. Então, assim, eu tenho 100 vídeos digitalizados, nesses 100 deles digitalizados, eu tenho dez histórias de professores, eu tenho seis de carnavalescos, eu tenho quatro de médicos. Então, o primeiro olhar foi muito assim, o que nós já temos digitalizado e que de forma a gente conseguia construir uma narrativa. Esse foi o primeiro olhar. Na medida em que o acervo foi crescendo e que a gente passou a ter muito mais coisas digitalizadas, passamos a trabalhar também em cima de calendários: dia das mães, dos pais, Natal, eleições e depois as escolhas passaram a ser mais em cima das “salas” temáticas (SOUSA, 2022).

Podemos, além disso, considerar que o acervo do Museu Virtual de Uberlândia também tem relação com os próprios espaços em que Celso Machado circula e presta serviços.

Por 42 anos estive executivo da Algar. Hoje eu estou num Clube que sou diretor de comunicação, que é o Cajubá, vivo muito lá. Vivo num ambiente empresarial, porque eu faço o Top Of Mind¹³³. Então, eu tenho um círculo de relacionamento muito grande, mas de convivência menor. E minha convivência hoje está muito nesses setores, o universo que eu frequento (MACHADO, 2022).

Em síntese, observamos que ao selecionar o que produzir, digitalizar, preservar e compartilhar, enfim, lembrar, há também o movimento de esquecer. Por isso, entendemos que o Museu Virtual de Uberlândia compartilha não as memórias do município, mas partes delas que têm relação com a proximidade profissional e pessoal de Celso Machado com representantes da elite política e econômica local, bem como com a sua empatia pela

¹³³ O *Top Of Mind* Uberlândia S.A. é uma premiação por indicação, organizada por Celso Machado e Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), das marcas mais lembradas por quem mora em Uberlândia. Também são feitas homenagens a empreendedores, empresas e instituições de destaque no município.

identificação de Uberlândia como uma cidade da ordem e do progresso. Identidade essa que, na perspectiva do projeto capitaneado por Celso e propagandeado em suas mídias, conforme o “olhar de ontem e sempre” (figura 46), o qual ajuda a “manter vivo o que nunca pode morrer” (figura 48). Para Celso Machado, “*toda memória ela tem valor; mas quando ela tem utilidade, a importância dela cresce. [...] O Museu é uma forma de perenizar. [...] A história é perene. A história quanto mais tempo ela passa, mais valor ela tem*” (MACHADO, 2022).

Desta forma, o Museu participa da produção da história pública local e de um movimento de educação de memórias para celebrar e manter o *status quo*. A facilidade de acesso ao *site* e a fartura de materiais disponíveis faz do Museu um lugar procurado por interessados em conhecer o passado de Uberlândia, bem como fontes para planejamento de aulas de História e outros componentes curriculares nas escolas. É isto que discutimos nos próximos subtítulos desta seção.

4.6 Entre memórias e História: a participação da produção midiática e jornalística do Museu Virtual de Uberlândia na Educação de Memórias e na produção da História Pública

As memórias preservadas e organizadas no Museu Virtual de Uberlândia são experiências de sujeitos que organizam suas lembranças conforme são estimulados e conduzidos pelos entrevistadores. De acordo com Meihy (2005, p. 55), o “[...] uso das narrativas como fonte garantem que o objetivo central da coleta de depoimentos não se esgota na busca pela verdade e sim na experiência”.

A jornalista que coordenou a criação e organização do Museu Virtual de Uberlândia destaca que o interesse do *site* não é apresentar a verdade sobre a história de Uberlândia, mas memórias com valores simbólicos e afetivos que se relacionam com uma visão possível entre várias outras. De acordo com a entrevista realizada com Sousa (2022), “[...] existe um olhar e uma visão sobre essa história baseada no olhar de quem foi entrevistado. Existem várias visões possíveis, a que está no Museu é uma delas e não pode ser tomada como por absoluta de jeito nenhum”. Nesse caso, o Museu não busca confrontar diferentes fontes sobre um fato ou depoimentos que criam sentidos controversos sobre uma experiência local. Ele seleciona entrevistados, cujas memórias, na maioria das vezes, contribuem para a perpetuação da identidade de cidade desenvolvimentista e acolhedora. Na produção das entrevistas, o entrevistador sugestiona os caminhos dos depoimentos, por meio de perguntas e colocações, para que a temática proposta faça sentido e não se afaste do pretendido, porém é concedido ao entrevistado abertura para expor suas memórias.

Ao organizarmos as lembranças para serem narradas há uma reelaboração para tornar compreensíveis os fragmentos selecionados. Neste movimento, esquecimentos são provocados, há o apagamento de nuances e detalhes, acréscimos ou supressões, devido a plasticidade da memória no tempo e no espaço e dos recortes feitos conforme as demandas do presente. Como afirma Lévy (1993, p. 47), “nossa memória não se parece em nada com um equipamento de armazenamento e recuperação fiel das informações”.

O Museu Virtual de Uberlândia não escreve História, mas registra parte das memórias sobre a cidade, as quais são articuladas, na maioria das vezes por profissionais da comunicação¹³⁴, nas “salas” temáticas do Museu, nos volumes do livro “Registros Para Sempre”, nas reportagens audiovisuais ou impressas na revista Almanaque, produzindo narrativas que compõem a história pública local. Não são produções historiográficas, mas memórias costuradas por valores simbólicos e afetivos sobre Uberlândia, conforme a entrevista de Celso Machado.

Nós trabalhamos muito mais com memória que história. Nossos trabalhos estão ligados a memória oral, nós não temos trabalho investigativo. Claro, que como eu tenho um conhecimento razoável sobre a história de Uberlândia, então, se alguém fala alguma coisa que não bate a gente corre atrás e vejo, mas não é um trabalho averiguativo. No caso da História você tem que ter documentação a respeito dela, você tem que ter um fundamento muito consistente, é o que eu penso. Aliás, eu acho a História chata, eu prefiro trabalhar com a memória (MACHADO, 2022).

A operação historiográfica requer o confronto de múltiplas fontes e uma análise profunda e detalhada delas, a partir de um problema elaborado com base em referenciais teórico-metodológicos, científicos. As memórias são elaborações de experiências vividas. Conforme Halbwachs (1990),

Na realidade, aqueles que escrevem a história, e que registram sobretudo as mudanças, as diferenças, entendem que, para passar de um para o outro, é preciso que se desenvolva uma série de transformações das quais a história não percebe senão a somatória (no sentido do cálculo integral), ou o resultado final. Tal é o ponto de vista da história, porque ela examina os grupos de fora, e porque ela abrange uma duração bastante longa. A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média de vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior (HALBWACHS, 1990, p. 88).

¹³⁴ Em poucas produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, há a colaboração de historiadores da Universidade Federal de Uberlândia, como: Jane de Fátima Souza Rodrigues, Newton Dângelo (na reportagem Rádio e Reclames, disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/sala-reclames-do-radio/>), Claudia Guerra e Dulcina Borges (ambas foram entrevistadas na reportagem audiovisual sobre Olívia Calábria, disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/olivia-calabria/>). Acesso em: 10 nov. 2022.

Adriana Sousa reafirma as argumentações de Celso Machado para justificar o conteúdo do Museu como um conjunto de memórias e não História. Memórias repletas de afetos que o sujeito entrevistado, na relação com o entrevistador, julga significativo e/ou possível tornar público:

A memória ela adocica com o tempo ou se torna mais amarga com o tempo. Então, o que você relata em uma entrevista está ligada à sua memória. As matérias que são produzidas sobre os fatos são poucas no “Uberlândia de Ontem e Sempre”. A maioria delas são histórias que as pessoas contam daquilo que elas se lembram que elas viveram e isso pode ter imprecisões, pode ter amores, pode ter raiva, pode ter sentimento. Então, eu acho que o Museu, ele traz narrativas de pessoas que viveram determinados momentos da história dessa cidade, mas ele não pode ser tomado como um fato histórico. Ele é uma lembrança que alguém tem de um fato histórico (SOUSA, 2022).

Machado (2022) pontua que, “*muitas vezes quando você vai colher depoimento a pessoa abre o coração, porque a pessoa não fala com você, ela fala com ela. O que me deixa feliz é ver a circulação dessas histórias*”. As memórias sociais podem ser transmitidas oralmente e registradas em documentos textuais ou audiovisuais ou ainda na junção de todos, assegurando sua preservação e circulação entre públicos que não têm contato direto com os sujeitos da memória. As tecnologias digitais ampliaram as possibilidades das memórias serem armazenadas, organizadas e compartilhadas no ciberespaço.

O tecido eletrônico do Museu Virtual de Uberlândia cria um lugar de memórias sociais em universo digital. As memórias de histórias locais irradiadas no *site* permitem acesso a narrativas elaboradas sob a ótica de alguns atores sociais entrevistados, que iluminam percursos possíveis para entender a história local de Uberlândia - aqueles que nutrem a identidade de cidade próspera - mas também obscurecem outros percursos. Escreve-se, assim, uma história pública local que forja um passado comum para todos os moradores de Uberlândia. Kammen (2003) sintetiza este processo ao analisar que:

[...] hoje a história local pertence a todos nós, imigrantes e estabelecidos há muito tempo, pessoas com ancestrais enterrados em cemitérios locais, e recém-chegados. Mas, mesmo com as novas inclusões, há temas que ainda são geralmente evitados por sociedades [associações, etc.] de história local. E isso, por si só nos diz algo interessante. Poucas sociedades históricas locais ou historiadores locais encaram este desafio. A história local é geralmente considerada pela maioria das pessoas como uma forma de construção de uma comunidade, uma forma de ‘boom’ da prosperidade local, para promover a sua história, e para unir as pessoas em torno de um passado comum, ou uma maneira de entender o próprio lugar (KAMMEN, 2003, p. 63, grifo do autor).

Para unir os habitantes de Uberlândia em torno de um passado comum de prosperidade, o Museu visibiliza, principalmente, memórias ligadas a estruturas de poder. Memórias que enfatizam uma Uberlândia progressista e ordeira, desconsiderando diferenças e desigualdades sociais e, portanto, as memórias de sujeitos que não são contemplados com a pujança desenvolvimentista. Como registrado na apresentação do Museu, “o resgate da história da cidade contribui para que as pessoas passem a gostar mais do lugar onde vivem, desenvolvam um sentimento de orgulho em pertencer” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2021)¹³⁵.

Desta forma, o Museu Virtual de Uberlândia visa a educação das memórias para formar cidadãos que, ao invés de questionar este “passado comum” e pensar outras possibilidades para a cidade, filiam-se a ele e se sintam gratos e responsáveis por sua continuidade. De acordo com Celso Machado, “*a nossa grande contribuição é para identidade da cidade, o jeito de ser de Uberlândia, eu acho que nós temos contribuído muito pra registrar, reconhecer e valorizar*” (MACHADO, 2022). Esta argumentação é utilizada pelo idealizador do Museu em várias outras circunstâncias em que o apresentou:

Ele [Museu Virtual de Uberlândia] tem também uma finalidade que é educacional, mas ela é sobretudo cidadã. Ali nós temos exemplos pra formar cidadãos, para fazer despertar a consciência e pra fazer algo que é fundamental para uma cidade e para um país, que é despertar e estimular o sentimento de pertença (MACHADO, 2020a)¹³⁶.

Esta ideia é reafirmada nas propagandas sobre o Museu Virtual, como pode-se observar na figura 48 inserida na subseção 4.2. A publicação feita na revista Almanaque sobre o Museu Virtual de Uberlândia incentiva a utilização do *site*, especialmente por crianças, pois este,

é uma ferramenta valiosa para todos terem acesso a um acervo imaterial de excepcional valor que **vem sendo resgatado**, preservado e divulgado ao longo de muitos anos. **Especialmente para as crianças** que podem conhecer e **reconhecer a identidade** de nossa cidade, estimulando o **sentimento de pertença e o comportamento cidadão** (ALMANAQUE, 2016, p. 24-25, grifos nossos)¹³⁷.

Neste mesmo sentido, Adriana Sousa (2022) afirma: “*eu sempre enxerguei como uma plataforma de educação sobre a história da nossa cidade. Pra você entrar, pra você aprender,*

¹³⁵ Esta informação está no Museu Virtual de Uberlândia na aba “Patrocinadores”. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/patrocinadores/>. Acesso em: 18 out. 2022.

¹³⁶ Trecho extraído da “Oficina Memória de Uberlândia”, realizada *online*, em 25 de agosto de 2020, e publicada no Museu Virtual de Uberlândia em 26 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹³⁷ Esta publicação está nas páginas 24 e 25 da edição número 11 da revista Almanaque, ano 6, publicada em setembro de 2016. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemsempre.com.br/2016/09/23/edicao-11-almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre/?preview=true>. Acesso em: 10 out. 2022.

pra entender a memória”. Para isso, as memórias produzidas, armazenadas e compartilhadas pelo Museu Virtual de Uberlândia são organizadas para alcançar diferentes públicos:

A equipe do Museu trabalha no sentido de postar e indexar da maneira que seja mais fácil, mais amigável para o internauta. Pensando tanto no internauta, quanto alguém que gosta da cidade e está só curioso e quer entender um pouco essa história, quanto no internauta que é professor e que quer pesquisar e o internauta que é uma criança e está fazendo uma pesquisa na internet (SOUZA, 2020)¹³⁸.

O Museu Virtual de Uberlândia tornou-se, assim, uma referência sobre a história do município. Sousa (2022) conta que, “*morria alguém importante na cidade, a imprensa ligava pra gente pra saber se tinha algum conteúdo dessa pessoa. Então, assim, a gente foi uma referência muito grande*”. Apesar de Celso Machado enfatizar que as produções da Close Comunicação no projeto Uberlândia de Ontem e Sempre não terem o papel de “obituário”, quando se refere a representantes da elite política, econômica e cultural local, elas são apropriadas pela imprensa e outros moradores também com esta finalidade.

Mesmo objetivando alcançar um público maior do que o público escolar, a utilização do Museu Virtual de Uberlândia na educação formal é também fomentada nas ações educativas por ele desenvolvidas, como discutimos a seguir.

4.7 O acervo e as narrativas do Museu Virtual de Uberlândia na educação escolar e no ensino de História

O projeto Uberlândia de Ontem e Sempre busca uma aproximação ativa com a comunidade, especialmente com professores e estudantes do município. Nesta perspectiva, as edições da revista Almanaque são distribuídas para todas as escolas municipais de Uberlândia, bem como os volumes 1 e 2 dos livros “Registros Para Sempre”, para que sirvam de suporte de pesquisas sobre a história do município. Além disso, o lançamento do *site* do Museu Virtual de Uberlândia, em 17 de junho de 2015, foi realizado na sede de um dos patrocinadores do *site*, a Algar Telecom e contou com a presença de cerca de 50 educadores.

O “História nas Escolas” é uma das ações educativas realizadas pelo projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. A iniciativa tem o apoio do Instituto Algar e da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia (SME), por meio do Centro Municipal de Estudos e Projetos

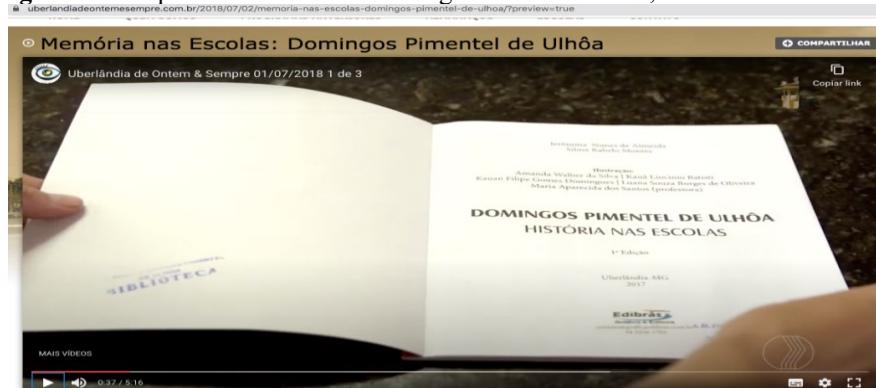
¹³⁸ Trecho extraído da “Oficina Memória de Uberlândia”, realizada *online*, em 25 de agosto de 2020, e publicada no Museu Virtual de Uberlândia em 26 de agosto de 2020. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE) e é realizada em escolas municipais de Uberlândia com a participação de professores e estudantes. O objetivo do projeto é valorizar as memórias e produção da história pública local, ao incentivar estudantes na pesquisa sobre os patronos das escolas, por meio de entrevistas gravadas como pessoas que conviveram com estes patronos.

Em 2013, foi realizada a primeira edição do projeto “História nas Escolas” que contou com a participação de 270 alunos e 17 professores de nove escolas municipais de Uberlândia. Por sete meses, os estudantes pesquisaram sobre os patronos das instituições de ensino, produziram entrevistas sobre eles, segundo informações do vídeo sobre a oficina¹³⁹, postado no canal da Close no YouTube. Após esta primeira edição, as oficinas continuaram a ser realizadas em outras escolas municipais e estaduais de Uberlândia.

Na Escola Municipal Domingos Pimentel Ulhôa, por exemplo, o projeto resultou no livro “Domingos Pimentel Ulhôa, História nas Escolas” publicado em 2017 (figura 50). Em outras escolas os estudantes produziram um jornal com as pesquisas realizadas. Segundo Celso Machado (2022), idealizador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, com o “História nas Escolas”, “*influenciamos, às vezes, a formação profissional dos meninos. Sobretudo o que a gente faz, a gente vê o resultado, é despertar neles o interesse pra conhecer mais aquilo que eles vivem*”.

Figura 50 - Captura de tela livro “Domingos Pimentel Ulhôa, História nas Escolas”



Fonte: site Uberlândia de Ontem e Sempre (2018)¹⁴⁰

A Close Comunicação editou os registros feitos do desenvolvimento do projeto nas escolas e o resultado, da primeira edição, foi exibido para professores e estudantes em sessão

¹³⁹ As informações sobre o “História nas Escolas” foram inseridas em reportagem sobre a oficina postada em dezembro de 2014 no canal da Close Comunicação no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QASrcKo3eQ&list=PLdiDUMIfXhqQm4EFJrkP0yov8A5s6t5v>. Acesso em: 24 nov. 2022.

¹⁴⁰ Reportagem produzida para o programa de televisão. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemdesempre.com.br/2018/07/02/memorianasescolasdomingospimenteldeulhoa/?preview=true>. Acesso em: 20 out. 2022.

especial em cinema de Uberlândia e depois foi veiculado em edições do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”. Os vídeos também estão disponíveis no *site* Uberlândia de Ontem e Sempre e canais do YouTube da Close Comunicação e Uberlândia de Ontem e Sempre.

Na busca que realizamos no Museu Virtual de Uberlândia sobre o “História nas Escolas” aparecem quatro conteúdos, mas apenas dois têm relação com o projeto: “História nas Escolas destaca patrono Jacy de Assis 4238”¹⁴¹, postado em 26 de agosto de 2015 e “Centenário de Stella Saraiva Peano 5853”¹⁴², postado em 17 de novembro de 2016.

No conteúdo sobre Jacy de Assis, há texto descritivo que relaciona o vídeo ao projeto “História nas Escolas” e informa que ele narra a história deste morador de Uberlândia e patrono de uma das escolas locais, por meio de depoimentos de entrevistados que destacam sua ação como fundador da Faculdade de Direito da UFU, escritor de obra que contribuiu para os estudos jurídicos no Brasil, além de sua luta contra a ditadura de Getúlio Vargas. Ainda estimula a participação de internautas no compartilhamento de lembranças sobre Jacy de Assis. Apesar de citar o vídeo, ele não está disponível no Museu Virtual de Uberlândia. O outro conteúdo existente no Museu, relacionado com o “História nas Escolas” é o vídeo sobre a professora Stella Saraiva Peano, no qual familiares entrevistados pelos estudantes da escola que recebe o seu nome, contam sobre seu cotidiano, sua luta contra injustiças sociais, contra a ditadura de Getúlio Vargas e contra o golpe de 1964, as repressões, perseguições, maus tratos e prisão sofridas por enfrentar o sistema político de sua época.

Para cumprir a finalidade social de um museu e manter a conexão com a sociedade, os organizadores do Museu Virtual de Uberlândia também realizam oficinas sobre o *site* com professores e estudantes, como contrapartidas exigidas pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Entre estas oficinas, algumas se destinaram a estudantes universitários, as quais relatamos brevemente, pois nos interessa aprofundar a relação do Museu com professores e estudantes da Educação Básica.

A “Oficina de Jornalismo e o Resgate de Vida” voltada para estudantes universitários de comunicação social (jornalismo, relações públicas e propaganda), de história, educação, artes, dentre outros, de diferentes instituições de ensino superior de Uberlândia, aconteceu em duas edições, uma em 2015 e outra em 2016. Foi abordado pela equipe da Close Comunicação e outros profissionais convidados, técnicas de entrevista para registrar histórias de vida,

¹⁴¹ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/historia-nas-escolas-destaca-patrono-jacy-de-assis/>. Acesso em: 23 out. 2022.

¹⁴² Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/centenario-de-stella-saraiva-peano-2/>. Acesso em: 23 out. 2022.

organização de museus corporativos, importância da preservação de acervos jornalísticos, dentre outros. Ao final desse evento, os estudantes ainda puderam participar de entrevistas mediadas por Celso Machado com o aviador Durval Teixeira (2015) (figura 51) e com o servidor da UFU, Francisco Casemiro (2016). Os resultados das entrevistas foram exibidos no programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e postados no Museu Virtual de Uberlândia.



Oficina de Jornalismo: entrevista com Durval Teixeira (1)6595

Fonte: Uberlândia de Ontem e Sempre (2018)¹⁴³

Algumas das oficinas desenvolvidas com professores da Educação Básica foram ofertadas no CEMEPE, órgão da SME, que foi instituído para promover a formação continuada de seus profissionais:

A Secretaria Municipal de Educação (SME), por meio do CEMEPE, oferece aos profissionais da educação vários cursos de formação continuada e, por meio de projetos, programas e parcerias, realiza diversas ações em parceria com instituições públicas e privadas nas escolas municipais. O espaço de formação de professores significa uma valorização da educação escolar do município, pois é um lugar de trocas significativas, compartilhamentos e estudos a partir de estratégias formativas diversas. Também desenvolve várias ações e projetos de apoio às escolas, tanto no que se refere às suas práticas pedagógicas internas, quanto na realização de outras atividades educativas extracurriculares (UBERLÂNDIA, 2022).

Apesar de não encontrarmos registros sobre essas oficinas no *site* do Museu Virtual de Uberlândia e nem nos arquivos da Close Comunicação, Adriana Sousa, que como membro da equipe do Museu participava das mesmas, nos conta que os professores relatavam experiências

¹⁴³ Reportagem produzida para o programa de televisão. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2018/07/02/memoria-nas-escolas-domingos-pimentel-de-ulhoa/?preview=true>. Acesso em: 20 out. 2022.

de uso dos materiais postados no *site* em suas aulas e que entre os mais citados estavam o filme “Uberlândia, Cidade Menina” e o vídeo sobre a origem do nome de Uberlândia. Os professores também informavam sobre a utilização da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre em suas aulas.

Adriana Sousa também relata que nestas oficinas, além dos organizadores do Museu mostrarem a importância das memórias, dos conteúdos disponíveis no *site*, apresentavam sugestões sobre como os professores poderiam planejar suas aulas a partir do acervo do Museu:

A gente formatava a aula, a gente formatava quiz, a gente formatava a proposta de como estruturar uma aula. Então, a gente fez isso demais, de oferecer conteúdos para professores, para que pudessem se estruturar e usar esse conteúdo da maneira que eles achassem mais legal (SOUSA, 2022).

Além de oficinas presenciais, os organizadores do Museu Virtual de Uberlândia realizaram a “Oficina Memória de Uberlândia” direcionado para educadores das redes pública e privada de ensino, em modo *online*. O evento foi transmitido, ao vivo, pelo canal do Uberlândia de Ontem e Sempre no YouTube, em 25 de agosto de 2020 e o vídeo está disponível tanto no YouTube¹⁴⁴ quanto no *site* do Museu¹⁴⁵ e teve duração de 1 hora e 8 minutos. Na descrição do vídeo da “Oficina Memória de Uberlândia” no YouTube está escrito:

Enriqueça suas aulas com o conteúdo do Museu Virtual. Live para professores da rede pública e particular de ensino. Um dos recursos pedagógicos que mais contribui para enriquecer a atividade didática é o uso de material audiovisual. O Museu Virtual de Uberlândia possui um rico acervo que faz um resgate da história da nossa cidade (UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE, 2020).

Por essa descrição é possível observar a perspectiva do acervo do Museu como recurso pedagógico para enriquecer as aulas e fazer o resgate da história de Uberlândia, a qual foi repetida de diferentes maneiras durante a oficina por seus organizadores. Ou seja, uma perspectiva que se distancia da concepção de fonte histórica que não deve ser usada apenas para ilustrar uma aula, mas como um produção histórica-social que precisa ser contextualizada, confrontada com outras fontes, para compreender os sentidos em disputa sobre o passado na relação com demandas do presente. A ideia de “resgate da história” contradiz o que Adriana Sousa (2022) afirmou, em entrevista concedida para essa pesquisa, sobre o fato das memórias do Museu não serem a verdade sobre o passado, mas um olhar do entrevistado sobre a história.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1O6-m31mRCA&t=4079s>. Acesso em: 10 set. 2022.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia>. Acesso em: 10 set. 2022.

Participaram da oficina, o idealizador do Museu, Celso Machado, a diretora do Instituto Algar que patrocina o projeto, Carolina Toffoli Rodrigues e a jornalista Adriana Sousa, que coordenou a construção do Museu no ciberespaço e que foi a mediadora da ação educativa.

Na pesquisa realizada com os 108 inscritos nesta oficina, 80% dos professores disseram que conheciam o Museu Virtual de Uberlândia, porém não haviam utilizado o *site* nas aulas. O objetivo da oficina foi mostrar as potencialidades do Museu como “ferramenta pedagógica” (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2020)¹⁴⁶ e orientar os docentes sobre como utilizá-lo nas atividades escolares. Mostrou-se como navegar pelo *site*, realçou-se alguns conteúdos do acervo, como e para que foram produzidos, organizados, preservados pela equipe da Close Comunicação, bem como indicou como os professores podem organizar suas aulas para o ensino da história de Uberlândia, a partir do acervo do Museu. Celso Machado incentivou a contínua interação dos professores com os organizadores do Museu Virtual de Uberlândia, com envio de sugestões de assuntos que gostariam de acompanhar no Museu.

Conforme relatório¹⁴⁷ elaborado por Adriana Sousa, 34 professores assistiram a oficina ao vivo e até 8 de setembro de 2020, 41 acessaram a gravação posteriormente. Durante a oficina foi estimulada a participação de professores por meio de perguntas e comentários no *chat* do YouTube, em ação colaborativa e interativa com os realizadores. Alguns participantes que acompanharam a oficina em tempo real se manifestaram (figura 52), demonstrando interesse pela iniciativa. Houve muitos elogios ao Museu, relatos como da Raquel Pereira Soares, que disse da qualidade do *site* e que já realizou muitos trabalhos com alunos por meio dele. A oficina também gerou interesse de outros participantes na utilização do Museu, como do Flávio Christian, que informou que iria utilizá-lo em suas aulas. Também gerou reações que condizem com o objetivo do Museu de perenizar a identidade de Uberlândia como cidade próspera, como no caso do comentário de Vivian: “nossa cidade é linda, com uma história incrível”.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/patrocinadores/>. Acesso em: 02 set. 2022.

¹⁴⁷ O relatório da “Oficina Memória de Uberlândia” está disponível no Anexo 7.

Figura 52 - Captura de tela de *chat* da “Oficina Memória de Uberlândia”

 Cláudia Camargos Medeiros Muito enriquecedor!!!!
 Professor Jemmerson Antonio de Souza Obrigado!!
 Viviane Maximo Que material interessante! Os recursos são bem diversificados!
 Mochila na Moto•Diogo Santos fantástico!
 Cacilane Linhares 
 Raquel Pereira Soares já fiz muito trabalho na escola com meus alunos utilizando o site.
 Raquel Pereira Soares Parabéns!!! o site é excelente!
 Lorainy Cristhiny 
 Flavio Christian Vou começar a utilizar o site em sala de aula!
 Ana Paula Marques Pereira Dutra Parabéns, ótima iniciativa!!!!
 Raquel Pereira Soares que bacana!!!
 Vivian Almeida Nossa cidade é linda, com uma história incrível.

Fonte: (UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE, 2020)¹⁴⁸

O projeto Uberlândia de Ontem e Sempre também é reconhecido pela SME, conforme analisamos na parceria do órgão na realização de oficinas no CEMEPE e do projeto “História nas Escolas”. Além disso, no Plano de Estudo Tutorado (PET)¹⁴⁹, volume 3, de junho de 2020, mesmo ano da realização da oficina *online* para professores, a SME destacou uma reportagem sobre o Museu Virtual de Uberlândia publicada no extinto “Correio de Uberlândia”, em 03 de junho de 2016. A reportagem está disponível no Museu Virtual de Uberlândia¹⁵⁰ e foi extraída do *site* para elaboração da questão no PET. No Plano, a matéria “Preservação da História de Uberlândia na Internet” foi reproduzida nas atividades de Língua Portuguesa para o 4º ano das escolas da rede municipal de ensino de Uberlândia, quando foi trabalhado o texto jornalístico. Para responder às questões é preciso ler o conteúdo que ressalta que o Museu Virtual de Uberlândia contém um dos maiores acervos em vídeos sobre a história do município, conforme demonstrado na figura 53.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1O6-m31mRCA&t=4079s>. Acesso em: 10 set. 2022.

¹⁴⁹ Não adentraremos nesta pesquisa sobre o PET de Uberlândia, entretanto vale ressaltar que o programa foi instituído durante a pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021, quando as aulas presenciais nas escolas foram interrompidas, para continuidade dos estudos em casa. A prefeitura criou em abril de 2020 o “Programa Escola em Casa” para que os alunos da rede municipal de ensino de Uberlândia tivessem acesso a videoaulas e materiais didáticos, enquanto o ensino era realizado de forma remota. Mais informações sobre o programa podem ser acessadas no *site* da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em:

<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2020/08/14/portal-escola-em-casa-atinge-mais-de-975-mil-acessos/>. Acesso em: 20 out. 2022.

¹⁵⁰ A reportagem do “Correio de Uberlândia” sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre e destaque ao Museu Virtual de Uberlândia foi postada no *site* do Museu. Disponível em:
<http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/historia-de-uberlandia-na-internet/>. Acesso em: 18 out. 2022.

Figura 53 - Captura de tela PET sobre Museu Virtual de Uberlândia

Língua Portuguesa – 4º ano

Professoras: Viviane Oliveira Alves
Mauriele Aparecida de Medeiros Paiva

Veja a página do jornal e responda a seguir:

24 QUARTA-FEIRA, 10/06

MEMÓRIA MUSEU VIRTUAL

Celso Machado é um apóstolo por Uberlândia e esse bairro

Almanaque

128 ANOS

PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA NA INTERNET

DOIS SITES SE DEDICAM A REGISTROS QUE PERMITEM QUE O PASSADO NÃO SEJA ESQUECIDO

Por ALEXANDRA OLIVEIRA

“A cidade tem duas excelentes fontes de pesquisa sobre sua história, o Arquivo Público Municipal e o Centro de Documentação e História da UFU. Os espaços digitais complementam o trabalho desses acervos”

APUB

“A cidade tem duas excelentes fontes de pesquisa sobre sua história, o Arquivo Público Municipal e o Centro de Documentação e História da UFU. Os espaços digitais complementam o trabalho desses acervos”

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/historia-de-uberlandia-na-internet>

1) Qual a finalidade do texto apresentado? Assinale:

A) Divertir
B) Informar
C) Convadir
D) Listar

2) Você já esteve em contato com um texto jornalístico? Se sim, como foi?

3) Podemos retirar algumas informações deste texto.

A) Data: _____
B) Página: _____
C) Assunto: _____
D) Nome do jornal: _____
E) Quem escreve a reportagem: _____

4) Observando a foto da imagem da reportagem podemos dizer... Assinale:

A) É um assunto agradável.
B) É um assunto desagradável.
C) A pessoa demonstra gostar de ler.
D) A pessoa demonstra não gostar de ler.
E) Os objetos na fotografia são atuais.
F) Os objetos na fotografia são antigos.

5) Ao ler com mais atenção esta parte da reportagem percebemos que houve um equívoco na digitação. Encontre o erro, circule-o e corrija ao lado:

“A cidade tem duas excelentes fontes de pesquisa sobre sua história, o Arquivo Público Municipal e o Centro de Documentação e História da UFU. Os espaços digitais complementam o trabalho desses acervos”

6) Baseado na informação abaixo, quais são eles?

DOIS SITES SE DEDICAM A REGISTROS QUE PERMITEM QUE O PASSADO NÃO SEJA ESQUECIDO

PET – 4º ANO – JUNHO

7

PET – 4º ANO – JUNHO

8

Fonte: Prefeitura de Uberlândia (2020).

Na oficina *online* para professores, Sousa exemplifica o conteúdo do Museu sobre o Hino de Uberlândia e que em sala de aula, os docentes podem propor que as crianças assistam ao vídeo e respondam questionário sobre ele. Posto destas formas, percebemos a concepção tradicional e bancária de educação promovida pela equipe do Museu ao enfatizar a utilização do acervo do *site* para alunos consultarem, assistirem, copiarem e pesquisarem como mera busca e transcrição para responderem exercícios. Essa proposição de uso do acervo do Museu como fonte de consulta e não como fonte histórica coaduna com a perspectiva de que ele faz o “resgate do passado”, como é reafirmado em várias entrevistas, oficinas, publicidades sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. A palavra “resgate” cria o sentido de que é possível recuperar o passado como ele realmente aconteceu e assim sendo, para compreender a história do município basta reproduzir as memórias disponíveis no Museu.

A própria organização do acervo do Museu Virtual de Uberlândia carrega esta concepção de que as memórias ali preservadas são o retrato fiel do passado. Como já analisado na subseção 4.1, entre fontes audiovisuais, imagéticas e escritas do Museu Virtual de Uberlândia, poucas delas têm informações completas sobre quando foi produzida, por quem, para quê, o que dificulta a compreensão da fonte como construção histórica e social. Também,

na maioria das postagens, não há a identificação da época, data em que os eventos históricos abordados aconteceram.

Dessa forma, as orientações da equipe do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre para os professores durante a oficina de 2020 e a própria organização do acervo do Museu prejudicam a sua exploração, conforme o que é proposto para a educação escolar, especialmente a partir da redemocratização do Brasil, quando se intensifica a elaboração e implementação de currículos que rompem com a educação bancária de transmissão e reprodução acrítica de conhecimentos.

Já nos anos 1990, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontavam, em sua introdução, que “todo material é fonte de informação, mas nenhum deve ser utilizado com exclusividade. É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados da maneira mais ampla possível” (BRASIL, 1997, p. 67). Apostar no uso de fontes diversificadas em sala de aula contribui para o desenvolvimento de um processo ensino e aprendizagem que dialoga com os saberes que permeiam as experiências dos estudantes fora do ambiente escolar:

Materiais de uso social frequentes são ótimos recursos de trabalho, pois os alunos aprendem sobre algo que tem função social real e se mantêm atualizados sobre o que acontece no mundo, estabelecendo o vínculo necessário entre o que é aprendido na escola e o conhecimento extraescolar. A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta (BRASIL, 1997, p. 67).

A utilização de diferentes materiais e recursos é alternativa à rotina escolar que se baseia quase que exclusivamente no livro didático, que conforme os PCNs não deve ser “[...] o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 67). No entanto, o enriquecimento das aulas com outras fontes de informação e conhecimento não pode se pautar apenas na inserção delas no planejamento das aulas. É necessário mobilizar os estudantes para desenvolver apropriações críticas, problematizadoras destas diversas fontes em busca de uma aprendizagem mais significativa:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária a disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar os instrumentos adequados que conhece e dispõe para alcançar a maior compreensão possível. Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira

totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais (BRASIL, 1997, p. 64).

Assim, não basta utilizar o Museu Virtual de Uberlândia como “ferramenta pedagógica” que contém um amplo acervo de memórias para os alunos consultarem como se fossem o “resgate de um passado” a ser glorificado e perpetuado. É preciso planejar ações educativas em que os sujeitos sejam estimulados à reflexão, ao pensamento crítico, autônomo e emancipatório diante ao fluxo de informações que circulam fora da escola, na valorização da coletividade, para além dos benefícios que atendam a individualidade. De acordo com Moraes (2012), o indivíduo deve ser preparado para uma “cidadania global”:

Significa preparar o indivíduo para ser contemporâneo de si mesmo, membro de uma cultura planetária e, ao mesmo tempo, comunitária, próxima, que, além de exigir sua instrumentação técnica para comunicação a longa distância, requer também o desenvolvimento de uma consciência de fraternidade, de solidariedade e a compreensão de que a evolução é individual, e ao mesmo tempo, coletiva. Significa prepará-lo para compreender que, acima do individual, deverá prevalecer o coletivo (MORAES, 2012, p. 224).

Nesse sentido, o ciberespaço e suas tecnologias precisam ser considerados nas práticas educativas. Tecnologia e educação são indissociáveis, porém a internet deve ser entendida como um meio em que circulam narrativas e memórias em disputa e que nem todas têm a mesma visibilidade, conforme discutimos na seção 2.

Sobre o ensino de História, essas perspectivas se aproximam do que Bergmann (1989/1990) e outros pesquisadores da Didática da História propõem. A Didática da História, segundo Bergmann, como um campo interdisciplinar, se fundamenta na reflexão sobre a formação histórica no contexto e prática social, no e para além do “chão da escola”. Uma formação também constituída por produções midiáticas, por museus e outros lugares sociais, que precisam ser considerados no planejamento do ensino de História:

[...]a didática se ocupa sobretudo com a fundamentação da disciplina da História no ensino, no contexto histórico e social, e com a educação e formação intencionais nela contidas. Trata-se também por outro lado, da exposição/representação da História feita pelo mass-media e meios de comunicação de massa, como, p. ex., filmes, televisão, vídeo, rádio e imprensa (BERGMANN, 1989/1990, p. 31).

Na sociedade da informação, que utiliza cada vez mais as tecnologias, computador conectado à internet, para transmitir, armazenar e acessar informações, as produções que

circulam no ciberespaço devem ser exploradas criticamente e em interlocução com as experiências vividas por docentes e discentes. Segundo Arroyo (2013),

Alguns coletivos trabalham confrontando esse real desfigurado na mídia, nas reportagens, edições, vídeos, com o real vivido pelos mestres, educandos e seus coletivos. Uma forma fecunda de trabalhar as tensões no próprio campo do conhecimento e da visão da realidade. Uma forma de educar os alunos para selecionar notícias, análises sobre a realidade com que se defrontam na pluralidade, até “excessos”, que nos chega na sociedade da informação. O confronto com suas experiências pessoais e coletivas será um mecanismo pedagógico de extrema relevância. Será empobrecedor esquecer-las ou ocultá-las na realidade virtual (ARROYO, 2013, p. 130).

O Museu promove uma seleção e compartilhamento de memórias com temporalidades indefinidas utilizadas mais para reforçar a identidade de Uberlândia como local de prosperidade e acolhimento. Como afirma Le Goff (1990, p. 477), “a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento de poder”. No entanto, se confrontada com as experiências da maioria dos estudantes das escolas públicas, essa identidade não se sustenta. Por isso, não basta inserir os conteúdos do acervo do Museu em sala de aula como proposto na oficina oferecida pelos organizadores do Museu. Para explorá-los, os professores precisam compreender a finalidade da seleção de memórias que compõem o Museu, para planejarem aulas que possibilitem a apropriação crítica destas como fontes históricas e não como meras fontes de informação, relacionando-as com o lugar social ocupado pelo entrevistado e pelo entrevistador e problematizando a narrativa de Uberlândia como a cidade da ordem e do progresso que costura as memórias por eles compartilhadas. Além disso, a partir de experiências e vivências dos estudantes, produzir outras memórias com pessoas não valorizadas pelo Museu que possibilitem compreender as contradições que constituem o processo histórico local, as disputas entre diferentes grupos, as relações de exploração que geram desigualdades que não serão enfrentadas enquanto só se enxergar progresso e benevolência no município.

Nesta seção, a partir da análise de quais memórias o Museu Virtual de Uberlândia quer educar, por meio das seleções que faz e da forma como apresenta seu acervo, concluímos que, diferente do que foi proposto na “Oficina Memória de Uberlândia” promovida em agosto de 2020, o Museu Virtual de Uberlândia não pode ser utilizado como um lugar de resgate do passado que contém fontes de consulta para responder exercícios. É preciso que sejam planejadas atividades escolares que rompam com a aquisição bancária de conteúdos e possibilitem sua apropriação crítica, investigando e refletindo sobre os silenciamentos e

esquecimentos promovidos pelo acervo do Museu, ao não projetar as desigualdades e discrepâncias resultantes do modelo desenvolvimentista adotado e em devir em Uberlândia.

Também atentamos sobre a ausência de dados de identificação, da maioria das fontes do Museu, o que dificulta a contextualização das circunstâncias históricas e temporalidades a que as memórias compartilhadas pelo Museu se referem e em que elas foram elaboradas. Enfim, o Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre, para ser utilizado em sala de aula, precisa da mediação de professores que compreendam que ele não é o lugar de resgate do passado do município, mas uma seleção de memórias e uma narrativa de história pública que precisam ser contextualizadas, problematizadas e confrontadas com outras memórias e narrativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação teve como objetivo compreender como o processo transmídiático do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre participa da produção, preservação, organização, exposição e circulação de memórias de alguns grupos sociais de Uberlândia e da construção de uma narrativa pública sobre a história local e da educação de memórias, com foco na organização do Museu Virtual de Uberlândia, entre os anos de 2015 e 2022. Para isto, foi necessário aprofundar nossa compreensão sobre o desenvolvimento do processo da narrativa transmídia, da convergência midiática e da propagação e expansão de memórias na cultura digital.

Para tanto, destrinchamos os conceitos de cultura digital, transmídia, jornalismo, produção de memórias e história local, memória e amnésia digital, museus virtuais e história pública, em diálogo com pesquisadores das áreas de Educação, Comunicação e História, vasculhamos e analisamos dados do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre para a práxis desta pesquisa. Abordamos, dentro dos limites e possibilidades desta pesquisa, a constituição transmídiática do Museu Virtual de Uberlândia e como ele, por meio de suas ações educativas, das memórias nele preservadas, dos esquecimentos por ele produzidos e das narrativas nele construídas, participa da educação de memórias sobre o município e da compreensão de sua história. Acreditamos assim, ter contribuído tanto para a ampliação dos estudos sobre cultura digital, produção transmídia, museus virtuais e educação de memórias, quanto para outras investigações sobre o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, sobre a história do município e seu ensino.

Na cultura digital, adentramos em infovias que nos conduzem a itinerários, por vezes incógnitos, que emergem na profusão de informações que nos deixam absortos na divagação da busca de sentidos. Ao mesmo tempo que convivemos com a facilidade na produção, preservação e acesso ampliado de memórias no espaço digital, devemos considerar as apreensões e reflexões provocadas pelo dilúvio de informações a que estamos expostos.

Conforme Lévy (2010), o fluxo torrencial, desordenado e retroalimentado não cessará e devemos nos habituar com esse *modus operandi*. Entendemos que a desordem está relacionada tanto com a velocidade com que os conteúdos são produzidos, renovados e se esvaem, quanto aos *links* que se apresentam como respostas às buscas realizadas na internet e aos *hiperlinks* que se abrem em tantas janelas e nos fazem perder diante da procura inicial.

Conforme Santaella (2005, p. 394), “a hipermídia não é feita pra ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas”. Talvez este seja o grande desafio: pensar o paradoxo entre disponibilizar múltiplas memórias na rede digital, em abastecimento contínuo e vertiginoso, em uma sociedade que não para de produzir e conectá-las à produção de sentido.

As tecnologias digitais possibilitam vantagens no *locus* discursivo e formativo ao democratizar a acessibilidade de informações no ciberespaço. De acordo com Santaella, “atualizadas ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes e que são possíveis, porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite” (SANTAELLA, 2010, p. 19).

A urgência da sociedade hodierna acelera e avoluma o estoque ilimitado para abarcar as memórias digitais e iluminam caminhos possíveis. Para Lévy (1993, p. 119, grifo do autor), “o saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber ‘de cor’), ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade”. As memórias estocadas em nuvens tecnológicas, em acúmulos retroalimentados que nos sojigam e ao mesmo tempo, nos desafiam no apreender criticamente os múltiplos sentidos que circulam digitalmente.

Esse arcabouço informacional é formado por memórias digitais delegadas às máquinas de inteligência artificial que têm tarefa de armazenamento para que sejam evocadas ao sabor dos interesses e curiosidades e para não serem esquecidas. Há uma busca desenfreada por guardar memórias para não serem sucumbidas por razões temporais, para produzir novas memórias para desvelar silenciamentos e para grifar ausências intencionadas, em uma disputa para criar sentidos para o presente a partir de diferentes vestígios do passado. São criados bancos de dados arrojados na expectativa de que a sofisticação da tecnologia garanta a segurança para que as memórias preservadas sejam acessadas no futuro e sejam eliminados riscos de apagamentos diante de uma amnésia digital.

Nesse contexto, centros de memórias digitais podem ser oásis de fruição e contemplação no contexto de bombardeio informacional, em ritmo fulminante, que alimenta o imediatismo postulado e requerido no espaço digital pela sociedade contemporânea. No entanto, a fruição precisa ter como pressuposto de que nem todas as memórias armazenadas na rede mundial de computadores têm a mesma visibilidade entre os internautas e que estes centros não depositam o resgate do passado, mas fragmentos de memórias selecionadas conforme perspectivas de seus organizadores, os projetos sociais, culturais e políticos que pretendem fortalecer. Foi esse pressuposto que conduziu nossa pesquisa.

Os conteúdos midiáticos produzidos por profissionais da comunicação, bem como de outras áreas, como no caso do Museu Virtual de Uberlândia, abastecem a memória social com registros imagéticos, visuais, orais e escritos de acontecimentos do cotidiano. O cabedal de informações produzidas, preservadas e transmitidas permite compreensões de diferentes temporalidades e contextos sociais.

Além dos critérios de relevância e importância, outros fatores considerados nas produções midiáticas são: afeto, curiosidade, inquietação, excepcionalidade, imprevisibilidade e proximidade. Sobre a questão da proximidade discutimos como as produções locais são valorizadas e não anuladas pela comunicação globalizada. Aferimos esse movimento para produções midiáticas como o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, que nasce com o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” em 2005, ganha desdobramentos na mídia impressa, com a revista Almanaque em 2011 e em 2015, com o *site* Museu Virtual de Uberlândia. Há uma convergência midiática entre estas diferentes produções, explorando o potencial também da internet para propagação e expansão dos conteúdos.

A convergência midiática é uma das características da narrativa transmídiatica e uma estratégia para alcançar o maior número de pessoas e hodiernamente, na disputa por uma audiência dispersa e horizontalizada. Na cultura digital, a sociedade está cada vez mais interativa e reativa. As informações não são mais recebidas em passividade, há a possibilidade dos sujeitos serem, além de receptores, emissores, manifestarem suas opiniões sobre postagens no ciberespaço e criarem outras postagens para difundir outras memórias e narrativas.

A transmídiatização efetiva-se com a propagação articulada de conteúdo entre as mídias operadas por um mesmo veículo de comunicação e a expansão dos materiais entre elas, com cada plataforma explorando diferentes linguagens e dimensões de um mesmo conteúdo, incentivando o destinatário ao entrelace de acesso dessas mídias para aprofundar sua imersão. No caso do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, percebemos aproximações com a narrativa transmídiatica: por um lado, o acervo do Museu é composto, principalmente, de trechos de entrevistas produzidas para o programa de TV, organizados em “salas” temáticas, o qual é também destacado no lançamento do *site* do Museu, nas oficinas por ele realizadas e na publicação de entrevistas com apresentadores e idealizadores do projeto. Por outro lado, na revista Almanaque e no programa de televisão, há o incentivo para que o *site* do Museu Virtual de Uberlândia seja acessado.

Além disso, em matérias do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” há a divulgação de edições do Almanaque, no quadro nominado “Especial Almanaque”, que destaca, em vídeos, as matérias da revista, incentivando sua leitura no suporte impresso ou digitalizado.

De forma recíproca, na revista, há reportagens inspiradas nas entrevistas com moradores de Uberlândia para o programa de televisão. No *site* do Museu localizamos vídeos sobre os artistas responsáveis pelas capas do Almanaque e a disponibilização de algumas edições digitalizadas da revista. Notamos que as mídias exploram suas potencialidades na distribuição das memórias locais e de narrativas sobre a história de Uberlândia, em acordo com a linguagem atinente a cada uma, produzindo uma história pública do município.

O acervo da Close Comunicação, empresa de Celso Machado, idealizador do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, colabora para retroalimentação do ciclo sinérgico estabelecido entre as mídias do projeto, destarte ampliar seu alcance entre o público, despertar e/ou manter os interesses pelos conteúdos propagados e/ou expandidos em diferentes plataformas de acesso, para estimular o engajamento.

Apesar de percebermos o movimento de transmídiatização, há também afastamentos dela, pois a narrativa transmídiática está visível somente em parte dos conteúdos distribuídos e mesmo em alguns desses, não há uma organicidade que segue o propósito de narrativa transmídia, quando por exemplo, o material é apenas propagado e não expandido, assim, classificamos como processo de narrativa transmídia.

Com a tecnologia digital e diferentes equipamentos (computadores, *tablets*, celulares, entre outros) conectados à internet cada vez mais imbricada ao cotidiano, as relações sociais são modificadas pela possibilidade de outras formas de comunicação, as mídias se ajustam às novas linguagens e formas para distribuição de conteúdos e até os museus são impactados. Os museus são espaços de memórias, de encontro com o simbólico, despertam o sensível, contribuem para construção da identidade e fruição do conhecimento. A partir do século XX, suas funções sociais são ampliadas para servirem como espaços de aprendizagem, bens culturais e promotores do desenvolvimento social. No contexto da cultura digital, tem havido a movimentação dos museus tradicionais para se aproximarem do público por meio da disponibilização de seu acervo ou parte dele em plataformas digitais e da comunicação de exposições e ações educativas, no ciberespaço. Houve também a criação dos museus virtuais, como o Museu Virtual de Uberlândia.

A pretensão deste Museu que foi foco de nossa pesquisa é produzir, organizar, armazenar e circular, na dinamicidade do espaço digital, memórias de pessoas ligadas à Uberlândia, coletadas e produzidas, principalmente, a partir de depoimentos gravados para o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, coordenado por Celso Machado, que se identifica como um “costureiro de histórias”. Para isso, ele se cerca, em diferentes produções, de historiadores que se formaram e/ou atuam ou atuaram como professores e pesquisadores do

curso de História da UFU como Jane de Fátima, Newton D'Angelo, Dulcina Borges, Claudia Guerra; memorialistas como Oscar Virgílio Pereira e Antônio Pereira da Silva e jornalistas como Adriana Sousa e Carlos Guimarães Coelho, dentre outros colaboradores e profissionais de outras áreas, para produção de memórias.

No *site* do Museu Virtual de Uberlândia, as produções são divididas em “salas” temáticas que, por meio de depoimentos de pessoas - na maioria homens, brancos e cristãos, da elite econômica e política - que participaram de processos econômicos, educacionais, político-institucionais, culturais do município no século XX, criam narrativas sobre história local, participando assim da escrita de sua história pública que é difundida por meio de ações educativas junto a professores da educação básica e estudantes de comunicação social.

Dentre as ações educacionais do Museu Virtual de Uberlândia, desenvolvidas como contrapartida ao apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais e Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia, destacamos a oficina realizada com professores da rede municipal, no ano de 2020. Oficina esta que enfocou os conteúdos do Museu e manuseio da plataforma, com uma concepção de educação bancária em que os professores exporiam os conteúdos do Museu como informações neutras sobre a cidade e os estudantes os utilizariam para responder exercícios, fazer pesquisas que se baseiam na reprodução de memórias como verdades de um passado “carinhosamente” resgatado.

O projeto Uberlândia de Ontem e Sempre também realiza oficinas com estudantes de escolas da rede municipal de educação, no desenvolvimento de projetos, como o “História nas Escolas”. A comunidade escolar é orientada na investigação sobre o patrono de sua instituição (aquele que nomeia a escola) que resulta na produção de vídeos e/ou livros que são divulgados em reportagens que abastecem as mídias do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre. Além disso, é feita a distribuição de revistas Almanaque e dos livros “Registros Para Sempre”, volumes 1 e 2, para escolas públicas de Uberlândia. Essas ações evidenciam o projeto de educação de memórias desenvolvido no intuito de formar uberlândenses orgulhosos da história de uma cidade tradicionalmente representada como acolhedora, ordeira e progressista e que se sentem responsáveis por conservar esta identidade com seu trabalho e gratidão.

Foi possível associar este projeto cívico e ufanista do qual o Museu Virtual de Uberlândia faz parte, com o teor de matérias publicadas em jornais impressos ao longo do século XX no município. Ambos glorificam ações lideradas pela elite econômica, cultural e política local para tornar Uberlândia um polo de destaque no cenário nacional sob a égide da ordem e do progresso. Ao valorizar estas memórias e narrativas, provoca a marginalização de grupos sociais que não partilham igualmente dessas conquistas. Assim, as tensões, disputas e

conflitos sociais que constituem o processo histórico do município são silenciados ou, no mínimo, secundarizados.

As produções do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre que abastecem o programa de TV, a revista Almanaque e constituem o acervo do Museu Virtual de Uberlândia, refletem os espaços por onde seu idealizador e coordenador circula e as demandas, a maioria empresariais e políticas, recebidas por suas empresas de comunicação e propaganda - Close Comunicação e Nós Projetos de Conteúdo. Portanto, não são um resgate do passado como muitas vezes anunciado por Celso Machado e sua equipe, mas sim uma seleção de memórias de pessoas de diferentes setores que elaboram uma narrativa gloriosa da história local e, portanto, geram esquecimentos de contradições e desigualdades vivenciadas por outros grupos sociais que não são convidados para compor estas narrativas.

A partir dessa compreensão, finalizamos a pesquisa ressaltando que a contribuição do Museu Virtual de Uberlândia para o ensino da história de Uberlândia nas escolas não é o de fornecedor de informações sobre um passado único, mas como um lugar de memórias selecionadas conforme o projeto social de seus responsáveis que precisam ser decifradas criticamente como fontes históricas produzidas socialmente e que precisam ser confrontadas com as memórias e narrativas de grupos sociais que não foram escolhidos para compor o acervo do Museu Virtual. Confronto este necessário para a complexificação da compreensão do passado que possibilita um agir social no presente que, ao invés de manter estruturas desiguais em nome da ordem e do progresso, busque caminhos para o enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais.

Esperamos que essa pesquisa contribua com outras análises do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, especialmente do Museu Virtual de Uberlândia, no sentido de conhecer e compreender diferentes usos do seu acervo, entre eles para aulas sobre a história local, investigando se, como e para quê professores e estudantes se apropriam de seu acervo: como selecionam e customizam os itinerários no *site*? Como as memórias e narrativas ali preservadas são utilizadas e interpretadas? São confrontadas com outras fontes? Quais impressões, sentimentos e conhecimentos provocam?

Afinal, os sentidos produzidos por lugares de memória não são constituídos apenas por quem os cria e mantém, mas também por quem os encontra e nesse movimento, são abertas possibilidades para compreensão do presente por meio da interpretação de experiências do passado, significando a existência e o agir social.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 41-66, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/issue/view/203>. Acesso em: 03 jun. 2022.
- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 19-28.
- ALMANAQUE Uberlândia de Ontem e Sempre. Uberlândia, n.1, ago. 2011. Disponível em: https://issuu.com/portaldaclose/docs/almanaque_01?utm_medium=referral&utm_source=www.uberlandiadeontemesempre.com.br Acesso em: 8 dez. 2022.
- ALMANAQUE UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Apresentação**. Uberlândia, 06 de ago. 2021. Facebook: Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre. Disponível em: <https://www.facebook.com/almanaqueuberlandia>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- ALMANAQUE UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Carta ao Leitor**. Machado, Celso. Ano 3, n. 5, Uberlândia, 2013.
- ALMANAQUE UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Olhar de ontem e sempre**. Uberlândia, n. 9, 2015. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2015/09/02/almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre-ed-09/?preview=true>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- ALMANAQUE UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Para manter vivo o que nunca pode morrer**. Uberlândia, n. 11, 2016. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/2016/09/23/edicao-11-almanaque-uberlandia-de-ontem-e-sempre/?preview=true>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo. Práticas de História Pública. O movimento social e o trabalho de história oral. In: MAUAD, Ana Maria e ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ANDREONI, Renata. Museu, memória e poder. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v.7, n.2, p. 167-179, jul/dez, 2011, Porto Alegre. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22251/14319>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- ANDREWS, James; SCHWEIBENZ, Werner. A New Media for Old Masters: The Kress Study Collection Virtual Museum Project. **Art Documentation**, v. 17, n. 1, Spring Issue, p. 19-27, 1998. <https://doi.org/10.1086/adx.17.1.27948930>
- ARNAUT, Rodrigo *et al.* A era transmídia. **Revista Geminis**, ano 2, n. 2, p. 259-275, 2011. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/93/pdf>. Acesso em: 08 jul. 2021.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAHIA, Juarez Benedito. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira, 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BARBOSA, Yuri Amaral; AMBRÓZIO, Júlio Cesar Gabrich. A Cidade e o progresso: considerações sobre os impactos da ideologia do progresso no espaço urbano do século XIX. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17984>. Acesso em: 08 out. 2022.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**: atualização - Sérgio Praça. 6. ed. São Paulo: Summus, 2021.

BARROS, Sigrid Pôrto. O museu e a criança. In: MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 9., 1958. Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro, 1958, p. 46-73. Disponível em: <http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Fluidez do "mundo líquido" do Zygmunt Bauman**. Entrevistador: Marcelo Lins. GloboNews, Programa Milênio, São Paulo, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7P1MAZXFVG0>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, set. 1989/fev. 1990.

BOBBIO, Norberto. Política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen Varriale. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOVO, Cláudia Regina. PINHEIRO, Marcos Serilha. História pública e virtualidade: experiências de aprendizagem híbrida no ensino de História. **Revista História Hoje**, Florianópolis, v. 8, n. 16, p.113-134, 2019. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v8i16.567>

BRASIL. Instrução normativa SECULT/MTUR nº 1, de 4 de fevereiro de 2022. Estabelece procedimentos para apresentação, recebimento, análise, homologação, execução, acompanhamento, prestação de contas e avaliação de resultados de projetos culturais financiados por meio do mecanismo de Incentivo Fiscal do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). **Diário Oficial da União**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-secult/mtur-n-1-de-4-de-fevereiro-de-2022-378650380>. Acesso em: 05 dez. 2022.

BRASIL, Lei nº 11.904. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRASIL, **Sobre a Lei de Acesso à Informação**. Brasília: CAPES, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/servico-de-informacao-ao-cidadao/sobre-a-lei-de-acesso-a-informacao#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.527%20sancionada,Distrito%20Federal%20e%20dos%20munic%C3%ADpios>. Acesso em: 02 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o estatuto de museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, p. 1, 15 jan. 2009.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, p. 1, 18 nov. 2011.

BRASIL. Portaria IBRAM nº 605, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 91, 13 ago. 2021.

BRITANNICA. **Artigos do ano**: Geoffrey Lewis, 1996. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/virtual-museum>. Acesso em: 18 out. 2022.

CANAL CLOSE COMUNICAÇÃO. Uberlândia, 2005. Youtube: Portal da Close. Disponível em: <https://www.youtube.com/@PortaldaClose/about>. Acesso em: 28 dez. 2022.

CASTELLS, Manuel. Os museus na era da informação: conectores culturais de tempo e espaço. In: BARRANHA, Helena; MARTINS, Susana S.; RIBEIRO, António Pinto. (Org.) **Museus sem lugar**: ensaios, manifestos e diálogos em rede. Lisboa: Unplace, 2015. p. 47-63. CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 3. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

CHAGAS, Mario. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 31, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

CHAPARRO, Carlos. De como a ciência pode ajudar a notícia. **Revista PJ**: Br (Jornalismo Brasileiro), São Paulo: ECA/USP, n. 2, 2003. Disponível em: www2.eea.usp.br/pjbr/arquivos/forum2_a.htm. Acesso em: 05 out. 2021.

CLOSE COMUNICAÇÃO. **Página inicial**, 2021. Disponível em: <https://close.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CLOSE COMUNICAÇÃO. **About**, Uberlândia, 2005. Youtube: Portal da Close, 2005. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@PortaldaClose/about>. Acesso em: 28 dez. 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC domicílios**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, 2020. Disponível em: https://ctic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Tradução de José Luiz Pedersoli Júnior e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva. 2 ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 2001. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/52.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DANTAS, Sandra Mara. De Uberabinha a Uberlândia. Os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900 – 1950). *In: BRITO, Diogo de Souza; WASPECHOWSKI, Eduardo Moraes (org.) Überlândia revisitada: memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 17-50.

DANTAS, Sandra Mara. **Veredas do progresso em tons altissonantes**: Uberlândia (1900-1950). 185 f. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa (Portugal): Relógio D'Água, 2000.

DESVALLÉES André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marilia Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin, 2013.

DEWEY, John. **Como pensamos como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo**: uma reexposição. Tradução de Haydée Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979. (Coleção Atualidades Pedagógicas). Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/70Anos/Texto_Paschoal_Lemme.pdf Acesso em: 02 nov. 2022.

DODEBEI, Vera. Baseado e texto de discussão na Mesa Redonda “Patrimônio digital: os desafios do cientista social”. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 29., 2005, Caxambu. *Anais* [...] Caxambu: ANPOCS, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. **Comunicação - imprensa e poder no Brasil republicano**: estudo interpretativo das relações dos jornais A Federação, Correio da Manhã, Correio do Povo e Tribuna da Imprensa com os políticos José Gomes Pinheiro Machado, Getúlio Dornelles Vargas e Artur da Costa e Silva. 2012. 456 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ENTMAN, Robert M. Framing U.S. Coverage of International News: contrasts in narratives of the kai and iran air incidents. **Journal of Communication**, New York, v. 41, n. 4, p. 6-27, dez. 1991. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1991.tb02328.x>

FECHINE, Yvana *et al.* Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. *In: LOPES, Maria Immacolata*

Vassallo de (org). **Estratégias de transmissão na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318910754_Como_pensar_os_conteudos_transmidos_na_teledramaturgia_brasileira_Uma_proposta_de_abordagem_a_partir_das_telenovelas_da_Globo. Acesso em: 02 nov. 2022.

FECHINE, Yvana. Transmissão e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, dez./mar. 2014. p. 5-22. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i31.694>

FERREIRA, José Clayton. A Noção de Progresso em “O Brasil na História” de Manoel Bomfim. **Revista expedições**: teoria da história e historiografia. Universidade Federal de Goiás. v.10, n. 3, p. 1-19, 2019. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/issue/view/507. Acesso em: 06 out. 2022.

FOSTER, Jonathan. **Memória**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo**: bases para sua delimitação teórica. 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FRANCO, Ludmila Bahia Franco. **Desafios no uso das TICs como propulsoras para a qualidade da educação pública**: Proinfo em questão. 2017. 201 f. (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2017.

GARCIA, Xosé Lopez. Médios locais do futuro e com futuro. In: COLÓQUIO BRASIL ESTADO-ESPAÑOL DE CIÊNCIAS DA COMUNICACIÓN, 2, 1999, Santiago de Compostela. **Anais**[...] Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. Intercom, 1999.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. **Jornalismo, memória e testemunho**: uma análise do tempo presente. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 01, p. 150-167, abr./jul. 2018. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.1076>

GETTING, Brain. **Basic definitions**: Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0, 18 abr. 2007. Disponível em: <https://www.practicalecommerce.com/Basic-Definitions-Web-1-0-Web-2-0-Web-3-0>. Acesso em: 10 maio 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GODAR, Jô; DODEBEI; Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, p. 11-26.

GOSCIOLA, Vicente. Narrativa transmídia: a presença de sistemas de narrativas integradas e complementares na comunicação e na educação. **QUAESTIO**, Sorocaba, v. 13, n. 2, p. 117-126, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/692/716> Acesso em: 12 jul. 2021.

GOSCIOLA, Vicente. Narrativa transmídia: conceituação e origens. In: CAMPALANS, Carolina; RENÓ, Denis; GOSCIOLA, Vicente (Orgs.). **Narrativa Transmedia: entre teorias y prácticas**, Barcelona (Espanha): Editorial UOC, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENN, Ronaldo César. Direito à memória na semiosfera midiatisada. **Revista Fronteiras: Estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 3, 2006, p. 177-184.

HENRIQUES, Rosali. **Memória, museologia e virtualidade**: um estudo sobre o Museu da Pessoa. 2004. 187 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa (Portugal), 2004. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/memc3b3ria-museologia-e-virtualidade-um-estudo-sobre-o-museu-da-pessoa.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

HENRIQUES, Rosali; LARA, Lucas Ferreira. os museus virtuais e a pandemia de covid-19: a experiência do Museu da Pessoa. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília: Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 10, n. Especial, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35924/31905>. Acesso em: 10 maio 2022.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBERMUSEOS. La importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo, 1972. In: NASCIMENTO, José Júnior; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos Santos (Org.). **Mesa Redonda de Santiago de Chile**. Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, 2012, 235 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e estados de MG**: Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uberlandia>. Acesso em: 26 dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **224 Years of Defining The Museum**. República Tcheca, 2020. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/12/2020_ICOM-Czech-Republic_224-years-of-defining-the-museum.pdf Acesso em: 10 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da política nacional de educação museal**. Brasília: IBRAM, 2018. 132 p. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números**. Brasília: MinC/IBRAM, 2011a, Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos museus brasileiros**. Brasília: IBRAM, 2011b. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sul.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros**. Boletim Preliminar 1. Santo Amaro: UFRB; Salvador: UFBA; Brasília, DF: IBRAM, 2022a. Disponível em: https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/PEM_boletim-1_final.pdf. Acesso em: 30 dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Pesquisa ICOM Brasil**: nova definição de museu, 2022b. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS BRASIL. **ICOM aprova nova definição de museu**. São Paulo: ICOM, 2020. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,%20patrim%C3%B4nio%20material%20e%20imateria>. Acesso em: 15 out. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS BRASIL. **Museum definition**. Paris (França), 24 ago. 2022. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/#:~:text=PROPOSAL%20OF%20MUSEUM%20DEFINITION,museums%20foster%20diversity%20and%20sustainability>. Acesso em: 15 out. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de S. Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JESUS, Wilma Ferreira. **Poder Público e Movimentos Sociais**: aproximações e distanciamentos, Uberlândia – 1982 – 2000. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, 2002. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000125.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

KAMMEN, Carol. **On doing local history**. Walnut Creek (CA): Altmira, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Ufsc-Insular, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/História-e-Memória.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LIMA, Maria Érica; FALCÃO, Priscila; MENEZES, Ágata. Revista Brasil – almanaque de cultura popular e a Folkcomunicação”. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 11, n. 24, p. 96-108, dez. 2013. Disponível em: <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT1-Lima-Falcao-Menezes.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2022.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 97-105, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000200010>

MACEDO, Marcos Carvalho; FECHINE, Yvana. Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos. **Revista GEMInIS**, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 2, p. 77-100, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/445/347>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MACHADO, Celso. Entrevista I. [out. 2022]. Entrevistadora: Ludmila Bahia Franco Faria. Uberlândia, 2022. 1 arquivo .mp3 (69 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice B desta pesquisa.

MACHADO, Celso. **Oficina memória de Uberlândia (2020) 8453**. Uberlândia: Uberlândia de ontem sempre, 26 ago. 2020a. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-memoria-de-uberlandia/>. Acesso em: 08 maio 2023.

MACHADO, Celso; GUIMARÃES, Carlos (Org.). **Registros Para Sempre. Eternas Lições: 20 professores que fizeram história em Uberlândia**. vol. 2. Uberlândia: [s. n.], 2020b.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no Museu Virtual**: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, p. 135-174, 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, 1972. <https://doi.org/10.1086/267990>

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEMORIAL DE NÓS. **Prestação de contas 2015**, 2015.

MEMORIAL DE NÓS. **Prestação de contas 2019**, 2019.

MENDES, Maria Lúcia Dias. **No limiar da história e da memória**: um estudo de Mes mémoires, de Alexandre Dumas. 2007. 320 f. Tese (Doutorado em Letras Modernas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007-143905/publico/TESE_MARIA_LUCIA_DIAS_MENDES.pdf. Acesso em: 02 dez. 2022.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MOURA SOBRINHO, Vicente Batista de. **Massificação do ensino em Uberlândia-MG**: a fala da imprensa (1940-1960). 2002. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MUCHACHO, Rute. Museus virtuais: a importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. *In: SOPCOM*, 4., 2005, Porto (Portugal). **Livro de Actas**, Porto (Portugal), 2005, p. 1540-1547.

MUSEU DA PESSOA. **Museu da Pessoa 30 anos**: sobre, 2022. Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MUSEU DO LOUVRE. **Mona Lisa**, 2022a. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en/explore/the-palace/from-the-mona-lisa-to-the-wedding-feast-at-cana>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MUSEU DO LOUVRE. **The golden age of the portuguese renaissance**, 2022b. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en/what-s-on/exhibitions/the-golden-age-of-the-portuguese-renaissance>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **Oficina de jornalismo e história de vida**: Depoimento da Jornalista Adriana Souza, coordenadora do Museu Virtual de Uberlândia., 2015. disponível em <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/oficina-de-jornalismo-e-historia-de-vida-2015>. Acesso em: 28 set. 2023.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **Jornalismo e a arte de contar histórias**, 2016. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/jornalismo-e-a-arte-de-contar-historias/>. Acesso em: 23 set. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **O museu**, Uberlândia, 2020. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-museu/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **Entrevista com Arcelino Pereira**, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/arcelimo-pereira/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **Professor Sain't Clair**, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/professor-saint-clair/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **Patrocinadores**, Uberlândia, 2021. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/patrocinadores/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA. **O museu**, 2022. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 01 set. 2022.

MUSEUSBR. **Registre aqui o seu museu**, 2022. Disponível em: [http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!:t\),filterEntity:space\)\)](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!:t),filterEntity:space))). Acesso em: 30 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. de 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 20 maio 2022.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire – I: La République**. Paris: Gallimard, 1984.

O GLOBO. **Entenda as mudanças feitas na Lei Rouanet durante o governo de Jair Bolsonaro**. Rio de Janeiro, 03 jul. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/07/entenda-as-mudancas-feitas-na-lei-rouanet-durante-o-governo-de-jair-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2022.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0**: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software, 30 set. 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/114173/mod_resource/content/1/o-que-e-web-20_Tim%20O%C2%B4Reilly.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, n. 4, p. 37-50, jul./dez. 2010.

PALACIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21 set. 1999.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos do jornalismo digital**, Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

PAVLIK, John V. Ubiquidade: o 7.º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org.). **WebJornalismo: 7 Características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCOM, 2014.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; NASCIMENTO, Silvana Sousa. **Escola e Museus**: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus. Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais/Cefor, 2007. Disponível em http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/LIVRO-FINAL_FRED_MOTTA.pdf. Acesso em: 05 ago. de 2022.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Entre dimensões e funções educativa**: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84>

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 58, p. 55-67, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NgCWh4MTJw7TfXgnkZptFcP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44084>

PITANGA, Christiane. **Educomunicação e jornalismo**: possibilidade de prática educativa para o exercício do jornalismo cidadão. 2020. 230f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30140/4/EducomunicacaoJornalismoPossibilidade.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 18 maio. 2022.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade, as classes e a política: uma nova questão urbana brasileira? In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 84-105.

RICOUER, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista Recet**, v. 2, n. 1, p. 17-22. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852/2515>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, dez. 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229/2493> Acesso em: 10 dez. 2022. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3229>

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual, verbal. 3 ed. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. Novos desafios da comunicação. **Lumina**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p.1-10, jan/jun 2001. Disponível em: www.facom.ufjf.br. Acesso em: 10 de out. 2022.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre história pública no Brasil. *In:* MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil:** sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-36.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A globalização e as ciências sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros Museológicos:** reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu, 2008.

SAYÃO, Luis Fernando. Preservação digital no contexto das bibliotecas digitais: uma breve introdução. *In:* MARCONDES, Carlos Henrique *et al.* (Orgs.). **Bibliotecas digitais:** saberes e práticas. Salvador: EDUFBA; Brasília: IBICT, 2005.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas.** Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, Tereza. Museus universitários: educação e comunicação. **Ciências em Museus**, São Paulo, v. 4, p. 15-19, 1992.

SCHIMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:** ações e estratégicas das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHWEIBENZ, Werner. The Development of Virtual Museums. **Icom News:** Newsletter of the International Council of Museums dedicated to Virtual Museums, s/l, v. 57, n. 3, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Werner-Schweibenz/publication/240296250_The_Development_of_Virtual_Museums/links/5862304c08aebf17d3950d65/The-Development-of-Virtual-Museums.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

SCHWEIBENZ, Werner. The virtual museum: an overview of its origins, concepts and terminology. **The Museum Review**, s/l, v. 4, n. 1, 2019. Disponível em: https://themuseumreviewjournal.wordpress.com/2019/08/02/tmr_vol4no1_schweibenz/. Acesso em: 15 jun. 2022.

SILVA, Edna Lúcia de; MENEZES, Estera Muskat. **Metodologia de pesquisa e elaboração da dissertação.** 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DE MINAS GERAIS. **Zema faz virada na comunicação e selo paz com mídia tradicional.** Belo Horizonte: Novos inconfidentes: rede independente de jornalistas profissionais, 06 maio 2019. Disponível em:

<http://www.sjpmg.org.br/2019/05/zema-faz-virada-na-comunicacao-e-sela-paz-com-midia-tradicional/>. Acesso em: 10 set. 2020.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Estruturação interna e a construção dos signos de modernidade da Cidade Jardim. In: BRITO, Diogo de Souza; WASPECHOWSKI, Eduardo Moraes (org.) **Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 141-177.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Adriana. **Sobre o Museu Virtual de Uberlândia**. Entrevista II concedida a: Ludmila Bahia Franco Faria e Aléxia de Pádua Franco. Uberlândia, 28 out. 2022. 1 arquivo .mp3 (56 min.). [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice C desta tese].

SOUZA, Adriana. **Jornalismo e o resgate de histórias de vida**. Uberlândia, 2016. Youtube: Portal da Close. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-TWWwjJ7O6M>. Acesso em: 12 dez. 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianápolis: Insular, 2005.

UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Museu Virtual de Uberlândia**. Uberlândia, 2022.

UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Home**. Uberlândia, 2022. Disponível em: <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. **Sobre**. Uberlândia, 2018a. Youtube: Close Comunicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/@UberlandiadeOntemeSempre/about>. Acesso em: 28 dez. 2022.

UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. Oficina memória de Uberlândia. Uberlândia, 2018b. Youtube: Close Comunicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1O6-m31mRCA&t=4079s>. Acesso em: 10 set. 2022.

UBERLÂNDIA de Ontem e Sempre. Uberlândia, 2022. Instagram: @udiontemesempre.

UBERLÂNDIA CIDADE MENINA. Direção: Emílio Sirkin. Produção: Prefeitura de Uberlândia, Rotary Clube e Associação Comercial. Patrocínio: “Correio de Uberlândia”. Uberlândia, 1941. Disponível em:

<http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/uberlandia-cidade-menina-2/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz**: CEMEPE. Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=CEMPE+Uberl%C3%A2ndia&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em: 10 nov. 2022.

UBERLÂNDIA. **Programa municipal de incentivo à cultura. Uberlândia**: Fundo Municipal de Incentivo à Cultura, 2021. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/pmic/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

UBERLÂNDIA. **Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz**: CEMEPE, 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/educacao/cemepe>. Acesso em: 10 nov. 2022.

VASCONCELOS, Karla Colares. **As práticas educativas digitais nos museus virtuais**. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/795>. Acesso em: 02 ago. 2022.

VYGOTSKY, L. **Imaginación y el arte en la infancia**. Cidade do México: Hispánicas, 1987.

WELSH, John Patrick. **The music of Stuart Saunders Smith**. New York: Excelsior, 1995.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

WORKMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vásquez. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC, 2006.

XIAOCHANG, Li. Transmedia as Intertext and Multiplicity: why some types of stories lend themselves to transmedia. **Canarytrap.net**: Dis/junctures of Digital Media, Globalization, and Consumer Culture, 23 set. 2009. Disponível em: <https://canarytrap.net/2009/09/transmedia-as-intertext-and-multiplicity-why-some-types-of-stories-lend-themselves-to-transmedia/>. Acesso em: 02 ago. 2022.

ANEXOS

Anexo 1 – Prestação de Contas do Memorial Nós realizada em abril de 2019.



PRESTAÇÃO DE CONTAS MEMORIAL DE NÓS

Elaborado por Adriana Sousa

I – Apresentação

O projeto **Memorial de Nós** é conhecido publicamente como **Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre**. Trata-se de um portal web em que são disponibilizados conteúdos em vídeo, áudio, imagens e texto, relacionados ao resgate da história e da memória da cidade de Uberlândia. Embora não tenhamos informações concretas, acreditamos que a iniciativa é a única do gênero no país, que usa a memória de moradores da cidade para contar momentos importantes de sua história.

O site pode ser acessado pelo endereço <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br>. Foram feitas atualizações para a melhoria do acesso em dispositivos móveis, mais adequados ao vigente comportamento dos usuários.

No ar desde junho de 2015, o projeto tornou-se viável por meio dos mecanismos de incentivo e fomento à cultura. Nos dois primeiros anos, contou com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais. Após esse período, o projeto ficou sem continuidade imediata e o acesso ao Museu Virtual ficou temporariamente suspenso por falta de recursos.

Em dezembro de 2018, restabeleceu-se seu conteúdo e a atualização periódica, graças ao apoio do **Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC)**, no qual foi aprovado pela primeira vez.

II - Resultados quantitativos

Em termos quantitativos, a plataforma de digitalização do Memorial de Nós já transformou em arquivos digitais um considerável número de mídias (fitas de vídeo U-Matic, Beta e VHS, DVDs, Mini DVs, etc). Uma mesma mídia, pode conter vários arquivos audiovisuais, uma vez que o acervo do Memorial é composto, primordialmente, de programas jornalísticos gravados desde meados da década de 1980.

De agosto de 2018, quando o projeto começou a ser executado via PMIC, até fevereiro de 2019, quando encerramos as atividades de digitalização, foram inseridos 1.013 arquivos na plataforma YouTube, escolhida para armazenar e organizar os arquivos digitais. Isso inclui o primeiro programa independente de televisão, o Programa Close (278 arquivos), o Uberlândia de Ontem e Sempre (301 arquivos), o Linha Aberta (39 arquivos) e o Programa Praia (34 arquivos).



O armazenamento no You Tube é o primeiro passo para a disponibilização no portal do Memorial de Nós. Depois disso, são gerados links para compartilhamento, que são levados para o site <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br>. Atualmente, cerca de 490 arquivos de vídeo estão disponíveis no site, podendo ser acessados de qualquer lugar do mundo, por meio de um computador ou dispositivo móvel com acesso à internet. O site tem ainda mais de 100 arquivos de imagens (fotografias e reproduções de páginas de revistas).

De acordo com as estatísticas de acesso disponibilizadas pelo Google Analytics, no ano de 2018, o site recebeu a visita de 14 mil usuários, em 16 mil sessões. Se considerarmos exclusivamente o período em que o projeto Memorial de Nós esteve em execução, temos o registro de 6,1 mil usuários, em 7,2 mil sessões.

A maior parte das pessoas acessa os conteúdos do Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre por meio de smartphones. Isso representa 55,6% do volume total de acessos. Uma das melhorias que foi possível graças aos recursos do Programa Municipal de Incentivo à Cultura foi a disponibilização da interface responsiva do site.

III – Resultados qualitativos

Ainda não foi feita uma pesquisa formal que permita avaliar o feedback dos usuários do site. O indicador que temos, por enquanto, são os comentários, seja no próprio site, seja em redes sociais digitais. Destacamos abaixo apenas alguns deles, que reforçam a importância desse trabalho de resgate de memória e história da cidade.

"Muito rica e bonita a reportagem de vocês. A minha falecida avó materna trabalhou na casa da família Martinelli e minha mãe tem recordações sobre a perda do Serginho. Eu como um grande apreciador de relíquias, histórias e ocorridos das décadas anteriores muito me interessei na história da família e vim na internet tentar achar algo mais aprofundado sobre eles, já quase desistindo das buscas encontro o site de vocês, site cujo me deixou encantado. Parabéns, vocês relatam muito bem a história de Uberlândia e das pessoas que nela foi importante."

Gustavo Natário, em comentário sobre vídeo relacionado à Sérgio Martinelli,
disponível em:
<http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/a-licao-de-vida-de-sergio-martinelli/>

"Ótimo! parabéns a toda equipe pela iniciativa de resgate da história. O reservatório de captação dos antigos "valos" Ainda existe hoje, mas está coberto pela mata do parque do sabiá. Deveria ser ponto turístico, em memória ao inesquecível passado da nossa amada Uberlândia..."



Paulo C. Soares, em comentário sobre o vídeo relacionado ao sistema de captação de água de Uberlândia, disponível em <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-abastecimento-de-agua-em-uberlandia/>

IV - Novo layout

Entre 2015 e 2018, o site do Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre ficou no ar com uma primeira proposta gráfica, focada na disponibilização do conteúdo de forma organizada. Em 2018 teve início uma discussão sobre o redesenho do site, de suas funcionalidades e da experiência do usuário ao "passear" pelos conteúdos.

A proposta teve como base criar no ambiente virtual uma experiência similar à que as pessoas têm quando visitam exposições em museus e galerias de arte. Assim, nasceu o conceito de salas e de curadoria de conteúdo focada em temas transversais, em que os diferentes arquivos digitalizados pudessem conversar entre si para compor narrativas criativas, interessantes e que despertassem a curiosidade dos visitantes.

Para esse trabalho, foi contratado um web-designer de Uberlândia, que remodelou o site. Na proposta atualmente no ar, o visitante passeia por salas temáticas, que recebem o nome de uma personalidade überlandense. Nessas salas, há conteúdos com temas relacionados, pelos quais o visitante é conduzido digitalmente, o que pode provocar um crescimento no tempo de navegação, que ainda não foi mensurado.

A nova interface também foi otimizada para acesso "mobile", uma vez que mais de 50% dos acessos são feitos por meio de dispositivos móveis. O uso da tecnologia responsiva permite acesso integral de conteúdo em uma grande variedade de plataformas sem comprometimento de conforto ou ergonomia.

V - Curadoria de conteúdo

O site do Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre tem atualização periódica, a partir dos 1.013 vídeos disponíveis. Além disso, ele dialoga com o site do programa Uberlândia de Ontem e Sempre, que ultrapassa 1.600 vídeos postados.

A linha editorial pode variar de acordo com acontecimentos de relevância local, personagens e suas histórias, fatos nacionais que possam ser repercutidos localmente, aniversários e outros eixos temáticos. Não foi definida uma política rigorosa e a atualização acontece também na medida em que os conteúdos são criados e tornados disponíveis.

VI - Livro Registros para Sempre – Volume I



Um dos desdobramentos do Memorial de Nós foi a edição do livro *Registros para Sempre*, que trouxe a história de 20 personalidades überlandenses, que atuaram nos mais diferentes campos e atividades. Com 86 páginas, as narrativas foram elaboradas a partir de entrevistas feitas pelo jornalista Celso Machado, no quadro de bate papo de seu programa semanal de televisão, *Uberlândia de Ontem e Sempre*.

Os textos foram editados pelo jornalista Carlos Guimarães Coelho, a partir da seleção feita por Celso Machado. Foram definidos alguns critérios de seleção, como a contribuição dada à cidade e a escolha de entrevistas de personalidades já falecidas, para evitar possíveis "ciúmes" entre as inúmeras entrevistas gravadas ao longo dos últimos 15 anos.

O livro foi distribuído gratuitamente para escolas municipais, biblioteca, acervos e convidados da noite de lançamento, realizada em 15 de março, com a presença da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, Mônica Debs. Foram impressos <inserir número> mil exemplares, distribuídos para escolas públicas municipais, bibliotecas, arquivo público e convidados da noite de lançamento.

O livro está disponível para leitura online no endereço:

<http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/registros-para-sempre/>

VII - Encontro de Baús

Uma das contrapartidas do projeto Memorial de Nós era a realização de uma oficina para professores, apresentando a eles alternativas didáticas para o uso do conteúdo do Museu Virtual em sala de aula. Essa atividade acontecerá em junho de 2019, paralelamente a uma ampla programação de resgate da importância dos acervos públicos e privados para se contar a história da cidade de Uberlândia.

No lugar da oficina, os gestores do projeto promoveram o Encontro de Baús, um bate papo entre gestores públicos e privados de acervos, em que nasceu a iniciativa de se promover um grande evento na cidade de Uberlândia na semana de 3 a 9 de junho, quando é comemorado o Dia Internacional do Arquivo (9 de junho). O encontro aconteceu no dia 22 de março de 2019, na Oficina Cultural de Uberlândia, com participação de dez profissionais da área, conforme comprovação de ata em anexo.

Participaram gestores do Arquivo Municipal de Uberlândia, do Arquivo Temporário da Prefeitura Municipal, da Secretaria Municipal de Cultura, gestores do acervo da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e representante do Cemepe. A programação envolverá um conjunto de ações a serem realizadas ao longo da semana, que culminará na realização de uma visita guiada pelos acervos da cidade.

Uberlândia possui hoje pelo menos dois acervos públicos importantes: um ligado à gestão municipal e outro ligado à Universidade Federal de Uberlândia. Ambos guardam documentos relevantes para a história da cidade, mas o conhecimento acerca deles fica restrito as escolas e à academia. Além disso, existem inúmeros acervos privados, em empresas como Martins,



Algar, Souza Cruz, Aciub, Praia Clube, entre outros. Promover o diálogo entre esses gestores de memória e história é fundamental para que se possa cada vez mais fortalecer a identidade local.

A mudança na programação original da oficina programada foi submetida à anuência dos gestores do PMIC, para que tudo acontecesse de acordo com a regulamentação do programa.

Em 22 de março de 2019 foi realizada, como contrapartida do projeto Memorial de Nós, uma oficina de quatro horas que reuniu professores, diretores e educadores com alguns produtores de conteúdo histórico e curadores de acervo: O Encontro de Baús, realizado na Oficina Cultural, teve a participação de dez profissionais, conforme comprovação de ata em anexo.

Nessa ocasião os curadores e produtores de conteúdo compartilharam e discutiram suas experiências e metodologias de uso de acervo histórico com a finalidade de aplicação didática no ensino fundamental da rede pública.

Fora diagnosticado que diante de um enorme volume de acervo, alguns fatores de dificuldades de pesquisa são a falta de indexação digital de conteúdo adequada, a falta de relações e conexões entre conteúdos de vários acervos, o desconhecimento ou restrição e acesso de vários acervos privados e a falta de valorização desse patrimônio por parte da população.

Durante esse rico debate, o grupo espontaneamente se mobilizou em formular, viabilizar e promover um evento de ampla programação de resgate da importância dos acervos públicos e privados através de visitas guiadas e ampliação do debate de otimização do uso de acervos como base de referência histórica da cidade de Uberlândia.

O evento deve ocorrer de 3 a 9 de junho, sendo seu encerramento no dia Internacional do Arquivo.

VII - Projeto na Mídia

Notícias sobre o Memorial de Nós foram veiculadas em dois canais, na ocasião do lançamento oficial, em 13 de dezembro.

Jornal Diário de Uberlândia: matéria veiculada em 14 de dezembro de 2018 (Arquivo em PDF anexo).

TV Paranaíba: veiculada em 9 de janeiro de 2019

<http://www.tvparanaiba.com.br/videos/museu-virtual-uberlandia-de-ontem-e-sempre-esta-de-cara-nova>

Uberlândia de Ontem e Sempre: veiculada em 11 de janeiro de 2019



<https://youtu.be/q7PHGyxgiuw?t=239>

Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre: anúncio sobre o livro, publicado na edição 16, veiculada em março de 2019 (arquivo em anexo)

VIII – Aprendizados

A principal contribuição que o Memorial de Nós nos oferece é o aprendizado sobre fatos e narrativas que ajudam a reconstruir nossa história, a partir de fragmentos da memória dos nossos entrevistados. Ainda temos oportunidades em tudo o que diz respeito à indexação, taxonomia e preservação dos acervos físicos. Mas demos passos importantes de 2015 para 2019.

Acredito que a partir do Encontro de Baús e seus resultados, vamos manter um diálogo maior entre gestores públicos e privados e acervos, o que nos ajudará a aprimorar nosso trabalho e também compartilhar mais conhecimento.

O projeto reforça também a importância dos mecanismos de leis de incentivo à cultura, sem os quais nada disso teria sido possível.

Anexo 2 – Prestação de Contas do Museu Virtual de Uberlândia realizada em outubro de 2015.



PRESTAÇÃO DE CONTAS
MUSEU VIRTUAL UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE
www.museuvirtualdeuberlandia.com.br

1) APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

O Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre entrou no ar oficialmente em 17 de junho de 2015, pelo endereço www.museuvirtualdeuberlandia.com.br. O lançamento foi feito para professores da rede pública municipal de Uberlândia que participam das atividades de desenvolvimento promovidas pelo Instituto Algar.

O conteúdo do site é atualizado semanalmente, com cinco destaques em vídeo, três fotos e uma matéria de revista antiga. Paralelamente, o conteúdo é divulgado em mídias sociais (www.facebook.com/UberlandiaDeOntem e Sempre).

A plataforma, criada para a disponibilização digital dos vídeos, já conta com cerca de 500 vídeos digitalizados, dos quais 100 já foram disponibilizados para o público no site. Os dez vídeos mais populares receberam juntos cerca de 5 mil curtidas, números interessantes para apenas quatro meses no ar, sem grandes esforços de divulgação na mídia.

Considerando-se os resultados do Google Analytics, o site foi acessado cerca de 15,3 mil vezes no período compreendido entre julho e outubro. Cerca de 4 mil usuários únicos acessaram, sendo que 20% desse total retornam ao site com frequência. Mais da metade dos visitantes (53%) acessa a partir de Uberlândia mesmo. O restante se divide entre cidades de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e até mesmo do exterior.

Por ocasião do lançamento, o Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre foi notícia em emissoras locais de televisão – TV Paranaíba, TV Vitoriosa, TV Integração, Canal da Gente e TV Universitária –, no jornal impresso Correio de Uberlândia e em emissoras de rádio e blogs. Posteriormente, outras iniciativas, como a Oficina de Jornalismos e Resgate de Histórias de Vida e o Concurso para Professores, também tiveram destaque na imprensa local. Alguns links:

- TV Paranaíba: <http://close.com.br/museu/museu-virtual-de-uberlandia-na-tv-paranaiba/>
- TV Vitoriosa: <http://close.com.br/museu/materia-veiculada-na-tv-vitoriosa-sobre-o-lancamento-do-museu/>
- TV Integração: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/mgtv-1edicao/videos/t/triangulo-mineiro/v/museu-virtual-disponibiliza-historia-dos-ultimos-125-anos-de-uberlandia/4262243/>
- Jornal Correio de Uberlândia: <http://www.correiouberlandia.com.br/entretenimento/museu-virtual-uberlandia-de-ontem-e-sempre-e-lancado/>

Além da mídia, o museu também foi divulgado para professores em diferentes ocasiões. A primeira foi em um encontro de professores promovido pela Secretaria Municipal de Ensino, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em agosto de 2015. Depois, no II Fórum de Mídias, Tecnologia e Educação, promovido pelo Instituto Algar.



A página na rede social Facebook conta com 1,7 mil seguidores e é compartilhada com os telespectadores do programa de TV "Uberlândia de Ontem e Sempre" e dos leitores do Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre. Facilmente, os conteúdos divulgados sobre o museu superam a marca de mil visualizações.

Outros resultados que o Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre vem registrando são os elogios de quem interage com os conteúdos postados. Alguns exemplos:

Renato Crosara: *"Excelente trabalho. Vocês estão nos proporcionando o resgate de nossa história. Cultura e tradição são qualidades imprescindíveis a uma cidade como Uberlândia. Parabéns. Sucesso."*

Deusmar José Dantas: *"Obrigado, Celso Machado e equipe, por este belíssimo trabalho. Através deste Museu Virtual, pude visitar lugares de nossa cidade que existiam bem antes do meu nascimento. É fantástico todo o conteúdo deste site. Sou um eterno apaixonado pela história antiga de Uberlândia."*

Ramon Japiassu: *"Parabéns pela iniciativa de apresentar a história de Uberlândia em vídeo. Esperamos que mais vídeos possam fazer parte desse Museu Virtual para que as futuras gerações possam ver como era a cidade de Uberlândia e as pessoas que fizeram parte."*

Fábricio Rocha Carvalho: *"Quero agradecer a todos os envolvidos nessa iniciativa magnífica, pois através dos vídeos e fotos aqui postados é que passei a tarde de hoje como há muito não passava. Em companhia dos diversos personagens e histórias que formaram nossa cidade. Aqui nesse site residem duas de minhas grandes paixões: História e Uberlândia. Obrigado."*

2) PROCESSO

Desenvolvimento da plataforma Acervo Digital

Optou-se por utilizar uma plataforma própria para o armazenamento dos vídeos digitalizados. Os estudos para sua criação tiveram início em junho de 2014, antes mesmo da existência de recursos específicos. Foram definidos o escopo e os campos necessários para que os vídeos digitalizados pudessem ser corretamente armazenados e catalogados.

Em outubro, já estava disponível uma versão inicial da plataforma, desenvolvida por Roberto Vianna, consultor de TI contratado pelo projeto. Os primeiros testes foram feitos para ajuste da ferramenta.

Em janeiro de 2015, o processo teve início formalmente. A equipe foi formada por um gestor, responsável por acompanhar todos os processos e também por assistir, decupar e indexar os vídeos; uma jornalista (decupagem e

indexação); um editor (digitalização) e um estagiário (digitalização e upload na ferramenta).

Foram realizados dois tipos de treinamento. O primeiro, relacionado aos processos de digitalização, formatação para web e utilização do sistema para postagem dos vídeos, e o segundo, relacionado aos processos de padronização, alinhamento e indexação. A formação é continuada a partir dos aprendizados com os processos.

Etapas do processo

A etapa inicial focou-se no upload de conteúdos para a plataforma, dentro de um processo que envolveu várias sub-etapas:

1. Os vídeos são assistidos em suas mídias originais (Umatic, Beta, VHS, SVHS, Super 8, 16 mm e 32 mm). Importante ressaltar que essas mídias ficaram obsoletas e seus equipamentos de reprodução superados. Também seu tempo de vida vencido, o que exige um cuidado todo especial tanto no seu armazenamento como principalmente na sua reprodução.
2. É feita a marcação de corte, eliminando-se vinhetas, escaladas e comerciais. Este trabalho exige muito conhecimento pois as matérias, pelo menos grande parte delas, estão juntas com outras que não são da cidade de Uberlândia. Então é preciso dedicar um tempo bem superior para identificar e selecionar matérias específicas da cidade.
3. O arquivo é recebido na ilha de edição para digitalização
4. O editor faz a digitalização, o recorte e, posteriormente, salva o arquivo com um nome previamente estabelecido
5. O estagiário faz o upload para o sistema Dropbox, conectado ao sistema Acervo Digital
6. Os jornalistas assistem novamente aos vídeos, na plataforma Acervo Digital. Nela, fazem todas as anotações necessárias para a indexação
7. Os vídeos são publicados no site semanalmente

Construção do site

O desenho do site teve início em março de 2015, pelo consultor Bruno Figueiredo. Foram realizadas reuniões de briefing para o desenvolvimento e optou-se pela plataforma Wordpress, por ser facilmente customizável. A proposta era de um banner principal, em que os vídeos pudessem rodar em destaque, e de espaços secundários.

A demanda principal era de um site que permitisse a postagem de vídeos, fotos e imagens variadas, a partir da conexão com a plataforma Acervo Digital ou com o YouTube.

O desenvolvimento levou cerca de três meses. Em junho de 2015, os primeiros conteúdos foram postados, ainda de maneira experimental. As janelas



de vídeo foram, aos poucos, adaptadas e as sessões, alteradas para tornar o site mais dinâmico.

O site foi desenhado para ter cinco destaques, que são atualizados semanalmente, de forma temática. Assim, são selecionados vídeos que tratam de um mesmo tema: educação, cultura, política, patrimônio, pontos turísticos, artistas etc.

Também podem ser publicadas fotos e matérias de jornais e revistas antigos. Com o tempo e os aprendizados, as possibilidades são inúmeras. A atualização semanal vem sendo mantida para os vídeos, nem sempre para fotos e publicações.

3) LANÇAMENTO

O lançamento oficial do Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre aconteceu em 17 de junho de 2015, na Algar, patrocinadora do projeto por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. Em parceria com o Instituto Algar, foi realizada uma apresentação para professores da rede pública municipal de Uberlândia. O evento contou com a participação de cerca de 50 educadores e ampla cobertura da mídia, conforme se poderá confirmar pelo clipping anexado a essa prestação de contas.

Além desse evento, foram realizadas palestras para professores em diferentes ocasiões:

- 17 de julho, a convite da Secretaria Municipal de Educação, na Universidade Federal de Uberlândia;
- 2 de setembro, a convite do Instituto Algar, para professores da rede municipal de ensino, que fazem parte dos programas de formação promovidos pela instituição;
- 26 de agosto, no II Fórum de Mídias, Tecnologia e Educação, para professores da rede municipal de ensino e outros convidados.

4) DESDOBRAMENTOS

Em parceria com o Instituto Algar, foi lançado um concurso para professores de Uberlândia, para a apresentação de metodologias envolvendo o uso dos conteúdos do Museu Virtual. A adesão foi mínima e a iniciativa ainda está em andamento.

Como contrapartida ao projeto, foi realizada a Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida, que contou com 17 inscritos e teve uma programação bem ampla, que será detalhada separadamente.

O Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre tem se tornado referência para a imprensa local com relação a imagens da cidade. Por mais de uma ocasião, o jornal Correio de Uberlândia e a revista Cult solicitaram permissão para o uso de imagens postadas no site, relativas a temas divulgados pelo site.



Desde setembro, o programa de TV "Uberlândia de Ontem e Sempre" começou a exibir um quadro fixo com pequenas chamadas para o conteúdo do museu, despertando o interesse do telespectador.

5) DESAFIOS E DIFICULDADES

A infraestrutura para que o Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre possa funcionar de maneira adequada foi criada com êxito. O processo está em pleno funcionamento, com todas as etapas previstas tendo sido cumpridas. Apesar disso, existem alguns desafios que se impõem:

- Manutenção do projeto: a continuidade dependerá do aporte contínuo de recursos, sejam próprios, sejam por meio de patrocinadores. Os gastos mais elevados na atual etapa dizem respeito à equipe, à conexão com a internet e ao armazenamento de dados (físico e virtual);
- Utilização dos conteúdos: embora uma série de iniciativas tenham sido feitas junto a escolas públicas, percebe-se que a visualização do site está aquém do desejado. Em uma cidade com 700 mil habitantes, cerca de 15 mil visitas é uma quantidade pequena considerando-se o período em que o site está no ar;
- Por outro lado, o trabalho é pioneiro e o volume de materiais digitalizados já representa um grande ganho considerando-se que há menos de um ano, não havia nada similar na cidade;
- Isto nos leva que os desafios de implantar um museu virtual, ainda mais numa cidade que não tem nos seus hábitos valorizar sua história, são imensos. Sendo um deles, além de publicar conteúdos relevantes, estimular sua visitação.
- Divulgação: optou-se pela divulgação focada em professores e por meio da plataforma Facebook. Os investimentos em mídia foram pequenos o que não permitiu campanhas mercadológicas que contribuíssem para alavancar as visualizações;
- Custos de armazenamento em dólar: os sistemas de armazenamento em nuvem, opção tecnológica utilizada pelo Museu Virtual, são cotados em dólar. Com isso, em um curto espaço de tempo, esses valores dobraram e tornaram o projeto bem mais caro que o orçado;
- Rede oficial de museus: por ser um projeto cultural, pontual e centralizado em uma cidade, não foram feitas inserções em redes oficiais de museus, o que pode ser uma próxima etapa do projeto, a começar pela própria cidade, que tem vários museus físicos. Será necessário pesquisar procedimentos e redes específicas, com o objetivo de compartilhar o conhecimento e as histórias registradas até aqui;

- Participação da comunidade: em todas as postagens, é feito o convite para que a população compartilhe também seus acervos de fotos, vídeos e histórias. Não foi possível atingir esse objetivo. Muitos internautas manifestam essa vontade, mas ela ainda não se tornou concreta, infelizmente. É um objetivo a ser perseguido, talvez com mais ênfase nas futuras etapas.

6) APRENDIZADOS

O objetivo original do projeto era dar visibilidade a um acervo que estava guardado há mais de 40 anos em uma produtora de vídeo de Uberlândia. O trabalho de digitalizar e indexar os vídeos permitiu à equipe conhecer melhor a história da cidade, fazer relações, entender traços da cultura e do comportamento.

Além desse acervo, a produtora continua por intermédio do programa de TV, "Uberlândia de Ontem e Sempre", há 10 anos no ar, produzindo novos conteúdos ligados a memória e a história da cidade. O que torna o desafio de publicação e armazenamento extraordinariamente maiores. Normalmente os museus virtuais que consultamos trabalham com acervo pontuais, não com produção constante.

As postagens semanais permitem que mais e mais pessoas possam ter esse prazer, de entrar em contato com sua história, com a trajetória de seus antepassados.

O Museu Virtual permite que a equipe descubra, nos vídeos, verdadeiras pérolas que revelam a essência da cultura da cidade. Guardadas as devidas proporções, é um trabalho de pesquisa, análise, quase um processo arqueológico, em que emergem conhecimentos, traços culturais, velhas novidades e muitos aprendizados.

Os conteúdos poderiam facilmente ser incorporados aos mais diferentes campos do conhecimento, visto que são muito amplos e ricos, demonstrando o poder do jornalismo em eternizar as histórias de uma cidade e os registros da vida de um povo.

Embora tenham sido feitas pesquisas e buscadas referências, acredita-se que o Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre seja o único do gênero no Brasil.

As tecnologias desenvolvidas para seu funcionamento são facilmente replicadas, bem como os conhecimentos adquiridos. A equipe se disponibiliza a compartilhar esses conhecimentos nos fóruns e onde for necessário.

7) REGISTROS FOTOGRÁFICOS



O consultor Roberto Vianna durante o lançamento para professores, em junho de 2015.



O empresário Luiz Alberto Garcia, da Algar, durante lançamento do projeto, patrocinado pela empresa.



A jornalista Adriana Sousa, durante o lançamento para professores.

Anexo 3 – Autorização de Celso Machado**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Celso Machado, concedi entrevista a Ludmila Bahia Franco Faria, em outubro de 2022, sobre o Museu Virtual de Uberlândia e projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, a ser utilizada em sua pesquisa de doutorado. Certifico que realizei a revisão da transcrição da entrevista realizada pela referida entrevistadora e autorizo a publicação da mesma.

Uberlândia, 04 de março de 2023.



Celso Machado – idealizador e coordenador Projeto Uberlândia de Ontem e Sempre.

Anexo 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Celso Machado


Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS EM MÍDIAS DIGITAIS: O MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA EM FOCO", sob a responsabilidade da pesquisadora Ludmila Bahia Franco Faria, discente do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e de sua orientadora Profa. Aléxia Pádua Franco – FACED/UFU.

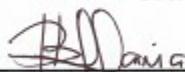
Nesta pesquisa, nós objetivamos compreender como a criação transmídiática do grupo Close Comunicação participa, entre 2005 e 2022, do processo de preservação e circulação de memórias de diferentes grupos sociais de Uberlândia, e do ensino da história local, por meio da produção de conteúdo do Museu Virtual de Uberlândia, da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre e do programa de TV, Uberlândia de Ontem e Sempre. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Ludmila Bahia Franco também coletará os dados em setembro de 2022, em entrevista com Celso Machado, fundador do Museu Virtual de Uberlândia.

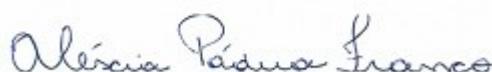
Na sua participação, você concederá uma entrevista guiada por algumas perguntas acerca do tema da pesquisa. A entrevista será gravada. Após o seu consentimento, trechos da entrevista poderão ser utilizados na escrita da tese com os devidos créditos.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Ludmila Bahia Franco Faria – Telefone: (34) 999755576 – E-mail: ludmilabahia@gmail.com – Endereço: Rua Major Gote, 1127 – 3º andar – Patos de Minas / MG, bem como com a Profa. Aléxia Pádua Franco – Telefone: (34)99166-9966 – Email: alexia@ufu.br - Endereço: UFU – Av. João Naves de Ávila, 2121 – Santa Mônica – Bloco 1G, sala 108.

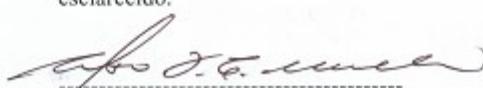
Uberlândia, 27 de outubro, de 2022.


Ludmila Bahia Franco Faria – pesquisadora responsável



Aléxia Pádua Franco - pesquisadora responsável (orientadora)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.



Rubrica do Participante da pesquisa



Rubrica do Pesquisador

Anexo 5 - Autorização de Adriana Sousa**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Adriana Sousa, concedi entrevista a Ludmila Bahia Franco Faria, em outubro de 2022, sobre o Museu Virtual de Uberlândia e projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, a ser utilizada em sua pesquisa de doutorado. Certifico que realizei a revisão da transcrição da entrevista realizada pela referida entrevistadora e autorizo a publicação da mesma.

Uberlândia, 04 de março de 2023.

Adriana Sousa

Adriana Sousa – jornalista, uma das idealizadoras e coordenadora do Museu Virtual de Uberlândia entre 2014 e 2016.

Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Adriana Sousa



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS EM MÍDIAS DIGITAIS: O MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA EM FOCO”, sob a responsabilidade da pesquisadora Ludmila Bahia Franco Faria, discente do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e de sua orientadora Profa. Aléxia Pádua Franco – FACED/UFU.

Nesta pesquisa, nós objetivamos compreender como a criação transmídiática do grupo Close Comunicação participa, entre 2005 e 2022, do processo de preservação e circulação de memórias de diferentes grupos sociais de Uberlândia, e do ensino da história local, por meio da produção de conteúdo do Museu Virtual de Uberlândia, da revista Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre e do programa de TV, Uberlândia de Ontem e Sempre. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Ludmila Bahia Franco também coletará os dados em setembro de 2022, em entrevista com Adriana de Faria e Sousa, jornalista.

Na sua participação, você concederá uma entrevista guiada por algumas perguntas acerca do tema da pesquisa. A entrevista será gravada. Após o seu consentimento, trechos da entrevista poderão ser utilizados na escrita da tese com os devidos créditos.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Ludmila Bahia Franco Faria – Telefone: (34) 999755576 – E-mail: hudmilabahia@gmail.com – Endereço: Rua Major Gote, 1127 – 3º andar – Patos de Minas / MG, bem como com a Profa. Aléxia Pádua Franco – Telefone: (34)99166-9966 – Email: alexia@ufu.br - Endereço: UFU – Av. João Naves de Ávila, 2121 – Santa Mônica – Bloco 1G, sala 108.

Uberlândia, 28 de outubro, de 2022.

Ludmila Bahia Franco Faria – pesquisadora responsável

Aléxia Pádua Franco - pesquisadora responsável (orientadora)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Rubrica do Participante da pesquisa

Rubrica do Pesquisador

Anexo 7 - Relatório Oficina Memória de Uberlândia



REALIZADA EM 25 DE AGOSTO DE 2020
DISPONÍVEL NO SEGUINTE ENDEREÇO ELETRÔNICO: <https://youtu.be/1O6-m31mRCA>

A oficina Memória de Uberlândia foi realizada no dia 25 de agosto de 2020, com início às 15h30 e término às 16h40. Foi transmitida ao vivo pelo canal Uberlândia de Ontem e Sempre do Youtube. Teve a participação de Celso Machado, idealizador do Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre e de Carolina Toffoli, do Instituto Algar. A mediação foi de Adriana Sousa, jornalista.

Durante uma hora e dez minutos, os participantes puderam conhecer melhor o Museu Virtual e entender de que maneira seu conteúdo pode ser utilizado em sala de aula para o ensino da história da cidade de Uberlândia. Foram apresentados vídeos e um passeio pelas salas do Museu.

Alguns dados relacionados à oficina:

Professores inscritos	108
Professores que assistiram ao vivo	34
Professores que assistiram posteriormente	41
Total de visualizações até 8 de setembro	75

Comentários extraídos do chat:

<p>Repetição das principais mensagens do chat ▾</p> <p>Viviane Maximo Que material interessante! Os recursos são bem diversificados!</p> <p>DiogoSantos fantástico!</p> <p>Caciane Linhares 🌟🌟🌟🌟</p> <p>Raquel Pereira Soares já fiz muito trabalho na escola com meus alunos utilizando o site.</p> <p>Raquel Pereira Soares Parabéns!!! o site é excelente!</p> <p>Lorrainy Cristhiny 🌟🌟🌟🌟</p> <p>Flavio Christian Vou começar a utilizar o site em sala de aula!</p> <p>Ana Paula Marques Pereira Dutra Parabéns, ótima iniciativa!!!!</p> <p>Raquel Pereira Soares que bacana!!!</p> <p>Rosangela Siscato Sou fascinada pela história dessa cidade linda.</p> <p>Vivian Almeida Nossa cidade é linda, com uma história incrível.</p> <p>Mariangela Souza Verdade viu, Sou baiana e vivo nessa cidade maravilhosa a 26 anos</p>	<p>Repetição das principais mensagens do chat ▾</p> <p>Adriene Maycol Parabéns ótima oficina!</p> <p>Raquel Pereira Soares Parabéns, foi muito bom. Precisamos de mais momentos como esses.</p> <p>Thiago Frank Mendes Silverio Silva Parabéns, foi TOP!</p> <p>Viviane Maximo Queria saber se a escolha pela plataforma digital para o museu também foi pensada a partir da questão de atrair o público mais jovem para o estudo das memórias de Uberlândia?</p> <p>Luziane Gomes PARABÉNS,ADOREI !!</p> <p>Professor Jemmerson Antonio de Souza Muito boa essa live!!</p> <p>Flavio Christian Qual email para solicitar os almanaque?</p> <p>Raquel Pereira Soares obrigada!!</p> <p>Professor Jemmerson Antonio de Souza Como poderemos receber o exemplar do livro e solicitar mais exemplares do almanaque?</p> <p>Viviane Maximo Parabéns por essa iniciativa!</p> <p>DiogoSantos ainda vou morar aí nessa cidade!</p>
--	--

Outros dados extraídos do Youtube:



APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista em profundidade e semiestruturado

I - Sobre os idealizadores do Museu (formação e relação com o site Museu Virtual de Uberlândia:

Com Celso Machado

1- Conte sobre a sua relação com a Close Comunicação, Nós Projetos, o Museu Virtual e a cidade de Uberlândia.

2- Qual a ligação entre a Close Comunicação e Nós Projetos? Por que duas empresas?

3- Percebemos que nos conteúdos do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre assinados pelo senhor o designam como diretor editorial, publicitário, guardião de histórias, engenheiro de histórias e jornalista. Afinal, quem é Celso Machado?

4- O senhor possui alguma formação acadêmica?

5 – Em uma de suas entrevistas, o senhor disse ser filho de viajante e escutava muitas histórias. Quais as influências da família para inspirar seu trabalho e quais suas memórias para a criação do Museu Virtual de Uberlândia, do programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e revista Almanaque?

5 – Quais os seus círculos sociais em Uberlândia e região? Como eles inspiram as produções da Close Comunicação e a estruturação do Museu Virtual?

Com Adriana Sousa

1-Conte sobre você, sua relação com a Close Comunicação, Nós Projetos, o Museu Virtual e a cidade de Uberlândia.

2 - Qual sua formação acadêmica?

3 - Qual sua relação com o Museu Virtual de Uberlândia?

II - Sobre a criação do Museu Virtual de Uberlândia, sua equipe e patrocínio:

1- Quando, como, por que, para que o Museu Virtual de Uberlândia foi criado?

2 – Como definem as finalidades das memórias produzidas e em circulação no Museu, na relação com a revista Almanaque e com o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”?

3 – Qual equipe iniciou a organização do Museu e como ela foi se modificando? Por quê?

4- Percebemos que, em alguns editoriais, Celso Machado aborda a falta de apoio para a manutenção do Museu Virtual de Uberlândia. Hoje o apoio recebido é suficiente? Quem são os apoiadores do Museu Virtual de Uberlândia? Continuam os mesmos? E os fomentos para manutenção do *site*?

5 – Como escolheu e conseguiu os patrocinadores do Museu? Houve alguma influência dos patrocinadores sobre quais conteúdos deveriam compor o acervo do Museu?

III – Sobre o Museu Virtual de Uberlândia enquanto espaço de memórias e histórias:

1-Quais histórias e memórias o Museu Virtual de Uberlândia e as demais mídias do projeto “Uberlândia de Ontem e Sempre” querem contar e preservar?

2- Quais cidadãos überlandenses que a Close Comunicação pretende evidenciar?

3- Qual a preocupação da Close Comunicação e Nós Projetos em circular memórias e histórias de pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e etnias? O que foi e é feito para viabilizar esta preocupação?

4 - Uma monografia apresentada em 2018 na UFU concluiu que os conteúdos da revista Almanaque, privilegiavam histórias e memórias de pessoas da elite überlandense nas publicações, com homens, brancos e ligados às funções políticas, com maior destaque. Concordam com esta análise?

IV – Sobre a organização e acervo do Museu Virtual de Uberlândia:

1 -Como se estruturou o *design* e acervo do Museu Virtual de Uberlândia? A arquitetura e acervo do Museu já sofreram alterações? Quais e por quê?

2- Por que decidiram compartilhar os arquivos da Close Comunicação em mídias diferentes? Impresso, televisivo e digital.

3- No Museu Virtual de Uberlândia constou, até setembro de 2022, que havia dois mil vídeos digitalizados. Todo o acervo da Close Comunicação foi digitalizado e disponibilizado no Museu? Quem os fez e faz?

4 – O Museu pretende acolher todas as produções midiáticas do Grupo Close? Quais e por quê?

5- O Museu pretende acolher produções de outros grupos, pessoas? Quais? Como busca por elas? Como seleciona?

6 – Quais as produções midiáticas compõem o Museu e por que foram criadas e são postadas produções em diferentes suportes e linguagens?

7 – O Museu é um repositório do programa de TV ou as mídias cumprem finalidades distintas, com conteúdos independentes e modificados conforme a linguagem atinente a cada uma?

8 – Ainda sobre as mídias escolhidas pela Close Comunicação e Nós Projetos, há a intenção de que elas sejam transmidiáticas? Ou sejam são conteúdos independentes, mas ao mesmo tempo se complementam?

9-Percebemos que nem todos os conteúdos pertencentes à uma aba, ou seção, ou “Sala”, estão agrupados. Qual motivo?

10- Por que os títulos dos conteúdos dispostos no Museu Virtual de Uberlândia, em sua maioria, aparecem com um número inscrito?

11- Estas pesquisadoras fizeram uma análise dos conteúdos que estavam na página principal e abas em setembro de 2022. Percebemos que a maioria dos conteúdos eram do ano de 2020. Qual a frequência das postagens e atualizações?

V – A Close Comunicação, o Museu Virtual, jornalismo e interatividade:

1-Qual a relação entre as produções da Close Comunicação, especialmente as que circulam no Museu Virtual, e o jornalismo?

2- Os conteúdos atinentes ao Museu Virtual de Uberlândia se enquadram ao jornalismo especializado em cultura?

3– O Museu e o seu público alvo: o Museu Virtual de Uberlândia foi estruturado pensando em qual público alvo? Como se relaciona com este público e como faz para alcançá-lo?

4 - Há o incentivo ou direcionamento para que as pessoas trafeguem ou accessem os materiais do Museu?

5 – O Museu Virtual de Uberlândia tem a intenção de interagir com o público que o visita? Como?

6- Apesar de haver a possibilidade de comentários em cada conteúdo do Museu Virtual de Uberlândia, há uma certa dificuldade para que os internautas possam fazê-los. A interação com o público é prezada pela Close? Quais os motivos para os filtros na realização de comentários?

10- Há uma seção “Você no Museu: Participe, Contribua e Dê sua Sugestão”, em que o Museu Virtual de Uberlândia incentiva a participação dos internautas. Há uma conexão ativa? Essas contribuições, de alguma forma, impactam na produção?

11 – Em alguns conteúdos observamos interações, como no caso do conteúdo “Família Freitas”, em que o próprio Museu Virtual de Uberlândia solicitou na descrição do material que “Caso conheça alguém da família, tenha fotos ou lembranças, pode compartilhar com a gente”. Apesar de algumas pessoas terem manifestado positivamente, não houve uma resposta do Museu na publicação. Mesmo que não exposta, o Museu mantém ou manteve continuidade às conversas, nesse exemplo e outros casos?

12- Nas políticas de instituições para museus são incentivadas que os museus façam uma interface direta com outros atores sociais para divulgar suas ações e conteúdos. O Museu Virtual de Uberlândia realiza esse trabalho? Como?

13- Uma das iniciativas do Museu Virtual de Uberlândia nesse contato direto com a população é por meio das Oficinas. Quais os resultados diretos dessas ações?

14- As oficinas que constam no Museu foram realizadas em instituições de ensino superior e na Educação Básica? Como foram organizadas as ações educacionais?

15- Qual a frequência para a realização das “Oficinas” faz parte das realizações da Close Comunicação e qual direcionamento?

VII – O Museu Virtual de Uberlândia e a educação escolar:

1-O Museu Virtual de Uberlândia tem ou já teve alguma ação voltada especificamente para professores e estudantes da Educação Básica? Conte sobre elas, seus objetivos, resultados.

2 – Ouvi relatos de que, nos primeiros tempos do Museu, havia uma seção para que professores enviassem suas contribuições ao Museu, planos de aula desenvolvidos com materiais do museu. Houve contribuições? Essa aba foi desativada? Qual motivo?

3- Uma reportagem sobre o Museu Virtual de Uberlândia foi citada em um material didático elaborado pela SME durante o ensino remoto, para alunos do 4º ano, sobre a utilidade do Museu como fonte histórica. Qual a participação e contribuição do Museu para a educação formal, não formal ou informal no município de Uberlândia?

4- É de conhecimento que o Museu Virtual de Uberlândia é utilizado como fonte histórica nas aulas de diferentes conteúdos das escolas de Educação Básica de Uberlândia? Podem contar um pouco sobre isto?

VIII – Questões finais:

1-Sobre a continuidade na produção e circulação de memórias pela Close Comunicação e Nós Projetos, especialmente Museu Virtual de Uberlândia, sabemos que hoje são geridas por alguns membros de sua família, logo, é um trabalho que deve perdurar, à longo prazo? Quais os planos para o futuro?

Apêndice B -Transcrição da entrevista com Celso Machado

1-Conte sobre a sua relação com a Close Comunicação, Nós Projetos, o Museu Virtual e a cidade de Uberlândia.

Eu sou de Uberlândia, nasci em Uberlândia. Sempre fui fascinado por histórias e credito isso a meu pai que era viajante. Na época dele, o viajante tinha até nome de cometa, pois levava também as informações até as cidades.

Naquela época os jornais chegavam com muito atraso, não tinha televisão e rádio tinha uma certa dificuldade e, principalmente as informações regionais, você não tinha acesso. Papai sempre gostou de contextualizar as histórias. Minha mãe sempre falava com ele ‘vai até o fim’ e papai dizia que se fosse direto no fim não haveria entendimento. Isso me fez ser um apaixonado pelo enredo, de contextualizar.

2- Percebemos que nos conteúdos do projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, assinados por você, Celso Machado, o designam como diretor editorial, publicitário, guardião de histórias, engenheiro de histórias e jornalista. Afinal, quem é Celso Machado? O senhor possui alguma formação acadêmica?

Sou um costureiro. Gosto de costurar histórias, costurar relacionamentos, costurar fatos com histórias e com personagens. Eu sou uma figura rara. Eu não fiz científico, fiz curso técnico de química industrial, fiz até terceiro ano de administração e ainda torço para o Vasco, isso faz de mim uma figura sofrida. Química industrial não tem nada a ver comigo, mas antigamente a gente fazia o que podia e não o que queria e sonhava.

Quando alguém me pergunta o que gostaria de ter estudado eu falo que era psicologia. Acho fundamental você entender o comportamento humano pra você escrever sobre ele ou fazer divulgação de marcas e produtos com objetivo de seduzi-lo e eu penso que psicologia é uma forma que tem de entender gente.

Eu falo que eu tenho duas virtudes, perdão, duas características. Eu sempre consegui atrair pessoas mais competentes do que eu para trabalhar com elas. O que eu tenho, quando me creditam e eu aceito, é quando me rotulam como uma pessoa que tem respeito por gente, isso é verdade. Eu gosto do que eu faço, gosto mesmo e, no meu caso, faço o que eu gosto de fazer.

3- Como foi encontro com a comunicação e as empresas que atuou?

Fui trabalhar na CTBC com 17 anos e fiquei na área financeira, mas eu sempre fui focado na comunicação. Aí lancei lá um jornalzinho que imprimia escondido em mimeógrafo e me envolvi cada vez mais com comunicação.

Colaborei com jornal, jornal local, aí teve uma época que eu saí da CTBC e montei uma empresa de jornalismo empresarial e fiz jornal do Lions, do Praia Clube, do Sindicato Rural e da Associação Comercial. Depois eu voltei pra CTBC para atuar na assessoria da diretoria e, mesmo atuando na assessoria da diretoria, eu continuei nas horas vagas fazendo esses jornaizinhos.

Quando surgiu, em 1982, a ideia de que o grupo ABC estando em expansão, criar uma agência de propaganda eu fui convidado, assumi a superintendência e fiquei por 19 anos nessa agência de propaganda. Essa agência foi uma faculdade de propaganda em Uberlândia.

Em 2001, fui convidado pra *holding*, aí já era o grupo Algar, já tinha mudado de nome e estive diretor de comunicação por uns seis, sete anos e depois assumi como diretor de cultura corporativo. Ao todo foi uma trajetória de 42 anos dedicados a CTBC/ Algar.

Nesse período, em 1989, criamos a Close, uma produtora e eu criei muito por conta da minha esposa, que tinha saído do Martins. Eu sempre imaginei que as pessoas que trabalham com comunicação são mais felizes e como eu gostaria de ver minha esposa feliz eu tentei trazê-la pra essa área, mas ela sempre foi mais ligada no enfoque financeiro. Ela ficou na empresa, controlando e a empresa cresceu mais rápido do que a gente podia imaginar e se estruturar. Mas antes disso, na época da ABC Propaganda, lá atrás, criamos a ABC Produções, que era uma produtora de vídeos e nós lançamos o primeiro programa independente da televisão regional o “Terra da Gente”. Depois esse nome a Algar não se apropriou e a Globo de Ribeiro Preto assumiu o nome.

E aí, quando a ABC Produções foi vendida eu fiz um pedido desesperado que queria ficar com o acervo, as fitas. Trouxe isso para uma casa nossa, coube em dois guarda-roupas, levei uma bronca danada, mas ficou um acervo. E esse acervo mais tarde eu quis dar vida a ele. Eu estava diretor social do Praia quando o clube fez 50 anos e aí eu resolvi fazer um documentário sobre os 50 anos do Praia e, quando fez 70, eu também estava como diretor social e resolvi fazer uma série de cinco programas.

Eu sempre tive muita vontade de gravar e colher depoimento das pessoas, mas tinha a dificuldade, eu ia colher depoimento e fazer o quê? Eu tinha que ter uma vitrine para poder ter

um personagem. Quando nós lançamos essa série sobre os 70 anos do Praia, deu uma repercussão boa, fizemos umas gravações bem interessantes.

Foi aí que lancei o programa “Uberlândia de Ontem e Uberlândia de Sempre”, aí depois ajustei para “Uberlândia de Ontem e Sempre” e fazemos até hoje. Eu duvido que exista, não é no Brasil não, é no mundo, uma série com esse tempo de existência, focado exclusivamente na história e na memória de uma cidade. Nós temos mais de 800 programas dos quais eu registrei mais de 600 personagens.

E depois que a gente ficou com o “Uberlândia de Ontem e Sempre” na TV, toda vez que voava pela TAM e via o Almanaque Brasil, do Elifas Andreato, surgiu a vontade de criar um almanaque em Uberlândia. Já nessa fase, eu já tinha uma noção muito clara de que ter criatividade é pouco, se você não tiver iniciativa não vale nada. Aí chegou uma fase na minha vida que eu quis fazer e não só criar. Resolvi fazer uma versão impressa anual do Almanaque Uberlândia de Ontem e Sempre.

Lembro que alguém até falou ‘nossa, mas você vai fazer e o que você vai fazer na segunda?’, aí falei que vou contar a história de uma cidade que tem mais de 130 anos. A repercussão foi tão grande que a publicação passou a ser semestral, com duas edições por ano e em 2021 completamos 10 anos ininterruptos da versão impressa.

4- Qual a relação entre a Close Comunicação e Nós Projetos?

O programa de TV e o Museu são iniciativas da Close. Após a criação da Close eu criei a Nós Projetos. A Nós Projetos desenvolve os projetos e a Close é a produtora que executa esses projetos.

O Almanaque é um projeto da Nós e não da Close, ainda que os dois tenham uma interligação, porque guardadas as proporções, o Almanaque é uma versão impressa do programa, com outra linguagem.

Pela Nós são realizados outros projetos, como *Top Of Mind Uberlândia S.A.*. A Nós é uma empresa que está no mercado para oferecer serviços de organização, desenho e entrega de projetos empresariais.

5- Como nasceu a ideia para criação do Museu Virtual de Uberlândia?

Quanto mais o tempo passa, a história e a memória ficam mais valiosas. E eu fiquei pensando como poderia preservar ainda mais o acervo, foi aí que surgiu o Museu Virtual de

Uberlândia, como uma forma de armazenar, uma espécie de “fiel depositário” do que a gente tem na Close. Mas o que tem no Museu ainda é pouco diante de tanto material que temos na Close, mas temos um desafio, que são as fontes de financiamento e hoje conseguimos aprovar os projetos, mas não conseguimos patrocínio e vamos fazendo o Museu na medida do possível. Agora também a gente continua com o acervo do programa “Uberlândia de Ontem e Sempre”, tem ele no YouTube.

6- O programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”, está na televisão e no canal do Youtube?

O programa “Uberlândia de Ontem e Sempre” começou no Canal da Gente, no canal a cabo, depois foi pra TV Universitária, na sequência pra TV Paranaíba, depois voltou pra TV Universitária e agora voltou novamente para TV Paranaíba.

7 – O programa de TV não foi exibido em outros canais?

Não, há veículos que usam o acervo. A Close é um obituário, quando morre alguém...

8- Ainda sobre a concepção do Museu, quando, como, por que, para que o Museu Virtual de Uberlândia foi criado?

O Museu foi criado fundamentalmente pra organizar e preservar o acervo de vídeos da Close sobre Uberlândia.

Uma coisa no meio disso que eu não falei, já fiz outros documentários sobre Rondon Pacheco, sobre doutor Luís, dona Cora, Só Pra Contrariar. Como gosto de contar histórias, quando fui fazer do Rondon, eu gravei com Jarbas Passarinho. Ficou tão boa, que quando Jarbas Passarinho morreu, a família dele veio pedir pra mim a gravação. Agora vê se pode um “trem desse”, um mineirinho “bocó” é que fornece isso.

Esse acervo era que eu queria preservar e organizar na forma de um Museu. E as pessoas começaram a procurar a gente pra pegar materiais. Praticamente, a Close não tem funcionário, só trabalha com *free lancer*, então não dava pra atender a demanda, porque tudo tem custo.

Então, tive o privilégio de encontrar a Adriana, nós trabalhamos juntos no grupo [Algar] e ela praticamente desenhou o Museu. Se tem alguém que tem o mérito da criação do Museu é

a Adriana e a Adriana é a prova real que eu consigo atrair pessoas mais competentes que eu pra trabalharem comigo.

9- Como o senhor define as finalidades das memórias produzidas e em circulação no Museu, na relação com a revista Almanaque e com o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre”?

Quando alguém fala comigo que eu gosto do passado, eu retruco sempre. Eu não gosto de passado, eu gosto do que não passa. E o que não passa? Não passam histórias, identidade, o jeito de ser, né. Numa das gravações que eu fiz com Cortella, no Uberlândia 2100, dentre as colocações extraordinárias dele, ele fala que o futuro é o passado em reconstrução. Por isso, quando você preserva histórias, você preserva lições, preserva exemplos e você preserva sobretudo, inspirações.

10- Qual equipe iniciou a organização do Museu e como ela foi se modificando? Por quê?

Todo mundo que está na Close faz parte. A Ady que está aqui, cuida da organização geral da administração. Na verdade, o Museu tem um carinho muito grande por todas as pessoas que estão aqui, desde cinegrafistas, editores, a Taisa, que é minha filha e que comanda a iniciativa.

Todo mundo que vem apresentar, de uma forma ou de outra. Ultimamente temos tentado estimular uma contribuição colaborativa de pessoas que mandam ideias, pautas e até registros. Nós temos aqui um acervo extraordinário. Por exemplo, nós temos um filme sobre Uberlândia que é de 1942, que veio em função dessas costuras. O Museu é muito maior que a estrutura que ele tem, né. Isso é bom, o sonho ser maior que o trabalho.

11- Mas atualmente, são quantos colaboradores diretos?

Hoje são três pessoas.

12- Percebemos que, em alguns editoriais, o senhor aborda a falta de apoio para a manutenção do Museu Virtual de Uberlândia. Hoje o apoio recebido é suficiente? Quem são os apoiadores do Museu Virtual de Uberlândia? Continuam os mesmos? E os fomentos para manutenção do site?

Eu sempre falo que se eu tivesse o mesmo apoio que eu tenho de prestígio eu estava feito. O Almanaque, eu nunca vi ter tanto prestígio e o Museu também. Mas nós não temos conseguido captar novos apoiadores, como temos perdido os antigos. A forma que nós temos de captar é via renúncia de empresas de ICMS ou ISS. A Close e a Nós não têm essa competência mercadológica. As coisas têm valor pela contribuição, não é pelo custo de filmar.

Inclusive, o Museu está parado porque não tem apoio. Eu tenho que entender que as empresas, a maioria delas, têm foco no marketing de resultados, têm que vender e querem evento e o lado institucional da memória, ele é valorizado, mas não é apoiado. E aí, o que você vai fazer? Tem que aceitar essa realidade, mas eu não sou fiel depositário da memória de Uberlândia. Essa dívida, se eu tive, posso estar sendo presunçoso, mas eu já paguei. Em 20 anos construí isso. Daqui pra frente, continuo dedicando meu amor, mas não posso trazer profissionais pra compartilhar desse amor por Uberlândia, sem serem remunerados.

13- Mas e sobre os patrocinadores, como foram realizadas as captações? E houve influências dessas empresas nos conteúdos produzidos?

Não. O maior apoiador que nós sempre tivemos foi a Algar, mas o direcionamento da empresa está muito mais para ações no Brasil que na cidade de Uberlândia. Eu entendo isso, porque o investimento na cidade hoje é menor que no passado, porque aqui era a grande vitrine, mas hoje é nacional, mas ela nunca influenciou.

Agora, eu carrego uma imagem que me orgulha, mas eu sei que me afeta, porque eu sou o Celso da Algar, já saí uns 6 anos, mas a gente não sai da empresa e a minha identidade com ela não está no CGC, está no comportamento, na atitude. Muita gente, muitos empresários dizem, ‘ah, o Celso não precisa disso porque a Algar apoia ele’.

14 – A Algar continua patrocinando o projeto Uberlândia de Ontem e Sempre?

A Algar é a apoiadora do programa, mas em parcela bem menor que investia no passado, mas é ela que eu ainda tenho.

15 – E os fomentos das leis de incentivo, ainda são repassados?

A gente também teve alguma coisa, na parte de ICMS e de algumas coisas do Martins. Hoje nós não captamos um décimo que precisaríamos. Esse ano eu não inscrevi projeto na Lei

Municipal, porque no ano passado nós não conseguimos captar. Então, minha decepção com patrocínio eu preciso guardar ela só pra mim e achar que é minha incompetência. Eu sinceramente, acho que a falta de estímulo é um estímulo, porque se a gente não fizer, não tem quem faça.

16 - Sobre o *site* enquanto espaço de memórias e histórias, quais histórias e memórias que o Museu Virtual de Uberlândia quer contar e preservar? Quais cidadãos ligados à Uberlândia que a Close Comunicação pretende evidenciar?

Nós temos o maior acervo sobre Virgílio Galassi, fiz um documentário sobre ele. Nós também fizemos o único documentário sobre a vida de Rondon Pacheco. Também fizemos sobre Renato de Freitas, outro político extraordinário.

Tem várias outras pessoas e empresários notáveis que registramos, como seu Alair, doutor Luíz, o próprio Alexandrino Garcia, que eu gravei em 2006 e tem pessoas simples, ex-jogador de futebol. Porque uma coisa que a gente quer colocar é que toda pessoa tem uma história de vida bonita e toda pessoa tem uma contribuição na vida da cidade, então, a gente registra isso.

Claro, a gente tem uma queda, eu não me omito e elejo dois os arquivos mais valiosos, do seu Virgílio Galassi que chamo de “O Senhor de Uberlândia” e do Doutor Luíz Alberto Garcia, que eu criei pra ele o título de “sonhalizador”, porque ele é um sonhador que realiza.

17 – Quais os cuidados tomados quando realiza as entrevistas? Quais memórias quer preservar?

Muitas vezes quando você vai colher depoimento a pessoa abre o coração, porque a pessoa não fala com você, ela fala com ela e aquilo pode gerar uma repercussão dúbia. No mundo de hoje você não segura informação, depoimento e nem a paternidade me preocupa muito. O que me deixa feliz é ver a circulação dessas histórias. Eu cango de receber pessoas que me mandam coisas que eu fiz e isso é um orgulho pra mim.

18 – O senhor teve acesso a uma monografia apresentada em 2018 por um universitário da UFU? Na pesquisa concluiu-se que os conteúdos da revista Almanaque, privilegiavam histórias e memórias de pessoas da elite uberländense nas publicações, com homens, brancos e destaque para políticos. O senhor concorda com este resultado?

Até que tem mais homem mesmo, mas eu procuro muito é mesclar isso. Agora eu não incomodo de ser criticado pelo que eu sou, mas me aborrece ser criticado pelo que os outros acham que eu sou.

Eu vi esse material, foi até o doutor Oscar Virgílio que me mostrou indignado, doutor Oscar é até um colaborador. Eu vou citar algumas. Nininha Rocha, você fala que Nininha Rocha é elite? Nalva Aguiar é elite? Nicolau Sulzbeck é elite? Grande Otelo é elite? Albinha, primeira vereadora negra de Uberlândia, é elite? Que coisa.

Eu tive uma grande satisfação, há uns 3 anos, quando eu estava indo para o aeroporto e o motorista do táxi falou ‘nossa, eu assisto o programa do senhor e gosto tanto dele, porque o senhor põe gente comum no programa, gente igual a gente’. Isso eu ouvi de gente comum. Eu não vendo depoimentos, agora, o que torna uma figura pública no caso do Almanaque, principalmente o destaque principal, é ela ser pública, então a repercussão é a obra dela, o trabalho dela. Agora, já me aborreceu isso, mas hoje não me aborrece não, porque uma pessoa pra me aborrecer ela precisa ter uma informação muito consistente a meu respeito.

20 – O senhor pretende continuar o abastecimento do Museu? Materiais do acervo da Close continuam sendo digitalizados?

Qual é o grande desafio do Museu? Porque nós geramos. Eu não trabalho com acervo que existe somente, eu trabalho com geração de acervo. Segunda-feira eu gravei quatro depoimentos. Nós vamos fazer agora 18 programas e tem aí umas 60 matérias. Nós geramos conteúdo.

Então, a nossa geração de conteúdo é muito mais dinâmica do que a nossa possibilidade de armazenar, e aí, tem questões de realidade financeira. Então, se você pensar, eu te diria que o Museu não tem 10% do acervo e estou sendo otimista.

21- E sobre as digitalizações?

A gente tinha um patrocínio que não tem agora. Então, o que nós estamos trabalhando é pra ver se a gente consegue tornar esse acervo ainda mais rico, porque o que nós temos aqui, nossa senhora.

23 - Por que os títulos dos conteúdos dispostos no Museu Virtual de Uberlândia, em sua maioria, aparecem com um número inscrito?

O número que aparece é o do acervo, para identificar qual acervo, muito mais para utilidade interna que externa.

23- Percebemos que os conteúdos do Museu estão desatualizados, a maioria são de 2020. Com que frequência são feitas as atualizações?

No Museu, uma coisa que tem, que você para de abastecer, mas ele continua. Se o Museu for incentivado o conteúdo é semanal, porque aí você já faz o programa e já faz outros recortes para o Museu. Aí você assiste um trecho no programa e outro no Museu. E se você gostar de um ou outro, tem como acessar versões mais amplas.

E quando o Museu está incentivado, pelo PMIC, Programa Municipal de Incentivo à Cultura, a gente faz um livro por ano, focado em algum seguimento. O primeiro foi focado em personagens da comunicação, todos falecidos pra não ter problema e o segundo foi sobre professores e o terceiro seria artistas, se a gente tivesse captado.

24 - O Museu é um repositório do programa de TV ou as mídias cumprem finalidades distintas, com conteúdos independentes e modificados conforme a linguagem atinente a cada uma?

O Museu não é um repositório. O que tem são ajustes. Primeiro quando você vai gravar um depoimento, às vezes, tem 40 minutos e você joga no programa 6 e eu não deleto. E, às vezes, eu volto lá para veicular trechos que não passei no programa. Faço isso principalmente com o Almanaque e, às vezes, para o Museu. Então, não é simplesmente uma transcrição, você pegar daqui e jogar dali. Todos têm sua personalidade.

25 – O senhor considera que são produções transmídiáticas?

Sim, esses diferentes formatos são transmídiáticos.

26 – Os conteúdos produzidos pelo Museu, programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e Almanaque são jornalísticos?

É um jornalismo, só que não é factual. É jornalismo, porque a gente noticia fatos, ideias e pensamentos, mas ele é atemporal, essa é a característica do jornalismo que nós temos. E outra

coisa, o nosso objetivo é de promover valores e não identificar desvios ou coisas que o jornalismo cotidiano evidencia. Tem algumas críticas? Tem, mas no aspecto cultural.

Nós trabalhamos muito mais com memórias que história. Nossos trabalhos estão ligados a memória oral, nós não temos trabalho investigativo. Claro que, como eu tenho um conhecimento razoável sobre a história de Uberlândia, então se alguém fala alguma que não bate, a gente corre atrás e vejo, mas não é um trabalho de averiguação.

No caso da História você tem que ter documentação a respeito dela, você tem que ter um fundamento muito consistente, é o que eu penso, né. Aliás, eu acho a História chata, eu prefiro trabalhar com a memória. Eu gosto de falar que eu... Todos os casos que euuento são verdadeiros, alguns ainda não aconteceram, mas todos são verdades.

27 - Há possibilidades no Museu Virtual de Uberlândia para interação com o internauta, com comentários nos conteúdos e envio de sugestões. Essa interatividade é valorizada e incentivada? As sugestões são acatadas? E por que a dificuldade em interagir, por meio dos filtros estabelecidos, no site?

A gente tem que ser claro, né. Como você não tem estrutura pra isso, você acaba dedicando sobra de tempo, porque você tem os seus compromissos. Eu não vou pegar os profissionais que estão aqui, eu não posso exigir deles e eu não me disponho mais a ficar... Eu tenho uma vida, tenho projetos, e não só empresariais, mas tenho projeto de vida, então, tem que se adequar. Eu dedico uma parte do tempo pra isso, mas não todo. Podia estar muito melhor.

Agora, é o que tem e o que a gente dá conta de fazer. O que acontece, é que de repente... É que nós vivemos num país, onde a ausência é muito mais amada que a presença, então quando perde. Se eu perder, aí vem, ‘mas você jogou fora’, mas joguei, ninguém quis, então assim, isso cansa. Quando alguém fala assim, vou te dar todo o apoio, eu sei que não vem nada.

28 - Em alguns conteúdos observamos interações, como no caso do conteúdo “Família Freitas”, em que o próprio Museu Virtual de Uberlândia solicitou na descrição do material que “Caso conheça alguém da família, tenha fotos ou lembranças, pode compartilhar com a gente”. Apesar de algumas pessoas terem manifestado positivamente, não houve uma resposta do Museu na publicação. Mesmo que não exposta, o Museu mantém ou manteve continuidade às conversas, nesse exemplo e outros casos?

Estou falando, não nesse caso, primeiro eu assumo que a gente não tem a dedicação que precisava ter, porque não tem fontes de financiamento disso e eu não posso fazer. Uma outra coisa que tem, não estou falando que é caso dessa família, é que o “cara” não tem onde por... Parece chácara, tem cadeira de três pés e vai pra lá, que cunhado te dá... Tem hora que vem cada coisa pra cá, que Nossa Senhora, nada a ver.

29 – Sobre as ações educacionais por meio das oficinas, como são realizadas e há resultados delas?

Nós fizemos uma oficina numa escola, sobre “História nas Escolas”, que os alunos resolveram escrever um livro. Outros resolveram fazer um jornal, influenciamos, às vezes, a formação profissional dos meninos. Sobretudo o que a gente faz, a gente vê o resultado, é despertar neles o interesse pra conhecer mais aquilo que eles vivem. Quem estuda no Colégio José Inácio, quem é o José Inácio? Entendeu... Eu moro na rua Eduardo de Oliveira, quem é Eduardo de Oliveira? Isso é fruto de um trabalho que a gente faz, eu sinto que a gente faz isso e tem resultado.

A gente tem vários projetos, tudo está integrado, a gente tem o “História nas Escolas”, histórias nos distritos, tudo tem oficinas. E depois a gente faz quadros que vem para o “Uberlândia de Ontem e Sempre”. E as oficinas são contrapartidas. Nós tivemos oficinas pra preparar professores da rede municipal para utilizar o acervo do Museu pra transmitir isso para os alunos.

30 - Ouvi relatos de que, nos primeiros tempos do Museu, havia uma seção para que professores enviassem suas contribuições ao Museu, planos de aula desenvolvidos com materiais do museu. Houve contribuições? Essa aba foi desativada? Qual motivo?

Aquilo que tem mais utilização você vai mantendo, o que não tem... Ali não teve muita adesão não.

31 - Uma reportagem sobre o Museu Virtual de Uberlândia foi citada em um material didático elaborado pela SME durante o ensino remoto, para alunos do 4º ano, sobre a utilidade do Museu como fonte histórica. Qual a participação e contribuição do Museu para a educação formal, não formal ou informal no município de Uberlândia?

A nossa grande contribuição é para a identidade da cidade, o jeito de ser de Uberlândia, eu acho que nós temos contribuído muito pra registrar, reconhecer e valorizar. O que nós temos dificuldade é que, nessa parte educacional, o viés político passa em cima do viés histórico e eu falo, que a história é mais generosa que as pessoas.

32 - O senhor considera que o conteúdo do Museu Virtual de Uberlândia é relevante para a educação e incentiva o acesso?

Se uma cidade não tem interesse pela história dela, sinceramente não cabe a mim botar isso na cabeça das pessoas, não é esse o meu papel. Se por exemplo, você pegar a Universidade, pouquíssimas vezes eu fui lá, agora esses dias fui homenageado. Puxa, homenageado num lugar onde nunca fui convidado pra falar, né, nos cursos de jornalismo, nos cursos de...

Principalmente na rede municipal, quando chegam trabalhos ligados a história da cidade, aí é uma *pedição*, mas é muito pontual.

33 – Sobre a continuidade na produção e circulação de memórias no Projeto Uberlândia de Ontem e Sempre, especialmente Museu Virtual de Uberlândia, deve perdurar? Quais os planos para o futuro?

O que é caro na digitalização é a indexação, é você identificar o texto, não é copiar. Eu falo sempre que tem a querência e tem a “*podência*”. Querer eu quero. Não faz sentido alguém que tem uma história ligada a memória de Uberlândia querer abrir mão desse trabalho. Mas o que não estou mais estimulado é de ficar batendo em porta atrás de coisa.

Tem um trabalho e eu acho que sou o reflexo do interesse que essa cidade tem pela sua história e pela sua memória, mas também pelo apoio, porque prestígio a gente tem e muito, mas não tem apoio e eu não posso só repartir estímulo para as pessoas. Se tem um projeto na cidade que tem repercussão eu tenho que me dedicar a ele. O meu lado poeta tá diminuindo. Já não sou novo assim...

34 – Não é mais novo? Qual a sua idade? Não precisa revelar, caso não queira.

Tenho 71 anos, jogo bola até hoje, com duas cirurgias de coração, marcapasso e ruim de bola. Sou do mês de março.

35 – Quais são seus círculos sociais de Uberlândia e as influências deles nos seus trabalhos?

Por 42 anos estive executivo da Algar. Hoje eu estou num Clube que sou diretor de comunicação, que é o Cajubá, vivo muito lá. Vivo num ambiente empresarial, porque eu faço o *Top Of Mind*. Então, eu tenho um círculo de relacionamento muito grande, mas de convivência menor. E minha convivência hoje está muito nesses setores, o universo que eu frequento.

36 - Algo mais que o senhor queira contribuir?

Não, já falei demais.

Apêndice C -Transcrição da entrevista com Adriana Sousa

1 – Qual a sua formação e relações de trabalho com Celso Machado e o Museu Virtual de Uberlândia?

Eu sou jornalista. Trabalho em Uberlândia desde 1994 e comecei trabalhando no grupo Algar, que foi justamente onde eu conheci o Celso Machado, onde nós trabalhamos não numa relação de subordinação, mas de parceria, durante praticamente 9 anos. Por volta de 2008, 2009, eu comecei a prestar serviços para ele, já como jornalista autônoma. Ele já tinha o projeto de TV, o programa “Uberlândia de Ontem e Sempre”, tinha um acervo significativo digitalizado e nós continuamos aí com o processo. Então, eu passei a prestar serviços para ele também nesses projetos que ele possuía, que na época eram o programa de TV “Uberlândia de Ontem e Sempre” e estavam nascendo a revista e o Almanaque. E aí, quando eu começo a ver o tanto de matéria, o tanto de coisa que existe no programa de televisão, o Celso fala: - por que a gente não digitaliza tudo isso, né?

E aí a gente começou a buscar recursos para poder digitalizar, porque o programa de televisão existia exclusivamente na mídia de televisão. Então, ele era feito para veicular em TV, veiculado em TV e depois aquelas fitas, aqueles arquivos eram todos guardados, mas não em formato digital, e sim, em formatos variados de vídeo. Desde os tempos da Betacam, passando por VHS, SUPER VHS, até chegar nos formatos digitais.

2- Como surgiu a ideia para criar o Museu Virtual de Uberlândia e como foi o desenvolvimento dele?

Então, o Celso estava com um acervo muito grande, ele nunca quantificou o acervo dele, mas ele tinha milhares de fitas e essas fitas tinham ali a história da cidade de Uberlândia. E a gente falou, por que não digitalizar? E ao invés de disponibilizar só na TV, disponibilizar na internet, onde qualquer pessoa possa ter acesso a qualquer momento. É aí que nasce os primeiros passos para a criação do Museu.

Foi quase um ano de trabalho e esse um ano foi para quê, foi para a gente definir a plataforma de digitalização que nós iríamos usar, onde nós iríamos disponibilizar esses vídeos e como eles iriam parar num *site* ou plataforma. Então, antes da gente lançá-lo oficialmente, foi quase um ano.

3- Como é que foi o trabalho? Qual foi a plataforma definida? Como é que foi essa estruturação da arquitetura do Museu Virtual de Uberlândia?

A princípio, a gente não queria ir para uma plataforma aberta. A gente não queria ir para o YouTube ou para o Vimeo, justamente pelo fato de que os conteúdos nessas plataformas passam a ser um território em que você não tem mais o controle de autoria, né, qualquer pessoa, pode pegar o seu conteúdo veiculá-lo sem que você tenha qualquer controle. Então, o primeiro pensamento do Museu foi uma plataforma própria.

Nós contratamos um desenvolvedor que nos ofereceu uma solução em que nós tínhamos a nossa própria plataforma de vídeos. Nessa plataforma própria, a gente fazia toda a indexação, uma descrição do vídeo, do assunto, quem eram os entrevistados, palavras-chave, data, tudo aquilo que tornava mais fácil localizar aquele conteúdo. E da plataforma ele ia para o *site*. Então, essa foi a primeira configuração do Museu. Ela demonstrou, depois de algum tempo, ser inviável economicamente, porque a hospedagem em uma plataforma proprietária é muito cara, muito cara. Então, a gente abriu mão dessa configuração depois de algum tempo. Acho que foi um ou dois anos, que a gente ficou com a plataforma proprietária, depois a gente passou a subir para o YouTube mesmo.

Aí, todos os conteúdos que passaram a subir e a ser indexados dentro do YouTube e do YouTube a gente fazia a conexão para o *site* do Museu, que foi construído exclusivamente para o Museu. Então, a gente abriu mão de ter aquele controle e hoje existe um canal do YouTube. Eu não sei te dizer quantos vídeos tem nesse canal, mas é uma quantidade já significativa. Nós estamos falando de quase dez anos. Então, nesses quase dez anos, os vídeos continuaram sendo digitalizados e continuaram subindo para o *site*.

4 - Sobre a arquitetura do museu, a definição das “salas”, dos nomes, as abas, toda a estruturação do Museu Virtual de Uberlândia, vocês interferiram diretamente e ajudaram no desenvolvimento. Como foi?

No primeiro ano não existia a questão das “salas”. No primeiro ano, nós atualizávamos os conteúdos semanalmente, de uma maneira temática. Não havia “salas”, então a gente colocava e definia ‘essa semana nós vamos falar de nome de rua, essa semana de educadores, essa semana de sambistas’. A gente ia definindo um cronograma semanal e atualizava todas as semanas, com uma média de quatro a seis vídeos novos sendo postados.

Na segunda etapa é que surgiram as “salas” e aí, junto com elas, veio uma vontade do Celso de homenagear algumas pessoas. Então, a gente ia ter uma “sala” voltada para falar de educação, a gente iria homenagear o professor. Se fosse para falar de arte, a gente ia homenagear um artista. Se fosse para falar de tecnologia, a gente ia homenagear um pesquisador e assim por diante. A lógica da “sala” surgiu dessa maneira, mas foi justamente logo depois dessa mudança que eu saí do projeto. Então, hoje eu não sei te dizer quais são as “salas” ou qual a lógica que foi adotada, mas na época foi essa.

5- Por quanto tempo você ficou ligada ao projeto do Museu Virtual de Uberlândia?

Então, eu tenho que lembrar exatamente, mas eu acho que eu fiquei uns três anos sendo responsável. Aí depois eu acabei me desligando.

6- Adriana, como você define as memórias produzidas pelo Museu Virtual de Uberlândia, assim como as produções da Nós e da Close?

Olha, eu acredito que o Museu Virtual é uma experiência única no Brasil e ela traz para a gente uma noção muito grande do que é pertencer a uma cidade, do que é construir uma cidade. Eu não sou überlandense, eu não vivi a história de Uberlândia, mas eu assisti pessoalmente todos os vídeos.

Durante um ano, todos os vídeos que foram digitalizados, indexados e postados, eu assisti um por um. Tudo isso representava para mim uma série de aulas sobre a cidade, de aulas sobre um povo que fez essa cidade, sobre o espírito empreendedor e sobre a vontade de fazer dar certo, sobre política, sobre liderança. Então, assim, assistir a esses conteúdos e não só assistir, pelo lado do entretenimento, mas assistir pelo lado daquela pessoa que é responsável por indexar, por selecionar, por escolher o que outras pessoas vão assistir. Para mim, foi um grande aprendizado de como a dinâmica de uma cidade é construída ao longo do tempo.

Eu considero o Museu uma experiência inédita, porque em todo o tempo que eu pesquisei iniciativas similares na internet e em outros museus, eu nunca achei. Poucas cidades têm uma pessoa como o Celso, que não jogou fora o que produziu em TV. Então, o grande segredo do Museu, é esse, foi o fato dele ter guardado, por tanto tempo, tantos vídeos importantes.

7- Ainda falando da criação do Museu Virtual de Uberlândia, eram quantas pessoas envolvidas quando você iniciou o projeto junto com o Celso?

Olha, eu preciso me lembrar, mas a princípio nós tínhamos o pessoal de edição. Eram dois editores que faziam o recorte, a digitalização e todo o processo mais técnicos de transformar as fitas VHS em arquivo de vídeo. E teve uma época que nós tínhamos também duas ou três profissionais que assistiam. Além de mim, tinham mais duas pessoas que assistiam e ajudavam a indexar, mais esporadicamente. Tinha uma pessoa de área administrativa financeira, porque a viabilidade desse projeto era por meio de Lei de Incentivo à Cultura e envolve um rigor muito grande na gestão do recurso e o próprio Celso. Então, nós chegamos a ser seis pessoas envolvidas diretamente com o Museu.

8 - Quais histórias e memórias que o Museu Virtual de Uberlândia produz, preserva e circula?

Todas as histórias que têm no Museu, elas, de alguma maneira, trazem a questão do pertencimento, do que é você ser cidadão e você trabalhar para transformar a realidade na sua cidade ou, muitas vezes, para manter o *status quo*.

Então, eu acho que as histórias principais são essas, de um povo muito orgulhoso de ter nascido onde nasceu ou de ter migrado para onde migrou e de um povo que contribuiu para transformar essa cidade em um lugar melhor, de acordo com os valores de um tempo, de acordo com as crenças de um tempo.

Então, essas são as histórias que eu encontrei enquanto eu estive lá [Museu Virtual de Uberlândia]. E você tem uma característica muito interessante do Museu que, da mesma maneira que você tem a história de gente poderosa, que ocupou cargos públicos, que teve formação de ensino superior, você tem a história de pessoas, do povo, de gente simples, de gente ligada à cultura popular, de gente de bairros da cidade. É um trabalho assim, que eu considero bastante eclético e que está muito ligado a essa noção de pertencimento.

9 - Sobre as escolhas dessas pessoas, que teriam suas memórias inseridas no *site*, quais foram os filtros jornalísticos utilizados? Quais foram esses personagens que tiveram suas histórias e memórias contadas, preservadas e circuladas no Museu? Quais foram os critérios para as escolhas?

O critério, muitas vezes, no começo, era do que já havia sido digitalizado. Então, dentro de tudo aquilo que já havia sido digitalizado, a gente procurava um padrão. Então, assim, eu tenho 100 vídeos digitalizados, nesses 100 digitalizados, eu tenho dez histórias de professores, eu tenho seis de carnavalescos, eu tenho quatro de médicos. Então, o primeiro olhar foi muito assim, o que nós já tínhamos digitalizado e que de forma a gente conseguia construir uma narrativa. Esse foi o primeiro olhar.

Na medida em que o acervo foi crescendo e que a gente passou a ter muito mais coisas digitalizadas, passamos a trabalhar também em cima de calendários: dia das mães, dos pais, Natal, eleições e depois as escolhas passaram a ser mais em cima das “salas” temáticas. Aí, foi quando eu já não estava mais. Mas no começo foi, principalmente, o que existe e quais os padrões possíveis e um calendário que acompanhasse para poder gerar o interesse e o engajamento das pessoas.

10 - Mas teve essa preocupação de trazer um equilíbrio entre os diferentes grupos sociais, gêneros e etnias?

Havia um olhar na tentativa de buscar um equilíbrio, mas nem sempre era possível. Uma das coisas que nós sempre falávamos ao analisar o Museu era sobre a falta de mulheres, a falta de pessoas pretas que, de certa maneira, é uma característica também da sociedade überlandense.

De uma sociedade em que a mulher, no começo ela não aparecia tanto. Então, há uma predominância masculina, há uma predominância de raça, há uma predominância de classe social, embora haja também a diversidade. A gente vivia falando que faltavam mulheres, tinham poucas mulheres dando entrevistas, tinham poucas mulheres contando essas histórias. Normalmente, as que tinham eram professoras, eram ligadas ao mundo das artes, mas se a gente for analisar, tem ainda poucas mulheres políticas, por exemplo.

11- E mesmo você saindo do Museu e analisando o que foi inserido lá até este momento, por exemplo, você acha que ainda há um desequilíbrio? De mulheres pretas, homens pretos, de grupos populares, de pessoas que não fazem parte da elite?

Hoje eu não saberia te dizer. Eu tenho acompanhado pouco, mas uma característica que o Celso sempre disse que o Museu tinha é que o acervo dele estava sempre em formação e, então, eu acredito que hoje existe uma preocupação muito maior com essa pluralidade. Desde

projetos anteriores que o Celso fazia, ele já tinha essa preocupação de trazer muita história de gente diversa.

A diferença é que o começo do nosso acervo, era um começo dos anos 1990 e hoje a gente está em pleno 2022, fazendo acervo, fazendo conteúdo. Então, eu acredito que mudou bastante, mas eu não acompanho mais com a frequência para poder te dizer. Mas era uma coisa que sempre chamou a atenção, mas tinham narrativas, muito poderosas, de muita diversidade.

Tem uma entrevista, eu não vou me lembrar os nomes agora, eu posso passar isso depois, mas tem uma entrevista no Museu de um senhor que fez parte do congado de Uberlândia, que era, acho que ele se chamava Charqueada, o apelido, que é uma narrativa clássica, é uma história incrível sobre o congado. Tem a história da dona Cora, que é uma mulher fabulosa e que é uma das personagens mais queridas de Uberlândia e que está em várias entrevistas.

Ontem mesmo eu estava postando, eu estava fazendo uma pesquisa de arquivo, encontrei algumas entrevistas de Nininha Rocha, uma pianista que também faz parte da história da cidade. Então, há uma diversidade muito grande, mas quando você olha lá pelos anos 1990, mal se falava em diversidade na nossa sociedade, isso não era uma preocupação. Isso passou a ser uma preocupação mais recente, acho que dos anos 2000 para cá.

12- Foi apresentada uma monografia por um estudante da UFU, no ano de 2018 e ele fez um estudo sobre edições da revista Almanaque. Foi feita filtragem, uma pesquisa sobre as escolhas das fontes e dos personagens que fizeram parte das publicações. Ele chegou à conclusão, dentre outras, que a maioria das pessoas no Almanaque eram brancas, maioria e da classe política. Como observa esses resultados?

E eu não fiz essa avaliação numérica, eu não posso te afirmar. Quando a gente olha, lembrando do período em que eu trabalhei mais ativamente, reflete sim. A gente não pode dizer que isso é uma priorização. Então, por exemplo, a gente tem muito material do Grande Otelo, a gente tem muito material de artistas mulheres, a gente tem material de pessoas que foram importantes para a história da cidade, que foram pessoas simples. Mas, existe sim, todo um acervo ligado a prefeitos e ex-prefeitos, vereadores, médicos, empresários, que era o universo da Uberlândia ali, principalmente da década de 1990, quando esse acervo começa a ser formado.

As escolhas feitas lá na década de 1990, do programa de TV que dá origem ao Museu, que é o programa da Close, esses personagens da cidade que eram selecionados para ser entrevistados e tudo mais, elas eram as pessoas que ocupavam espaços privilegiados, talvez,

mas tinha também a cultura popular. Têm muitas entrevistas bacanas, ligadas ao mundo das artes, principalmente.

13- A partir do seu conhecimento, envolvimento com a Close e dedicação, por um período, ao Museu Virtual de Uberlândia, você considera que as produções são narrativas transmídiáticas?

Eu acredito que quando o Celso começou, ele não tinha nem noção do conceito, porque o conceito de transmídia é um conceito que a gente pode chamar de recente. Então, eu acredito que quando nasce, ele não tem essa perspectiva. Na medida em que as plataformas vão amadurecendo e lembrando a sequência, que foi o programa “Uberlândia de Ontem e Sempre”, depois o Almanaque, depois Museu e paralelamente, os documentários, que são muito importantes nessa história toda também, foi se construindo a narrativa, mas ainda não há uma gestão que pensa e que considera isso tudo como uma grande plataforma transmídia.

Nós sempre falávamos nisso. “Uberlândia de Ontem e Sempre” é uma integração de todas essas plataformas, de todas essas linguagens, mas eu não sei se hoje essa gestão é feita dessa maneira. Eu acredito que quando o Celso cria, é quando ele passa a investir e ele não tinha ainda essa visão. Pode ser que hoje ele tenha.

14- O Museu Virtual de Uberlândia servia como um repositório de conteúdos?

O Museu não era só um repositório. O Museu era um espaço de compartilhamento de histórias. Eu acho que o repositório era a primeira plataforma que a gente assinou para poder guardar esses vídeos e hoje é o YouTube, onde a gente guarda esses vídeos. Agora, o Museu enquanto plataforma, era uma plataforma de compartilhamento de histórias, de aprendizado, de estímulo à cidadania. Quantas histórias de Uberlândia passaram a ser conhecidas porque foram veiculadas pelo Museu.

Eu sempre enxerguei como uma plataforma de educação sobre a história da nossa cidade. Pra você entrar, pra você aprender, pra entender a memória. É claro que existe um olhar e uma visão sobre essa história baseada no olhar de quem foi entrevistado. Existem várias visões possíveis, a que está no Museu é uma delas e não pode ser tomada como absoluta de jeito nenhum.

15- Como é que você articula a relação das produções e linguagens dos conteúdos com o jornalismo?

A Close, quando ela nasce lá atrás, quando foi criada pelo Celso, era uma empresa de vídeo. Ela nasce como produtora de vídeo e vem do Celso essa vontade de criar um programa jornalístico que foi, se não me engano, um dos primeiros programas de jornalismo independente de Uberlândia.

A Close nasce para produzir vídeo para empresas, para produzir vídeo para políticos, para produzir vídeo e oferecer um serviço de produção de vídeo ao mercado, quando isso ainda não existia na cidade. Essa ligação com o jornalismo e essa vontade de fazer jornalismo, ela vem do Celso. E aí, na época, ele contrata jornalistas que vão fazer esse trabalho, que vão fazer entrevistas e que vão criar esse programa, ele vai desenvolvendo ao longo do tempo.

A Close não é uma empresa jornalística, ela é uma produtora de vídeo voltada para vídeos empresariais e que faz um programa de TV que tem aspectos que são jornalísticos e aspectos que são comerciais.

16- O Museu Virtual de Uberlândia adquiriu aspectos jornalísticos com os conteúdos disponibilizados?

O Museu faz um jornalismo que faz um registro da história. O que a Close nos traz é um registro da história de um povo, usando a linguagem do jornalismo. O Museu não tem uma proposta de ser jornalístico. Ele não tem uma proposta de trazer a verdade. Ele tem uma proposta de trazer uma história sobre a perspectiva de quem viveu essa história. Então, eu vejo que quando o Celso desenvolveu todas essas plataformas, o programa de TV, a revista, o Museu, foi no sentido de tornar essas histórias conhecidas, mas não no sentido de afirmar que isso é a verdade dos fatos ou a visão oficial de uma cidade. Eu acho que a gente nunca teve essa pretensão, não. O Museu é uma ferramenta educacional que se utiliza de formatos jornalísticos.

17- Você considera que os conteúdos são de jornalismo especializado em cultura?

O programa de TV, sim. Todos os programas de televisão, desde o programa “Terra da Gente”, depois o “Uberlândia de Ontem e Sempre”, eu acredito que podem ser considerados uma categoria de jornalismo cultural. Já o Museu eu vejo muito mais como uma plataforma educativa de entretenimento.

18- O Museu Virtual de Uberlândia foi formatado e estruturado pensando em qual público alvo e como o Museu se relaciona com esse público?

Originalmente, ele foi pensado para a cidade de Uberlândia, para a população de uma maneira geral e para estudantes do ensino fundamental entenderem a história da cidade. Quando a gente criou lá atrás era isso, era para a população de uma forma geral e estudantes entenderem a história da cidade onde vivem.

A maneira como a gente se relacionava com esse público era muito por meio das oficinas realizadas em escolas. Então, no primeiro e segundo ano, eu participava de muitas oficinas em escolas, oficinas de formação de professores, para que eles usassem o conteúdo do Museu em sala de aula.

A gente formatava a aula, a gente formatava *quiz*, a gente formatava a proposta de como estruturar uma aula. Então, a gente fez isso demais, de oferecer conteúdos para professores, para que pudessem se estruturar e usar esse conteúdo da maneira que eles achassem mais legal.

19- Sobre as oficinas, muitos materiais que estão no Museu Virtual de Uberlândia são relacionados a instituições de ensino superior. Como eram as oficinas realizadas nas escolas da Educação Básica?

Pararam de atualizar o *site* e aí você perde muita coisa. Nós fizemos uma oficina só na UFU e as outras foram todas voltadas para escolas públicas. Então, a gente fez aqui em Uberlândia, tem um lugar chamado CEMEPE, que é um centro voltado para a formação de professores. Várias oficinas que a gente fez sobre Museu foram feitas no CEMEPE, voltadas para professor e como ele poderia usar o conteúdo do Museu na sala de aula. Isso não foi para o Museu, não foi postado lá.

A gente fez também duas oficinas voltadas para estudantes de faculdades de jornalismo, uma na UFU e outra na Oficina Cultural, que para mim, não foram as mais importantes. Para mim, as mais importantes foram as que a gente fez no CEMEPE, que a gente fez para formação de professores, para falar para esses professores ‘olha como é que vocês podem usar esse acervo’.

20- Você tem noção de quantas oficinas foram realizadas? Ou para quantos professores vocês conseguiram oferecer essa formação?

Eu posso pesquisar. Não tenho esses dados de cabeça, mas eu tenho registrado.

21- Depois da sua saída do Museu, você sabe se foram dadas sequências na realização de oficinas?

Aí nessa proposta eu não acompanhei. Eu sei que foram feitas oficinas em escolas. Eu sei que tiveram várias coisas, mas eu não acompanhei mais.

22- Adriana, quais foram os resultados diretos observados enquanto esteve à frente na realização dessas oficinas, tanto com professores da Educação Básica, quanto com estudantes de escolas públicas?

Muitos professores passaram a usar os vídeos do Museu nas suas aulas sobre a cidade de Uberlândia. Então, a gente tem um vídeo super clássico, que é o “Cidade Menina”, que passou a ser utilizado por vários professores em sala de aula para mostrar a Uberlândia de antigamente. Então, às vezes, a gente ia fazer uma oficina e tinha professor que comentava que já tinha usado esse vídeo em sala de aula, era um vídeo bem conhecido.

A origem do nome da cidade, que era um vídeo que a gente sempre mostrava e que conta como é que o nome de Uberlândia foi escolhido, das pressões para que fosse outro nome, isso também eu já ouvi de várias pessoas contando que tinha ouvido essa história na escola e então, a maneira que os professores passaram a utilizar esses vídeos que mostravam a história da cidade para os seus alunos dentro da sala de aula, e aí não só o conteúdo do Museu, mas do Almanaque também. O Almanaque é distribuído para todas as bibliotecas de todas as escolas.

23- Nesses relatos que você ouviu dos professores, quais consequências as oficinas geraram para incrementar as aulas?

Eu não sei te dizer.

24 - Você considera que as produções do Museu Virtual de Uberlândia são utilizadas de maneira proveitosa pelos educadores?

Também não sei te dizer. A gente teria que ter feito na época e isso não foi feito. A gente teria que, talvez, ter feito algum tipo de pesquisa, feito algum tipo de levantamento com o CEMEPE e a gente não fez.

25- Em algum momento também partiu do CEMEPE solicitações para oficinas?

Não, eles sempre eram procurados por nós, eles nunca nos procuraram. Então, todo ano, como a gente trabalhava com recurso público, a gente fazia as oficinas como uma contrapartida ao recurso. Então, sempre fomos nós que procuramos o CEMEPE. Poucas vezes a gente foi procurado. O CEMEPE que organizava e a gente ia lá fazer oficina, mas nunca quantifiquei.

26- Você considera que o Museu Virtual de Uberlândia é uma fonte de história ou é uma fonte de memórias ou as duas coisas?

Uma fonte de memórias. Eu aprendi trabalhando com Museu, aprendi muito essa diferenciação. A memória ela adocica com o tempo, ela se torna mais amarga com o tempo. Então, o que você relata em uma entrevista está ligada à sua memória. As matérias que são produzidas sobre os fatos são poucas, no “Uberlândia de Ontem e Sempre”. A maioria delas são histórias que as pessoas contam daquilo que elas se lembram que elas viveram e isso pode ter imprecisões, pode ter amores, pode ter raiva, pode ter sentimento.

Então, eu acho que o Museu, ele traz narrativas de pessoas que viveram determinados momentos da história dessa cidade, mas ele não pode ser tomado como um fato histórico. Ele é uma lembrança que alguém tem de um fato histórico.

27-Com relação à interatividade, a proposta de interface incentivada pelo Museu em alguns momentos, mas até, com uma certa dificuldade para quem tenta fazer esse tipo de interação pelos filtros existentes no Museu, vocês ouviam, liam, atendiam as demandas e as sugestões das pessoas que contribuíram?

Enquanto eu fazia esse trabalho, eu respondia todo mundo, interagia com todo mundo, interagia nas redes, eu fazia o processo inteiro e até as postagens em rede social era eu quem fazia. Então, eu sempre levei isso muito a sério e era muito gostoso quando, às vezes, a gente postava um vídeo e a pessoa falava ‘nossa, eu conhecia essa pessoa. Eu fiz parte dessa história, eu mesma não conhecia esse vídeo’. Então, assim, isso pra mim sempre foi uma coisa

gratificante, mas depois quando eu parei de acompanhar, eu não sei como essa interatividade continuou ou se ela continuou.

28- Ouvimos relatos que havia uma aba específica para que houvesse também interação e contribuição dos professores. Você ainda estava no Museu quando dessa concepção e sabe o motivo de ter sido retirada?

Não me lembro, mas a gente não tinha muita contribuição de professores. A gente tinha muita contribuição de pessoas da cidade. Faz bastante tempo que eu saí do projeto e eu passei a participar de vários outros projetos e, acaba que, a memória da gente é traiçoeira.

Mas eu lembro, por exemplo, de uma vez, que a gente queria fazer uma matéria sobre a Mogiana para o programa, e aí, a gente colocou no Instagram, ‘olha a gente está fazendo uma matéria sobre a Mogiana. Você tem lembranças sobre a Mogiana e tal?’, e muita gente falou com a gente, teve uma resposta bem bacana, mas foi um episódio pontual.

Algumas vezes a gente perguntava sobre alguns temas e tinha uma resposta boa, mas eu acho que tem outras iniciativas na internet relacionadas à memória de Uberlândia que tem respostas bem mais fortes do que o Museu tinha.

29- Segundo Celso Machado, o projeto do Museu Virtual de Uberlândia está momentaneamente interrompido, pela falta de patrocinadores e a dificuldade de fomento por meio da lei de incentivo. Como que você avalia isso? Você que ajudou o projeto nascer e agora paralisado e com um futuro incerto.

Eu acredito que o potencial do projeto “Uberlândia de Ontem e Sempre” é muito grande, mas nós estamos vivendo um momento em que poucas pessoas valorizam a sua história. Poucas organizações investem nesse processo de resgate de história e de memória.

Existe uma tendência no mundo da tecnologia de que cada vez mais a gente passe a ter as nossas memórias digitais. As nossas vidas estão sendo digitalizadas e a gente deve ter, inclusive, profissões no futuro ligadas a organização e registros de memória. Eu acredito muito no potencial do “Uberlândia de Ontem e Sempre”, mas é um projeto caro, um projeto que envolve profissionais especializados, que envolve a digitalização de acervos analógicos, que envolve armazenamento, que envolve tecnologia, então, é uma equação que precisa ter uma combinação de fatores. Você precisa ter empreendedores dispostos e isso o Celso é.

Você precisa ter leis que permitam esse tipo de projeto. A vantagem é que nós temos leis federais, estaduais e municipais e você precisa ter o investidor e fazer com que o investidor acredite que esse investimento pode trazer retorno, que há uma conexão muito grande entre memória, história, cidadania e pertencimento. Eu acho que esse é principal desafio do projeto, conseguir convencer os investidores de que é algo que vale a pena, principalmente quando a maioria das organizações têm investido em conteúdos muito superficiais, em conteúdos de consumo imediatista e a gente está vendo o impacto que isso está trazendo na educação. O comportamento das pessoas pautado por esse consumo de informação de mídia social emburrece, limita e reduz nosso repertório.

Eu acredito que, talvez, as marcas não estejam atentas para a importância do investimento em conteúdo de qualidade, como é o conteúdo do Museu Virtual. E, por outro lado, a gente também precisaria investir em modernizar essa linguagem. Como contar histórias, boas histórias numa linguagem moderna, que gera interesse de pessoas que estão sendo educadas dentro de uma proposta de consumo de conteúdo muito diferente do que era o consumo de conteúdo de dez anos atrás.

30- Sobre essa questão do fomento, do incentivo das leis, você que esteve na concepção do Museu Virtual de Uberlândia, como foi a interface para atrair investidores em algo que era novo?

O projeto do Museu foi muito bem aceito quando ele foi lançado. O Celso tinha um suporte muito grande da principal empresa da cidade e isso foi muito importante no começo. O principal investidor, que estimulou muito e que abraçou o projeto de uma maneira muito importante, mas depois isso foi se perdendo ao longo do tempo.

Então, eu acho que empresas de Uberlândia, elas, muitas vezes, investem em plataformas de conteúdo de fora de Uberlândia, mas não investem numa plataforma de conteúdo da sua própria história e da própria cidade. Então, eu acredito que houve aí, quando o Museu foi lançado, ele foi lançado dentro, realmente, de uma atmosfera de muita empolgação, ele gerou muita cobertura midiática, gerou muito interesse, ele se manteve vivo. Eu preciso ver direitinho, mas acho que foram dois anos em que a atualização era semanal e era muito legal.

A gente descobria coisas legais e mandava para a mídia. Morria alguém importante na cidade, a imprensa ligava pra gente pra saber se tinha algum conteúdo dessa pessoa. Então, assim, a gente foi uma referência muito grande.

A nossa fonte de inspiração é o Museu da Pessoa de São Paulo. O Museu existe até hoje, está fazendo trabalhos fantásticos, inclusive agora eles estão dando mentorias pra quem faz projetos de histórias de vida. Então, a gente tinha muito esse desejo de ser um Museu que tratasse da gente da nossa cidade e das pessoas que fizeram a história daqui. Mas, eu acho que uma cidade muda, a cultura do empresariado muda, o investimento em cultura nesse país é um desafio.

Qualquer gestor cultural hoje, enfrenta desafios de investimentos e de capitalização. É uma coisa que traz só um retorno intangível, que é um retorno de inteligência, um retorno de capacidade criativa, um retorno de pertencimento, não é um retorno tangível, não é um retorno de compra, de consumo ou de venda.

Então, eu acredito que nós estamos caminhando para uma sociedade muito pragmática, onde assim, eu invisto onde tenho retorno imediato e, preferencialmente, esse retorno tem que ser financeiro. O retorno de formação, de educação, de pertencimento, de cultura, de inteligência, de criatividade, ele tem convencido cada vez menos. Acho que esse é um desafio aí, que várias organizações, que vários projetos enfrentam.

E pra mim, particularmente, o Museu Virtual de Uberlândia, foi um dos maiores e mais importantes projetos da minha carreira. Eu me dediquei a ele e com muito respeito, por muito tempo. Eu deixei de me dedicar justamente quando começaram algumas dificuldades e eu precisava pegar novos projetos. E aí, nesses novos projetos que eu assumi, eu não consegui manter a minha participação, mas para mim, na minha trajetória como pessoa, como profissional, eu acho que o Museu Virtual de Uberlândia é um dos grandes orgulhos que eu carrego. Eu tenho 30 anos de carreira e o período que eu trabalhei no “Uberlândia de Ontem e Sempre”, como um todo, faz parte de um período que eu considero muito relevante para a minha carreira.